



DECIS – Departamento de Ciências Sociais, Políticas e Jurídicas
PGHIS – Programa de Pós-Graduação em História

**A MENTALIDADE DE CRUZADA
NA CONQUISTA DE MÉXICO-TENOCHTITLÁN
(1519-1521)**

GUILHERME QUEIROZ DE SOUZA

**São João del-Rei
2010**



DECIS – Departamento de Ciências Sociais, Políticas e Jurídicas
PGHIS – Programa de Pós-Graduação em História

**A MENTALIDADE DE CRUZADA
NA CONQUISTA DE MÉXICO-TENOCHTILÁN
(1519-1521)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São João del-Rei, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Moisés Romanazzi Tôres

GUILHERME QUEIROZ DE SOUZA

**São João del-Rei
2010**

A MENTALIDADE DE CRUZADA NA CONQUISTA DE MÉXICO-TENOCHTITLÁN
(1519-1521)

GUILHERME QUEIROZ DE SOUZA

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História, do Departamento de Ciências Sociais, Políticas e Jurídicas, da Universidade Federal de São João del-Rei, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História.

Aprovada em ____ de _____ de _____

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Moisés Romanazzi Tôres (orientador)

Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa

Prof^a. Dr^a. Maria Leônia Chaves de Resende

**São João del-Rei
2010**

Souza, Guilherme Queiroz de
S729m A mentalidade de cruzada na conquista de México – Tenochtitlán (1519-1521) [manuscrito]
/ Guilherme Queiroz de Souza .– 2010.
190f.; il.

Orientador: Moisés Romanazzi Tôrres.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São João Del – Rei. Departamento
de Ciências Sociais, Política e Jurídicas.

Referências: f. 174-190.

1. Cruzadas – História – Teses. 2. Conquista de México-Tenochtitlán – Teses.
I. Universidade Federal de São João del - Rei. Departamento de Ciências Sociais Política e
Jurídicas. II. Título.

CDU: 972”16”

Aos meus pais Laninho e Sulinha

AGRADECIMENTOS

Gostaria de deixar meus sinceros agradecimentos àquelas pessoas que me ajudaram a compor essa pesquisa.

Ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Moisés Romanazzi Tôres pelos precisos conselhos, rígida correção e pela bibliografia emprestada.

Agradeço ao Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa, profissional exemplar que tive o prazer de conhecer pessoalmente e que, gentilmente, me enviou significativas sugestões principalmente via *Internet*.

À Prof^a Dr^a Maria Leônia Chaves de Resende pelas valiosas dicas e pelo empréstimo de material bibliográfico referente à Conquista.

Ao Prof. Dr. Fernando Domínguez Reboiras, historiador espanhol que teve a gentileza de me enviar, diretamente da Alemanha, seu artigo intitulado “*La idea de cruzada en el Liber de passagio de Ramón Llull*”.

Aos meus amigos do curso de Graduação e da Pós-Graduação em História da UFSJ que me ajudaram de várias formas na elaboração dessa Dissertação.

Aos professores dos mencionados cursos da UFSJ, grandes intelectuais que me transmitiram, entre 2004 e 2009, uma enorme gama de conhecimento e que também, de certa forma, ajudaram neste trabalho.

Aos amigos Luciano José Vianna e Renan Marques Birro pelas sugestões e envio de material bibliográfico fundamental, a obra *La herencia medieval de Mexico*, de Luis Weckmann.

Ao programa de bolsas Capes/Reuni pelo financiamento da pesquisa, contribuição sem a qual esse trabalho, cuja abrangência é internacional, ficaria debilitado documentalmente.

Evidentemente não poderia deixar de citar o grande incentivo da minha família, particularmente o apoio dos meus queridos pais, *Laninho* e *Sulinha*.

Em suma, agradeço a todos que estiveram presentes em minha vida acadêmica e que acompanharam meu amadurecimento intelectual para realizar essa pesquisa.

“Amici, sequamur crucem, et si nos fidem habemus, vere in hoc signo vincemus”¹

Andrés de Tapia (c. 1496-1560)

“Para el historiador de América, también, conviene ser especialista en lo medieval”²

Ernst Kantorowicz (1895-1963)

¹ TAPIA, Andrés de. *Relación de algunas cosas de las que acaecieron al muy ilustre señor don Hernando Cortés, marqués del Valle, desde que se determinó ir a descubrir tierra en la Tierra Firme del Mar Océano*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 67. Inscrição latina: “Amigos, sigamos a cruz, porque se tivermos fê, com este sinal venceremos”. Todas as traduções apresentadas nessa Dissertação são de minha autoria, exceto quando for mencionada.

² KANTOROWICZ, Ernst. *Introducción*. In: WECKMANN, Luis. *Constantino el Grand y Cristóbal Colón. Estudio de la supremacia papal sobre islas, 1091-1493*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 10.

RESUMO

Esta pesquisa analisa a mentalidade de cruzada presente na conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521) pelos “espanhóis”. A mentalidade de cruzada, desenvolvida a partir da perspectiva que se consolidou na Europa Ocidental desde os séculos XI e XII, atuou no imaginário dos *conquistadores* “espanhóis” liderados por Hernán Cortés na campanha contra a civilização mexica. Tal mentalidade representa uma reformulação da perspectiva medieval da guerra com cariz religioso (especialmente a Cruzada), ou seja, o espírito de Cruzada medieval toma novas formas, motivado por um novo contexto histórico. Nessa campanha específica, ideia a cruzada se expressou através do discurso e dos comportamentos dos *conquistadores*. Para realizar esse estudo, analisamos a expedição utilizando como *corpus* central os testemunhos de alguns atores da expedição: Hernán Cortés, Bernal Díaz del Castillo, Andrés de Tapia, Francisco de Aguilar e Bernardino Vázquez de Tapia.

Palavras-Chave: Cruzada; “espanhóis”; “soldados-cronistas”; conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521)

ABSTRACT

This search analyzes the mentality of crusade present in the conquest of México-Tenochtitlán (1519-1521) by “Spaniards”. The mentality of crusade, developed from the perspective that was consolidated in Western Europe since the 11th and 12th centuries, acted in the imaginary of the “Spaniards” *conquistadores* led by Hernán Cortés in the campaign against the mexica civilization. Such mentality represents a reformulation of the medieval perspective of the war with religious face (specially the Crusade), in other words, the spirit of medieval Crusade takes new forms, caused by a new historical context. In this specific campaign, the idea of crusade was expressed through the discourse and the behaviors of the *conquistadores*. For realize this study, we will analyze the expedition using as central *corpus* the report of some participants of the expedition: Hernán Cortés, Bernal Díaz del Castillo, Andrés de Tapia, Francisco de Aguilar and Bernardino Vázquez de Tapia.

Keywords: Crusade; “Spaniards”; “cronicle-soldiers”; México-Tenochtitlán conquest (1519-1521)

SUMÁRIO:

Parte I

1. Introdução.....	12
1.1. Apresentação do tema e natureza das fontes.....	14
2. Um prolongamento do mundo medieval na conquista de colonização do Novo Mundo?.....	27
3. O conceito de cruzada: das origens à Conquista do Novo Mundo.....	36
3.1 Da guerra santa à Cruzada.....	36
3.2 A evolução da ideia de cruzada a partir do século XI: as continuidades e descontinuidades.....	43

Parte II

4. A evolução técnico-mental da guerra no final da Idade Média.....	58
--	-----------

A CONQUISTA DE MÉXICO-TENOCHTITLÁN (1519-1521)

5. O comportamento cortesiano.....	61
6. A simbologia cristã na campanha.....	100
7. O discurso cortesiano.....	107
7.1 A legitimidade jurídico-teológica da Conquista.....	114
7.2 O discurso cavaleiresco.....	119
7.3 O discurso hierofânico cristão medieval e a demonização dos inimigos.....	122
7.4 As invocações ao apóstolo Santiago.....	132
8. O maravilhoso cristão na Conquista.....	136
8.1 O Novo Mundo prolonga noção de “fronteira” da Reconquista Hispânica.....	136
8.2 As “aparições” de santos na Conquista.....	138
9. A alteridade: o “outro” mexica.....	156
10. Conclusão.....	171
11. Fontes.....	174
11.1 <i>Corpus</i>	174
11.2 Fontes Primárias Suplementares.....	174
12. Bibliografia.....	177

1. INTRODUÇÃO

“Quando tiverem de escrever (...) espero que o façam porque se interessam apaixonadamente (...) e não porque o seu departamento sugeriu isso como um tema original”³

Barbara W. Tuchman, *A Prática da História*

Durante os três primeiros anos do século XXI, um dos meus divertimentos de adolescente era passar horas em frente ao computador desenhando graficamente o mapa de Tenochtitlán e reproduzindo a marcha da tropa comandada por Hernán Cortés contra os mexicas⁴ no *game* de estratégia *Age of Empires II*. Fascinava-me reviver (ao menos virtualmente) aquele choque de civilizações tão distintas culturalmente.

Quando ingressei no curso de graduação em História/UFSJ (2004), o desejo de um dia narrar a conquista de México-Tenochtitlán⁵ não foi esquecido. Através da leitura das

³ TUCHMAN, Barbara W. *A Prática da História*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 08.

⁴ Ao contrário da historiografia européia e brasileira, que preferivelmente utilizou o termo “asteca”, explicaremos nossa opção por “mexica”. Segundo a tradição indígena demonstrada em alguns códices, antes de migrarem para o Vale do México, os mexicas eram *macehualtin* (trabalhadores) que estavam submissos aos *astecas chicomoztocas* em *Aztlán Chicomóztoc* (terra mítica de origem). Mais tarde, guiados pelo sacerdote Huítztl, os mexicas decidiram migrar para o sul, onde se estabeleceram em uma das ilhas do lago Texcoco, e fundaram a cidade de Tenochtitlán (séc. XIV). No entanto, durante o percurso, optaram – supostamente por um conselho divino – trocar de nome para “mexicas”, ao invés de serem conhecidos pelo nome de seus antigos governantes dominadores, ou seja, *astecas chicomoztocas*. A grande ironia é que atualmente nos referimos aos mexicas como “astecas” e, às vezes, ao México, como o “país asteca”. Como vimos, tal referência é um equívoco, pois originalmente esse termo era empregado aos seus opressores. Diferentemente da historiografia atual, as fontes que analisamos tratam os mexicas por outras referências: Hernán Cortés utiliza os termos “*los indios*”, “*los de Culúa, que son los de Mutezuma*” ou “*los de México y Temixtitan*”; Andrés de Tapia, por sua vez, se refere aos mexicas apenas como os “*indios*”; Vázquez de Tapia prefere dizer os “*indios*” e “*los de México*”; por outro lado, Francisco de Aguilar usa o termo “*mexicanos*”, da mesma forma que Bernal Díaz del Castillo, autor que finaliza sua obra em torno de 1568. Para mais sobre o sentido exato do termo “mexica”, ver LEÓN-PORTILLA, Miguel. “Los Aztecas. Disquisiciones sobre un gentilicio”. *Estudios de Cultura Náhuatl*. México, D.F.: UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, vol. 31, nº 31, p. 307- 313.

⁵ Preferimos denominar a queda dos mexicas como a “conquista de México-Tenochtitlán”. Com isso, enfocamos, principalmente, a conquista dos mexicas e, em um plano secundário, a de seus aliados – Texcoco e Tlacopán – que formavam, juntamente com Tenochtitlán, a “Tríplice Aliança”. No entanto, parte da historiografia refere-se a esse episódio como a “conquista do México”. Segundo Eduardo Natalino dos Santos, apesar de serem empregadas como sinônimos em muitas obras, seus sentidos são historiograficamente muito diferentes. Tal fato se deve porque, na língua portuguesa, a presença ou ausência do artigo definido “o” antes do termo *México* deveria diferenciar o longo processo de conquista do território que atualmente é o país, México, da conquista da capital mexica, México-Tenochtitlán – SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Conquista do México ou queda de México-Tenochtitlan? Guerras e alianças entre castelhanos e altepeme

Cartas de Relación, de Cortés, e após assistir uma das últimas aulas da disciplina *História Medieval* na qual meu professor (depois orientador) Moisés Romanazzi Tôrres explanava acerca do prolongamento do ideal de cruzada no Novo Mundo, a ideia de articular essa perspectiva à conquista de México-Tenochtitlán ganhou espaço em minha mente.

A pesquisa caminhou ainda incerta quando, em 2006, deparei-me com o *site* do professor Ricardo da Costa e, no fim daquele ano, adquirei seu livro.⁶ Através do contato com os trabalhos desse especialista em mentalidade⁷ de cruzada e após ler as crônicas dos outros “soldados-cronistas”, a pesquisa amadureceu e pude “mergulhar de cabeça” na investigação. O primeiro resultado – um trabalho monográfico (2007) – recebeu encorajamentos que me fizeram, logo depois, aprofundar os estudos no mestrado (2008-2009). Eis o fruto dessa investigação.

mesoamericanos na primeira metade do século XVI”. In: XXIII Simpósio Nacional de História – História-Guerra e Paz: Londrina, 2005, p. 01. Dessa forma, acreditamos que a “conquista do México” foi a queda dos mexicas e dos outros povos nativos que habitavam a região conhecida posteriormente como Nova Espanha, submetidos principalmente pela aliança hispano-tlaxcalteca. Por outro lado, torna-se importante salientar que, em nosso estudo, também analisamos alguns confrontos entre a tropa de Cortés e outras populações nativas (tlaxcaltecas, otomies, etc.) ao longo da expedição.

⁶ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998. Site: <<http://www.ricardocosta.com>>

⁷ De fato, existe um grande debate quanto à utilização do termo “mentalidade”. Para esquivarmos dos problemas desse conceito que teima em permanecer, seguimos a orientação do historiador marxista francês Michel Vovelle. O autor admite um olhar antropológico e de “longa duração” por parte dos historiadores das mentalidades, mas nunca com imutabilidade e de imobilização, desenvolvendo uma análise que associou a longa e a curta duração. Segundo Vovelle, “é forçoso constatar que os caminhos da descoberta histórica atual não passam unicamente pelos rumos do tempo longo, pelo contrário. Paralelamente, emerge com insistência, uma reflexão quanto à mudança, seja sob suas formas brutais ou graduais. Se tentarmos, nesse plano também, ordenar as séries nas etapas, convém partir do novo papel que em vários locais se observa atribuir ao evento” – VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1991, p. 287. Apesar das críticas e contestações teóricas ao conceito, adotamos também a visão de Roger Chartier. Segundo o autor, a insegurança e a dispersão do vocabulário de designação são resultados, com certeza, desses debates interdisciplinares ou intradisciplinares cujas formas são próprias de cada campo de forças intelectuais e onde o que está em disputa é uma posição de supremacia que é, antes de tudo, a afirmação de um determinado termo no campo teórico, ou seja, a “hegemonia de um léxico” – CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 31. Para mais sobre as críticas à história das mentalidades, ver BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002, p. 131-132; CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p. 139-146; e GINZBURG, Carlo. *Prefácio à edição italiana*. In: *O queijo e os vermes – O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 15-34. Sobre o conceito de mentalidades, ver ARIÈS, Philippe. *História das Mentalidades*. In: LE GOFF, Jacques (dir.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 205-236; e LE GOFF, Jacques. *As mentalidades: Uma história ambígua*. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs.). *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 68-83.

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E NATUREZA DAS FONTES

A Cruzada era classificada pelos medievais como um tipo de guerra mais importante que propiciava aos guerreiros cristãos como prêmio a remissão dos pecados, e aos combatentes mortos a glória do Paraíso e a imortalidade. De modo geral, podemos defini-la como uma guerra proclamada pelo Papa em nome de Cristo e travada como vontade do próprio Cristo para a retomada de terras cristãs ou em defesa da Cristandade⁸ contra os inimigos internos ou externos.⁹

Em nosso estudo, a Cruzada foi caracterizada como uma tradição medieval de “longa duração”,¹⁰ resultado, sobretudo, do prolongamento do secular combate lançado pelos cristãos contra os “infiéis”, principalmente contra os muçulmanos. Para defender esse argumento, recorreremos às fontes medievais e quinhentistas no intuito de observar como as tradições medievais se mantiveram no imaginário coletivo dos europeus que desembarcaram no Novo Mundo. Como assinalou Ernst Kantorowicz, o historiador da América também deve ser especialista em Idade Média.¹¹

Tradicionalmente, a historiografia da conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521) preferiu discorrer em suas páginas as etapas da anexação política, as explicações sobre a fulminante vitória hispânica, os massacres que motivaram o surgimento da *Leyenda Negra* (“Lenda Negra”),¹² a crença, que Montezuma e os mexicas supostamente compartilharam inicialmente, de que Cortés era o próprio deus *Quetzalcoatl* (ou seu mensageiro) e os conquistadores sua comitiva que retornava do Oriente,¹³ dentre outros

⁸ Entendemos por *Cristandade* “um sistema de relações da Igreja e do Estado (ou qualquer outra forma de poder político) numa determinada sociedade e cultura” – GOMES, Francisco José Silva. “A Cristandade medieval entre o mito e a utopia”. In: Topoi. Rio de Janeiro: 2002, p. 221.

⁹ RILEY-SMITH, Jonathan. *Cruzadas*. In: LOYN, H. R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p. 110.

¹⁰ Para Jacques Le Goff, a ideia de cruzada sobreviveu até o fim do século XVI, até a batalha de Lepanto (1571) – LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 101.

¹¹ KANTOROWICZ, Ernst. *Introducción*. In: WECKMANN, Luis. *Constantino el Grand y Cristóbal Colón. Estudio de la supremacia papal sobre islas, 1091-1493*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 10.

¹² Trata-se da fama de crueldade adquirida (na Europa) pelos soldados “espanhóis” a partir do século XVI. O criador do termo *Leyenda Negra* (“Lenda Negra”) foi o famoso filólogo Julián Juderías y Loyot (1877-1918), em sua clássica obra *La Leyenda Negra* (1914).

¹³ Em um estudo revisionista recentemente publicado, Matthew Restall criticou essa crença argumentando que, além dos nativos não confundirem os conquistadores com deuses, a identificação entre Cortés e o deus *Quetzalcoatl* foi uma idealização criada por pregadores franciscanos após a Conquista – RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 191-207.

assuntos.¹⁴ No máximo, até onde percebemos, tal historiografia se limitou a indicar a presença de uma mentalidade de cruzada na Conquista sem, no entanto, analisá-la completamente.¹⁵

Na óptica dos vencedores, a tradição narrativa da conquista do *Mundo Mexica* percorreu os relatos de seus protagonistas (os “soldados-cronistas”), como as *Cartas de Relación*, do líder da expedição Hernán Cortés (c. 1485-1547); as obras dos clérigos e leigos na Europa e na Nova Espanha (sécs. XVI-XVII), como *La Conquista de Méjico* (1552), de Francisco López de Gómara (1511-1566); as publicações dos eruditos positivistas do século XIX, como a tremenda *History of the Conquest of Mexico* (1843), de William H. Prescott (1796-1859); e os estudos dos historiadores atuais como a *Histoire du Nouveau Monde* (1991), de Carmen Bernand (1939-) e Serge Gruzinski (1949-).

No entanto, a partir da segunda metade do século XX, ocorreu uma renovação historiográfica. Ao empregar novos métodos, fontes e temas, essa perspectiva desenvolvida principalmente pela Nova História – a “terceira geração” da *Escola dos Annales* –, acabou por priorizar o ponto de vista das civilizações conquistadas. Miguel León-Portilla e Nathan Wachtel, sem dúvida, são considerados alguns dos principais expoentes dessa corrente, quando, por exemplo, trataram da perspectiva da Conquista narrada pelos índios: *A Visão dos Vencidos*.¹⁶ Em outro aspecto, obras como *As Cruzadas vistas pelos árabes*, do libanês Amin Maalouf,¹⁷ analisaram a óptica tradicionalmente negligenciada por grande parte da historiografia ocidental, que, muitas vezes, ainda se sustentava em uma visão eurocêntrica da história.

¹⁴ Entre essas obras destacam-se: BENÍTEZ, Fernando. *La Ruta de Hernán Cortés*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1950; BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 313-353; DESCOLA, Jean. *Los conquistadores del Imperio español*. Barcelona: Editorial Juventud, S. A., 1972, p. 130-232; MORALES PADRÓN, Francisco. *Historia del Descubrimiento y Conquista de America*. Madrid: Editora Nacional, 1963, p. 207-223; THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*. México, D. F.: Editorial Pátria, 1994; TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

¹⁵ Podemos indicar, próximo dessa perspectiva, a obra *Religious aspects of the Conquest of Mexico*, de Charles Braden.

¹⁶ LEÓN-PORTILLA, Miguel. *A Visão dos Vencidos: a tragédia da conquista narrada pelos astecas*. São Paulo: L&PM Editores S/A, 1998; WACHTEL, Nathan. *La vision des vaincus. Les Indiens du Pérou devant la conquête espagnole (1530-1570)*. Paris: Gallimard, 1971.

¹⁷ MAALOUF, Amin. *As Cruzadas vistas pelos árabes*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Nossas principais fontes, que formam o *corpus* da pesquisa, focalizaram cinco importantes relatos da expedição, priorizando as testemunhas oculares da mesma: as *Cartas de Relación* (entre 1519 e 1526), do líder da campanha Hernán Cortés; a *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España* (c. 1550-1568), do soldado Bernal Díaz del Castillo (c. 1492-1584); a *Relación de algunas cosas de las que acaecieron al muy ilustre señor don Hernando Cortés, marqués del Valle, desde que se determinó ir a descubrir tierra en la Tierra Firme del Mar Oceano* (1540-1547), do capitão Andrés de Tapia (c. 1496-1560); a *Relación breve de la conquista de la Nueva España* (após 1560), do soldado Francisco de Aguilar (1479-1571); e a *Relación de méritos y servicios del conquistador Bernardino Vázquez de Tapia, vecino y regidor de esta gran ciudad de Tenxtiltlan México* (1542-1546), do conquistador Bernardino Vázquez de Tapia (c. 1493-1559).¹⁸

Assim, é necessário fazer uma advertência: nossas afirmações e conclusões estão baseadas nas perspectivas dos “soldados-cronistas”, ou seja, suas visões, sentimentos e noções de mundo. Sempre que possível, logicamente, confrontamos as ideias dos atores da expedição às de seus contemporâneos, no intuito de situá-las em um contexto histórico geral.

Em nosso estudo, examinamos a mentalidade cruzadística sob diversos ângulos, ou seja, os pensamentos compartilhados, por exemplo, entre o capitão Hernán Cortés, filho de um *hidalgo*¹⁹ da nobreza castelhana, e o “soldado-cronista” Bernal Díaz del Castillo, filho de um *regidor*,²⁰ membros de origens distintas na tropa hispânica.

Além disso, pretendemos completar nosso *corpus* com obras contemporâneas à campanha que, em algumas ocasiões, influenciaram os atores da expedição, como o documento conhecido como *Ordenanzas militares y civiles mandadas pregonar por don Hernando Cortés en Tlaxcala, al tiempo de partirse para poner cerco a México* (1520),

¹⁸ Como fonte primária complementar, utilizamos outro “soldado-cronista”, o “Conquistador Anónimo” – CONQUISTADOR ANÓNIMO. *Relación de algunas cosas de la Nueva España, y de la gran ciudad de Temestitlan México; escrita por un compañero de Hernán Cortés*. In: GARCÍA ICAZBALCETA, Joaquín (org.). *Colección de documentos para la historia de México*: México, D. F.: 1866. No entanto, o “Conquistador Anónimo” não narra os eventos da tomada de México-Tenochtitlán, apenas faz descrições geográficas e culturais da Nova Espanha. Existem ainda os relatos (perdidos) dos “soldados-cronistas” Juan Cano de Saavedra, Alonso de Ojeda, Alonso de Mata e Jerónimo Ruiz de la Mora.

¹⁹ *Hidalgo*: palavra em espanhol que significa “Fidalgo”. Trata-se de um título tradicional a pessoas da nobreza, que deriva de *hijo de algo*, ou seja, filho de algo.

²⁰ *Regidor*: membro do cabildo municipal encarregado do governo econômico.

redigido pelo mesmo Cortés em Tlaxcala, antes de iniciar o cerco final contra Tenochtitlán; a *Historia General de las Índias*, principalmente a segunda parte – *La Conquista de Méjico*, de Francisco López de Gómara; a Bula *Inter Cætera* (1493), emitida pelo Papa Alexandre VI (1431-1503); o *Requerimiento* (1513), compilado por Juan López de Palácios Rubios (1450-1524); dentre outras.

Compreendendo um total de cinco, as *Cartas de Relación* de Hernán Cortés²¹ foram endereçadas ao Imperador Carlos V (1519-1558).

A *Primera Carta*, também conhecida como a *Carta do Cabildo* ou, pelo nome completo, *Carta de la Justicia y Regimiento de la Rica Villa de la Vera Cruz a la Reina doña Juana y al Emperador Carlos V, su hijo*, data de 10 de junho de 1519. Tal documento foi redigido pelas autoridades da Justiça e Regimento de Vera Cruz juntamente com a participação de Cortés, e substitui a *Primera Carta* original, escrita em julho de 1519, que desapareceu.²²

A *Segunda Carta*, escrita em Segura de la Frontera, finaliza o texto com a data de 30 de outubro de 1520. Publicada pela primeira vez em 8 de novembro de 1522, em Sevilha, por Jacobo Cronberger, o documento rapidamente foi traduzido para o francês (1523), latim (1524), italiano (1524), flamengo (1524) e alemão (1550). Essa carta, que leva um mapa de Tenochtitlán atribuído a Cortés, descreve a viagem da tropa hispânica do

²¹ Hernán Cortés é o autor no qual dispomos de mais dados biográficos. Nascido em Medellín (c. 1485), atual província de Badajoz (Extremadura), Cortés era filho dos *hidalgos* Martín Cortés de Monroy e Catalina Pizarro Altamirano. Com quatorze anos, foi estudar na Universidade de Salamanca, onde aprendeu Latim e Direito. Após desistir da carreira acadêmica, o gosto pela aventura fez com que Cortés, em 1504, embarque para o Novo Mundo. Participa da conquista de Cuba (1511) e, após liderar a conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521), conduz algumas expedições pela América Central. Em 1528, viaja para a Espanha, onde encontra o Imperador Carlos V que lhe confere o título de “Marquês do Vale de Oaxaca”. De volta ao México, Cortés (marquês e poderoso) explora o Golfo do atual Estado da Baixa Califórnia. Em 1540, novamente viaja para a Espanha e, no ano seguinte, participa de uma fracassada expedição contra Argel. Morre em Castilleja de la Cuesta em 1547. Para uma biografia sobre Cortés, ver MADARIAGA, Salvador de. *Hernán Cortés*. São Paulo: IBRASA – Instituição brasileira de difusão cultural S. A., 1961.

²² Além do próprio Cortés, muitos cronistas contemporâneos do capitão mencionaram a existência da *Primera Carta*: Francisco López de Gómara (c. 1511-1566), Pedro Mártir de Anglería (1457-1526), Bernal Díaz del Castillo (c. 1492-1584) e Juan Ginés de Sepúlveda (1490-1573) – ALCALÁ, Manoel. *Nota preliminar*. In: CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. XII. Logo no início da *Segunda Carta*, Cortés menciona a *Primera*: “*En una nao que de esta Nueva España de vuestra majestad despaché a diez y seis días de julio del año de quinientos y diez y nueve, envié a vuestra Alteza muy larga y particular relación de las cosas hasta aquella sazón, después que yo a ella vine, en ella sucedidas*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p.

litoral até Tenochtitlán, as maravilhas da capital mexicana, a famosa “*Noche Triste*”, dentre outros acontecimentos.

Após o fim da expedição, Cortés elaborou em Coyoacán, até 15 de maio de 1522, a *Tercera Carta*. Foi impressa pela primeira vez em Sevilha, em 30 de março de 1523, também por Jacobo Cronberger, da mesma forma que rapidamente ganhou a versão em latim. Tal documento narra os eventos entre 30 de outubro de 1520 e 15 de maio de 1522, como as batalhas ao redor do lago Texcoco, a segunda ofensiva contra Tenochtitlán, a capitulação final dos mexicas, e algumas expedições pelo território recém anexado.

Em 1524, mais precisamente em 15 de outubro, Cortés finalizou a *Cuarta Carta*. Foi editada e publicada em espanhol pela primeira vez na cidade Toledo, em 20 de outubro de 1525, dessa vez por García de Ávila. Diferentemente da *Segunda* e *Tercera*, a *Cuarta Carta* não foi traduzida para o latim, e somente conseguiu uma versão em outra língua em 1779, quando ganhou uma tradução para o alemão. O documento discorre sobre a organização da Nova Espanha e os preparativos de Cortés para novas expedições.

Em 3 de setembro de 1526, Cortés terminou a elaboração da *Quinta Carta*. Durante a busca pela *Primera Carta* original, foi encontrado um documento que ficou conhecido como a última das *Cartas de Relación*. Fernández Navarrete foi quem, em 1844, o publicou pela primeira vez. Esse documento trata da posterior expedição de Cortés pela região mesoamericana, do retorno a Tenochtitlán, do juízo de residência, etc.

Em resumo, as *Cartas de Relación* de Cortés foram escritas no calor dos combates ou poucos anos após a Conquista. Mesmo o último texto que nos interessa – a *Tercera Carta*, que narra o fim da conquista dos mexicas – foi concluído menos de um ano após a rendição final de México-Tenochtitlán (agosto de 1521).

Por sua vez, a famosa crônica de Bernal Díaz del Castillo, *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, a obra mais extensa do *corpus*, inicia seu relato em uma narrativa das primeiras expedições que o cronista participou no litoral mesoamericano, primeiramente em 1517, com Francisco Hernández de Córdoba (c. 1475-1518) e, no ano seguinte, com Juan de Grijalva (c. 1489-1524). Logo depois, uma grande parte da crônica é dedicada à conquista do *Mundo Mexica*. Expedições pela América Central, dentre muitas outras questões são mencionadas pelo autor no fim da obra.

Bernal Díaz trabalhou durante décadas na elaboração de sua obra, em um processo no qual recolheu e revisou por diversas vezes os fragmentos. Autor detentor de uma memória fotográfica, como era comum entre os cronistas medievais e quinhentistas, iniciou a redação de sua obra cerca de 30 anos após da campanha.

Alguns dados nos mostram que Bernal Díaz começou a escrever na década de 1550; sua primeira redação terminou em 1563 (nessa época, já tinha lido a obra de López de Gómara, *La Conquista de Méjico* [1552]); depois, após ler as obras *Historia Pontifical* (1564), de Gonzalo de Illescas (c. 1518-1583), e *Elogios* (1566), de Paulo Jovio (1483-1552), avançou mais em seu texto até 1568; finalmente, por volta de 1580, incluiu outros trechos. A maioria dos historiadores apontou o ano de 1568 como o momento em que a redação da *Historia verdadera* já estava madura, isto é, praticamente encerrada.

A *Historia verdadera* também funcionou como uma crítica principalmente ao relato de López de Gómara, capelão de Cortés após 1541, e autor que nunca pisou em solo americano. Bernal Díaz destaca:

*“(...) enquanto escrevia essa relação vi as crônicas dos cronistas Francisco López de Gómara e as do Doutor Illescas e Jovio, que falam das conquistas da Nova Espanha. E sobre isso me parecia relatar onde houvesse contradição, propondo claramente e verdadeiramente, muito diferente do que escreveu os cronistas já por mim mencionados”*²³

Tal característica é de fundamental importância, pois como já citamos, optamos, intencionalmente, focar somente o ponto de vista dos atores da campanha, com as expectativas e motivações que os impulsionaram.

Uma cópia da *Historia verdadera*, enviada para a Espanha em 1575, serviu de base para primeira edição realizada pelo mercedário²⁴ Alonso Remón (1561-1632), e impressa

²³ “(...) escribiendo esta relación vi las crónicas de los coronistas Francisco López de Gómara y las del doctor Illescas y las de Jovio, que hablan en las conquistas de la Nueva España, y lo que sobre ello me pareciere declarar, adonde hubiere contradicción, lo propondré clara y verdaderamente, y va muy diferente de lo que han escrito los coronistas ya por mi nombrados” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 17, p. 29.

²⁴ A Ordem Real e Militar de Nossa Senhora das Mercês da Redenção dos Cativos ou, simplesmente, Ordem de Nossa Senhora das Mercês é uma ordem religiosa fundada em Aragão (1218) em conjunto pelo rei Jaime I, o *Conquistador* (1208-1276), Pedro Nolasco (1189-1256), e Raimundo de Penaforte (c. 1175-1285), com o propósito de libertar os cristãos prisioneiros dos mouros. Segundo Alain Demurger, esta ordem, “na qual cavaleiros e clérigos estavam associados, foi considerada, erroneamente, uma ordem militar, tendo sido reconhecida como tal em 4 de abril de 1245 pelo papa Inocêncio IV” – DEMURGER, Alain. *Os cavaleiros de*

em Madrid (1632). Infelizmente, Remón fez algumas supressões, alterações e retoques no texto, como, por exemplo, a exaltação das ações do frei Bartolomé de Olmedo (c. 1481-1524), religioso também mercedário que acompanhava Cortés. Até o início do século XX, todas as edições (quinze em castelhano) acompanharam o texto da primeira.

Entretanto, a partir da publicação, em 1904, da edição feita por Genaro García, baseada no *códice guatemalteco* que estava em divulgação, esse quadro se modificou. Tal códice é um manuscrito que pertence à cidade de Santiago de Guatemala, um rascunho feito pelo próprio Bernal Díaz da *Historia verdadera*. Com efeito, as edições que surgiram em seguida são mais dignas de crédito, pois foram realizadas sobre esse códice, documento no qual os pesquisadores confrontaram com a edição de Remón e encontraram várias diferenças.

Na edição que utilizamos, Editora Porrúa (1976), Ramírez Cabañas reproduziu o *códice guatemalteco* rigorosamente, letra por letra, e retirou as abreviações. As lacunas do códice foram completadas com as outras edições (Remón), e com um manuscrito desconhecido que possuía José Alegria (*Verdadera Historia*).

Antes de examinarmos as outras fontes é fundamental assinalar um problema teórico-metodológico na *Historia verdadera*. Tal armadilha comprometeria a análise do comportamento de um clérigo que acompanhava a expedição de Hernán Cortés, caso adotássemos a primeira edição da obra de Bernal Díaz, texto parcialmente editado pelo mercedário Alonso Remón.

Entre a morte de Remón (junho de 1632) e a publicação da *Historia verdadera* (fim de 1632), a obra continuou sendo alterada. Após o falecimento deste editor, o frei Gabriel Adarzo y Santander (1596-1674), sucessor de Remón no processo editorial e também membro da Ordem das Mercês, realizou mais modificações com o intuito de destacar os feitos do mercedário Bartolomé de Olmedo. Tal alteração é chamada pelos historiadores de “interpolação mercedária”.²⁵

Cristo: As ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI), p. 133. A ordem seguia a regra de Santo Agostinho e foi uma das primeiras a chegar ao Novo Mundo.

²⁵ LEÓN CÁZARES, María del Carmen. *Reforma o extinción: Un siglo de adaptaciones de la Orden de Nuestra Señora de la Merced en Nueva España*. México, D. F.: UNAM, 2004, p. 210-211.



Frontispício da primeira edição (1632) da *Historia verdadera*, de Bernal Díaz. Dois personagens se destacam nessa cena: Hernán Cortés (à esquerda), sob uma placa onde está escrito em latim *MANV* (à mão, “por meio de atos”), e o frei Bartolomé de Olmedo (à direita), abaixo da palavra *ORE* (“pela palavra”). De acordo com Matthew Restall, a intenção do mercedário que editou a obra e ilustrou o frontispício (possivelmente Alonso Remón), era indicar que o papel de conversão realizado por Olmedo foi tão importante quanto o de Cortés e dos conquistadores (RESTALL, 2006, p. 232). Figura 19.

Para exemplificar uma interpolação que atingiu justamente o *objeto* dessa Dissertação, ou seja, a ideia de cruzada no imaginário dos conquistadores, destacamos uma passagem da *Historia verdadera*: durante uma batalha contra os nativos, Bernal Díaz ouviu o seguinte encorajamento do mercedário aos conquistadores “*que lutassem com a intenção de servir a Deus e estender Sua santa fé, pois Ele os ajudaria*”.²⁶

²⁶ “*que peleasen con intención de servir a Dios y extender su santa fé, que él les ayudaria*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Verdadera Historia de los sucesos de la conquista de la Nueva España*. In: Enrique de Vedia, *Historiadores primitivos de Indias*. Madrid: Atlas, 1947, p. 220 Apud LEÓN CÁZARES, María del Carmen. *Reforma o extinción: Un siglo de adaptaciones de la Orden de Nuestra Señora de la Merced en Nueva España*, p. 216. Surpreendentemente, Tzvetan Todorov fez uso desse mesmo fragmento em sua famosa obra, *A conquista da América: a questão do “outro”*, sem indicar que se trata de uma alteração, mais uma

Isso não quer dizer que descartamos a possibilidade de Olmedo exprimir essa exortação. Entretanto, essa foi mais uma alteração redigida posteriormente, modificações que são mais freqüentes a partir do capítulo 156, quando a narrativa se concentra nos eventos ocorridos após a queda de México-Tenochtitlán,²⁷ como a interpolação citada no parágrafo anterior.

Assim, a escolha da edição de 1632 acarretaria uma diferença substancial em algumas conclusões, já que em parte perderíamos o pensamento original de Bernal Díaz. Em virtude disso, distanciamos desse perigoso território, pois recorreremos a uma edição menos “contaminada” da *Historia verdadera*, que seguiu mais fielmente o pensamento de seu autor.²⁸

A *Relación de algunas cosas de las que acaecieron al muy ilustre señor don Hernando Cortés, marqués del Valle, desde que se determinó ir a descubrir tierra en la Tierra Firme del Mar Océano*, teve sua redação composta pelo capitão Andrés de Tapia entre aproximadamente 1540 e 1547.

Trata-se de uma narrativa da expedição cortesiana desde a saída de Cuba até a vitória sobre Pânfilo de Narváez, em 1520. Foi muito usada por López de Gómara a tal ponto que Germán Vázquez Chamorro o acusou de plágio.²⁹ No entanto, na Idade Média e ainda no século XVI, os cronistas compilavam seus textos em uma seqüência de citações de autores (clássicos ou antecessores seus) com o objetivo de defender os argumentos expostos, principalmente se concordavam com os preceitos cristãos, como o

“interpolação mercedária”. Todorov citou o trecho completo: “*Nossas tropas chegaram a um alto grau de excitação devido à influência dos encorajamentos de frei Bartolomé de Olmedo, que os exortava a **agüentar firme na intenção de servir a Deus e de difundir a santa fé**, prometendo-lhes o auxílio de seu santo ministério e gritando-lhes que vencessem ou morressem em combate*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. 156 Apud TODOROV, Tzvetan. *A conquista de América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 104 (grifo nosso). Certamente, o autor consultou algumas edições anteriores a 1904, como observamos na bibliografia final de sua obra.

²⁷ LEÓN CÁZARES, María del Carmen. *Reforma o extinción: Un siglo de adaptaciones de la Orden de Nuestra Señora de la Merced en Nueva España*, p. 212.

²⁸ Para a escolha dessa edição, ver RAMÍREZ CABAÑAS, Joaquín. *Introducción*. In: DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, p. XI-XXXI.

²⁹ “El capellán de Cortés, el tan loado Francisco López de Gómara, no dudó en saquear el triste relato del leonés [Andrés de Tapia]. El fruto del plagio – la *Conquista de México (...)*” – VÁZQUEZ CHAMORRO, Germán. *La Conquista de Tenochtitlan / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 62.

Providencialismo. Era uma forma de redação baseada na *intertextualidade*, não na *originalidade*.³⁰

Por sua vez, a *Relación breve de la conquista de la Nueva España*, de Francisco de Aguilar, soldado que se tornou membro da Ordem Dominicana em 1525, teve sua redação iniciada apenas no fim da vida do conquistador (possivelmente após 1560). O próprio Aguilar confessou que alguns religiosos o convenceram “*dizendo que, já que estava no fim da vida, lhes deixasse escrito o que havia acontecido durante a conquista da Nova Espanha*”.³¹ A obra apresenta algumas imprecisões cronológicas, causadas pela falta de um calendário unificado, mas pode ser considerada um dos melhores relatos sobre a mentalidade dos conquistadores.

Por último, a obra de Bernardino Vázquez de Tapia, intitulada *Relación de méritos y servicios del conquistador Bernardino Vázquez de Tapia, vecino y regidor de esta gran ciudad de Tenxutilán México*, foi escrita provavelmente entre 1542 e 1546. O relato, uma *Probanza de Méritos* (“provas de mérito”),³² é muitas vezes criticado pela confusa cronologia e, sobretudo, pelo desejo do cronista em enaltecer sua figura. Assim como Bernal Díaz, Vázquez de Tapia chegou ao Novo Mundo em 1514 na frota de Pedrarias Dávila (c. 1440-1531). Alguns anos depois, participou da expedição de Grijalva (1518). O relato concentra o foco em toda a campanha contra os mexicas.

Para a tradução das passagens (espanhol-português), procuramos realizar uma “tradução literal”, mais próxima possível do original, mas obedecendo às regras da norma culta do português. O tamanho das frases (enorme em comparação aos parâmetros atuais) e

³⁰ Ver LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 74-75. Como assinala Weckmann, “no era considerado falta de honradez intelectual el que un historiador transcribiera folios enteros de los autores clásicos o de algun predecesor, incorporándolos a su propio texto, si servían a su propósito o si aducían ejemplos edificantes o exaltaban los valores espirituales” – WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de México*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica – El Colégio de México, 1994, p. 484-485.

³¹ “*diciendo que, pues que estaba ya al cabo de la vida, les sajase escrito lo que en la conquista de esta Nueva España había pasado*” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 161.

³² *Probanza de Méritos*: trata-se de uma petição pessoal ao rei (ou Imperador) para obter uma recompensa por determinados serviços efetuados.

a pontuação foram, na medida do possível, mantidos. Incluímos palavras entre colchetes necessárias à compreensão de determinadas passagens. Alguns arcaísmos como “Plugar a Dios” (“se Deus quiser”) foram modernizados no intuito de uma melhor compreensão das frases.³³ Mantivemos as repetições (artifício comum empregado pelos cronistas medievais e quinhentistas), além da estrutura do texto original.

Caracterizamos nossa pesquisa como um trabalho de Nova História Cultural, pois a mentalidade é a expressão da cultura de um período. Com o surgimento da *Escola dos Annales* (início do século XX), a principal área de nosso estudo, ou seja, o domínio das mentalidades, foi colocado em evidência pela historiografia. Essa nova perspectiva buscava analisar o psicológico da coletividade humana, com o objetivo de examiná-lo para compreender as inquietações e os desejos mais ocultos dos homens.

Nosso *Objeto de Pesquisa* foi a mentalidade de cruzada dos “espanhóis”.³⁴ Investigamos a origem de tal perspectiva para, assim, realizar a análise de seu emprego na conquista de México-Tenochtitlán, sempre numa dialética de continuidades e descontinuidades.

³³ Ver VÁZQUEZ CHAMORRO, Germán. *Glosario*. In: *La Conquista de Tenochtitlan* / J. Díaz... [et al.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 207-220.

³⁴ Escolhemos o termo “espanhóis” (entre aspas), em referência aos conquistadores provenientes da Hispânia. Contudo, trata-se de uma imprecisão, pois existiam e existem particularismos regionais na Espanha, que a união entre Castela e Aragão em 1474 não conseguiu apagar. De fato, os homens que formavam a tropa de Cortés eram provenientes de regiões distintas culturalmente como a Biscaia (atual província do País Basco), Astúrias, Andaluzia e Extremadura: “hubo [na tropa cortesiana] (...) vizcaínos, montañeses, asturianos, portugueses, andaluces y extremeños” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán* / J. Díaz... [et al.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 163. Apesar da imprecisão terminológica, ainda assim escolhemos o termo “espanhóis” com o objetivo de facilitar nossa narrativa ao longo dessa Dissertação, já que o termo está solidamente consagrado pela historiografia e uma diferenciação rígida de cada grupo (castelhanos, andaluzes, leoneses, etc) seria demasiadamente desnecessária. Como nos informa Bernard Grunberg, “la primera región de donde provienen los hombres de Cortés es Andalucía, con casi un tercio del ejército; León ofrece el segundo contingente com 17 por ciento; después Extremadura con 15 por ciento; los conquistadores de Castilla Vieja fueron menos numerosos 12 por ciento; mucho menos fue el contingente de Castilla la Nueva, 7 por ciento”. Os estrangeiros, que eram representados principalmente por portugueses e genoveses, formavam 6.2 % – GRUNBERG, Bernard. *El universo de los conquistadores: resultado de una investigación prosopográfica*. Signos Históricas, julio-diciembre, nº 12, Universidad Autónoma Metropolitana, Iztapalapa, México, D. F.: 2004, p. 96-97. Para uma abordagem dos modos dos povos ibéricos, ver SCHWARTZ, Stuart B. & LOCKHART, James. *Os modos ibéricos*. In: *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 21-49.

O *recorte cronológico* se concentrou entre os anos de 1519 e 1521, período que permeia a campanha de conquista cortesiana. Contudo, gravitamos entre os séculos XI e XVI, desde as origens da mentalidade cruzadística até seu ideal ser utilizado por Cortés e os demais conquistadores na conquista do *Mundo Mexica*.

Quanto ao *recorte espacial*, acompanhamos a trajetória da expedição de Cortés desde a partida de Cuba (abril de 1519) até a tomada de Tenochtitlán (agosto de 1521), a capital mexica. Por outro lado, também ocorreram menções ao Levante e regiões da Europa, principalmente a Península Ibérica.

A *questão central* pode ser resumida da seguinte forma: devemos considerar o ideal de cruzada, perspectiva consolidada nos séculos XI-XII, atuando, de certa forma e em certa medida, na Conquista do Novo Mundo, mais precisamente na conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521)?

Nesse *primeiro capítulo*, de caráter introdutório, apresentamos nosso objeto de estudo, as vertentes narrativas da conquista de México-Tenochtitlán, as principais fontes utilizadas nesse trabalho e os objetivos primordiais da pesquisa.

No *segundo capítulo*, “Um prolongamento do mundo medieval na conquista e colonização do Novo Mundo?”, apresentamos, inicialmente, as propostas pela permanência e, depois, as propostas pela ruptura das tradições medievais na Conquista e colonização da América. Logo depois, historicizamos tais perspectivas; e, finalmente, demonstramos nosso referencial teórico baseado na dialética entre continuidade e descontinuidade.

No *terceiro capítulo*, “O conceito de cruzada”, analisamos a trajetória do ideal cruzadístico: seu surgimento, consolidação (sécs. XI-XII) na Cristandade Latina medieval e prolongamento em terras americanas (sécs. XV-XVI). Destacamos também, ao longo da exposição, as semelhanças e diferenças entre a Cruzada medieval e a Conquista do Novo Mundo.

No *quarto capítulo*, “A evolução técnico-mental da guerra no final da Idade Média”, discorreremos brevemente acerca do desenvolvimento técnico e ideológico (ideais cavaleirescos e cruzadísticos) da guerra no final do medievo.

No *quinto capítulo*, “O comportamento cortesiano”, narramos a conquista de México-Tenochtitlán em uma perspectiva que privilegiou as ações cruzadísticas dos conquistadores durante os anos que permeiam a expedição (1519-1521). Além disso, verificamos como esse comportamento cruzadístico foi matizado nesse novo contexto histórico.

No *sexto capítulo*, “A simbologia cristã na campanha”, ressaltamos a importância dos símbolos religiosos que os conquistadores carregavam, como a bandeira da cruz e o estandarte da Virgem Maria.

No *sétimo capítulo*, “O discurso cortesiano”, revelamos os aspectos cruzadísticos invocados pelos “espanhóis”, a legitimidade jurídico-teológica da Conquista, as *hierofanias* (forma de manifestação do sagrado entre os homens), a demonização dos inimigos, o discurso cavaleiresco, etc.

No *oitavo capítulo*, “O maravilhoso cristão”, apresentamos o prolongamento da noção de “fronteira” hispânica no Novo Mundo e, depois, as supostas “aparições” de santos na Conquista, particularmente Santiago, São Pedro e a Virgem Maria.

No *nono capítulo*, “A alteridade, o ‘outro’ mexica”, explicamos através do conceito antropológico de *alteridade*, de que forma ocorreu o contato entre os conquistadores e os mexicas, que inflamaria, posteriormente, o ideal cruzadístico dos “espanhóis”.

No *décimo capítulo*, “Conclusão”, realizamos uma síntese de todos os capítulos da Dissertação e apresentamos ponderações e avaliações dos resultados obtidos.

2. UM PROLONGAMENTO DO MUNDO MEDIEVAL NA CONQUISTA E COLONIZAÇÃO DO NOVO MUNDO?

Alguns medievalistas como Jacques Heers, ao tratarem particularmente da expansão européia na América, sustentaram uma continuidade do modelo medieval. Tal processo não teria marcado qualquer ruptura com os tempos anteriores, pois permaneceu inserido nas mesmas tradições “medievais” dos impérios coloniais criados pelos latinos no Oriente. A colonização da América pelos ibéricos no século XVI apresenta, em todos os sentidos, traços medievais.³⁵

A obra de Luis Weckmann, *La herencia medieval de México*, ao abordar o caso específico do México entre, *grosso modo*, 1517 e 1650, também defendeu essa teoria. Segundo o historiador mexicano, os conquistadores e missionários do século XVI – e também exploradores, administradores e juízes – introduziram na Nova Espanha uma cultura essencialmente medieval.³⁶ Desse modo, não só a religiosidade implantada pelos “espanhóis” seguiu fundamentalmente a Península Ibérica medieval, mas também outros setores como a economia e sociedade se mantiveram, no essencial, os mesmos. Neste sentido, o Renascimento é enquadrado como um fenômeno que abrangeu apenas a Península Itálica e o norte dos Alpes, afetando de forma parcial e tardia o nascente Vice-Reino da Nova Espanha.³⁷

Jérôme Baschet, por sua vez, em recente obra publicada, *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*, também confirmou a tese sobre a presença de tradições medievais na Conquista e colonização da América. Segundo o historiador francês, os “espanhóis” que desembarcam no continente americano estavam carregados de uma visão de mundo e de valores medievais.³⁸ Ao adotar uma perspectiva de “longa Idade Média”, o discípulo de Jacques Le Goff acrescenta que existe um grande risco em entender esse processo como se seus atores tivessem nossa própria mentalidade, quando é mais presumível que seus valores e a lógica de suas atitudes fossem essencialmente medievais.³⁹

³⁵ HEERS, Jacques. *História Medieval*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991, p. 239.

³⁶ WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de México*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica – El Colégio de México, 1994, p. 21.

³⁷ *Ibidem*, p. 21.

³⁸ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 28.

³⁹ *Ibidem*, p. 30.

Apesar de Baschet seguir a teoria de Weckmann em relação à importância do componente medieval na formação do México colonial, ele adverte a necessidade de se matizar alguns aspectos da obra do historiador mexicano. Em primeiro lugar, ressalta que a noção de “herança” é perigosa, pois, “como a noção de influência, sugere a retomada passiva de elementos anteriores e incita o historiador a sucumbir a esta ‘herança das origens’ denunciada por Marc Bloch”.⁴⁰

Ademais, esse tipo de pesquisa, “que parece mais um catálogo”, permanece impressionista e anula a compreensão em profundidade tanto do mundo medieval e do México colonial quanto da dinâmica histórica que os liga. A dicotomia medieval *versus* moderno também é denunciada, assim como a ideia de atraso hispânico. Outro problema é que Weckmann não se preocupou com as diferenças, apenas com as semelhanças: “não podemos ignorar que uma realidade original, irredutível a uma repetição idêntica, toma forma nas colônias do Novo Mundo”.⁴¹ Por fim, Baschet ataca a ideia pejorativa de que o Renascimento iluminou as “trevas” medievais, a noção de que esse fenômeno atingiu todos os rincões do Ocidente, e a sempre enfatizada ideia de ruptura profunda entre Idade Média e Renascimento.⁴²

Com relação aos últimos aspectos, Jacques Lafaye, outro historiador francês, toma uma posição menos radical. Segundo o autor, o Renascimento não penetrou na Península Ibérica como no resto da Europa, mas somente em uma elite pouco numerosa e suspeita para a Inquisição, instituição aprovada pelos “Reis Católicos” em 1478. Uma grande parcela da população (incluindo o clero e a nobreza) pensava de acordo com os valores e preceitos do fim da Idade Média.⁴³

Para historicizar essa perspectiva, separamos dois casos paradigmáticos. O primeiro deles é um curioso episódio ocorrido durante a conquista de México-Tenochtitlán. Após deixarem Cholula (outubro de 1519), uma cadeia de montanhas impressionou os

⁴⁰ Ibidem, p. 31.

⁴¹ Ibidem, p. 32.

⁴² LE GOFF, Jacques. *Prefácio*. In: BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*, p. 17.

⁴³ LAFAYE, Jacques. *Los conquistadores*. México, D. F.: Siglo XXI Editores - oitava edição, 1991, p. 143.

conquistadores, onde o vulcão Popocatepetl destacava-se. Interessado em compreender a poderosa força da fumaça que exalava do cume, Cortés permitiu que alguns conquistadores subissem as montanhas. O “soldado-cronista” Bernal Díaz e o próprio Cortés relataram:

*“Enquanto estávamos em Tlaxcala, o vulcão que se encontra perto de Guaxocingo lançava muito fogo, o qual nosso capitão Cortés e todos nós, como não havíamos visto tal coisa, nos admiramos; e um capitão nosso que se chamava Diego de Ordaz desejou ver o que era (...)”*⁴⁴

*“uma [montanha], que é a mais alta [o vulcão Popocatepetl], sai muitas vezes durante o dia e à noite, uma volumosa massa de fumaça, como uma casa grande, e sobe do cimo da serra até as nuvens, tão reta como uma flecha, que, ao que parece, os ventos fortes que sopram nas alturas não conseguia desviá-la. E porque sempre desejei fazer relação de todas as coisas dessa terra para Vossa Alteza, quis conhecer o segredo desta, que me pareceu deveras maravilhosa, e enviei dez de meus companheiros, (...) com alguns nativos dessa terra para que os guiassem, e ordenei a eles que se esforçassem para subir a mencionada serra e conhecer o segredo daquela fumaça, de onde e como saía”*⁴⁵

Sem conseguirem alcançar o topo, os “espanhóis” avistaram uma nova rota (mais segura) em direção a Tenochtitlán.⁴⁶ De fato, Cortés, primeiramente, buscou compreender; depois, tomar.⁴⁷ Mesmo nos momentos de extrema tensão, a vontade de conhecer o “segredo” não diminuiu e, dois anos depois, uma nova tentativa obteve êxito, quando no cume do vulcão os conquistadores recolheram enxofre para fabricar pólvora e continuar a

⁴⁴ “El volcán que está cabe Guaxocingo, echaba en aquella sazón que estábamos en Tlaxcala mucho fuego, de lo cual nuestro capitán Cortés y todos nosotros, como no habíamos visto tal, nos admiramos de ello; y un capitán de los nuestros que se decía Diego de Ordaz tomóle codicia de ir a ver qué cosa era (...)” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 78, p. 136.

⁴⁵ “una que es la más alta sale muchas veces, así de día como de noche, tan grande bulto de humo como una gran casa, y sube encima de la sierra hasta las nubes, tan derecho como una vira, que, según parece, es tanta la fuerza con que sale que aunque arriba en la sierra andaba siempre muy recio viento, no lo puede torcer. Y porque yo siempre he deseado de todas las cosas de esta tierra poder hacer a vuestra alteza muy particular relación, quise de ésta, que me pareció algo maravillosa, saber el secreto, e envié diez de mis compañeros, tales cuales para semejante negocio eran necesarios, y con algunos naturales de la tierra que los guiasen, y les encomendé mucho procurasen de subir la dicha sierra y saber el secreto de aquel humo, de dónde y cómo salía” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 47.

⁴⁶ Cortés atribuiu a Deus a descoberta do caminho mais confiável: “Mas como Dios haya tenido siempre cuidado de encaminar las reales cosas de vuestra sacra majestad desde su niñez, y como yo y los de mi compañía íbamos en sua real servicio, nos mostró otro camino aunque algo agro, no tan peligroso como aquel por donde [os índios] nos querían llevar” – *Ibidem*, p. 47.

⁴⁷ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*, p. 101.

guerra. Tal façanha seria repetida apenas em 1827!⁴⁸ A *sede de saber* de Cortés tem sido encarada como uma manifestação de um espírito renascentista, pois o homem medieval jamais poderia interromper uma campanha militar para buscar compreender um fenômeno natural e seu “segredo”.⁴⁹ O velho preconceito em relação à Idade Média...⁵⁰

No entanto, o “interesse pela natureza” era manifestado plenamente pelos medievais. Ao observarem a natureza e contemplarem a beleza da criação divina, os homens da Idade Média demonstraram uma curiosidade (*curiositas*) científica,⁵¹ que surgiu da capacidade de se surpreender, de se maravilhar com o mundo. O filósofo catalão Ramon Llull (1232-1316), por exemplo, em sua novela enciclopédica – o *Livro das Maravilhas* (1288-1289) – tem como protagonista Félix, um homem que viaja pelo mundo para desvendar a realidade e tentar compreendê-la:

“(...) *Félix foi obediente a seu pai (...). E, com a doutrina que seu pai lhe deu, andou pelos bosques, montes e planícies, pelos lugares ermos e povoados, encontrou príncipes e cavaleiros pelos castelos e pelas cidades, e se maravilhava com as maravilhas que existem no mundo. Perguntava o que não entendia, e explicava o que sabia (...)*”⁵²

O outro exemplo remete à questão das riquezas, especialmente do ouro. Vale assinalar que não defendemos uma postura determinista, atribuindo todas as razões que suscitaram a Conquista ao componente religioso. No entanto, a religiosidade ainda

⁴⁸ DESCOLA, Jean. *Los conquistadores del Imperio español*. Barcelona: Editorial Juventud, S. A., 1972, p. 180.

⁴⁹ Tal ideia foi defendida por Manoel Alcalá: “El renacentista móvil del saber, señalado ya para la Primera Carta, siegue activo en la Segunda: el misterio y maravilla de nuestros volcanes se enfrentan a Cortés (...)” – ALCALÁ, Manoel. *Nota preliminar*. In: CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. XVI.

⁵⁰ Para uma desconstrução do preconceito em relação à Idade Média, ver HEERS, Jacques. *A Idade Média, uma impostura*. Lisboa: Edições Asa, 1994; e PERNOUD, Régine. *Idade Média: o que não nos ensinaram*. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

⁵¹ De acordo com os medievais, existiam campos de saber (distintos, mas unidos) que formavam a ciência medieval, expressão de um saber racional (melhor dizendo, dialético) cuja principal manifestação ocorreu com a Escolástica (sécs. XII-XIV). Tal perspectiva foi desenvolvida principalmente dentro das Universidades, instituição que surgiu por volta de 1200. Ver ALESSIO, Franco. *Escolástica*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. I, p. 367-382. Na Idade Média, o maravilhamento por algo novo “suscitou a *curiositas* no espírito humano medieval, e foi uma das primeiras formas de espírito científico que se preocupava com a investigação (*inquisitio*) e a experiência (*experimentum*)” – LÚLIO, Raimundo. *Félix, ou, o Livro das Maravilhas*, parte I. Tradução Ricardo da Costa. São Paulo: Editora Escala, 2009, p. 29, Nota 3. Ver também COSTA, Ricardo da. “A ciência no pensamento especulativo medieval”. In: *Sinais* 5, vol. 1, setembro/2009. Vitória: UFES, p. 43-70.

⁵² LÚLIO, Raimundo. *Félix, ou, o Livro das Maravilhas*, p. 30.

dominava praticamente todas as esferas da civilização ocidental no século XVI e isso incluía o próprio significado do ouro. Na Idade Média, o metal supostamente apresentava (como o âmbar) propriedades mágicas e conferia prestígio e poder.⁵³ Nos círculos eclesiásticos, a riqueza do ouro e das pedras preciosas representava a luz; Deus é luz, e os cristãos são os “filhos da luz”. Com efeito, “o ouro é menos matéria que luz, e seu brilho o torna apto a sugerir as realidades celestes”.⁵⁴ No século XII, o abade Suger de Saint Denis (1081-1151) assinalou sobre a riqueza mineral:

*“Quando, de vez em quando a dileção pelas cores da casa do Senhor ou o esplendor multicolorido das pedras preciosas me distanciam, pelo prazer que produzem, de minhas próprias preocupações, e quando a honesta meditação me convida a refletir sobre a diversidade das santas virtudes, transferindo-me das coisas materiais para as imateriais, parece que resido em uma estranha região do orbe celeste, que não chega a estar completamente na superfície da terra nem na pureza do céu, e que, pela graça de Deus, posso transferir-me de um lugar inferior para outro superior de um modo anagógico”*⁵⁵

Neste sentido, o ouro tinha um caráter “espiritual”; contemplar seu brilho fazia com que se ascendesse espiritualmente. O final da Idade Média ainda exprimia esse mesmo sentimento: Cristóvão Colombo (1451-1506) é um ótimo exemplo quando argumentou que “(...) o ouro é coisa excelente. Quando o possuímos, fazemos tudo o que queremos neste mundo, até conduzir as almas ao paraíso”.⁵⁶ Logicamente, no pensamento de Colombo, o ouro *resgata* as almas somente quando é empregado a serviço de Deus, ou seja, o metal era um meio de promover empreendimentos santos.⁵⁷ Em suas viagens, o almirante sempre acreditava estar muito “*próximo da fonte do ouro, e que Nosso Senhor lhe mostraria onde*

⁵³ BONNASSIE, Pierre. *Ouro*. In: *Dicionário de História Medieval*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985, p. 157.

⁵⁴ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*, p. 30.

⁵⁵ SUGER DE SAINT DENIS. *De rebus in administratione sua gestis*, XXXIII, 198-199. *Apud* COSTA, Ricardo da. “Ramon Llull (1232-1316) e a Beleza, boa forma natural da ordenação divina”. In: *Revista Sofia* 2006, 1. Vitória: Edufes, 2006.

⁵⁶ “*el oro es excelentísimo; del oro se hace tesoro y con él, quien lo tiene, hace cuanto en el mundo y llega a que echa las animas al paraíso*” – *Apud* BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 30.

⁵⁷ MAHN-LOT, Marianne. *Retrato histórico de Cristóvão Colombo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p. 40 e 117.

ele nasce".⁵⁸ Na concepção da época, o ouro era engendrado pelo calor e "nascia", "brotava" da terra.

Da mesma forma, em seu *Testamento* ("Instituição de Morgado" [1498]), o almirante deixa claro o desejo de canalizar os recursos do Novo Mundo para um propósito religioso fundamental – retomar a Terra Santa: "*me dispus a ir descobrir as Índias foi com a intenção de suplicar ao Rei e à Rainha, Nossos Senhores, que a renda que Suas Majestades obtiverem das Índias, se determinasse empregá-la na conquista de Jerusalém*".⁵⁹ O dominicano Bartolomeu de Las Casas (c. 1484-1566) também registrou o comportamento do almirante genovês:

*"Quando lhe traziam ouro ou objetos preciosos, ele entrava em seu oratório, ajoelhava-se como as circunstâncias exigiam, e dizia: 'Agradecemos a Nosso Senhor que nos tornou dignos de descobrir tantos bens' (...) tinha suplicado à Sereníssima Rainha Dona Isabel que lhe promettesse consagrar todas as riquezas que os reis podiam obter de sua descoberta ao resgate da terra e da Santa Casa de Jerusalém, o que a Rainha fez (...)"*⁶⁰

No século XVI, o ouro não tinha para os conquistadores apenas um valor monetário. Além de representar uma riqueza material que vale por si mesma, o metal parece ser um símbolo de prestígio e os valores espirituais ainda estavam nele impregnados. Nessa época, quem detém o ouro pode conseguir uma posição social mais importante, muitas vezes nobiliárquica. Com efeito, o metal não era valorizado enquanto um objeto que detinha um poder aquisitivo em sua total significância, ou seja, o materialismo econômico (lógica capitalista)⁶¹ não constituía o traço central na mentalidade daqueles homens.⁶²

⁵⁸ COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América*. 17.02.1492. Apud TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do "outro"*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 08.

⁵⁹ COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1991, p. 168.

⁶⁰ LAS CASAS, Bartolomeu de. *Historia de las Índias*, I, 2. Apud TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do "outro"*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 12. Em outra passagem, Las Casas destacou a perspectiva de Colombo em relação aos tesouros: "*Nosso Senhor bem sabe que eu não suporto todas essas penas para acumular tesouros nem para descobri-los para mim; pois, quanto a mim, bem sei que tudo o que se faz neste mundo é vão, se não tiver sido feito para a honra e o serviço de Deus*" – Ibidem, I, 146. Apud TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do "outro"*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 09.

⁶¹ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 30.

⁶² O próprio Hernán Cortés declarou que "*por cobrar nombre de servidor de vuestra majestad y de su imperial y real corona, me he puesto a tantos y tan grandes peligros, y he sufrido trabajos tan sin comparación y no por codicio de tesoros*" – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Quinta Carta-Relación*,

Tal característica explica e justifica os conquistadores que retornavam à Espanha montados em cavalos que portavam ferraduras de ouro e prata. Vale lembrar também que, em torno de 1540, os “espanhóis” iniciaram desesperadamente na região dos Andes e da floresta Amazônica a procura do reino do homem de ouro, *el Dorado*.

Concordamos com a perspectiva de Baschet de que os primeiros conquistadores tinham uma mentalidade essencialmente medieval e que uma realidade original se formou durante a colonização da Nova Espanha. Ao longo dos séculos XVI-XVII, os colonizadores não viveram em uma colônia absolutamente hispânica (medieval e/ou renascentista), mas “híbrida”, uma fusão da cultura indígena e européia, que deu origem ao pensamento mestiço, tema estudado brilhantemente por Serge Gruzinski.⁶³ A Nova Espanha que surgiu das ruínas de México-Tenochtitlán era herdeira de duas tradições: a cristã-ocidental e a indígena (mesoamericana).

Entendemos também que uma alternância entre os valores medievais e renascentistas atuou no imaginário dos conquistadores e colonizadores do Novo Mundo. De acordo com Bernand e Gruzinski, não podemos contrapor a Europa nórdica (da imprensa) à Península Ibérica e o Novo Mundo dos séculos XV-XVI, ou seja, ignorar o movimento de seres e coisas entre esses territórios seria equivocado. Desde cedo, a Hispânia atraiu impressores germânicos e flamengos, além das rotas comerciais estimularem a circulação dos livros e das imagens.⁶⁴

Assim como Baschet criticou a focalização excessiva de Luis Weckmann nas continuidades da colonização da Nova Espanha, é importante salientar as rupturas de determinado processo histórico e as reformulações das tradições que permaneceram. Ademais, nem sempre uma determinada tradição se mantém intacta, pois, em novos

p. 280. Em outra passagem, Cortés comentou: “*También ciertas joyas que yo tenía de oro y piedras, las cuales envié, no por su valor ni precio, aunque no era muy pequeño para mí, sino porque habían llevado los franceses las que primero que envié, y pesóme en ánima que vuestra majestad sacra no las hubiese visto, y para que viese la muestra (...)*” – Ibidem, p. 279 (grifos nossos).

⁶³ GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁶⁴ BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 206; BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo nos séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 3 vols.

contextos históricos, ocorrem atualizações, da mesma forma que noções praticamente desaparecidas podem renascer em outras roupagens.

Em nosso estudo específico, devemos salientar que, evidentemente, o processo das Cruzadas foi resultado de uma realidade medieval e um contexto histórico jamais se repete.⁶⁵ Por outro lado, observamos que uma perspectiva de “longa duração” atuou na “ideia de cruzada” no fim da Idade Média. Neste sentido, tentamos encontrar características da noção medieval de Cruzada na Conquista do Novo Mundo, embora alguns aspectos se diferenciem da ideia original.

A mentalidade do conquistador, moldada no período medieval, muitas vezes reproduziu essencialmente (com suas permanências e rupturas) os comportamentos dos “espanhóis” durante a guerra de Reconquista⁶⁶ da Hispânia. Esse processo foi considerado por Cláudio Sánchez Albornoz, em sua clássica obra *La Edad Media española y la empresa de America*, como a chave da história da Espanha e raiz profunda da Conquista e colonização da América. O autor ainda assinalou precisamente que, ao contrário da colonização inglesa (burguesa, pós-renascentista e pós-luterana), a colonização hispânica foi caracterizada pelo espírito religioso, guerreiro e místico, profundamente marcada por uma herança medieval agrária.⁶⁷

Hernán Taboada, por outro lado, recentemente defendeu que se algumas tradições (simbólicas e institucionais) sugerem um prolongamento entre a Reconquista da Hispânia e a Conquista da América, mais abundantes são os elementos de ruptura. Segundo o autor, o referente islâmico que aparece na Conquista deriva mais das guerras contra os turcos otomanos no século XVI em comparação aos séculos medievais da Reconquista.⁶⁸ Apesar

⁶⁵ FERNANDES, Fátima Regina. *Cruzadas na Idade Média*. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 128.

⁶⁶ Empregamos o termo “Reconquista” em referência à expansão cristã na Península Ibérica iniciada somente a partir do século XI, pois já foi registrado que o processo e a ideia de retomar territórios começou apenas com as campanhas de Fernando I, de Castela (1037-1065), sendo finalizado no século XV, com a tomada de Granada (1492). Com isso, discordamos da parcela da historiografia tradicional que utilizou o termo para denominar o período que se inicia ainda no século VIII (mais precisamente em 718). O século XI foi o período em que sacralizou-se a guerra, momento no qual o componente religioso passou a atuar decisivamente na expansão cristã. Para mais sobre a discussão historiográfica do termo “Reconquista” e a defesa dessa perspectiva, ver COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p. 77-79.

⁶⁷ SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Cláudio. *La Edad Media española y la empresa de America*. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica del Instituto de Cooperación Iberoamericana., 1983, p. 33-35.

⁶⁸ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*, p. 191-192.

de não concordarmos inteiramente com essa perspectiva, persiste, no entanto, um referente islâmico na tese de Taboada: desde o século XI, os otomanos tinham abraçado o Islã.

É claro que a Conquista do Novo Mundo não foi uma cópia idêntica da Reconquista, mas ela foi sua indiscutível extensão.⁶⁹ Em nossa apreciação, nesse novo contexto histórico a “ideia de cruzada” sofreu reformulações, motivo que nos obrigou analisá-la dentro da dialética entre continuidades e discontinuidades, desde seu nascimento, consolidação (sécs. XI-XII), até seu emprego na invasão da América (sécs. XV-XVI).

⁶⁹ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*, p. 27.

3. O CONCEITO DE CRUZADA: DAS ORIGENS À CONQUISTA DO NOVO MUNDO

3.1 DA GUERRA SANTA À CRUZADA

Jesus Cristo defendia a paz, era um adepto da não-violência. O *Evangelho Segundo Mateus*, capítulo 5, versículo 39, assinala: “*Eu, porém, vos digo: não resistais ao homem mau; antes, àquele que te fere na face direita oferece-lhe também a esquerda*”.⁷⁰ Apesar de encontrarmos referências na Bíblia de que os primeiros cristãos negavam guerrear por uma posição de princípio, o que eles mais discordavam era o fato de terem que prestar juramento ao Imperador romano (pagão) que se tomava por Deus.⁷¹ Então, como um cristianismo originalmente pacífico desenvolveu a ideia de uma guerra santa e a regularizou nos séculos XI-XII com a Cruzada?

Um marco crucial para o surgimento da guerra santa cristã aconteceu com a adoção do cristianismo no Império Romano como a religião oficial (século IV).⁷² Essa legitimação do cristianismo fez com que os cristãos pegassem em armas para defender o novo “Império Cristão”, principalmente contra os germanos que ameaçavam o *limes*.

Nessa época, a ideia de uma *belum justum* (“guerra justa”) já se anunciava na mente de alguns pensadores cristãos como, por exemplo, Santo Agostinho (354-430). O pensamento agostiniano, em sua *De Civitate Dei* (A Cidade de Deus), admitia a interferência de Deus na duração das guerras:

⁷⁰ A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1973, p. 1847.

⁷¹ DEMURGER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo: As ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI)*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 20.

⁷² A adoção do cristianismo como a religião oficial do Império Romano foi um processo com vitórias e derrotas. Após três séculos de perseguições, o Império foi dividido em dois e, em 313 d.C., os dois Imperadores, Constantino (306-337) e Licínio (308-324) se uniram em favor de uma política religiosa comum em um documento – denominado muitas vezes de “Édito de Milão” – que concedeu liberdade de culto aos cidadãos do Império. No entanto, o paganismo chegou mesmo a ser reavivado na época do Imperador Juliano (361-363), que os cristãos cognominaram, o “apóstata”. Em 380, sob o governo de Teodósio (379-395), o cristianismo niceno finalmente foi proclamado como a religião oficial do Império. Em 392, toda prática pagã foi proibida – COMBY, Jean. *Para ler a história da Igreja: das origens ao século XV*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 33-78. Para mais sobre esse processo, ver JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 83-148.

*“Como depende de seu arbítrio, de seu justo juízo e de sua misericórdia o atribular ou consolar os mortais, assim também dele depende os tempos das guerras, que encurta ou prolonga a seu talante”*⁷³

Também, foi a introdução da tradição militar germânica no *Mundo Romano* desde o Baixo Império (sécs. III-V), que o valor atribuído à guerra adquiriu uma importância cada vez maior no Ocidente cristão. Tal concepção não diferenciava o direito civil e o uso militar da força⁷⁴ e, somada à conversão dos reinos romano-germânicos ao cristianismo niceno, impulsionou no aparecimento da guerra santa cristã. A sociedade que tinha surgido procurava justificar sua distração habitual. O código de cavaleiresco que se desenvolvia prestigiava o heroísmo do guerreiro e o pacifista recebeu uma má reputação da qual nunca mais superou.⁷⁵

Dessa forma, constituiu-se uma sociedade cristã essencialmente belicosa na Alta Idade Média, pois os germens para a elaboração de uma guerra sacralizada evoluíam, como vimos, desde que o Império Romano adotou o cristianismo.

Nesse meio tempo, indícios da união entre guerra e religião já começavam a aparecer. O sucesso de Carlos Martel (714-741) em Poitiers (732) foi aclamado com admiração e os primeiros triunfos dos líderes cristãos das Astúrias compartilharam esse espírito.⁷⁶ O Imperador Carlos Magno (c. 742-814), coroado pelo Papa Leão III (795-816) em 800, também demonstrou através de suas campanhas claros exemplos do triunfo da “verdadeira fé” sobre os pagãos e os muçulmanos. A época carolíngia marcou o nascimento de uma “ideia de cruzada” embrionária. Esse período constituiu um momento fértil nas relações entre a Igreja e o Estado, que derivavam fundamentalmente da noção de “Império Cristão”, perspectiva desenvolvida por Constantino (c. 272-337), e que foi exaltada e recuperada por Carlos Magno.⁷⁷

Da mesma forma, algumas atitudes do Papado contribuíram para a elaboração da perspectiva de guerra santa. Desde fins do século VI, o Papa Gregório Magno (590-604)

⁷³ AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. São Paulo: Editora das Américas S. A. – Edameris, 1964, Livro 5, Cap. XXII, p. 292.

⁷⁴ CARDINI, Franco. *Guerra e Cruzada*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. I, p. 474.

⁷⁵ RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, Vol. I, p. 84.

⁷⁶ HEERS, Jacques. *História Medieval*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991, p. 161.

⁷⁷ FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*. Madrid: Editorial Trota, 2003, p. 29-32.

admitia como justa a repressão a pagãos e hereges.⁷⁸ Depois, quando a Cristandade Ocidental estava ameaçada por uma segunda onda de invasões (escandinavos, muçulmanos e magiares), o Papado agiu com mais força na defesa do “rebanho de Cristo”. O Papa Leão IV (847-855), em meados do século IX, declarou que “*com efeito, o Todo-poderoso sabe que se um de vós chega a morrer, morrerá pela verdade da fé, pela salvação da Pátria e pela defesa dos cristãos*”.⁷⁹ Pouco tempo mais tarde, o Papa João VIII (872-882) havia declarado que os combatentes mortos durante a ofensiva contra os muçulmanos refugiados no centro da Península Itálica receberiam como recompensa a salvação.⁸⁰

Entretanto, a consolidação da guerra santa na Cristandade Ocidental tem suas origens apenas no final da Alta Idade Média, principalmente quando a Igreja Romana tentou controlar a atividade guerreira cristã, e tornar o combatente um *miles Christi* (“cavaleiro de Cristo”). Para conter a belicosidade dos guerreiros, inicialmente a Igreja lançou o movimento da “Paz de Deus” (fim do século X). Tal movimento, por intermédio de ameaças espirituais, proibia aos guerreiros atacar santuários cristãos e os chamados *inermes*, ou seja, os homens desarmados (camponeses, mercadores e religiosos).

A “Paz de Deus” foi um movimento político-social proposto pela Igreja para tentar salvar a sociedade feudal, muito belicosa, ao verificar o declínio do poder real. Através dos concílios, a Igreja procurou proteger seus bens dos senhorios laicos e libertar-se da influência deles. Por meio da “Paz de Deus”, a Igreja não vetou a guerra e defendeu a paz, mas moralizou-as em função de seus interesses e aspirações.⁸¹

Mais tarde, outro programa eclesiástico foi instituído: a “Trégua de Deus” (início do século XI). Tratava-se de uma suspensão temporária e geral dos combates.⁸² Nesse movimento, proibiu-se guerrear em certos dias (da noite de quarta-feira à manhã de segunda-feira) e em alguns períodos sagrados como a Páscoa, as semanas que antecedem o Natal, etc. As armas espirituais como a excomunhão e o risco de morrer privado de uma

⁷⁸ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As Cruzadas: Guerra Santa entre Ocidente e Oriente*. São Paulo: Moderna, 1999, p. 28.

⁷⁹ “*en efecto, el Todopoderoso sabe que si uno de vosotros llega a morir, habrá muerto por la verdad de la fe, la salvación de la Patria y la defensa de los cristianos*” – LEÓN IV. Ep. I, *ad exercitum Francorum*. PL, 115, col. 655-657 Apud FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*, p. 47. Devemos salientar que o termo “Pátria” empregado aqui se refere ao local onde estão os túmulos dos ancestrais.

⁸⁰ HEERS, Jacques. *História Medieval*, p. 162.

⁸¹ FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*, p. 97-98.

⁸² DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 45.

sepultura cristã muitas vezes serviram como ameaças aos cavaleiros. A legislação da “Trégua” integrou-se ao esforço da Igreja para cristianizar a ética dos guerreiros; a “trégua sucede assim à ideia de paz, prolongando-a e aprofundando-a”.⁸³ Em Narbona (1054), vários clérigos e nobres se reuniram para confirmar e conservar as decisões anteriores:

“(…) rogamos em nome de Deus e pedimos que nenhum cristão persiga nenhum outro cristão por nenhuma maldade, desde o entardecer da quarta-feira até o amanhecer da segunda-feira. [caso isso aconteça] (...) que seja condenado durante toda sua vida ao exílio perpétuo”⁸⁴

A partir do momento em que, pela “Paz” e, principalmente, pela “Trégua de Deus”, a Igreja refreou a belicosidade dos cavaleiros, importava proporcionar-lhes uma “válvula de escape”. Nesse momento, coube ao Papado canalizar o potencial bélico da cavalaria para o exterior da Cristandade, principalmente na recuperação da Terra Santa. Na tentativa de recuperação de Jerusalém se consolidou, de fato, a proposta da *reformatio pacis*.⁸⁵

Assim, quando a noção de guerra santa cristã já estava solidificada na Cristandade Ocidental, surgiu uma nova versão: a *Cruzada*. Diferentemente de algumas guerras santas, a Cruzada era obrigatoriamente proclamada pelo próprio Papa, que se declarava o único legítimo condutor do combate em nome de Cristo. O objetivo principal dessa perspectiva era a recuperação do Santo Sepulcro, na Terra Santa, controlado pelos muçulmanos desde o século VII.

Devemos assinalar que os primeiros medievais que embarcaram na Cruzada desconheciam tal termo. Em referência às grandes expedições rumo à Palestina, utilizavam a denominação *passagium generale* ou *crux ultramarina* (também conhecidas pela historiografia como as Cruzadas “Oficiais”). Enfim, a Primeira Cruzada (1096) herdou características das guerras santas precedentes, mas ela teve uma feição original, foi

⁸³ Ibidem, p. 46.

⁸⁴ “rogamos en nombre de Dios y pedimos que ningún cristiano persiga a otro cristiano por ninguna fechoría, desde el atardecer del miércoles hasta el amanecer del lunes. (...) que sea condenado al exilio perpetuo durante toda su vida” – CONCÍLIO PROVINCIAL DE NARBONA (1054). *Mansi*, 19, col. 827-832, trad. em *Sources d'histoire médiévale*, p. 140. Apud FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*, p. 95.

⁸⁵ DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*, p. 46-47.

proclamada pelo Papa com o intuito de recuperar a Terra Santa.⁸⁶ Esse aspecto é fundamental, pois diferencia as verdadeiras cruzadas das outras guerras santas.

Fulcher de Chartres (1059-1127), cronista que participou do Concílio de Clermont (1095) e viajou para a Terra Santa com a Primeira Cruzada, foi um dos que ouviu o chamado do Papa Urbano II (1088-1099), discurso que ecoava o movimento da “Paz de Deus”:

*“Os que estão habituados a combater maldosamente, em guerra privada, contra os fiéis, lutem contra os infiéis, e levem a um fim vitorioso a guerra que devia ter começado a tempo. Os que até agora viviam em brigas se convertam em soldados de Cristo. Os que até agora eram mercenários por negócios sórdidos, ganhem no presente as recompensas eternas (...)”*⁸⁷

A Cruzada é uma guerra sacralizada que se formou completamente somente nos séculos XI-XII. Ela difere de qualquer outra guerra santa pelo seu objetivo que é a reconquista do túmulo de Cristo, o Santo Sepulcro, na Terra Santa.⁸⁸ Em resumo, autores como Jean Flori e Paul Rousset consideram que toda Cruzada revela traços de uma guerra santa, mas nem toda guerra santa apresenta características de uma Cruzada.

Guerra santa e Cruzada são dois conceitos que, mesmo integrados, apresentam origens distintas. A guerra santa era a guerra justa por excelência, já que era aplicada aos inimigos da fé cristã, e concedia o martírio aos mortos que nela combatiam.⁸⁹ A Cruzada na Terra Santa, ideia do Papa Urbano II, ideia em movimento destinada a comover a Cristandade, distinguiu-se dos empreendimentos anteriores por seu caráter puramente religioso, que envolveu diferentes reinos cristãos.⁹⁰

Existe um debate historiográfico para saber se a Cruzada teve origem na guerra santa, da qual constituiria de certo modo a conseqüência, ou se teve origem na peregrinação (*peregrinatio*) a Jerusalém, bastante desenvolvida no século XI, um ato penitencial.⁹¹ Para Alain Demurger, as duas origens estão interligadas. A Cruzada era uma “peregrinação armada” rumo a Jerusalém cujo objetivo era libertar o Santo Sepulcro dos “infiéis”, mas

⁸⁶ ROUSSET, Paul. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980, p. 25.

⁸⁷ FOUCHER DE CHARTRES. *Chronique*. Apud PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média: textos e testemunhas*. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 83.

⁸⁸ FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*, p. 349.

⁸⁹ DEMURGER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo: As ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI)*, p. 22.

⁹⁰ GROUSSET, René. *As Cruzadas*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965, p. 22.

⁹¹ DEMURGER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo: As ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI)*, p. 22.

que também, através das propostas de Urbano II em 1095, demonstrava conter a ideologia da guerra santa presente, como, por exemplo, a ação de socorrer os cristãos do Oriente. Caracterizada como uma “peregrinação armada”, a Cruzada era uma perspectiva inovadora na medida em que se ligava às propostas dos movimentos de paz lançados pela Igreja (“Paz e Trégua de Deus”). O processo de sacralização da guerra e do guerreiro conduzido pelos reformadores gregorianos também contribuiu para consolidá-la.⁹²

Em relação à Reforma Gregoriana (a partir do séc. XI), Jean Flori criticou o papel excessivo que a tese clássica de Carl Erdmann concedeu ao movimento na elaboração da “ideia de cruzada”. Segundo Flori, a Reforma Gregoriana teve um papel principal na constituição da Cruzada, mas não transformou a guerra justa em guerra santa e, depois, em Cruzada; apenas retomou em benefício próprio a perspectiva permitida e praticada das guerras sacralizadas para fazer dela uma ferramenta ideológica na luta contra os adversários da Cristandade.⁹³

Na primeira metade do século XII, um dos principais pensadores eclesiásticos que sintetizou a “ideia de cruzada” foi São Bernardo de Clairvaux (1090-1153). Para o abade de Clairvaux, a Cruzada, mais que um fato político e guerreiro, era uma liturgia, que devia contar com a participação de todos, inclusive dos pecadores que buscavam purificação:⁹⁴

*“Mas os verdadeiros soldados de Cristo combatem confiantes nas batalhas do Senhor, sem nenhum temor de pecas por se colocarem em perigo de morte e matar o inimigo. Para eles, morrer ou matar por Cristo não implica qualquer crime, além de trazer a máxima glória”*⁹⁵

No século XIII, Santo Tomás de Aquino (1225-1274) em sua *Summa Theologica*, ao analisar a base teológica para realizar a guerra, desenvolveu o conceito de guerra justa que se tornou uma grande influência para o Ocidente medieval. Para o Aquinate, três

⁹² Ibidem, p. 23.

⁹³ FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*, p. 264.

⁹⁴ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As Cruzadas: Guerra Santa entre Ocidente e Oriente*, p. 28.

⁹⁵ “*At vero Christi milites securi praelientur praelia Domini sui, nequaquam metuentes aut de hostium caede peccatum, aut de sua nece periculum, quandoquidem mors pro Christo vel ferenda, vel inferenda, et nihil habeat criminis, et plurimum gloriae mereatur*” – BERNARDO DE CLAIRVAUX. *Liber ad Milites Templi, de laude novae Militiae*. III, 4. Tradução do latim para o português realizada pelo Prof. Dr. Ricardo da Costa.

condições básicas eram necessárias para se fazer uma guerra justa: a autoridade do chefe, a justa causa e a intenção correta dos beligerantes.⁹⁶

Após analisarmos a primeira evolução da noção de guerra santa e o surgimento de um tipo especial, a Cruzada, instituição consolidada nos séculos XI-XII, devemos ressaltar um aspecto fundamental do conceito: suas reformulações.

Alguns autores como Carl Erdmann e René Grousset⁹⁷ ampliaram o uso do termo “Cruzada” para definir algumas guerras santas conduzidas por cristãos. Outros foram mais rigorosos na classificação terminológica, uma vez que definiram como “Cruzadas” apenas as expedições dirigidas na tentativa de recuperar a Terra Santa aos muçulmanos. Segundo Paul Rousset, não houve verdadeiras cruzadas antes de 1096.⁹⁸ Contudo, os últimos autores articularam a guerra santa à Cruzada, salientando suas diferenças e semelhanças.

O ponto que os autores concordam diz respeito à presença de elementos que poderiam aproximar uma guerra santa à verdadeira *Cruzada*, ou seja, seriam aspectos de uma “mentalidade de cruzada”: o encorajamento do Papa através das bulas; a concessão de indulgências e a salvação; a presença protetora de Deus; a crença na justiça imanente; um exército que reunisse diferentes reinos cristãos; o pensamento dicotômico (particularmente tendo os muçulmanos como inimigos); a peregrinação armada aos locais santos; técnicas de guerra santa; porte da cruz; benção dos guerreiros e das armas; forma extremamente belicista de encarar a guerra; invocação de santos e, às vezes, a suposta interferência direta destes; o discurso de lutar em nome de Cristo; a demonização dos inimigos (visão dualista do mundo); a atuação das ordens-militares; a presença do clero; esperança escatológica; promessas de recompensas materiais ou espirituais; noção de vingança ou *faida*; traços de antijudaísmo; intenção de conversão; etc.

Entretanto, para Rousset todas essas características seriam inúteis para denominar de verdadeira cruzada, se a libertação do Santo Sepulcro, o objetivo principal, não estivesse

⁹⁶ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 70.

⁹⁷ René Grousset classificou de cruzadas, por exemplo, a Reconquista da Península Ibérica, e a investida cristã na batalha de Nicópolis (1396) – GROUSSET, René. *As Cruzadas*, p. 10.

⁹⁸ ROUSSET, Paul. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980, p. 28.

presente.⁹⁹ O autor exemplifica sua noção de Cruzada com o caso da Reconquista Hispânica. Apesar de conter muitas características cruzadísticas como a presença protetora de Deus e a crença da justiça imanente, técnica de guerra santa e confiança na salvação, falta à Reconquista o principal objetivo da Cruzada: a libertação do Santo Sepulcro.¹⁰⁰

3.2 A EVOLUÇÃO DA IDEIA DE CRUZADA A PARTIR DO SÉCULO XI: AS CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES

Após assinalarmos as diferenças entre guerra santa e Cruzada, torna-se necessário demonstrar a evolução da “ideia de cruzada” a partir do século XI, destacando, inicialmente, as principais eliminações e rupturas que existiram até o século XIII.

A Cruzada, em seu início (sécs. XI-XIII), apresentava uma característica singular que era o aspecto de peregrinação que ela tinha para seus participantes.¹⁰¹ De fato, os primeiros cruzados se definiam como “peregrinos armados”, pois uma das principais motivações deles era proteger os caminhos a Jerusalém aos peregrinos. Com efeito, combinava-se guerra e expiação dos pecados, ou seja, os combatentes cumpriam penitência, a *peregrinatio paenitentialis* (“peregrinação penitencial”).

Na realidade, existiu na Idade Média o que André Vauchez chamou de uma verdadeira “espiritualidade da cruzada”. Ir para as Cruzadas provocava, para aqueles que tinham feito esse voto, a aceitação de um estilo de vida ascético e piedoso que, antes de conduzir efetivamente aos combates pelos lugares santos, traduzia-se por obrigações no domínio moral e religioso.¹⁰² Campanha militar de reconquista, a Cruzada também é, devido seu objetivo – Jerusalém – uma peregrinação armada. Essa dimensão se liga com a da guerra santa, reforçando-a e não a ocultando.¹⁰³

⁹⁹ Ibidem, p. 30.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 29-30.

¹⁰¹ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. *Introdução*. In: *Raimundo Lúlio e as Cruzadas*. Tradução dos textos latinos Waldomiro Altoé, tradução do texto catalão Elaine Venterim e Ricardo da Costa. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009, p. XX.

¹⁰² VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 140.

¹⁰³ FLORI, Jean. *Jerusalém e as Cruzadas*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. II, p. 20.

Contudo, essa noção foi apenas inicial, pois com o IV Concílio de Latrão (1215),¹⁰⁴ desligaram-se, em parte, os laços entre peregrinação e expedição armada. Foi o Papado quem deu caráter universal à Cruzada e dissolveu a conexão inviolável entre *passagium* e Terra Santa.¹⁰⁵ Assim, uma importante ruptura ocorreu no conceito de cruzada, pois a partir do século XIII a peregrinação não era mais necessária.

O IV Concílio de Latrão foi o maior responsável pela alteração do sentido original da Cruzada. Como instituição religiosa e militar, a Cruzada completou seu período de constituição, e fixou-se o direito de Cruzada.¹⁰⁶ Quando a guerra santa cristã transformou-se em Cruzada (sécs. XI-XII), esse modelo de guerra era pregado somente contra os muçulmanos, os “infíeis”, inimigos da Cristandade por excelência. Essa peculiaridade reforçava-se na medida em que as costas da Península Itálica, desde o fim da Alta Idade Média, eram pilhadas por muçulmanos, que conseguiam por vezes instalar-se efetivamente e ameaçar o Papado e a cidade de Roma.¹⁰⁷

No entanto, durante o IV Concílio de Latrão ocorreu uma ampliação do sentido de Cruzada. Foi admitido que ela fosse conduzida também contra os “infíeis” em geral, e os considerados heréticos e cismáticos, na época (século XIII), particularmente os albingenses e valdenses. O cardeal Henrique de Susa (†1271) foi quem dividiu as cruzadas geograficamente: da Europa (*crux cismarina*) e do Oriente (*crux ultramarina*):¹⁰⁸

*“Se isto parece correto que nós devemos promover a cruzada ultramarina a qual é pregada em ordem para conseguir ou recuperar a Terra Santa, então nós devemos usar o maior vigor na pregação da cruzada neste lado do mar, contra os cismáticos, a qual é intenção para a preservação da união eclesiástica”*¹⁰⁹

¹⁰⁴ Entre os concílios realizados em Latrão, este foi o “maior e mais importante (...) convocado por Inocêncio III como o clímax de seu enérgico pontificado; ocupou-se não só da reforma moral mas também de decretos que esclareceram a doutrina e abordaram a supressão da heresia” – LOYN, H. R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, p. 233.

¹⁰⁵ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “La idea de cruzada en el Liber de passagio de Ramón Llul”. In: *Patristica et Mediaevalia* 25 (2004), p. 57.

¹⁰⁶ ROUSSET, Paul. *História das Cruzadas*, p. 190.

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 27.

¹⁰⁸ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 74.

¹⁰⁹ HOUSLEY, Norman. *The Later Crusades – from Lyons to Alcazar (1274-1580)*. New York: Oxford University Press, 1995, p. 234-235 *Apud* COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 74.

Assim, a dicotomia entre cristão *versus* muçulmano foi ampliada e, influenciada pelos interesses do Papado, a partir do século XIII, Cruzadas e ações contra os muçulmanos deixaram se ser sinônimos.¹¹⁰ Qualquer um que negasse as pretensões papais sobre certos territórios receberia a punição da cruzada. No século XIII, por exemplo, o Papa Inocêncio IV (1243-1254) chamou de “Cruzada” sua guerra contra o Imperador Frederico II (1220-1250).¹¹¹

Com isso, a partir do IV Concílio de Latrão a “ideia de cruzada” de certa forma retornou ao aspecto de guerra santa que dela se originou, ou seja, a velha teoria concebida para guerra santa, a Cruzada proclamada a quase todos os inimigos. A Cruzada deixava aos poucos de ser o que fora originalmente: a sagrada viagem a Jerusalém.¹¹²

Até o século XIII, essas foram as principais discontinuidades que surgiram no conceito de Cruzada. Com isso, torna-se necessário demonstrar o outro lado, ou seja, as permanências que chegaram até o século XIII.

Desde a consolidação da Cruzada, o protagonismo pontifício era uma exigência fundamental, pois essa era uma guerra em nome de Cristo. A partir do século XII, os cristãos que obedeciam ao Papado acreditavam que Jesus havia instituído o Papa como Seu representante terreno (*vicarius Christi*), e uma campanha com o aval do pontífice era como se o próprio Cristo a conduzisse. Mais tarde, a tomada de Acre (1291), último baluarte cristão na Terra Santa, marcou o fim das grandes expedições militares dirigidas pelos cristãos europeus na Palestina.

Por sua vez, a Península Ibérica, que desde o século VIII estava envolvida em uma sangrenta luta que envolvia cristãos e muçulmanos pelo seu controle, teve o componente religioso consolidado nos ideais do guerreiro cristão somente no século XI (Reconquista).

Quando o Papa Pascoal II (1099-1118) assimilou (em 1102) espiritualmente a Reconquista às Cruzadas na Terra Santa e proibiu aos hispânicos combaterem na Palestina, o pontífice proclamou que as indulgências poderiam ser ganhas na própria Hispânia, pois se

¹¹⁰ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “La idea de cruzada en el Liber de passagio de Ramón Llul”, p. 57.

¹¹¹ LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 98.

¹¹² ROUSSET, Paul. *História das Cruzadas*, p. 191.

tratava de uma guerra santa na qual aqueles que pereciam tinham o Paraíso garantido.¹¹³ A Península Ibérica proporcionava a reunião das ideias de “paz (luta no exterior da Cristandade), de guerra santa (engrandecimento da Igreja em terra anteriormente cristã) e de peregrinação (corpo santo apostólico em Santiago de Compostela)”.¹¹⁴ Surpreendentemente, alguns cristãos ibéricos consideravam que a guerra de Reconquista contra os mouros tinha um valor maior se comparada ao combate na Terra Santa: por exemplo, para o rei aragonês Jaume I, o *Conquistador* (1208-1276):

“(...) se fôssemos ao Ultramar [Terra Santa], não faríamos nem um terço de tão grande mercê como faremos em defender o que Deus deu ao rei de Castela e a nós, pois isso é coisa que pode nos causar afronta e dano, já que se ele perder o que é seu, nós poderíamos também perder o que é nosso”¹¹⁵

Antes mesmo do discurso do Papa Urbano II que pregava a Primeira Cruzada no Oriente (1095), um pontífice anterior, Alexandre II (1061-1073), havia concedido, em 1063, indulgências para os cavaleiros que fossem combater os muçulmanos na Hispânia em nome de Cristo. A difusão da mentalidade de cruzada em terras hispânicas foi causada em parte pela atuação da abadia francesa de Cluny (apoiada pelo Papado), pela imigração de cavaleiros franceses e pela atuação das ordens militares-religiosas de cavalaria, especialmente os Templários e Hospitalários. O recrudescimento da guerra contra os muçulmanos após as invasões dos almorávidas (1086) e dos almôadas (1146) também ajudou a consolidar a “ideia de cruzada” na Península Ibérica.¹¹⁶

A partir do século XII, os cristãos ibéricos organizaram suas próprias ordens militares-religiosas na Península. Em Castela, por exemplo, as Ordens de Alcântara (1156), Calatrava (1157) e Santiago (1170) surgiram como suas principais representantes. Essas ordens militares foram as principais responsáveis pela permanência desse novo ideal cavaleiresco, pois o monge-guerreiro, cavaleiro das ordens militares, era o mais fervoroso

¹¹³ RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 217 e 290.

¹¹⁴ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros. Feudo-Clericalismo e Religiosidade em Castela Medieval*. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 161.

¹¹⁵ LIVRO DOS FEITOS. Jaume I de Aragão. Tradução de Luciano José Vianna e Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, Cap. 388, p. 370.

¹¹⁶ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 89-97.

dos combatentes cristãos, já que lutava contra o “infiel” em tempo integral. As ordens sintetizavam as perspectivas sociais e espirituais do processo cruzadístico.¹¹⁷

Após o século XIV, outras descontinuidades fundamentais apareceram no conceito de cruzada. Começamos novamente pelas rupturas que apareceram até o século XVI, momento em que focalizamos o conceito aplicado na Conquista da América.

Diferentemente dos empreendimentos cruzadísticos realizados pelos cristãos contra os muçulmanos na Baixa Idade Média, a Cruzada assumiu, a partir do século XV, uma feição nova, dirigida independentemente pelo reino cristão interessado. Não era mais aquela união de grande parte da Cristandade, com intensa participação popular. Nesse momento, a Cruzada se diferenciou de seu sentido original, aquela expedição que, inicialmente, não era realizada por reis (nenhum monarca tomou a cruz em 1096), mas pelo pontífice e pelos povos.¹¹⁸

É necessário salientar outra característica, fundamental, de recuperação da Terra Santa aos muçulmanos que a Cruzada apresentava. Evidentemente a Conquista da América não demonstrava essa peculiaridade, pois não existia nenhum sentido de reconquista de uma terra que fora cristã anteriormente, ou mesmo onde viveu Jesus Cristo (Palestina).

Logicamente também não existia na Conquista do Novo Mundo a mesma dicotomização total (luz ou trevas) das duas concepções religiosas (Islamismo e Cristianismo), cada uma em busca de sua supremacia, o que foi uma característica fundamental da mentalidade de cruzada medieval. Mas nem mesmo a visão dicotômica em si pode ser transferida para nosso estudo específico sobre a conquista de México-Tenochtitlán, pois somente o lado cristão almejava à totalidade. O cristianismo aspira um universalismo e, desse modo, é intolerante.¹¹⁹ Por outro lado, a religião dos mexicas permitia a introdução de novas divindades, como os deuses dos inimigos vencidos.¹²⁰

¹¹⁷ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros*, p. 179.

¹¹⁸ ROUSSET, Paul. *História das Cruzadas*, p. 15.

¹¹⁹ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*, p. 102.

¹²⁰ SOUSTELLE, Jacques. *A Civilização Asteca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 63.

Por fim, devemos apontar as principais continuidades existentes no conceito de Cruzada entre os séculos XIII e XVI.

Os reinos cristãos ibéricos, nascidos e consolidados durante a guerra contra o invasor maometano, eram regiões da Europa cristã onde a mentalidade de cruzada estava mais presente no pensamento de seus combatentes. Durante a Reconquista da Hispânia, várias foram as campanhas militares desses reinos nas quais o espírito cruzadístico era manifestado.¹²¹ A tomada de Maiorca (1229), por exemplo, também foi considerada uma Cruzada.¹²² O Bispo de Barcelona, presente no acampamento do rei Jaume I de Aragão, fez um sermão de forte cunho cruzadístico:

*“Este feito em que nosso senhor rei e vós estais, é obra de Deus, não nossa. Logo, deveis fazer esta conta: aqueles que neste feito receberem a morte, a receberão de Nosso Senhor, e terão o Paraíso, onde terão a glória perdurável por todos os tempos; aqueles que viverem terão honra e valor em suas vidas e bom fim em suas mortes. Assim, barões, confortai-vos com Deus, porque o rei, vosso senhor, nós e vós, desejamos destruir aqueles que renegam o nome de Jesus Cristo. Todos os homens devem pensar, e podem, que Deus e Sua Mãe não se separarão de nós hoje, pelo contrário, nos darão a vitória. Portanto, deveis ter bom coração, pois assim vencerão tudo, já que a batalha deve ser hoje. Confortai-vos e alegrai-vos bem, pois vamos com um senhor bom e natural, e Deus, que está acima dele e de nós, ajudar-nos-á”*¹²³

Por sua vez, em seu *Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa* (1305), o filósofo catalão Ramon Llull (1232-1316) propôs além da Reconquista da Península Ibérica aos mouros, a recuperação da Terra Santa, uma *crux ultramarina*:

“Depois de conquistada a Andaluzia, o rei guerreiro, com seu exército aumentado, primeiramente poderia passar à Berbéria Maior, primeiro ao reino de Ceuta, que se encontra somente a três milhas por mar. Neste momento, tal como foi dito, conquistaria uma vila após outra, até a

¹²¹ COSTA, Ricardo da. “Amor e Crime, Castigo e Redenção na Glória da Cruzada de Reconquista: Afonso VIII de Castela nas batalhas de Alarcos (1195) e Las Navas de Tolosa (1212)”. In: OLIVEIRA, Marco A. M. de (org.). *Guerras e Imigrações*. Campo Grande: Editoria da UFMS, 2004, p. 73-94.

¹²² VIANNA, Luciano José. “A reconquista no Livro dos Feitos (c. 1252-1274) de Jaime I (1208-1276)”. In: VI Semana de Estudos Medievais - Programa de Estudos Medievais (PEM), 2007, v. 1, p. 447-454.

¹²³ LIVRO DOS FEITOS. Jaume I de Aragão. Tradução de Luciano José Vianna e Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, Cap. 62, p. 113.

*fronteira, e assim avançaria até Tunis. Fortificaria e defenderia as fortalezas, e então poderia fazer guerra contra os sarracenos em terra plana. Assim, o rei guerreiro poderia chegar à Terra Santa de Jerusalém e conquistar todo o reino do Egito, tal como ordenaremos a seguir*¹²⁴

Essa mentalidade religiosa-cruzadística foi um dos últimos, senão o último resquício medieval, legado direto deixado principalmente pelas ordens militares. De fato, foi somente no fim do século XV que os “Reis Católicos” acabaram por anexar à Coroa os mestrados das principais ordens: Calatrava (1486), Alcântara e Santiago (1492), tendo a bula definitiva sido expedida em 1493.¹²⁵

Em 1479, Fernando, o *Católico* (1479-1516), e Isabel, a *Católica* (1474-1504), haviam recebido para a reconquista de Granada o apoio pontifício na Bula *Nuper Siquidem*, de Sixto IV (1471-1484), mas foi com a Bula *Ortodoxe Fidei* (1483),¹²⁶ que os poderes soberanos conseguiram maiores privilégios (econômicos e espirituais) para a campanha:

*“Nós [o Papado], com autoridade de Deus todo-poderoso, (...) exortamos, solicitamos (...) a todos os fiéis cristãos, principalmente da ‘Nação espanhola’, para que ajudem corajosamente e de modo permanente com seus recursos e pessoas (...) os mesmos Rei e Rainha a combaterem os ditos sarracenos e a reconquistarem o dito reino de Granada, e a manterem o entusiasmo da dita fé. (...) Pela glória do seu nome e pela derrota dos mesmos sarracenos, não temam expor-se aos perigos da morte, obedecendo as ordens dos mesmos Rei e Rainha, merecendo receber por isso os prêmios da vida eterna*¹²⁷

Desde a Baixa Idade Média, os papas lançavam bulas que contribuía significativamente para financiar as atividades bélicas dos governantes ibéricos na Reconquista. A partir do século XII e, mais tarde, com a ampliação imposta pelo IV Concílio de Latrão, a Reconquista foi equiparada à Cruzada na Terra Santa. No fim do

¹²⁴ LÚLIO, Raimundo. *Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa*. In: Raimundo Lúlio e as Cruzadas. Tradução dos textos latinos Waldomiro Altoé, tradução do texto catalão Elaine Ventorim e Ricardo da Costa. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, p. 73-75.

¹²⁵ RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*, p. 299.

¹²⁶ “Dispondo-se [Fernando e Isabel] (...), aconselhados também por Nós [o Papado], a iniciar o cerco ao reino de Granada, que os pérfidos sarracenos ocupam, planejando tudo com confiança, e contando com a ajuda do Altíssimo, uma vez pacificados todos os reinos da Espanha, conseguirão a desejada vitória e a tomada do reino de Granada – que por tantas vezes seus predecessores tentaram com todo o empenho” – SIXTO IV. *Bula Orthodoxe Fidei*. 10 de agosto de 1483. In: SUESS, Paulo. (org.). *A Conquista Espiritual da América Espanhola: 200 documentos, século XVI*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 233.

¹²⁷ SIXTO IV. *Bula Orthodoxe Fidei*. 10 de agosto de 1483. In: SUESS, Paulo. (org.). *A Conquista Espiritual da América Espanhola: 200 documentos, século XVI*, p. 233.

século XV, a citada Bula *Ortodoxe Fidei* exprimia essa característica: “[que seja oferecida] a remissão de todos os seus pecados e a indulgência como foi costume ser dada pelos Nossos Predecessores aos que partiram para reforço [dos combatentes] na Terra Santa”.¹²⁸

Durante a fase final da Reconquista cristã da Península Ibérica (“Guerra de Granada” [1482-1492]), ainda foi possível encontrar na mentalidade ibérica o velho ideal de cruzada.¹²⁹ A rendição de Granada foi relatada por uma testemunha ocular, Bernardo del Rei, que identificou vários componentes religiosos de cariz cruzadístico:

“Ao se aproximarem as pessoas do castelo, um religioso tomou uma cruz e subiu à torre mais alta (...) E, erguida a Cruz bem alto, todos cantaram em unísono ‘O crux ave spes unica’. O irmão do conde de Cifuentes trazia nas mãos o estandarte de São Tiago e o estandarte real, e por três vezes os estandartes foram inclinados diante da Cruz. Ao término do hino, um arauto do Rei ergueu-se na referida torre e gritou três vezes: ‘Santiago, Granada e Castela’. (...) Depois, soaram as trombetas e crepitaram as salvas de bombardas, na presença do Rei e da Rainha, que, cercados pela multidão e pelo clero, ajoelhadas e de mãos postas, renderam graças a Deus, cantando o Te Deum laudamus”¹³⁰

Não só a Hispânia, mas também outras regiões europeias manifestaram um espírito cruzadístico, seja em campanhas ofensivas ou defensivas conduzidas pelos cristãos. Apoiados pela Ordem Teutônica, os alemães realizaram no Báltico a famosa *Drang Nach Osten* (“Marcha para o Leste”) contra os eslavos, ao mesmo tempo em que, no mar Mediterrâneo, os hospitalários, sem sucessos militares contra os muçulmanos, retiravam-se para as ilhas de Chipre (1291), Rodes (1309) e Malta (1530).¹³¹ A união de cristãos europeus em grandes campanhas de cunho cruzadístico ainda existia, embora seu caráter

¹²⁸ *Ibidem*, p. 234.

¹²⁹ Bernand Vicent identificou algumas características da mentalidade de cruzada na última fase da Reconquista: a bula recebida pelos “Reis Católicos”; o clima de exaltação religiosa que emana das crônicas da época; a missa celebrada pelos membros da vanguarda do exército; o erguimento da cruz no topo da colina do Alhambra; a invocação de Santiago Matamoros; o *Te Deum* cantando pelos presentes; a procissão final; e o clero onipresente – VICENT, Bernand. *1492: Descoberta ou invasão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p. 19.

¹³⁰ BERNARDO DEL REI. In: Miguel Garrido Atienza. *Las capitulaciones para la entrega de Granada*. Granada: 1910, p. 314-315. *Apud* VICENT, Bernand. *1492: Descoberta ou invasão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p. 15-16.

¹³¹ A ilha de Malta foi cedida pelo Imperador Carlos V em 1530, depois que os hospitalários foram expulsos de Rodes, em 1522, pelos turcos. Em Malta, os cavaleiros permaneceram até 1798, quando a ilha foi conquistada pelos franceses comandados por Napoleão Bonaparte (1769-1821).

fosse, a partir do século XIV, defensivo: em Nicópolis (1396) e Varna (1444) procurando deter o avanço otomano nos Bálcãs, assim como em Lepanto (1571) e, mais tarde, em Viena (1683), a última grande investida.¹³²

Paralelamente, os cristãos europeus ainda continuavam sua luta contra os muçulmanos, seja no norte da África ou no Mediterrâneo, principalmente frente aos turcos. Na realidade, os otomanos substituíram os árabes e, depois de derrotá-los, lançaram-se numa nova *jihad* durante o fim da Idade Média e ao longo dos séculos XVI-XVII. As campanhas de Filipe II (1556-1598) e a batalha de Lepanto devem ser entendidas como um “freio à segunda expansão do Islã”.¹³³

Tanto os monarcas de Hernán Cortés – “Reis Católicos” e Carlos V – quanto o almirante Cristóvão Colombo, compartilhavam o mesmo sonho da antiga *crux ultramarina*: a reconquista da Terra Santa, especialmente a cidade sagrada de Jerusalém.

Apesar do IV Concílio de Latrão no século XIII ter modificado o sentido original de Cruzada, o sonho de uma verdadeira cruzada (*crux ultramarina*) não havia desaparecido. Por mais de três séculos, praticamente nenhum reino europeu deixou de fazer em algum momento o fervoroso voto de tomar a cruz.¹³⁴ Por exemplo, durante a “Guerra dos Cem Anos” (1337-1453), o rei Henrique V (1413-1422) da Inglaterra, agonizante em Paris (1422), interrompeu o padre que lhe oferecia os últimos sacramentos para pronunciar: “*Benigne fac, Domine, in bona voluntate tua Sion, ut aedificentur muri Jerusalem*”, e manifestou o desejo de conquistar Jerusalém após restabelecer a paz em França “se provesse a Deus, seu Criador, que ele vivesse até uma idade propecta”.¹³⁵

Ainda no século XV, o Papa Pio II (1458-1464) enviou pregadores (franciscanos, principalmente) pela Europa, com o intuito de convencer os monarcas e comover as multidões a tomarem a cruz. No entanto, a tentativa não obteve o apoio necessário e malogrou. O jurista Juan López de Palácios Rubios (1450-1524), homem que viveu numa época de transição (entre o Medievo e a Renascença), comentou o esforço do pontífice:

¹³² DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*, Vol. II, p. 09.

¹³³ FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências – séculos XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 22.

¹³⁴ RUNCIMAN Steven. *História das Cruzadas III - O Reino de Acre e as Últimas Cruzadas*. São Paulo: Imago, 2003, Vol. III, p. 406.

¹³⁵ HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Lousa: Editora Ulisseia, s/d, p. 99.

“O último [dos papas a pregar a Cruzada] foi Pio II, quem enviando pelo o orbe inteiro vários mensageiros, impeliu a todas as ‘nações’ à destruição dos turcos e se preparou esplendidamente quando era necessário para a guerra [Cruzada]; mas ao se dirigir a Ancona, com vontade de seguir até a Grécia, morreu prematuramente, sem poder levar ao fim seu plano, pois Deus, como penso, já estava ofendido pelos nossos pecados”¹³⁶

Na Hispânia, intitulados pelo Papa hispânico Alexandre VI em 1496 com o epíteto de “Reis Católicos”, Fernando e Isabel também sonhavam conduzir uma Cruzada para conquistar Jerusalém, controlada pelos mamelucos. No início do século XVI, o rei Fernando estava,

“propenso em conduzir esta empresa [a reconquista de Jerusalém] e que empregaria o resto de sua vida neste santa expedição, como eu ouvi muitas vezes de seus próprios lábios. E com razão; pois existe algo mais piedoso? Existe algo mais glorioso que devolver a liberdade a alguns cristãos que vivem submetidos ao miserável jugo dos bárbaros e estender na medida de nossas forças, a religião e o nome de Cristo? Que coisa mais santa e justa que arrebatado das mãos dos infiéis a pátria do Nosso Salvador e devolvermos para sempre Seu santíssimo sepulcro, tanto tempo possuído por esses cães?”¹³⁷

Este empreendimento, segundo argumentou Cristóvão Colombo, seria possível com os recursos que o genovês conseguiria em sua expedição ao Oriente.¹³⁸ Na *Carta ao Papa Alexandre VI* (fevereiro de 1502), documento que nunca chegou às mãos do pontífice, o

¹³⁶ “El último de todos fué Pío II, quién enviando por el orbe entero vários mensageiros, impelió a todas las naciones a la destrucción de los Turcos y preparó espléndidamente cuando era necesario para la guerra; mas al dirigirse a Ancona, con ánimo de pasar a Grecia, fue arrebatado por prematura muerte, sin haber podido llevar a término su intento, pues Dios, a lo que pienso, estaba ya ofendido por nuestros crímenes” – PALACIOS RUBIOS, Juan López de. *De las Islas del mar Océano*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1954, p. 63.

¹³⁷ “inclinado con todo empeño a esta empresa y como se dispone a emplear el resto de su vida en tan santa expedición, según lo he oído muchas veces de sus propios labios. Y con razón; pues ¿hay nada más piedoso? ¿Hay nada más glorioso que devolver su libertad a unos Cristianos que viven sometidos al miserable yugo de los bárbaros y extender en la medida de nuestras fuerzas, la religión y el nombre de Cristo? ¿Qué cosa más santa y justa que arrebatado de manos infieles la patria de nuestro Salvador y devolvermos para siempre su santísimo sepulcro, tanto tiempo detentado por esos perros?” – PALACIOS RUBIOS, Juan López de. *De las Islas del mar Océano*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1954, p. 62.

¹³⁸ Cristóvão Colombo em 1492 “assinara doravante *Christo ferens*, usando a etimologia de seu nome – aquele que traz o Cristo” – BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 164.

almirante detalha seu plano de como seria a conquista de Jerusalém. A expansão da fé cristã é mais importante para Colombo do que a busca pelo ouro:¹³⁹

*“Esta empresa foi feita no intuito de empregar o que dela se obtivesse na devolução da Terra Santa à Santa Igreja. Depois de ali ter estado e visto a terra, escrevi ao Rei e à Rainha, meus senhores, dizendo-lhes que dentro de sete anos disporia de cinqüenta mil homens a pé e cinco mil cavaleiros, para a conquista da Terra Santa e, durante os cinco anos seguintes, mais cinqüenta mil pedestres e outros cinco mil cavaleiros, o que totalizaria dez mil cavaleiros e cem mil pedestres para a dita conquista”*¹⁴⁰

Assim como os “Reis Católicos”, o Imperador Carlos V também desejava uma Cruzada na Terra Santa para expulsar os turcos otomanos que ocupavam, desde 1516, a Palestina. Entretanto, devido conflitos religiosos, principalmente contra os protestantes na Europa central, suas tropas nunca partiram, apesar de Carlos confessar em 1536: “*minha intenção não é guerrear contra os Cristãos, mas contra os Infiéis*”.¹⁴¹

Nessa época, a palavra Ultramar, termo que significava na Idade Média as “Terras de Ultramar”, mais precisamente a Terra Santa e a cidade de Jerusalém, passou a designar os territórios do Novo Mundo, a nova fronteira de combate do Ocidente cristão.¹⁴²

As causas que fomentaram o processo das Cruzadas no Oriente também são indicadas por fatores sócio-econômicos e políticos, como o crescimento demográfico, ambição econômica das cidades itálicas (Gênova e Veneza, principalmente), e política do Papado de unir os reinos cristãos. No entanto, como observa Jacques Le Goff, todos esses motivos não explicam tudo,¹⁴³ pois devemos acrescentar a *mentalidade religiosa*, de fato o motivo mais importante: nosso *objeto de pesquisa*.

Perceber nas origens das Cruzadas na Palestina, na Hispânia e mesmo no Báltico apenas motivos econômicos é logicamente uma simplificação. Não se pode excluir o papel, fundamental, do ideal de cruzada, nem esquecer o estudo das mentalidades coletivas que

¹³⁹ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*, p. 11.

¹⁴⁰ COLOMBO, Cristóvão. *Carta ao Papa Alexandre VI* (fevereiro 1502). *Apud* TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 11.

¹⁴¹ *Apud* BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 217.

¹⁴² TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, UNAM, FFyL, 2004, p. 192.

¹⁴³ LE GOFF, Jacques. *As mentalidades: Uma história ambígua*, In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs.). *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 69.

sozinhas esclarecem a magnitude dos empreendimentos e permanência de algumas perspectivas.¹⁴⁴

A mesma fórmula pode ser aplicada em relação à expansão européia que culminou com a “descoberta” da América e sua posterior Conquista. Neste sentido, não só o fator econômico foi determinante (acumulação de metais preciosos), mas, também, a iniciativa de expansão do cristianismo. Certamente a mentalidade européia que rumou ao Novo Mundo se manteve atrelada a dois principais objetivos, que Jérôme Baschet resumiu da seguinte maneira: um material (do qual o ouro é o símbolo) e outro espiritual (evangelização); ou, ainda, um político (a glória do rei) e outro religioso (a glória de Deus).¹⁴⁵

O tripé básico que supostamente impulsionou os conquistadores – “*Oro, Gloria y Evangelio*” – não surgiu no fim da Idade Média, muito menos na Renascença.¹⁴⁶ Em relação à busca pela glória (fama), desde a Reconquista os triunfos alcançados por sucessivas gerações cristãs contra o inimigo tradicional (o “infiel”) produziram a glorificação do guerreiro, principalmente do *miles Christi* (“cavaleiro de Cristo”). Os combates individuais eram freqüentes nessas lutas e o vencedor adquiria fama e enriquecimento rápido com o butim.¹⁴⁷

O “soldado-cronista” Bernal Díaz del Castillo resumiu esse duplo desejo ao afirmar que muitos conquistadores “*morreram daquela forma cruelíssima por servir a Deus e a Sua Majestade, (...) e também para conseguir as riquezas que todos os homens geralmente vinham buscar*”.¹⁴⁸ A ideia de “*servir a Deus e a Sua Majestade*” ainda ressalta o componente religioso, pois essa perspectiva era central na filosofia política hispânica: “*devia-se obediência ao rei não por ser rei, mas por ser ministro de Deus*”.¹⁴⁹

¹⁴⁴ HEERS, Jacques. *História Medieval*, p. 161.

¹⁴⁵ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*, p. 29.

¹⁴⁶ Discordamos da caracterização feita por Manoel Alcalá de que a busca pela fama era um traço renascentista: “*Otro móvil renacentista – el mismo que mueve a Don Quijote –, la fama, mueve a Cortés*” – ALCALÁ, Manoel. *Nota preliminar*. In: CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. XVII.

¹⁴⁷ LEONARD, Irving. *Los libros del conquistador*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2006, p. 62.

¹⁴⁸ “*murieron aquella crudelísima muerte por servir a Dios y a Su Majestad, (...) y también por haber riquezas, que todos os hombres comúnmente venimos a buscar*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 210, p. 584.

¹⁴⁹ MADARIAGA, Salvador de. *Hernán Cortés*. São Paulo: IBRASA – Instituição brasileira de difusão cultural S. A., 1961, p. 95.

Em 1493, a Bula *Inter Cætera* do Papa Alexandre VI, ao conceder a doação pontifícia, garantiu aos “Reis Católicos” os direitos de invasão das terras recém “descobertas” e sua conseqüente evangelização. Pode-se dizer que, de certa forma e em certa medida, a *Inter Cætera* detinha em seu princípio a legitimação das antigas bulas que, anteriormente, levaram às Cruzadas tanto na Europa quanto no Oriente. A Cruzada foi um componente integrador e galvanizador da Cristandade ao serviço dos interesses do pontífice. Desde a Idade Média, Cruzada e Papado compunham uma unidade inseparável.¹⁵⁰ O Papa Alexandre VI, por exemplo, proclamou:

“que seja exaltada principalmente na nossa época, e em toda a parte se espalhe e se dilate a fé católica e a religião cristã, se cuide da salvação das almas, (e) se abatam as nações bárbaras e sejam reduzidas à mesma fé”.¹⁵¹

Assim, após todas essas considerações, definimos com o termo “cruzada” o plano mental (guerra-religião) da Conquista da América, ou seja, os conquistadores lutavam sob uma mentalidade de cruzada, apoiados pelo aval da Igreja (Bula *Inter Cætera*, 1493).¹⁵² Por outro lado, embora tenha havido a sanção do Papa à Conquista do Novo Mundo por parte de Alexandre VI, como obviamente seus participantes não viam sua expedição como uma peregrinação (sentido inicial da cruzada) – e muito menos tinham a ideia de proteger lugares sagrados e/ou peregrinos – a perspectiva de cruzada precisa ser reavaliada.

Decidimos utilizar o termo “cruzada” em uma forma matizada, com as devidas particularidades da ideia, ou seja, as tradições recebidas da mentalidade cruzadística medieval, bem como a originalidade da noção quando foi aplicada na Conquista da América. Certas diferenças são evidentes como a ausência do aspecto peregrinação e da recuperação da Terra Santa, no entanto, muitas semelhanças serão notadas, pois na

¹⁵⁰DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “La idea de cruzada en el Liber de passagio de Ramón Llul”. In: *Patristica et Mediaevalia* 25 (2004), p. 56.

¹⁵¹ALEXANDRE VI. *Bula Inter Cætera*, 4 de maio de 1493. In: SUESS, Paulo. (org.). *A Conquista Espiritual da América Espanhol: 200 documentos, século XVI*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 248.

¹⁵² Como nos adverte Luis Weckmann, erroneamente a Bula *Inter Cætera* tem sido entendida como um documento que desde o início fez a doação do continente americano aos ibéricos. Na realidade, “las Bulas son, por decirlo así, documentos preamericanos o pseudoasiáticos; no tienen, en el momento de su emisión y en la mente de su promulgador, el Papa, nada que ver con ‘América’ tal y como hoy conocemos (...) Las bulas del papa Alejandro VI se refieren a ciertas islas frente a la costa de la India y no a nuestro continente” – WECKMANN, Luis. *Constantino el Grand y Cristóbal Colón. Estudio de la supremacia papal sobre islas, 1091-1493*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 200. Ainda na época da expedição de Cortés (1519-1521), por exemplo, os “espanhóis” acreditavam que a Península do Yucatán era uma ilha.

Conquista do Novo Mundo o pano de fundo foi a expansão da fé cristã, onde a guerra com cariz religioso atuou decisivamente no processo.

Na Conquista da América, mais especificamente em nosso estudo sobre a expedição de Cortés contra os mexicas, veremos que, apesar das diferenças existentes com a verdadeira cruzada, em muitos aspectos o conquistador se aproximava do cruzado: o recebimento de indulgências, garantia de salvação; o aval do Papado (Bula *Inter Cætera*, 1493); o discurso de lutar por Deus; forma extremamente belicista de encarar a guerra; a esperança escatológica (retorno iminente de Cristo [*Parusia*]); os estandartes religiosos carregados; a invocação de santos militares e a suposta “aparições” destes – o “maravilhoso cristão”; a demonização dos inimigos (visão dualista do mundo); a participação das ordens religiosas; a conversão religiosa; a benção dos guerreiros; etc.

Dessa forma, compreendemos a Conquista do Novo Mundo como uma *guerra justa* (empresada por uma causa justa); uma *guerra sacralizada* (presença de bandeiras eclesiásticas e de clérigos); e uma *guerra santificada* (pregada e defendida por uma autoridade eclesiástica, o Papa, através da Bula *Inter Cætera*). Somada às recompensas espirituais e materiais, também a classificamos como uma *guerra santa*.¹⁵³

A mentalidade de cruzada, perspectiva consolidada no pensamento cristão ocidental nos séculos XI-XII, também motivou, em parte, a conquista de México-Tenochtitlán pelos “espanhóis”. A primeira geração de conquistadores se forjou na experiência histórica da Reconquista e da “Guerra de Granada”. O conquistador se assemelhava ao cavaleiro artúrico e ao cruzado, pois estendia uma *pax universal* ao mesmo tempo em que conduzia uma evangelização.¹⁵⁴

O espírito de cruzada que impulsionava os “espanhóis” era expresso nas crônicas da época, que assinalavam a equivalência entre o combate contra os muçulmanos e a luta contra os índios. O famoso cronista Gonzalo Fernández de Oviedo (1478-1557) declarou em sua *Historia general y natural de las Índias* (1535): “*quem pode negar que usar pólvora contra os pagãos [índios] é oferecer incenso a Nosso Senhor?*”¹⁵⁵ Mais tarde, o

¹⁵³ FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*, p. 90.

¹⁵⁴ FERNÁNDEZ, Fernando Carmona. “Conquistadores, utopia y libros de caballería”. *Revista de Filología Románica*, nº 10, Universidade Complutense, Madrid, 1993, p. 13.

¹⁵⁵ FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Historia general y natural de las Índias, islas y Tierra firme del Mar Oceano*. Madrid: Biblioteca de Autores Españoles: 1959, *Apud* TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 148.

cronista Francisco López de Gómara, capelão de Cortés no fim da vida do conquistador, demonstrou claramente esse pensamento em sua *Historia General de las Índias* (1552):

“(…) desde que foi terminada a conquista sobre os mouros, que durou mais de oitocentos anos [tomada de Granada, 1492], começou a dos índios, de modo que os espanhóis sempre lutaram contra infiéis e inimigos da santa fé de Jesus Cristo”¹⁵⁶

Para os ibéricos, este sentimento não morreu (em 1492) com a tomada de Granada, mas se estendeu, neste mesmo ano, geograficamente até a América. Os “espanhóis” tinham a impressão de poder prosseguir além-mar a missão divina vitoriosa na Península Ibérica, ou seja, a Conquista em seguimento à Reconquista.¹⁵⁷ Foi exatamente na Hispânia que o ideal de cruzada resistiu por mais tempo, devido, fundamentalmente, à presença de muçulmanos como inimigos dos cristãos ibéricos por quase oito séculos.

¹⁵⁶ “(…) al acabarse la conquista de los moros, que ha durado más de ochocientos años, comenzó la de los indios, para que siempre peleasen los españoles con infieles y enemigos de la santa fe de Jesucristo” – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Índias (Primera Parte)*. Barcelona: Editorial Ibérica, Obras Maestras, 1954, p. 32.

¹⁵⁷ RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 211.

4. A EVOLUÇÃO TÉCNICO-MENTAL DA GUERRA NO FINAL DA IDADE MÉDIA

Durante a Idade Média, várias inovações introduzidas na *arte da guerra* possibilitaram uma vantagem no campo de batalha. A guerra sempre evoluiu de acordo com os interesses de seus participantes, tanto na utilização de novas tecnologias como a pólvora quanto no emprego de novas ideologias como a cruzada.

Na Península Ibérica medieval, foi a batalha de Salado (1340) uma das últimas vezes que assistimos a guerra ser travada sem os determinantes técnicos e econômicos que a época moderna consagrou.¹⁵⁸ Essa evolução técnico-mental alterou a forma de encarar a guerra, que passou a servir como instrumento de trabalho a todos os fabricantes de armas e armaduras.¹⁵⁹

Os ideais cavaleirescos e cruzadísticos, tão bem sintetizados pelas ordens militares, principalmente pelas hierosolimitanas, foram amplamente manifestados no campo de batalha da Idade Média Central (sécs. XI-XIII). No entanto, o limiar do século XIV marcou o início de uma nova época, em que o uso da besta e do canhão ofuscou os ideais cavaleirescos. As novas formas de combate também contribuíram para que o deslumbre pela cavalaria enquanto *modus vivendi* da nobreza gradualmente perdesse espaço.¹⁶⁰

A partir do século XIV, a guerra montada entre homens pesadamente armados e encouraçados, travada na crença de que recuar do golpe na linha de frente era uma afronta, revelou sinais de desgaste, como as batalhas de Crécy (1346), Poitiers (1356) e Agincourt (1415) na “Guerra dos Cem Anos” atestaram. A decadência do modo cavaleiresco de combater teve um causa externa: a chegada da pólvora.¹⁶¹

Quanto aos progressos técnicos, o canhão apareceu por volta de 1314 ou 1319 na Flandres.¹⁶² Contudo, era um instrumento ainda primitivo, tão perigoso para aquele que o manjava como para o inimigo. Ainda no século XIV, surgiram as primeiras “bengalas de

¹⁵⁸ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 234.

¹⁵⁹ RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*, p. 241.

¹⁶⁰ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 234.

¹⁶¹ KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 384-385.

¹⁶² BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo nos séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, Vol. I, p. 352.

fogo” ou “canhões de mãos” que, mais tarde, foram aperfeiçoadas e, no século seguinte, passaram a serem conhecidas como “arcabuz”.¹⁶³

Apesar de introduzirem o uso da tecnologia da pólvora em suas práticas bélicas tradicionais, muitos europeus ainda estavam presos em um *ethos* que atribuía estatuto de guerreiro apenas aos cavaleiros e à infantaria preparada para manter-se firme, em posição, com armas em gume.¹⁶⁴ A luta à distância era algo vergonhoso. Muitos consideravam a besta e as armas de fogo maneiras covardes de guerrear, visto que a bravura, disciplina e honra dos cavaleiros de nada serviam. Com amargura, o poeta itálico Ludovico Ariosto (1474-1533) declarou sua impressão acerca do canhão:

*“Como foi que encontraste, ó invenção celerada e horrível,
Lugar num coração humano?
A glória militar é destruída por ti.
Por ti, o ofício das armas perdeu a honra.
Por ti, foram abolidos o valor e a coragem”*¹⁶⁵

A importância dessa tradição da luta frente a frente, corpo-a-corpo, “provocou a crise guerreira do século XVI”.¹⁶⁶ No entanto, ainda que existissem esses protestos da elite guerreira tradicional, ninguém podia mais ignorar que as armas de fogo vinham para ficar.

Na Hispânia, a anexação das principais ordens militares (Alcântara, Santiago e Avis) pela Coroa castelhana no fim do século XV fechou o ciclo de atuação direta das ordens no campo de batalha da Reconquista, já em processo de desfecho. Os “espanhóis” aceitaram com muito entusiasmo a lógica da tradição da pólvora, talvez porque eram eles que participavam da maioria dos combates na Europa, particularmente na Península Itálica, as “primeiras grandes guerras européias (1494-1529)”.¹⁶⁷ Nesse conflito, onde o canhão dominava sem discussão, a artilharia se tornou, de fato, um elemento importante no resultado das guerras.¹⁶⁸

No início do século XVI, a cavalaria quase não tinha mais mobilidade no campo de batalha, ao passo que a artilharia começou a intervir juntamente com as outras armas.

¹⁶³ DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1984, Vol I, p. 185-186.

¹⁶⁴ KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*, p. 421.

¹⁶⁵ *Apud* DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*, Vol I, p. 187.

¹⁶⁶ KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*, p. 423.

¹⁶⁷ CORVISIER, André. *História Moderna*. São Paulo: DIFEL, 1983, p. 108.

¹⁶⁸ BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo nos séculos XV-XVIII*, p. 351.

Exatamente na mesma época em que Hernán Cortés e os conquistadores penetravam no *Mundo Mexica*, Nicolau Maquiavel (1469-1527) assinalou em seu *A Arte da guerra* (1519-1520) as transformações bélicas do período. Em uma passagem, o florentino destacou a defasagem da cavalaria perante o emprego da artilharia:

*“Quanto aos cavaleiros, principalmente a cavalaria pesada, que se desloca com menor dispersão do que a cavalaria ligeira, e por ser mais alta oferece melhor alvo, pode-se admitir que a artilharia a mantenha na retaguarda”*¹⁶⁹

Especificamente sobre a Conquista da América, o arcabuz, a artilharia e as demais armas de fogo não foram tão decisivos nos combates se comparados ao emprego da espada, das armas defensivas ou do cavalo,¹⁷⁰ mas causaram uma forte impressão nos nativos. O “soldado-cronista” Bernal Díaz del Castillo, por exemplo, confiou sua segurança a Deus primeiramente e, depois, aos cavalos/cavaleiros: *“os cavaleiros eram tão competentes e lutavam tão bravamente que, depois de Deus, que é Quem nos protegia, eles foram nossa fortaleza”*.¹⁷¹

¹⁶⁹ MAQUIAVEL, Nicolau. *Escritos Políticos – A Arte da Guerra*. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 123.

¹⁷⁰ SALAS, Alberto M. *Las armas de la conquista de America*, p. 164.

¹⁷¹ *“los de a caballo estaban tan diestros y hacíanlo tan varonilmente que, después de Dios, que es el que nos guardaba, ellos fueron fortaleza”* – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 65, p. 112.

5. O COMPORTAMENTO CORTESIANO¹⁷²

“(…) como somos homens e temíamos a morte, não deixávamos de pensar nela, e como aquela terra é muito povoada, íamos sempre caminhando pequenas jornadas encomendando a Deus e a Sua Bendita Mãe Nossa Senhora, e comentando como e de que maneira poderíamos entrar [em Tenochtitlán]. E colocamos boa esperança em nossos corações, pois assim como Nosso Senhor Jesus Cristo nos protegeu dos perigos passados, Ele também nos protegeria do poder de México”¹⁷³

Bernal Díaz del Castillo, *Historia verdadera...*

A conquista de Cuba (1511), comandada por Diego Velázquez de Cuéllar (1465-1524), e tendo como participante Hernán Cortés, possibilitou aos “espanhóis” uma base de apoio para as futuras expedições ao oeste da ilha. Os primeiros contatos com a região mesoamericana foram efetuados pelas expedições de Francisco Hernández de Córdoba (1517) e Juan de Grijalva (1518). A Mesoamérica, particularmente o México central, tinha civilizações socialmente mais organizadas em comparação às que os espanhóis haviam encontrado nas Antilhas.¹⁷⁴ Estimativas recentes indicam que na época da chegada dos primeiros exploradores, o *México Antigo* contava com uma população que variava de 12 a 25 milhões de habitantes, cálculo que confere com a impressão sentida por Bernal Díaz no fragmento.¹⁷⁵

¹⁷² Definimos com o termo “cortesiano” a totalidade da tropa que efetuou a conquista de México-Tenochtitlán, e não somente a figura de seu líder, Hernán Cortés. Para Weckmann, seria mesmo adequado chamar de *huestes* (hostes) a tropa de conquistadores, já que foram um reflexo das forças assim chamadas que lutaram na Reconquista – WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica – Segunda edición revisada (El Colegio de México), 1994, p. 95.

¹⁷³ “(…) como somos hombres y temíamos la muerte, no dejábamos de pensar en ello, y como aquella tierra es muy poblada, íbamos siempre caminando muy chicas jornadas y encomendándonos a Dios y su bendita madre Nuestra Señora, y platicando cómo y de qué manera podíamos entrar, y pusimos en nuestros corazones, con buena esperanza, que pues Nuestro Señor Jesucristo fue servido guardamos de los peligros pasados, que también nos guardaría del poder de México” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 87, p. 158.

¹⁷⁴ “(…) y en el camino pasaron tres provincias, según los españoles dijeron, de muy hermosa tierra y de muchas villas y ciudades y otras poblaciones en mucha cantidad, y de tales y tan buenos edificios, que dicen que en España no podían ser mejores” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 56.

¹⁷⁵ LEÓN-PORTILLA, Miguel. *A Mesoamérica antes de 1519*. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999, Vol I, p. 52. Em termos comparativos, estima-se que a Espanha possuía entre 5 e 7 milhões de habitantes no início do século XVI. A Europa, sem o território da Rússia, contava com cerca de 60 milhões de habitantes nessa época – CORVISIER, André. *História Moderna*. São Paulo: DIFEL, 1983, p. 31.



Imagem disponível em: https://qed.princeton.edu/getfile.php?f=Aztec_Empire_c._1519.png

Com o fracasso das primeiras explorações à costa da Península do Yucatán (na época considerada uma ilha – *Isla de Santa María de los Remedios*), em 1519, Velázquez encarregou Cortés na organização de uma nova empreitada. Antes de receber as ordens oficiais, o capitão rumou ao desconhecido oeste com uma frota com cerca de dez navios e pouco mais de seiscentos homens. Os homens sobreviventes das expedições anteriores (1517 e 1518) formavam a “ossatura” da tropa, como, por exemplo, Bernal Díaz.¹⁷⁶

Foi nesse contexto que a expedição de Cortés desembarcou na Mesoamérica.¹⁷⁷ Após essa breve *contextualização histórica*, procuramos encontrar marcas da mentalidade de cruzada presente ao longo da expedição, um componente nas crônicas da época, como observamos no trecho retirado da *Historia verdadera*, por exemplo. Além disso, apresentamos como o comportamento cruzadístico foi matizado nesse novo contexto

¹⁷⁶ CHAUNU, Pierre. *Conquista e Exploração dos Novos Mundos (séc. XVI)*. São Paulo: Pioneira: EDUSP, 1984, p. 156.

¹⁷⁷ Uma excelente obra é SOUSTELLE, Jacques. *Os astecas na véspera da conquista espanhola – A vida cotidiana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

histórico. Para tanto, foi preciso seguir os passos da ação cortesiana e analisar seus comportamentos durante a campanha militar.

Evidentemente, tentamos escapar de uma postura determinista, que atribuiria toda atitude da tropa hispânica ao componente cruzadístico, uma vez que o comportamento dos conquistadores também estava pautado de acordo com a conjuntura que eles enfrentavam. Certamente, o contato com o “outro” imprimiu mudanças que modificaram o curso da expedição e da guerra.

Nas *Instrucciones* que Diego Velázquez repassou para Cortés em 23 de outubro de 1518, o componente religioso já aparece como um propulsor fundamental da Conquista:

*“Primeiramente, o principal motivo que vós e todos de sua companhia levarão, é que, nesta viagem Deus Nosso Senhor seja servido e louvado, e nossa santa fe católica ampliada”*¹⁷⁸

Uma indicação da presença de uma mentalidade de cruzada na atividade guerreira cristã pode ser constatada na atuação das ordens militares. Obviamente as principais ordens de Castela não participaram diretamente da Conquista, pois os “Reis Católicos” tinham anexado à Coroa seus mestrados desde o final do século XV: Calatrava (1486), Alcântara e Santiago (1492).

Inicialmente, dois religiosos acompanharam a expedição: o padre Juan Díaz (1480-1549), que havia sido capelão de Grijalva, e o frei Bartolomé de Olmedo, da Ordem de Nossa Senhora das Mercês, o capelão da tropa. A armada zarpu de Cuba, mas já era costume incluir clérigos a bordo, principalmente se expedição tivesse saído de Castela. A partir de 1516, vigorava uma lei que determinava a obrigatoriedade de incluir pelo menos um religioso nas empresas, proclamação de um édito do cardeal Gonzalo Jiménez de Cisneros (1436-1517).¹⁷⁹

A presença de religiosos nos exércitos não era um fato novo na tradição militar cristã ocidental. Desde 732, com o Concílio da Austrásia, permitiu-se aos clérigos acompanharem os exércitos francos como confessores e capelães, para carregarem as

¹⁷⁸ “*Primeramente, el principal motivo que vos e todos los de vuestra compañía habéis de llevar, es y ha de ser, que en este viaje sea Dios Nuestro Señor servido e alabado, e nuestra santa fe catolica ampliada*” – Apud ZAVALA, Silvio. *Las instituciones jurídicas en la conquista de América*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 229 e 231.

¹⁷⁹ PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 196.

reliquias e celebrarem as missas.¹⁸⁰ No entanto, a Igreja sempre condenou o porte de armas pelos religiosos, reprovação confirmada na Reforma Gregoriana (a partir do século XI),¹⁸¹ mas essa proibição não era, na prática, respeitada. Os exércitos da Primeira Cruzada, por exemplo, para espanto dos bizantinos, estavam repletos de padres-soldados armados.¹⁸²

Tal tradição, apesar da oposição inicial da Igreja, generalizou-se, pois no fim da Idade Média os próprios papas e bispos lideravam seus exércitos. No século XV, por exemplo, o cardeal Mendoza de Toledo lutou na batalha de Toro (1476) contra os portugueses, para assegurar o trono de Isabel, a *Católica*.¹⁸³

Durante o processo de Conquista da América, vários clérigos participaram diretamente das campanhas militares. Os religiosos procuravam exaltar os ânimos dos combatentes, pois, seguindo a tradição medieval, duas guerras eram travadas simultaneamente: a celeste e a terrestre. Desde a Baixa Idade Média, esse aspecto não era totalmente contraditório dentro do pensamento cristão, já que o clérigo era um combatente que, protegido pela armadura simbólica da batina e com armas espirituais (sacramentos, orações, exorcismos), lutava contra as trevas.¹⁸⁴

Registramos a participação de duas ordens religiosas na conquista de México-Tenochtitlán, em momentos distintos: a Ordem das Mercês desde 1519 e, a partir de 1520, a Ordem dos Franciscanos, representadas pelos seus respectivos clérigos. Primeiramente, chegaram Juan Díaz e o mercedário Bartolomé de Olmedo; depois, outro mercedário, Juan de las Varillas, e o franciscano Pedro de Melgajero.¹⁸⁵

A Ordem das Mercês era representada no Novo Mundo desde a segunda viagem de Colombo (1493). Em 1516, um ano após a Ordem receber do Papa Leão X (1513-1521) os mesmos privilégios das ordens mendicantes, o frei Bartolomé de Olmedo embarcou para Santo Domingo.¹⁸⁶ Nenhum documento registra precisamente quem, entre os dois clérigos

¹⁸⁰ FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*. Madrid: Editorial Trota, 2003, p. 57.

¹⁸¹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros. Feudo-Clericalismo e Religiosidade em Castela Medieval*. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 166-167.

¹⁸² RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, Vol I, p. 86.

¹⁸³ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros*, p. 166.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 222.

¹⁸⁵ RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1986, p. 82.

¹⁸⁶ LEÓN CÁZARES, María del Carmen. *Reforma o extinción: Un siglo de adaptaciones de la Orden de Nuestra Señora de la Merced en Nueva España*. México, D. F.: UNAM, 2004, p. 24.

– Olmedo e Díaz – ocupou o cargo de capelão da tropa. No entanto, a tradição da Ordem das Mercês, assim como a participação de outros mercedários como capelães de alguns conquistadores, indica que a ocupação dessa função por Olmedo não fosse surpresa.¹⁸⁷

Outra discussão gira em torno do objetivo da Ordem das Mercês na expedição. Uma explicação é que só o fato de que alguns “espanhóis” desaparecidos pudessem ser resgatados justifica a presença de um mercedário na tropa.¹⁸⁸ A razão disso é que tradicionalmente a Ordem tinha o propósito de libertar os cristãos escravizados pelos “infiéis”.

De fato, alguns cristãos viviam entre os nativos na Mesoamérica: “*o capitão soube que alguns espanhóis estavam há sete anos como cativos no Yucatán, em poder de certos caciques*”.¹⁸⁹ Logo no início da expedição, os conquistadores encontraram Gerônimo de Aguilar em Cozumel, que vivia (como escravo) na ilha; depois, tiveram notícias de outro desaparecido, Gonzalo Guerrero, que se encontrava entre os maias na costa do Yucatán. Ambos haviam sofrido um naufrágio em 1511, mas somente Aguilar decidiu se reintegrar ao mundo hispânico (imediatamente serviu como intérprete na tropa de Cortés), já que Guerrero enviou um recado dizendo que tinha filhos mestiços e era respeitado pela comunidade nativa.

As práticas religiosas desses clérigos no campo de batalha seguiam essencialmente a tradição empregada na guerra de Reconquista da Hispânia. A celebração da primeira missa, a colocação da primeira cruz, e o batismo do território eram responsabilidades desses clérigos. Além dessas tarefas, os religiosos auxiliavam psicologicamente os conquistadores (exortação, absolvição, preces), e contribuíam na “expansão da fé cristã” (conversões pelo batismo).

Os encorajamentos dos clérigos, que exortavam os “espanhóis” a se manterem firmes em suas posições, também ajudou a manter o moral da tropa elevado. Desde a Idade Média, essa era uma das funções dos religiosos, pois era preciso conclamar a cada um que

¹⁸⁷ Ibidem, p. 27.

¹⁸⁸ CASTRO SEONAE, José. *El frei Bartolomé de Olmedo. Capellán del ejército de Cortés*. México, D. F.: Jus, 1958, p. 05 Apud LEÓN CÁZARES, María del Carmen. *Reforma o extinción*, p. 26.

¹⁸⁹ “*supo el capitán que unos españoles estaban siete años había cautivos en el Yucatán, en poder de ciertos caciques*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Primera Carta-Relación*, p. 12.

lute corajosamente por Deus, pela Igreja e pelo povo.¹⁹⁰ O discurso de exortação, normalmente de um clérigo, conduzia os guerreiros medievais à comoção cruzada.¹⁹¹

Os religiosos tinham, dentre outras funções, a importante missão de confessar a tropa e dar absolvição aos conquistadores, o que conferia um caráter sagrado à expedição. Os conquistadores acreditavam que se antes de morrer confessassem seus pecados, por terríveis que eles fossem, a absolvição de um sacerdote os enviaria direto para o lado de Deus, onde receberiam a bem-aventurança eterna.¹⁹² Todos os “espanhóis” exigiam que a tropa levasse pelo menos um padre, pois a pior coisa que poderia ocorrer a um “bom cristão” do século XVI era morrer sem confissão.¹⁹³ Bernal Díaz registra a prática da confissão logo nas primeiras campanhas:

*“como somos homens e temíamos a morte, muitos de nós (...) nos confessamos com o Padre das Mercês [Bartolomé de Olmedo] e com o clérigo Juan Díaz, que toda a noite estiveram ouvindo penitência, e encomendávamos a Deus que nos salvasse e que não fôssemos vencidos”*¹⁹⁴

Embora a prática que concedia as indulgências fosse criticada por Martinho Lutero (1483-1546) na mesma época, pois eram vendidas pelos clérigos deliberadamente, essa tradição garantia o perdão dos pecados aos combatentes, que obteriam uma purificação imediata antes de alcançarem o “Reino dos céus”.

Os conquistadores “espanhóis” seguiam uma motivação cristã de salvação, característica fundamental da mentalidade de cruzada.¹⁹⁵ Essa salvação se tornaria absoluta

¹⁹⁰ DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 173.

¹⁹¹ Além do já citado discurso do Bispo de Barcelona durante a conquista de Maiorca, outros clérigos exortaram exércitos cruzados, como, por exemplo, na tomada de Lisboa (1147). Ver COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p. 163-166.

¹⁹² FRIEDERICI, Georg. *El carácter del descubrimiento y de la conquista de América*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1973, p. 351. Friederici ainda acrescenta: “Esta creencia en el poder infalible y omnirreparador de la confesión postrera, que aun profesando, como profesaban, una fe inquebrantable en la justicia divina después de la muerte de la carne, les permitía cometer con la maior tranquilidad las peores atrocidades en su paso por la tierra” – Ibidem, p. 351.

¹⁹³ SALAS, Alberto M. *Las armas de la conquista de America*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1988, p. 259.

¹⁹⁴ *“como somos hombres y temíamos la muerte, muchos de nosotros (...) nos confesamos con el Padre de la Merced y con el clérigo Juan Díaz, que toda la noche estuvieron en oír de penitencia, y encomendámonos a Dios que nos librase no fuésemos vencidos”* – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 64, p. 111.

¹⁹⁵ GARCÍA, Sara Rodicio. “Aportaciones al estudio del pensamiento de Hernán Cortés”. *Quinto centenario*, nº 15, Edit. Universidade Complutense, Madrid, 1989, p. 265.

quando os soldados cumprissem a missão de “verdadeiros cristãos”, ou seja, levar o nome do Cristo redentor aos confins do mundo, ao mesmo tempo em que o sangue derramado garantia essa vontade. Desse modo, estava concretizado o compromisso que Cortés fizera a seus soldados no princípio de “*do ut des*”, garantia da glória celestial como recompensa por seus esforços.¹⁹⁶

Na ilha de Cozumel (*Santa Cruz*), primeiro local aportado, os “espanhóis” perplexos com o culto maia, aconselharam aos nativos o abandono da idolatria¹⁹⁷ e a adoção do cristianismo. Neste momento, Cortés ordenou a seus homens que destruíssem os ídolos indígenas e que colocassem no lugar cruzes e a imagem da Virgem Maria. Como nos informa Bernal Díaz, Cortés,

*“(...) mandou chamar o cacique e todos os líderes, e ao papa [sacerdote] se fez compreender o melhor possível com nossa intérprete [Malinche], lhes dizendo que se quisessem ser nossos irmãos teriam que destruir aqueles ídolos daquela casa, pois eram maus e lhes faziam errar, e que não eram deuses, mas coisas más que levariam suas almas ao inferno. E disse-lhes outras coisas santas e boas; e que colocassem no local uma imagem de Nossa Senhora e uma cruz que foi oferecida à eles, pois assim sempre seriam ajudados, teriam boas colheitas e suas almas seriam salvas”*¹⁹⁸

Antes de partirem da ilha, “*o padre Juan Díaz celebrou uma missa na qual o papa [sacerdote], o cacique e os todos os índios estavam olhando com atenção*”.¹⁹⁹ As cerimônias religiosas acompanhavam a expedição em muitos momentos, tradição

¹⁹⁶ PRIEN, Hans-Jürgen. “La Justificación de Hernán Cortés de su conquista de México y de la conquista española de América”. Revista Complutense de Historia de América, nº 22. Servicio de Publicaciones, UCM, Madrid, 1996, p. 27. Expressão latina (*do ut des*): dou para que tu dê; norma de um contrato bilateral.

¹⁹⁷ Para os conquistadores, a idolatria representava, “antes de tudo, o culto de ídolos, o sinal de uma religiosidade eivada de práticas diabólicas, a exemplo de sacrifícios humanos orquestrados por sacerdotes-feiticeiros, por vezes seguidos da abominável antropofagia” – VAINFAS, Ronaldo. “Colonialismo e Idolatrias: Cultura e Resistência Indígenas no Mundo Colonial Ibérico”. Revista Brasileira de História. São Paulo: Vol. 11, número 21, set. 90/fev. 91, p. 103. Para mais sobre a idolatria, ver GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁹⁸ “(...) *mandó llamar al cacique y a todos los principales, y al mismo papa, y como mejor se pudo dárselo a entender con aquella nuestra lengua, les dijo que si habían de ser nuestros hermanos que quitasen de aquella casa aquellos sus ídolos, que eran muy malos y les hacían errar, y que no eran dioses, sino cosas malas, y que les llevarían al infierno sus ánimas. Y se les dio a entender otras cosas santas y buenas; y que pusiesen una imagen de Nuestra Señora que les dio, y una cruz, y que siempre serían ayudados y tendrían buenas sementeras, y se salvarían sus ánimas*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 28, p. 45.

¹⁹⁹ “*dijo misa el Padre Juan Díaz, y el papa y cacique y todos los indios estaban mirando con atención*” – *Ibidem*, Cap. 27, p. 45.

demonstrada quando os “espanhóis” partiam para o campo de batalha sempre depois de “ouvir missa com devoção”.

Assim como na Reconquista, as missas diárias e matinais na conquista de México-Tenochtitlán eram de suma importância, ainda mais porque os mexicas e a maioria dos nativos evitavam guerrear à noite e, desse modo, o ataque aos “espanhóis” era iminente.²⁰⁰ A razão disso é que os cristãos, que se consideravam os “filhos da luz”, acreditavam que o brilho do sol simbolizava um novo tempo, precursor da época na qual a “verdadeira fé” triunfaria perante as trevas da idolatria. Na perspectiva medieval, a batalha também era entendida como um raio de luz que dispersa a escuridão, ou seja, que demarca o fim de um tempo maligno e o nascimento do tempo do Cristo triunfante.²⁰¹ Segundo Bernal Díaz, muitos conquistadores “*morreram daquela forma cruelíssima por servir a Deus e a Sua Majestade, e para levar luz aos que estavam nas trevas (...)*”.²⁰²

Ao participarem de um sacramento fundamental do cristianismo, a Eucaristia, os conquistadores recebiam o *corpo de Cristo* propriamente dito. De fato, considerada a única “reliquia” genuinamente legítima de Jesus, a Eucaristia é adorada como o corpo e o sangue presentes do Cristo, sob as aparências do pão e do vinho.²⁰³

Essa cerimônia, obrigação de todo “bom cristão”, serviu também como recurso para impressionar os nativos e o vinho era essencial para sua realização:

“(…) em dois dias tínhamos construído nossa igreja e colocado a santa cruz diante dos aposentos e nesse local todos os dias era celebrada a missa até que o vinho acabou, de modo que Cortés, os outros capitães e o frade (...)

²⁰⁰ Como nos diz Hugh Thomas, para os mexicas, “desagradaba combatir en la obscuridad. En el espíritu de los mexicanos, las noches estaban llenas de monstruos, de mujeres enanas con la cabellera flotando, de cabezas de muertos que perseguían a los viajeros, para no hablar de las criaturas sin cabeza ni pies que rodaban amenazadoramente por el suelo” – THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*. México, D. F.: Editorial Pátria, 1994, p. 550. Entretanto, a tática militar dos mexicas se modificou ao longo da campanha contra os “espanhóis”. Segundo Cortés, “*a medianoche llega mucha multitud de gente en canoas y por la calzada a dar sobre nuestro real; y cierto nos pusieron en gran temor y rebato, en especial porque era de noche, y nunca ellos a tal tiempo suelen acometer, ni se há visto que de noche hayan peleado*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 134-135.

²⁰¹ COSTA, Ricardo da. “Amor e Crime, Castigo e Redenção na Glória da Cruzada de Reconquista: Afonso VIII de Castela nas batalhas de Alarcos (1195) e Las Navas de Tolosa (1212)”. In: OLIVEIRA, Marco A. M. de (org.). *Guerras e Imigrações*. Campo Grande: Editoria da UFMS, 2004; DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 165.

²⁰² “*murieron aquella crudelísima muerte por servir a Dios y a Su Majestad, y dar luz a los que estaban en tinieblas (...)*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 210, p. 584.

²⁰³ SCHMITT, Jean-Claude. *Deus*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval I*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006, p. 314.

agilizaram na obtenção de mais vinho para as missas (...). Todos os dias estávamos na igreja rezando de joelhos diante do altar e das imagens; em primeiro lugar, para fazer o que como cristãos éramos obrigados; e, em segundo lugar, para que Montezuma e todos os seus capitães vissem e imitassem-nos e, conseqüentemente, viessem adorar ao ver-nos de joelhos diante da cruz, especialmente quando cantamos a Ave Maria”²⁰⁴ (grifo nosso)

Já no século XI a Eucaristia era recebida antes de uma batalha como algo que aumentava as chances de vitória.²⁰⁵ A preparação espiritual para a guerra santa era de suma importância para os guerreiros cristãos antes de lutarem em nome de Cristo, pois o perdão divino só era concedido aos que combatessem com o coração puro. O triunfo apenas era alcançado se eles estivessem de corpo e alma com o *Salvador*.

Desde a Idade Média, principalmente a partir do século XI, as batalhas eram antecedidas por muitas práticas: procissões, confissões, esmolas, jejuns, penitências, orações e invocações que imploraram o auxílio celeste.²⁰⁶ O medo impunha aos conquistadores grande ansiedade e receio, mas era logo dissipado pela prece e comunhão. Bernal Díaz admite que antes de entrar nas batalhas sentia “*tristeza no coração, e urinava uma ou duas vezes, e encomendando a Deus e a Sua Bendita Mãe (...) logo aquele pavor passava*”.²⁰⁷

Em Tabasco, primeiro local aportado no continente, os “espanhóis” enfrentaram e venceram pela primeira vez os nativos, e esse confronto ficou conhecido como a batalha de Cintla (março de 1519). Essa foi uma das primeiras batalhas em que, curiosamente, “*os índios acreditaram que o cavalo e o cavaleiro eram um só, como se jamais tivessem visto*

²⁰⁴ “(...) en dos días teníamos nuestra iglesia hecha y la santa cruz puesta delante de los aposentos, y allí se decía misa cada día hasta que se acabó el vino, que como Cortés y otros capitanes y el fraile (...), dieron prisa al vino que teníamos para misas, (...) cada día estábamos en la iglesia rezando de rodillas delante del altar e imágenes; lo uno, por lo que éramos obligados a cristianos y buena costumbre, y lo otro, porque Montezuma y todos sus capitanes lo viesen y se inclinasen a ello, y porque viese el adorar y vernos de rodillas delante de la cruz, especial cuando tañíamos el Avemaría” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 93, p. 177.

²⁰⁵ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros*, p. 60.

²⁰⁶ FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 92.

²⁰⁷ “tristeza en el corazón, y orinaba una vez o dos, y encomendándome a Dios y a su bendita madre (...) luego se me quitaba aquel pavor” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 156, p. 372.

cavalos”.²⁰⁸ Após a vitória, em um *Domingo de Ramos*, os religiosos Bartolomé de Olmedo e Juan Díaz celebraram uma missa.

Logo depois, os “espanhóis” fundaram uma vila, e escolheram um nome cristão em homenagem à proteção que acreditavam terem recebido da Virgem Maria na batalha. Segundo Bernal Díaz:

*“oferecemos muitas graças a Deus por nos conceder aquela vitória tão completa; e como era dia de Nossa Senhora de Março batizou-se uma vila que se povoou com esse nome, Santa Maria da Vitória, porque era o dia de Nossa Senhora, assim como pela grande vitória que tivemos”*²⁰⁹

A escolha de nomes cristãos para denominar os locais era comum naquele tempo, pois se remetia à “expansão da fé”,²¹⁰ e a preferência era concedida aos nomes dos santos, principalmente aos do calendário.²¹¹

Os “espanhóis” receberam oferendas dos líderes indígenas derrotados, que incluíam vinte escravas. Elas foram as primeiras nativas batizadas da Mesoamérica. Entre elas existia uma que chamou a atenção de Cortés, e o capitão ordenou que o frei Olmedo a batizasse com o nome de Marina, a famosa “Malinche”.²¹²

Através de Malinche e do recém resgatado Gerônimo de Aguilar, estabeleceu-se uma ponte comunicativa entre os “espanhóis” e os mexicas. Cada um deles conhecia pelo menos dois idiomas: Aguilar (castelhano e maia) e Malinche (maia e náhuatl). Assim, o

²⁰⁸ “*creyeron los indios que el caballo y el caballero eran todo uno, como jamás habían visto caballos*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 34, p. 55. De fato, o ancestral do cavalo (gênero *Equus*) inicialmente evoluiu na América do Norte para, depois, se espalhar por outras regiões. Na América, o cavalo se extinguiu há cerca de 12 mil anos e foi justamente reintroduzido pelos conquistadores e colonizadores europeus, primeiro nas Antilhas, depois no continente. Ver SALAS, Alberto M. *Las armas de la conquista de America*, p. 89.

²⁰⁹ “*dimos muchas gracias a Dios por habernos dado aquella victoria tan cumplida; y como era dia de Nuestra Señora de Marzo llamósé una villa que se pobló, el tiempo andando, Santa María de la Victoria, así por ser día de Nuestra Señora como por la gran victoria que tuvimos*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 34, p. 55.

²¹⁰ Além de Vera Cruz, podemos encontrar durante a conquista da América diversas cidades batizadas com nomes religiosos, como, por exemplo, Nombre de Dios, Santiago, Santa Cruz, Espírito Santo, dentre muitas outras.

²¹¹ FRIEDERICI, Georg. *El carácter del descubrimiento y de la conquista de América*, p. 453.

²¹² Sobre a vida e o papel de Malinche na Conquista, ver FLORES FARFÁN, José Antonio. “La Malinche, portavoz de dos mundos”. *Estudios de Cultura Náhuatl*, Vol. 37, 2006, p. 119-139.

mundo hispânico e o mexica entravam em comunicação (ao menos indiretamente).²¹³

Segundo Bernal Díaz:

“(…) [Cortés] *lhes disse muitas outras coisas sobre nossa santa fé, e verdadeiramente foram muito bem pronunciadas, porque Dona Marina e Aguilar, nossos intérpretes, já eram tão versados naquilo que conseguiam transmitir muito bem*”²¹⁴

Ao que tudo indica, Malinche soube tirar proveito da situação, aproveitando seu posto para melhorar sua condição. Rapidamente, a nativa aprendeu castelhano e tornou o trabalho de Aguilar dispensável.²¹⁵ Curiosamente, devido à proximidade entre Malinche e Cortés, os nativos empregavam o nome da índia para denominar o capitão: “[Montezuma disse a Cortés] (...) *Deve estar cansado, senhor Malinche, de subir a este nosso grande templo*”.²¹⁶

A seguir, a tropa zarparou e chegou em terras sob o domínio mexica, onde Cortés tratou de fundar a vila de Vera Cruz. A fundação da vila, batizada em uma Sexta-feira Santa em memória da Paixão de Cristo, serviu como base de apoio aos “espanhóis”. “*E logo ordenamos construir, fundar e povoar uma vila que se batizou com o nome de Vila Rica de la Vera Cruz, porque chegamos na Quinta-feira Santa e desembarcamos na Sexta-feira Santa*”.²¹⁷

Seguindo a tradição de nomear as cidades, uma expressão da piedade dos navegantes, termos cristãos também eram escolhidos para denominar os navios. Os “espanhóis” necessitavam navegar protegidos por um espírito tutelar, por um anjo guardião; queriam cruzar o *Mar Oceano* (Atlântico) apoiados em um santo, para que este os salvasse

²¹³ Isso ocorreu da seguinte forma: Malinche ouvia o náhuatl dos mexicas e, em maia, passava as informações para Aguilar que, então, comunicava em castelhano a Cortés e aos demais conquistadores. Inversamente e logicamente, Aguilar escutava os “espanhóis” e, em maia, repassava as informações para Malinche que, por sua vez, falava aos mexicas em náhuatl.

²¹⁴ “(...) *les dijo otras muchas cosas tocantes a nuestra santa fe, y verdaderamente fueron muy bien declaradas, porque doña Marina y Aguilar, nuestras lenguas, estaban ya tan expertos en ello que se lo daban a entender muy bien*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 77, p. 132.

²¹⁵ RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 153.

²¹⁶ “*Cansado estaréis, señor Malinche, de subir a este nuestro gran templo*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 92, p. 173.

²¹⁷ “*Y luego ordenamos de hacer y fundar y poblar una villa que se nombró la Villa Rica de la Vera Cruz, porque llegamos Jueves de la Cena y desembarcamos en Viernes Santo de la Cruz*” – *Ibidem*, Cap. 42, p. 72.

dos perigos de um naufrágio, ameaças que eram reais e constantes.²¹⁸ O capitão Pedro de Alvarado, por exemplo, comandou com “*seus irmãos um bom navio chamado São Sebastião*”.²¹⁹

Em Vera Cruz, Cortés também recebeu uma comitiva de representantes de México-Tenochtitlán, que vieram em nome de Montezuma Xocoyotzin (1468-1520), o *tlatoani*²²⁰ mexicana:

“*vieram muitos índios enviados por um dos principais governadores de Montezuma, que se chamava Pitalpitoca (...) [trazendo] galinhas e pão feito com milho (...), e algumas jóias de ouro que presentearam Cortés*”²²¹

Em direção ao interior, os “espanhóis” chegaram a Cempoala, *altepetl*²²² totonaca recém submetido pelos mexicas, e selaram com o chefe indígena apelidado de “*cacique gordo*”, a primeira de uma série de importantes alianças com os nativos. Depois, marcharam juntamente com o efetivo totonaca em direção a México-Tenochtitlán, apesar da insistência dos mensageiros mexicas e do *tlatoani* Montezuma, que pediam para que não prosseguissem. Aqui também, os índios puseram nos “espanhóis” o nome de “*theules, que significa deuses, e nos tinham por homens imortais*”.²²³

²¹⁸ FRIEDERICI, Georg. *El carácter del descubrimiento y de la conquista de América*, p. 311.

²¹⁹ “*sus hermanos, un bueno navio, que se decía San Sebastián*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap 28, p. 45.

²²⁰ Optamos por utilizar o termo em náhuatl, *huey tlatoani*, ou simplesmente *tlatoani*, que significa “aquele que fala” ou “que comanda”, em referência ao principal governante mexicana. Escolhido por unanimidade pelos *tlazo-pipiltin* (grupo seletivo formado por alguns membros da elite, *pipiltin*), o *tlatoani*, considerado uma divindade na terra, era o comandante dos exércitos, juiz supremo e dignitário religioso. Para mais sobre o conceito de *tlatoani*, ver LEÓN-PORTILLA, Miguel. *A Mesoamérica antes de 1519*. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*, Vol I, p. 25-61.

²²¹ “*vinieron muchos indios que envió un principal que era gobernador de Montezuma, que se decía Pitalpitoca (...) gallinas y pan maíz (...) y unas joyas de oro, y todo lo presentaron a Cortés*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 38, p. 63.

²²² “Termo nahuatl empregado para designar as entidades político-territoriais relativamente autônomas que compunham a organização política geral mesoamericana. Tais entidades caracterizavam-se, entre outras coisas, por possuírem um ou mais centros políticocerimoniais em seus territórios, pela presença de uma elite dirigente, pela produção e manutenção de uma história da própria entidade, por outorgarem a seus participantes uma identidade étnica, por possuírem um ‘deus’ patrono e por serem compostas de células político-territoriais menores e relativamente autônomas, chamadas de *calpulli*” – LOCKHART, James. *The nahuas after the conquest*. Stanford, California: Stanford University Press, 1992. *Apud* SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Conquista do México ou queda de México-Tenochtitlan? Guerras e alianças entre castelhanos e altepete mesoamericanos na primeira metade do século XVI”. In: XXIII Simpósio Nacional de História - História: Guerra e Paz, 2005, Londrina, p. 02.

²²³ “*theules, que quiere decir dioses, y nos tenían por hombres inmortales*” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 165.

Pelo caminho, o efetivo atravessou uma grande muralha de pedra seca que separava o território mexica da Tlaxcala, *altepetl* formado pela união de quatro centros nahuas – Ocotelolco, Quiahuiztlan, Tepecticpac e Tizatlan – independentes de México-Tenochtitlán, seu principal inimigo. Dois dos principais líderes tlaxcaltecas, Xicohtécatl Axayacatzin (1484-1521) e seu pai, Xicohtécatl, *o Velho* (†1522), comandante de Tepecticpac, foram contra a solicitação dos “espanhóis” que pediam para atravessar o território da Tlaxcala em direção a México-Tenochtitlán.

No desfiladeiro de Teocantzingo, os “espanhóis” foram atacados por milhares de guerreiros otomies, aliados dos tlaxcaltecas que formavam o grosso das fileiras. Nesse momento, os indígenas faziam “*muitos alaridos, gritos e vozes que causavam nos que ouviam grande temor e espanto, tanto que houve muitos espanhóis que pediram confissão*”.²²⁴ Assim como os muçulmanos, os nativos mesoamericanos utilizavam sons nas batalhas com o intuito de amedrontar os inimigos. Durante a guerra de Reconquista, essa inovação tática, característica do modo muçulmano de se guerrear, foi introduzida na Península Ibérica com a invasão almorávida (1086).²²⁵

O compartilhamento desse recurso tanto pelos nativos quanto pelos muçulmanos talvez fizesse com que os “espanhóis” relembassem os tempos da Reconquista e, igualmente, da paralela guerra no norte da África contra os maometanos no século XVI.²²⁶ Alguns conquistadores poderiam também recordar as histórias de sua infância: os almorávidas, com seus rostos pintados de negro e lança erguida.²²⁷ Seguindo a tradição de combaterem em silêncio os mouros, os “espanhóis” ficavam calados após o grito inicial de “*A eles, com Santiago!*” quando enfrentavam os índios.²²⁸ A batalha foi narrada por Cortés:

“Começamos a nos defender como podíamos. E assim lutamos até nos encontrar entre mais de cem mil²²⁹ homens de guerra, que por todas as

²²⁴ “*muchos alaridos, gritos y voces que causaban en los que los oíamos muy gran temor y espanto, tanto que hubo muchos españoles que pidieron confesión*” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*, p. 167.

²²⁵ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p. 91.

²²⁶ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, UNAM, FFyL, 2004, p. 191.

²²⁷ DESCOLA, Jean. *Los conquistadores del Imperio español*. Barcelona: Editorial Juventud, S. A., 1972, p. 174.

²²⁸ SALAS, Alberto M. *Las armas de la conquista de America*, p. 262.

²²⁹ Trata-se de uma tradição muito utilizada no período medieval. Em momentos de extrema tensão, “os nervos têm necessidade do auxílio de falsos juízos. Os homens da Idade Média viviam em crise mental

*partes nos cercavam, e lutavam conosco durante o dia todo até uma hora antes do pôr-do-sol, quando se retiravam. Com seis escopetas [arcabuzes], meia dúzia de tiros [canhões], quarenta balistas [bestas], e treze cavalos, consegui fazer muitos danos sem receber nenhum, além do cansaço da luta e da fome. **Parecia que Deus tinha lutado por nós**, tamanha era a multidão de inimigos, sua disposição para a luta, e a diversidade de armas que tinham para nos atacar”²³⁰ (grifo nosso)*

Da mesma forma, posteriormente a fúria dos nativos (mexicas) na guerra foi descrita como superior à dos próprios cristãos e à dos turcos:

“Entre nós existia uns três ou quatro soldados que haviam estado na Itália, e que juraram por Deus que guerras tão furiosas jamais haviam visto nem entre cristãos, contra a artilharia do rei da França, nem contra o grão-turco”²³¹

Nessa batalha, os tlaxcaltecas mudaram a tradicional tática militar mesoamericana de não combater à noite: *“algumas vezes nos atacaram à noite, dizendo que à noite não viam os cavalos e, não havendo cavalos, não tinham medo dos soldados a pé”*.²³²

De todo modo, o resultado indefinido da batalha, a grande baixa de índios nesse dia e no seguinte, e a deserção por parte de algumas tropas tlaxcaltecas levou os dois lados a selar uma aliança (setembro de 1519). Através das alianças com os nativos, Cortés demonstrou sua intenção de “dividir para reinar”, razão que contribuiu decisivamente para a vitória hispânica:

continua e não podiam dispensar esses juízos por um momento que fosse (...) É necessário considerar sempre estes dados ao analisar o hábito geral e constante de exagerar até o ridículo o número de inimigos mortos numa batalha” – HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Lousa: Editora Ulisseia, s/d, p. 245.

²³⁰ *“comenzamos a nos defender como podíamos, y así nos llevaron peleando hasta nos meter entre más de cien mil hombres de pelea que por todas partes nos tenían cercados, y peleamos con ellos, y con nosotros, todo el día hasta una hora antes de puesto el sol, que se retrajeron, en que con media docena de tiros de fuego y con cinco o seis escopetas y cuarenta ballesteros y con los trece de caballo que me quedaron, les hice mucho dano sin recibir de ellos ninguno, más del trabajo y cansancio del pelear y la hambre. Bién pareció que Dios fué el que por nosotros peleó, pues entre tanta multitud de gente y tan animosa y diestra en el pelear, y con tantos gêneros de armas para nos ofender, salimos tan libres”* – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 37.

²³¹ *“unos tres o cuatro soldados que se habían hallado en Itália, que allí estaban com nosotros, juraron muchas veces a Dios que guerras tan bravosas jamás habían visto en algunas que se habían hallado entre cristianos y contra la artillería del rey de Francia, ni del gran turco”* – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 126, p. 249-250.

²³² *“algunas veces vinieron de noche sobre nosotros, diciendo que de noche no verían los caballos y no habiendo caballos, de la gente de a pie no hacían mucho caso”* – VÁZQUEZ DE TAPIA, Bernardino. *Relación de méritos y servicios...*, Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 139.

*“Vendo a discórdia e desconformidade de uns e outros, fiquei muito satisfeito, porque me pareceu que isso me ajudaria em meu propósito, e que poderia ter uma maneira a mais para subjugar-los, (...) e lembrei-me da palavra evangélica: todo reino dividido será destruído”*²³³

Francisco de Aguilar foi outro conquistador que relatou o fim da dura batalha contra os tlaxcaltecas e otomies, combate esse que os *“nativos saíram feridos e mortos, e entre nós nenhum, fato que parecia um milagre”*.²³⁴

Em seguida, o frei Bartolomé de Olmedo realizou uma cerimônia religiosa na qual batizou algumas filhas de Xicohtécatl, *o Velho*, e de outro importante governante da Tlaxcala, Maxixcatzin (†1520), líder de Ocotelolco. A conversão ao cristianismo é um sintoma da presença de uma mentalidade de cruzada. O objetivo missionário (conversão) era buscado principalmente pelos religiosos que acompanhavam a expedição, como foi registrado no caso do batismo de *Malinche*. A conversão dos índios prolonga e reproduz a dos muçulmanos de Granada, seu antecedente imediato.²³⁵ Como nos informa Bernal Díaz, os *“espanhóis”* mandaram que os índios,

*“destruíssem os ídolos e limpassem [o templo] para colocarem uma cruz e a imagem de Nossa Senhora; o qual logo fizeram e se realizou uma missa, batizaram-se aquelas líderes indígenas, colocando na filha de Xicontega, o cego [Xicohtécatl], o nome de dona Luísa. Cortés a tomou pela mão e a ofereceu a Pedro de Alvarado (...) as demais também foram batizadas (...) e depois disso foi solicitado que colocassem duas cruces no local”*²³⁶

Esta perspectiva, forte estímulo à evangelização do Novo Mundo, encontra base na Bíblia, o livro por excelência da Idade Média. O *Evangelho Segundo Marcos*, capítulo 16,

²³³ *“Vista la discordia y desconformidad de los unos y de los otros, no hubo poco placer, porque me pareció hacer mucho a mi propósito, y que me podría tener manera de más aína sojuzgarlos, (...) aun acordéme de una autoridad evangélica que dice: Omne regnum in se ipsum divisum desolabitur”* – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 42.

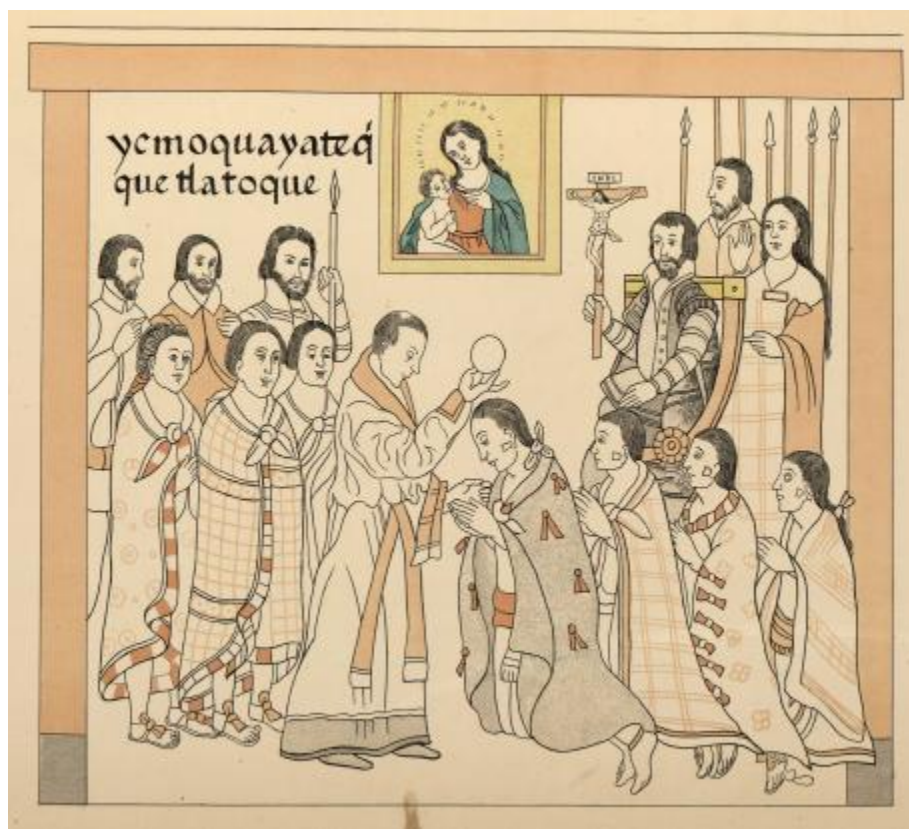
²³⁴ *“naturales salían heridos y muertos, y de los nuestros ninguno, que parecía cosa de milagro”* – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*, p. 169.

²³⁵ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 27.

²³⁶ *“quitasen unos ídolos, (...) y limpiasen, para poner en ellos una cruz y la imagen de Nuestra Señora; lo cual luego hicieron, y en él se dijo misa, se bautizaron aquellas cacicas, y se puso nombre a la hija de Xicotenga el ciego, doña Luisa; y Cortés la tomó por la mano y se la dió a Pedro de Alvarado (...) y las demás se pusieron sus nombres (...) y después de esto hecho, se les declaró a qué fin se pusieron dos cruces”* – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 77, p. 133.

versículo 15, registra: “*Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura*”.²³⁷ O capítulo 3, versículo 11, da *Epístola de Paulo Apóstolo aos Colossenses*, também contém tal ideia: “*Aí não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre, mas Cristo é tudo em todos*”.²³⁸

Segundo a tradição tlaxcalteca, algum tempo depois o próprio Xicohtécatl e outros líderes se converteram ao cristianismo.²³⁹ O *Lienzo de Tlaxcala*, um manuscrito pictórico compilado pelos tlaxcaltecas em meados do século XVI, por exemplo, indica essa versão:



Lienzo de Tlaxcala, manuscrito pictórico compilado pelos tlaxcaltecas em meados do século XVI, lâmina 8. No centro dessa lâmina, o presbítero Juan Díaz, segurando uma enorme hóstia, oferece o *corpo de Cristo* aos quatro líderes tlaxcaltecas ajoelhados em fila. Diversos símbolos religiosos cristãos compõem a cena, como a imagem da Virgem Maria com o menino Jesus (no centro, no alto), e a cruz carregada por Cortés (à direita, no alto). Três nativos e três “espanhóis” (à esquerda), possivelmente os padrinhos dos futuros índios convertidos, assistem a cerimônia. Imagem disponível no *site* da Universidad Autónoma de Nueva León em:

<http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080026177/1080026177.html>

²³⁷ A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1973, p. 1925.

²³⁸ *Ibidem*, p. 2215.

²³⁹ Como nos diz Hugh Thomas, a tradição indica que “los cuatro caciques principales de Tlaxcala – Maxixcatzin, Xicotencátl el Viejo, Citlalpopocatzin y Temilotecutl – [aceitaram] el bautismo de manos de fray Juan Díaz, y a recibir el nombre de don Lorenzo, don Vicente, don Bartolomé y don Gonzalo, respectivamente” – THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*, p. 292.

Ainda que as fontes hispânicas não corroborem esse fato, encontramos no relato de Bernal Díaz apenas a conversão de Xicohtécatl ocorrida posteriormente. Nesse momento, quando Cortés,

*“procurou torná-lo cristão, o bom e velho Xicotenga de boa vontade disse que desejava sê-lo, e com a maior festa que naquela ocasião se podia fazer em Tlaxcala, o padre das Mercês o batizou com o nome de Dom Lorenzo de Vargas”*²⁴⁰

De qualquer forma, entendo a conversão como uma característica da mentalidade cruzada na medida em que essa prática ajudou a propagar a fé cristã, sendo que sua recusa pacífica implicava no uso da força.

Com a intenção de escapar de vez do jugo mexica, os tlaxcaltecas ingressaram na tropa de Cortés com milhares de guerreiros.

Em outubro de 1519, o efetivo chegou a Cholula,²⁴¹ *altepetl* aliado de México-Tenochtitlán, onde ocorreu o episódio conhecido como a “Matança de Cholula”. Assim como em alguns episódios sangrentos da Reconquista, neste acontecimento os “espanhóis” dizimaram milhares de habitantes da cidade na praça do templo dedicado a *Quetzalcoatl* (o deus mesoamericano “Serpente Emplumada”).²⁴² Cortés comentou:

“a intérprete [Malinche] que trazia comigo, uma índia dessa terra, soube por intermédio de uma nativa desta cidade [Cholula], que ali perto havia homens de Montezuma reunidos que tinham retirado todas as mulheres e crianças da cidade, pois pretendiam matar todos nós (...). Resolvi agir antes de ser atacado. Chamei alguns senhores da cidade, dizendo que queria falar-lhes, e tranquei-os em uma sala com o aviso aos nossos que quando ouvissem um tiro de escopeta [arcabuz] caíssem sobre a maior quantidade de índios possível. Assim foi feito (...) e em poucas horas morreram mais de

²⁴⁰ “*procuro que se volviese cristiano, y el buen viejo de Xicotenga de buena voluntad dijo que lo quería ser, y con la mayor fiesta que en aquella sazón se pudo hacer en Tlaxcala le bautizó el Padre de la Merced y le puso nombre don Lorenzo de Vargas*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 136, p. 283.

²⁴¹ “Cholula era una especie de ciudad santa en el Anahuac, sobre todo por el culto a Quetzalcoatl y por sus trescientos setenta *teocalli* o templos” – MORALES PADRÓN, Francisco. *Historia del Descubrimiento y Conquista de America*. Madrid: Editora Nacional, 1963, p. 217.

²⁴² Para mais sobre o deus mesoamericano *Quetzalcoatl*, ver SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México Indígena: um estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 195-212.

três mil índios (...). Depois que saímos de nossos aposentos, os índios tinham tomado as ruas, mas como eles estavam desprevenidos e sem os comandantes que eu já havia prendido, os desbaratamos facilmente, ainda mais porque cinco mil índios de Tascaltecal [Tlaxcala] e outros quatrocentos de Cempoal [Cempoala] me ajudavam”²⁴³

Notamos no trecho acima, e em vários momentos da expedição, uma característica bélica que compartilhavam a Cruzada medieval e a Conquista do Novo Mundo. A Cruzada tinha uma característica particular, era uma forma extremamente belicista de encarar a guerra, diferentemente do tipo de combate travado entre cristãos, pois a Igreja não permitia certas práticas violentas mais radicais (proibição pouco respeitada). Da mesma forma, na Conquista da América “todas as armas estão autorizadas: as flechas envenenadas, os gritos ensurdecedores, os incêndios e as destruições de toda sorte”²⁴⁴.

De fato, além das espadas hispânicas serem famosas pela dureza de seu aço, a tropa trazia um arsenal composto por armas que também faziam grandes danos, como, por exemplo, a besta²⁴⁵ (proibida pela Igreja na guerra entre cristãos a partir do século XII nos concílios de Latrão), e o arcabuz, que entre os séculos XV e XVI, foi condenado por anátemas e interditos semelhantes.²⁴⁶ Durante a Conquista, a besta foi mais importante que o arcabuz, arma de emprego lento e que era pouco confiável em climas chuvosos devido ao encharcamento da pólvora. Da mesma forma que o arcabuz, o canhão tinha essa deficiência: “nossos adversários [tropa de Narváez] tiveram o descuido de não cobrir os

²⁴³ “a la lengua que yo tengo, que es una india de esta tierra (...) le dijo otra natural de esta ciudad como muy cerquita de allí estaba mucha gente de Mutezuma junta, y que los de la ciudad tenían fuera sus mujeres e hijos y toda ropa, y que había de dar sobre nosotros para nos matar a todos (...). Y así por esto como por las señales que para ello veía, acordé de prevenir antes de ser prevenido, e hice llamar a algunos de los señores de la ciudad diciendo que les quería hablar, y metílos en una sala, y en tanto hice que la gente de los nuestros estuviese apercebida, y que en soltando una escopeta diesen en mucha cantidad de indios que había junto al aposento y muchos dentro en él. Así se hizo (...). que en pocas horas muerieron más de tres mil hombres. (...) antes que yo saliese de nuestro aposento tenían todas las calles tomadas y toda la gente a punto, aunque como los tomamos de sobresalto fueron buenos de desbaratar, mayormente que les falataban los caudillos porque los tenía ya presos. (...) me ayudaban bien cinco mil indios de Tascaltecal y otros cuatrocientos de Cempoal” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 44-45.

²⁴⁴BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 75.

²⁴⁵ Sobre a condenação da besta, ver COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 113.

²⁴⁶CARDINI, Franco. *Guerra e Cruzada*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. I, p. 483.

canhões e ocorreu que a pólvora molhou, porque aquela noite havia chuviscado um pouco”.²⁴⁷

Além disso, os conquistadores traziam dez canhões de bronze, artilharia de curto calibre (*falconetes*), e um grande aliado que havia assolado as Antilhas: os cães, que assim como na Reconquista, os “espanhóis” os utilizavam brutalmente nas guerras.²⁴⁸ Por outro lado, o valor atribuído pelos conquistadores aos dezesseis cavalos que constavam na tropa era enorme:

*“(…) e mataram um cavalo nosso. Ainda que Deus saiba quanta falta nos fez essa perda, porque **não tínhamos, depois de Deus, outra segurança senão a dos cavalos**, nos consolou sua carne, porque a comemos e só deixamos o couro (...)”*²⁴⁹ (grifo nosso)

No entanto, a eficácia militar dos cavalos era maior apenas em campo aberto; sua importância se dava na locomoção em terrenos difíceis e no deslocamento em grandes distâncias. Em termos de tecnologia bélica, foram as armas brancas, principalmente as espadas de aço, que, de fato, destacaram-se no campo de batalha e fizeram a diferença nos combates contra as macanas (arma de madeira e obsidiana) mexicas e as outras armas. Para Restall, as espadas valiam, sozinhas, “mais que um cavalo, uma arma de fogo e um mastim juntos”.²⁵⁰

Além das armas que traziam os primeiros conquistadores, também de certo modo a tática que empregavam nas batalhas – com ataques de surpresa – deriva da “Guerra de Granada” (1482-1492).²⁵¹

Na Idade Média, a Cruzada era uma guerra considerada inteiramente legítima, na qual buscava-se “limpar” o mundo dos “infiéis” para, assim, abrir caminho para a *Parusia* (o retorno de Cristo). Esse tipo de guerra deixou marcas no século XVI, um propulsor

²⁴⁷ “*tuveron descuido los contrarios en no atapar los tiros y habíaseles mojado la polvora, porque aquella noche había llovido un poco*” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*, p. 184-185.

²⁴⁸ Para mais sobre a utilização de cães na Conquista da América, ver AMADO, Janaína & FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *No tempo das caravelas*. São Paulo: Contexto, 1992, p. 133-146.

²⁴⁹ “(…) *y nos mataron un caballo, que aunque Dios sabe cuánta falta nos hizo y cuánta pena recibimos con habérnosle muerto, porque no teníanos después de Dios otra seguridad sino la de los caballos, nos consoló su carne, porque la comimos son deja cuero (...)*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 85.

²⁵⁰ RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*, p. 239.

²⁵¹ WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de México*, p. 98-99.

fundamental para a vitória hispânica. Os “espanhóis” também praticavam a tática de “terra arrasada” ao atearem fogo nas plantações e habitações mexicas, com o intuito de exterminar os recursos de seus inimigos ao máximo. Como nos indica Cortés:

*“Disse para eles [mexicas] que olhassem como não podiam se proteger, pois continuávamos a lhes fazer grandes danos e todos os dias morriam muitos deles e que continuaríamos a queimar e destruir sua cidade e que não iríamos parar até que não sobrasse coisa alguma”*²⁵²

A noção cruzadística – forma extremamente belicista de encarar a guerra – contribuiu para a destruição das civilizações mesoamericanas. A repercussão dos atos violentos praticados pelos “espanhóis” no Novo Mundo acabou por originar a chamada *Leyenda Negra* (“Lenda Negra”). A principal causa da má reputação hispânica na Europa talvez derive das denúncias realizadas principalmente pelo frei dominicano Bartolomeu de Las Casas (c. 1484-1566) em sua obra *Brevísima relación de la destrucción de las Índias* (1552), que foi rapidamente traduzida em várias línguas e propagada pelo Velho Mundo. O “apóstolo dos índios” relata o comportamento cruel dos “espanhóis” na Nova Espanha:

*“Durante esses doze anos [1519-1530] os espanhóis mataram e fizeram morrer em quatrocentas léguas dessa região, tanto homens como mulheres, jovens e crianças, mais de quatro milhões de pessoas, a golpes de espada e de lança e pelo fogo, durante as conquistas (como eles chamam) ou, para melhor dizer, durante essas invasões de tiranos cruéis, que são condenados não somente pela lei de Deus senão também por toda e qualquer lei humana, invasões que são ainda piores que a que foi feita pelo Turco para destruir a Igreja cristã”*²⁵³

No entanto, não podemos indicar o comportamento bélico hispânico como o principal culpado pela queda da população nativa durante os anos posteriores à Conquista. Como os recentes estudos demográficos demonstraram,²⁵⁴ as principais causas do declínio populacional indígena foram as doenças trazidas pelos europeus, como a varíola. Durante

²⁵² “les dije que mirasen que no se podían amparar y que les hacíamos de cada día mucho dano, y que morían muchos de ellos y quemábamos y destruíamos su ciudad, y que no había de parar hasta no dejar de ella ni de ellos cosa alguna” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 81.

²⁵³ LAS CASAS, Bartolomeu de. *O paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias*. Porto Alegre: L&PM, 1991, p. 52.

²⁵⁴ MCCA, Robert. “¿Fue el siglo XVI una catástrofe demográfica para México? Una respuesta basada en la demografía histórica no cuantitativa”. *Papeles de Población*, julho-setembro, Universidade Autónoma del Estado de México, Toluca: 1999, p. 223-239.

os combates e mesmo após a vitória, os “espanhóis” não conduziram um extermínio direto desses milhões de nativos,²⁵⁵ apesar de alguns massacres indiscriminados ocorrerem (matanças que não podem ser relacionadas à mentalidade de cruzada).²⁵⁶

De fato, a guerra contra México-Tenochtitlán só foi declarada em maio de 1520. No entanto, acreditamos que uma mentalidade de cruzada foi manifestada pelos conquistadores desde o início da expedição. Em outras oportunidades, os “espanhóis” enfrentaram os nativos: maias-chontal (março de 1519), otomies e tlaxcaltecas (agosto-setembro de 1519), cholultecas na “Matança de Cholula” (outubro de 1519), etc. De qualquer forma, Cortés sempre tentava demonstrar ao Imperador Carlos V que preferia o diálogo e a amizade dos mexicas:

“Eu buscava sempre, muito poderoso senhor, todas as maneiras e formas que podia para atrair a amizade dos de Temixtitán [Tenochtitlán]: primeiro, para que não dessem motivo para que fossem destruídos, e também para descansar dos esforços de todas as guerras passadas, e principalmente porque sabia que isso era benéfico para Vossa Majestade”²⁵⁷

²⁵⁵ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*, p. 129.

²⁵⁶ Na Alta Idade Média, “após a tomada de um castelo ou como resultado de um combate vitorioso, era comum exterminar os inimigos. Essas práticas permaneceram em vigor entre os ‘pagãos’ ou os povos ‘bárbaros’, às margens da cristandade. Elas estavam em vias de desaparecimento em seu meio, em parte (...) por causa da moral cristã, em parte também porque o interesse dos cavaleiros tirava proveito [econômico] disso” – FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*, p. 89. Foi exatamente no fim da Alta Idade Média que a Igreja Romana tentou cristianizar a cavalaria através dos movimentos da “Paz de Deus” (fim do século X) e da “Trégua de Deus” (início do século XI), tornando o combatente um *miles Christi* (“cavaleiro de Cristo”). Ao pretender sacralizar a cavalaria, a Igreja tentou criar uma *ética cristã*. Entretanto, durante o período das Cruzadas, grandes matanças indiscriminadas eram muitas vezes praticadas pelos próprios cruzados, como, por exemplo, na captura de Jerusalém (1099) e após a conquista de Lisboa (1147). Estes massacres não podem ser relacionados “com mentalidade de cruzada, e sim puro frenesi após a vitória. (...) mesmo a Igreja em plena expansão tinha em suas hostes religiosos que não eram coniventes com barbarismos praticados pelos europeus após cada vitória cruzada (...) estes atos eram transgressões orgásticas de guerreiros enlouquecidos pela vitória” – COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 170-171. Assim, devemos salientar que não são os grandes massacres que caracterizam uma Cruzada. A história das guerras demonstrou que, em muitos casos, as matanças e as barbáries predominavam. Consultar KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Na conquista de México-Tenochtitlán, alguns episódios como as matanças em Cholula (outubro de 1519) e dentro do “Templo Maior” em Tenochtitlán (maio de 1520), e os massacres realizados no sítio final contra Tenochtitlán (1521) revelam uma intolerância causada por guerreiros exaltados em busca da vitória final.

²⁵⁷ “*Yo buscaba siempre, muy poderoso Señor, todas las maneras y formas que podía para atraer a nuestra amistad a estos de Temixtitán: lo uno, porque no diesen causa a que fuesen destruidos; y lo otro, por descansar de los trabajos de todas las guerras pasadas, y principalmente porque de ello sabía que redundaba en servicio a vuestra majestad*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 121.

Por sua vez, os mexicas realizavam práticas bélicas que davam preferência à captura do inimigo para seu futuro sacrifício aos deuses, bem como as armas e os ataques eram projetados para provocar somente ferimentos no adversário. Bernal Díaz comenta:

*“(...) os guerreiros que lutavam contra nós, **ainda que pudessem matar os nossos soldados que capturavam, não os matavam logo, mas provocavam feridas sérias para que não se defendessem, e vivos os levavam para serem sacrificados aos seus ídolos. Antes, os faziam dançar diante de Uichilobos [Huitzilopochtli], seu ídolo da guerra (...)**”²⁵⁸ (grifo nosso)*

Os mexicas praticavam a chamada *xochiyaoyotl* (“guerra florida”), espécie de torneio cerimonial ritualizado e regulado no qual o objetivo principal era capturar o maior número de inimigos para, em seguida, sacrificá-los. Na época da Conquista, os mesoamericanos que sofriam mais nas mãos dos mexicas pela imposição das “guerras floridas” eram os tlaxcaltecas. Com a chegada dos “espanhóis”, a Tlaxcala contemplou a oportunidade de se libertar dessa situação que a asfixiava.²⁵⁹

Em direção a México-Tenochtitlán, a tropa hispânica atingiu as margens do lago Texcoco, onde foram recebidos com grande pompa pelo soberano de Texcoco, Cacama, sobrinho de Montezuma. Mais tarde, foram acolhidos em Itztapalapa pelo governante da cidade, Cuitlahuac, irmão do *tlatoani*. Logo depois, atravessaram uma das calçadas que conferia acesso a Tenochtitlán, e chegaram pacificamente à capital mexica em oito de novembro, onde foram recebidos por Montezuma.

²⁵⁸ “(...) los guerreros que con nosotros peleaban aunque pudieran matar a los que llevaban vivos de nuestros soldados, no los mataban luego, sino dábanles heridas peligrosas porque no se defendiesen, y vivos los llevaban a sacrificar a sus ídolos, y aun primero les hacían bailar delante de Uichilobos, que era su ídolo de la guerra (...)” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 157, p. 373.

²⁵⁹ Para uma abordagem da guerra no *México Antigo*, ver BUENO, Isabel. “La guerra mesoamericana en época mexica”. *Estudios de Cultura Náhuatl*. Universidad Nacional Autónoma de México, n° 37, 2006, p. 253-274; HASSIG, Ross. “El sacrificio y las guerras floridas”. México, D. F.: Arqueología Mexicana, 2003, p. 46-51; e SOUSTELLE, Jacques. *Os astecas na véspera da conquista espanhola – A vida cotidiana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 229-241.



Imagem disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Lake_Texcoco_c_1519.png

Durante alguns meses os “espanhóis” conheceram a cidade e visitaram seus palácios, templos e mercados, especialmente o principal, em Tlatelolco. Andrés de Tapia, um dos capitães que acompanhou a expedição nos relatou que quando Cortés visitou o “Templo Maior” (*teocalli*) de Tenochtitlán,

*“suspirou tristemente, e disse algo que todos ouvimos: ‘Oh Deus! Por que permite que o diabo seja tão honrado nesta terra? (...) eu quero colocar no local onde estão estes ídolos a imagem de Deus e de Sua Bendita Mãe, e que tragam água para lavar estas paredes e tirar tudo isso daqui’”*²⁶⁰

²⁶⁰ “suspiró habiéndose puesto algo triste, y dijo, que todos los oímos: ¡Oh Dios!, ¿por qué consientes que tan grandemente el diablo sea honrado en esta tierra? (...) y yo quiero que aquí donde tenéis estos ídolos esté la imagen de Dios y de su Madre bendita, y traed agua para lavar estas paredes, y quitaremos de aquí todo esto” – TAPIA, Andrés de. *Relación de algunas cosas...* Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán* / J. Díaz... [et al.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 110-111.

Em um diálogo com o frei Bartolomé de Olmedo, Cortés demonstrou seu desejo de iniciar a construção de uma igreja no local: “*parece-me, senhor padre, que essa ocasião é propícia para solicitar a Montezuma a construção de nossa igreja aqui*”.²⁶¹

Dessa forma, Cortés começou a destruir a “sanguinária” idolatria, pois substituiu o medo pela esperança com a colocação da cruz sobre os templos profanos; sua empresa se assemelhou a uma transcendental cruzada.²⁶² Andrés de Tapia relata que Cortés teve que agir com mais brutalidade no “Templo Maior”:

“*[Cortés], indignando-se com as palavras que ouvia [do sacerdote], segurou uma barra de ferro que estava ali e começou a golpear os ídolos de pedra e eu juro por Deus em verdade que o marquês saltava de modo sobrenatural, e se alçava tomando a barra de ferro pela qual golpeava os olhos do ídolo*”²⁶³

Dentro da capital mexicana, as duas visões religiosas entraram em discordância. No “Templo Maior”, ocorreu um curioso episódio: neste acontecimento, Montezuma sugeriu aos “espanhóis” que pusessem suas “*imagens em outro local e que deixassem seus deuses em outra. O marquês não aceitou*”.²⁶⁴ Na perspectiva de Montezuma e dos mexicas, não havia nenhum problema em acrescentar uma nova divindade em seus templos, eles poderiam muito bem absorver esse novo deus, era essa uma tradição.²⁶⁵ Essa visão entrava em total discordância com a tradição cristã. Para o cristianismo, “Deus” não é um nome próprio, é um nome comum – esse termo não designa *um* deus, mas *o* deus.²⁶⁶

Desde o início da expedição, os “espanhóis” reaproveitaram os templos nativos, porém substituíram os ídolos pela imagem da Virgem Maria e pelas cruzes. A conquista

²⁶¹ “*Pareceme, señor padre, que demos un tiento a Montezuma sobre que nos deje hacer aquí nuestra iglesia*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 92, p. 173.

²⁶² BERRIO, Raúl Martín. Hernán Cortés: “La fe, aspecto fundamental en la empresa de Conquista y pacificación”. *Quinto Centenario*, nº 9, Universidade Complutense de Madrid, 1985, p. 130.

²⁶³ “*enojóse de [las] palabras que oía, y tomo con una barra de hierro que estaba allí, y comenzó a dar en los ídolos de pedrería; (...) y juro por Dios que es verdad que me parece agora que el marquês saltaba sobrenatural, y se abalanzaba tomando la barra por en médio a dar en (...) los ojos del ídolo*” – TAPIA, Andrés de. *Relación de algunas cosas...*, p. 111.

²⁶⁴ “*imágenes a una parte y dejásemos sus dioses a outra. El marquês no quiso*” – *Ibidem*, p. 111.

²⁶⁵ Segundo Jacques Soustelle, a religião dos mexicas “simples e totalmente ou principalmente astral na origem, foi enriquecida e complicada sob efeito de seus contatos com povos sedentários e civilizados do Centro. Em seguida, à medida que se ampliava seu ‘Império’, foram anexando deuses e ritos de tribos longínquas” – SOUSTELLE, Jacques. *A Civilização Asteca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 63.

²⁶⁶ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*, p. 102.

religiosa consiste muitas vezes em retirar certas imagens e colocar outras em seu lugar, mas sem destruir os locais de culto.²⁶⁷ Tal prática remontava aos tempos da Reconquista, quando, por exemplo, após a conquista de Málaga (1487) os “espanhóis” preservaram a mesquita-mor da cidade muçulmana e construíram santuários cristãos dentro da mesma. A tradição de destruir os ídolos nativos, de substituir os templos por igrejas, de praticar atos intolerantes em nome de Cristo já era realizada pelos cristãos ibéricos na Reconquista, típicas ações dos cruzados que o conquistador recebeu e preservou.²⁶⁸

Mais tarde, Cortés e Montezuma entraram em um acordo no qual os mexicas retirariam os ídolos do templo, mas poderiam colocá-los em outro lugar. Com a retirada dos ídolos, os dois religiosos – Bartolomé de Olmedo e Juan Díaz – realizaram uma missa no “Templo Maior” de Tenochtitlán:

“O marquês [Cortés] mandou construir dois altares; um em uma parte da torre, que possuía dois espaços vagos, e o outro em um local oposto. Em uma parte, colocou a imagem de Nossa Senhora feita em retábulo de madeira; e, no outro, a imagem de São Cristóvão,²⁶⁹ porque não havia então outras imagens; e daí em diante ali se realizava as missas”²⁷⁰

Todos aqueles cultos praticados pelos mexicas eram associados a um aspecto demoníaco, denominados idolatria. Na visão dos conquistadores e, mais tarde, dos missionários, México-Tenochtitlán apresentava uma abundância de ídolos demoníacos e sacrifícios a “falsos” deuses.²⁷¹ Em suma, para a Igreja tudo que não fosse culto cristão era idolatria.

Neste sentido, o objetivo dos conquistadores era extirpar todos aqueles falsos cultos para que seus veneradores se convertessem à “verdadeira fé”, caso contrário seriam destruídos. Com efeito, pode-se considerar a intolerância como um dos principais meios

²⁶⁷ Ibidem, p. 58.

²⁶⁸ SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Cláudio. *La Edad Media española y la empresa de America*, p. 104.

²⁶⁹ “El culto a san Cristóbal se había extendido por la Europa de fines del medievo. Como patrono de los viajeros, parecía adecuado que tuviera lugar en Tenochtitlán” – THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*, p. 371. Discordamos da parte final da afirmação de Hugh Thomas, pois os “espanhóis”, como atestou Tapia, não tinham outras imagens.

²⁷⁰ “El marqués hizo hacer dos altares; uno en una parte de la torre, que era partida en dos huecos, y otro en otra, y puso en una parte la imagen de Nuestra Señora en un retablico de tabla, y en otro la de Sant Cristóbal, porque no había entonces otras imágenes; y dende en adelante se decía allí misa” – TAPIA, Andrés de. *Relación de algunas cosas...*, p. 112.

²⁷¹ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*, p. 504.

que explicam o triunfo constante do Ocidente cristão sobre os “paganismos”.²⁷² Para Bernal Díaz, os mexicas tinham um deus principal terrível que ele odiava: *Huichilobos*.²⁷³ Os “espanhóis” acreditavam que seu Deus cristão, auxiliado por sua legião de santos, combateria a idolatria mexicana e seus “falsos” deuses.

Entre novembro de 1519 e maio de 1520, os “espanhóis” circularam pacificamente por Tenochtitlán. Durante esse período, uma notícia vinda do litoral alterou a situação: Qualpopoca, líder de Nauhtla, teria atacado os conquistadores na localidade. Foi com esse alibi que os “espanhóis” prenderam Montezuma, acusando-o de planejar a emboscada.

Nesse meio tempo, uma tropa hispânica enviada por Diego Velázquez, e liderada por Pânfilo de Narváez (c. 1470-1528), chegou ao litoral para punir os “espanhóis”. Tratava-se do desagrado de Velázquez que não ficou satisfeito com a independência adquirida por Cortés e sua não-subordinação ao governador. Assim, “*partimos de México todos armados com umas proteções de algodão*”²⁷⁴ rumo a Vera Cruz para combater esse novo inimigo. Em Tenochtitlán, Cortés deixou como comandante dos “espanhóis” o capitão Pedro de Alvarado.

A falta de um acordo entre as tropas de Cortés e Narváez forçou um ataque noturno cortesiano. A comemoração do triunfo sobre Narváez²⁷⁵ foi feita com gritos de “*Vitória, Vitória pelos que levam o nome do Espírito Santo, pois Narváez está morto!*”²⁷⁶ Vitorioso,

²⁷² Ibidem, p. 541.

²⁷³ Trata-se de *Huitzilopochtli* (*Uitzilopochtli*), principal deus mexicana na época da chegada dos “espanhóis”. *Huitzilopochtli* era o deus da guerra, do sol, e representante da capital, Tenochtitlán. Para mais sobre esse deus, ver SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México Indígena: um estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 219-226.

²⁷⁴ “*partimos, pues, de México armados todos con unas armas de algodón*” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*, p. 183-184. Trata-se do *escaupil* (do náhuatl, *ichcahuipilli*, roupa de algodão), espécie de “armadura” pré-cortesiana feita com algodão alcochoado que foi rapidamente adotada pelos conquistadores devido à sua resistência e seu baixo peso se comparada à armadura de aço européia.

²⁷⁵ Segundo Cortés, a tropa de Narváez era composta por “(...) *ochenta de caballo y muchos tiros de pólvora y ochocientos peones; entre los cuales dijeron que había ochenta escopeteros, y ciento y veinte ballesteros, y que venía y se nombrava por capitán general y teniente de gobernador de todas estas partes, por el dicho Diego Velázquez*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 70. A tropa de Narváez (apelidada de “Santa María”) era composta por cerca de mil e quinhentos “espanhóis” e mil índios de Cuba. O efetivo cortesiano (apelidado de “Espírito Santo”) triunfa no litoral, conseguindo absorver parte dessa tropa em seu exército.

²⁷⁶ “*Victoria, Victoria por los del nombre del Espírito Santo, que muerto es Narváez!*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 122, p. 239. Nesse fragmento, o trecho “*muerto es Narváez*” nada mais é que uma “força de expressão”, pois o capitão morreu apenas em 1528, ao tentar conquistar a Flórida.

o efetivo cortesiano se deslocou às pressas para Tenochtitlán, onde os indígenas tinham se sublevado.

Durante a ausência de Cortés, Alvarado ordenou o extermínio de um grande número de sacerdotes e guerreiros mexicas na festa de *Toxcatl* (festividade religiosa dedicada a *Huitzilopochtli*), no massacre que ficou conhecido como a “Matança no Templo Maior”. O único de nossos cronistas que permaneceu em Tenochtitlán foi Vázquez de Tapia, já que Cortés, Bernal Díaz, Tapia e Aguilar lutavam contra Narváez no litoral. Na versão de Vázquez de Tapia, observamos que o cronista não relata os motivos da ofensiva mexica:

*“Enquanto o marquês [Cortés] estava no litoral combatendo Narváez, todos os nativos da cidade [Tenochtitlán] e da comarca se sublevaram contra nós, e nos atacaram cruelmente numa guerra em que alguns espanhóis morreram e outros ficaram feridos. E durante muitos dias estivemos cercados com muito perigo e dificuldade”.*²⁷⁷

O silêncio de Vázquez de Tapia nesse caso é revelador. O cronista preferiu omitir a atitude irresponsável que seu capitão naquele momento, Pedro de Alvarado, tinha autorizado: o massacre dentro do “Templo Maior”. Em versão do próprio Alvarado, preocupado com uma possível conspiração, ele ordenou o ataque para que os mexicas “*temessem e não viessem atacá-los, por isso avançou sobre eles*”.²⁷⁸ Assim, quando os índios entraram no templo realizando suas danças ritualísticas, os “espanhóis” fecharam as saídas do complexo e abriram fogo contra os *pipiltin* (elite) desarmados, o que resultou em um grande massacre.

Aqui, a tradição militar mexica (ironicamente) contribuiu decisivamente para a vitória hispânica. Assim como na “Matança de Cholula”, os nativos foram pegos de surpresa pelos conquistadores que, sem anúncio ou ritual para iniciar a guerra, atacaram subitamente e realizaram o massacre dentro do Templo.²⁷⁹ Em muitas ocasiões, o triunfo

²⁷⁷ “*Estando el dicho marqués en la costa de la mar, en contienda con el dicho Narváez, se alzó la ciudad y todos los de la comarca y vinieron sobre nosotros y nos dieron muy cruel guerra, en la que mataron algunos españoles e hirieron a todos los demás que estábamos. Y nos tuvimos cercados muchos días en mucho trabajo y peligro*” – VÁZQUEZ DE TAPIA, Bernardino. *Relación de méritos y servicios...*, p. 144.

²⁷⁸ “*temiesen y no viniesen a darle guerra, que por esto se adelantó a dar en ellos*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 125, p. 246.

²⁷⁹ Para os mexicas, “a guerra não podia iniciar-se sem praticar antes uma espécie de ritual. Consistia este no envio de certos escudos, flechas e mantas àqueles com os quais se ia lutar, fazendo-lhe saber por este meio

hispanico deveu-se não somente ao emprego das armas tecnologicamente mais eficazes, mas por determinadas situações favoráveis durante o contato com o “outro”.

Essa atitude enfureceu os mexicas, que atacaram os “espanhóis” refugiados no palácio de Axayácatl (c. 1440-1481), antigo *tlatoani*. O regresso de Cortés não melhorou a situação, pois seu apelo para que Montezuma acalmasse os ânimos dos guerreiros fez com que o *tlatoani* fosse mortalmente ferido por um projétil lançado (segundo os “soldados-cronistas”) pelos próprios índios.²⁸⁰

A conversão de Montezuma seria o auge da propagação da fé cristã. Nossos cronistas não relataram seu batismo. No entanto, teorias posteriores afirmam que Montezuma morreu cristão. Em nossa perspectiva, acreditamos ser inconcebível que Cortés e os outros “soldados-cronistas” não tivessem mencionado o acontecimento em tom triunfante; o mais provável foi que no momento em que lhe ofereceram os sacramentos, o *tlatoani*, agonizante, preferiu passar seus últimos minutos com seus próprios deuses.²⁸¹

De qualquer forma, em seu lugar assumiu um irmão de Montezuma, Cuitláhuac (c. 1476-1520). Rapidamente, o novo governante liderou os mexicas em um grande ataque que sitiou os “espanhóis” no palácio. Nessa ofensiva, os indígenas arremessaram inúmeros projéteis “*que parecia uma chuva de pedras, flechas, lanças e dardos*”.²⁸² Cortés também descreveu o ataque no qual os índios vinham,

*“com alaridos e gritos mais espantáveis que no mundo se pudesse pensar; e que eram tantas as pedras que nos atiravam com fundas dentro da fortaleza que parecia uma chuva delas e as flechas e atiradeiras eram tantas que todas as paredes e pátios estavam cheias delas, e quase não podíamos andar”*²⁸³

que se prepararam à guerra” – LEÓN-PORTILLA, Miguel. *A Visão dos Vencidos: a tragédia da conquista narrada pelos astecas*. São Paulo: L&PM Editores S/A, 1998, p. 165.

²⁸⁰ As crônicas dos “soldados-cronistas” afirmam que Montezuma foi morto pelos próprios índios: AGUILAR, Francisco de. *Relación breve...*, p. 189; CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 79; DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera...*, Cap. 126, p. 253; VÁZQUEZ DE TAPIA, Bernardino. *Relación de méritos y servicios...*, p. 145.

²⁸¹ RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México*, p. 80; THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*, p. 451.

²⁸² “*que parecía llover el cielo tanta piedra, flechas, varas y dardos*” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*, p. 189.

²⁸³ “*con los mayores alaridos y grita más espantable que en el mundo se puese pensar; y que eran tantas las piedras que nos echaban con hondas dentro de la fortaleza, que no parecía sino que el cielo las llovía, y las flechas y tiranderas eran tantas, que todas las paredes y patios estaban llenos, que casi no podíamos andar con ellas*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 78.

Mais tarde, os índios conseguiram a expulsão dos conquistadores de Tenochtitlán: “*Noche Triste*”. Foi a primeira grande derrota europeia no Novo Mundo (30 de junho de 1520). O “soldado-cronista” Vázquez de Tapia relatou as baixas: dos cerca de 1000 ou 1100 conquistadores e mais de 80 cavalos que estavam na cidade, restaram 425 homens e 23 cavalos, todos feridos.²⁸⁴ Francisco de Aguilar, por sua vez, atribuiu aos céus a retirada milagrosa, pois naquela,

*“(...) noite começou chover, trovoar e cair granizo tão pesadamente que a impressão era de que o céu se rompia. (...) mais pareceu um milagre que Deus quis fazer para salvar-nos do que um fenômeno natural, pois era impossível que algum de nós sobrevivesse naquela noite”*²⁸⁵

Os “espanhóis” e seus aliados, fundamentalmente otomies e tlaxcaltecas, fugiram pela costa do lago Texcoco em uma retirada desastrosa. Em seu encalço, um enorme efetivo mexica composto também por acolhuas, chalcas, tepanecas e xochimilcas os atacaram ao norte do lago.

Na localidade de Otumba, ocorreu uma grande batalha que provou a superioridade dos “espanhóis” em campo aberto. Nela, os mexicas e seus aliados liderados pelo *cihuacóatl* (chefe militar) investiram pesadamente contra os conquistadores que conseguiram resistir, pois contavam com o apoio da cavalaria, dos arcabuzes, bestas, “*e com que fúria os cães lutavam*”.²⁸⁶

*“E depois de encomendarmos a Deus e a Santa Maria de coração, invocando o nome do Senhor Santiago, desde que vimos que começaram a nos cercar, rompemos o cerco de cinco em cinco com os cavalos e todos nós em conjunto”*²⁸⁷

²⁸⁴ VÁZQUEZ DE TAPIA, Bernardino. *Relación de méritos y servicios...*, p. 146.

²⁸⁵ “(...) noche comenzó de llover y trovar y granizar tan reciamente que parecía romperse los cielos; (...) más parecía milagro que Dios quisó hacer por nosotros para salvarnos que cosa natural, porque era imposible que todos no quedáramos aquella noche allí muertos” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*, p. 191-192.

²⁸⁶ “y con qué furia los perros peleaban” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 128, p. 259.

²⁸⁷ “Y después de encomendarnos a Dios y a Santa María muy de corazón, e invocando el nombre de Señor Santiago, desde que vimos que nos comenzaban a cercar, de cinco en cinco de [a] caballo rompieron por ellos, y todos nosotros juntamente” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 128, p. 259.

Em uma última cartada, e ao grito de “*Santiago!*”, os “espanhóis” atacaram com uma carga de cavalaria e conseguiram um objetivo fundamental: a morte do líder mexica. Provavelmente golpeado por Cortés e morto pelo soldado Juan de Salamanca, o fato é que a morte do *cihuacoátl* provocou a retirada das tropas mexicas. Segundo Cortés,

*“quis Nosso Senhor mostrar Seu grande poder e misericórdia conosco, pois com toda a nossa deficiência, conseguimos reunir forças e quebrar o orgulho e a soberba [dos índios]. Nessa luta morreram muitos deles, sendo muitas pessoas principais e importantes. Eram tantos que chegavam a bater uns nos outros, a ponto de não poderem combater nem fugir. E assim fomos batalhando durante quase o dia todo, até que Deus quis que morresse uma pessoa deles que devia ser o líder, pois com essa morte logo cessaram os combates”*²⁸⁸

A seguir, “*milagrosamente Nosso Senhor nos libertou e nos conduziu a salvo até Tlaxcala*”,²⁸⁹ principal aliada. Refugiados, os “espanhóis” se reorganizaram e reafirmaram suas alianças com os tlaxcaltecas e os outros grupos, além de conquistarem os adversários dos mesmos nas regiões próximas.

Depois de conquistarem Tepeaca, nas proximidades da localidade os “espanhóis” fundaram (em agosto de 1520) a cidade de *Segura de la Frontera*, como uma nova base de apoio para as futuras operações militares. O nome da cidade provavelmente foi escolhido pelos conquistadores *extremeños* com o fim de recordar o grande castelo de *Segura de la Orden*, em Extremadura, desde o qual se tinha uma vista semelhante à que desde Tepeaca se obtinha de Cholula e dos vulcões.²⁹⁰

Nesse meio tempo, o então governante mexica, Cuitláhuac, morreu de varíola (novembro de 1520), doença trazida pela tropa de Narváez. Em seu lugar foi eleito um novo *tlatoani*, o jovem Cuauhtémoc (c. 1502-1525).²⁹¹ Nessa última campanha, a tropa

²⁸⁸ “*quiso Nuestro Señor mostrar su gran poder y misericordia con nosotros, que, con toda nuestra flaqueza, quebrantamos su gran orgullo y soberbia, en que murieron muchos de ellos y muchas personas de ellos y muchas personas muy principales y señaladas; porque eran tantos, que los unos a los otros se estorbaban que no podían pelear ni huir. Y com este trabajo fuimos mucha parte del día, hasta que quiso Dios que murió una persona tan principal de ellos, que con su muerte cesó toda aquella guerra*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 85.

²⁸⁹ “*milagrosamente Nuestro Señor nos libró y llevó en salvo a Tlaxcala*” – VÁZQUEZ DE TAPIA, Bernardino. *Relación de méritos y servicios...*, p. 147.

²⁹⁰ THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*, p. 484.

²⁹¹ Optamos pelo nome *náhuatl* Cuauhtémoc, mas o último *tlatoani* mexica também pode ser conhecido como Cuauhtemotzin ou Guatimozin.

hispânica passou a realizar a escravidão. Tal prática ignorava as leis da Coroa que, desde 1500, através de Isabel I (sob a influência do cardeal Cisneros), considerava que os índios eram “súditos livres e isentos de servidão”.²⁹² Bernal Díaz indica que nas localidades de Chalco e Texcoco, os conquistadores “*começaram a ferrar os escravos com um G, que quer dizer guerra*”.²⁹³

Entretanto, a mesma lei que proibia a escravização dos nativos tinha duas exceções: a prática era autorizada somente quando eles tivessem sido capturados numa “guerra justa” e caso os índios praticassem o canibalismo. Ora, o primeiro pretexto era bastante pertinente, pois praticamente em todas as campanhas os indígenas reagiam à ameaça que os “espanhóis” representavam. Dificilmente os nativos aceitariam a dominação externa sem qualquer tipo de resistência.

Na conquista de México-Tenochtitlán, esse foi o argumento utilizado, pois os mexicas e seus aliados tinham negado a “verdadeira fé”, além de cometerem uma grave falta – o canibalismo (proibido por Isabel desde 1503); precisavam ser castigados:

“Fiz certos escravos (...), porque, além de ter matado alguns espanhóis e se rebelado contra o serviço de Vossa Alteza, todos comem carne humana. (...) E também me moveu fazer os ditos escravos para provocar medo nos de Culúa [mexicas], porque também há gente que se não provocarmos um grande e cruel castigo, jamais conseguem aprender”.²⁹⁴

O biógrafo de Cortés, Salvador de Madariaga, analisou os motivos que levaram o capitão autorizar essa prática.²⁹⁵ Para o autor, a razão provável pela qual o capitão pensou

²⁹² BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*, p. 607.

²⁹³ “*se hizo el hierro con que se habían de ferrar los que se tomaban por esclavos, que era un G, que quiere decir guerra*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 130, p. 269.

²⁹⁴ “*(...) hice ciertos esclavos (...) porque, demás de haber muerto a los dichos españoles y rebeládose contra el servicio de vuestra alteza, comen todos carne humana (...). Y también me movió a hacer los dichos esclavos por poner algún espanto a los de Culúa, y porque también hay tanta gente, que si no se hiciese grande el castigo y cruel en ellos, nunca se enmendarían jamás*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 88.

²⁹⁵ “O primeiro crime [morte de ‘espanhóis’ e rebelião] era suficientemente punido pela própria expedição militar; o segundo [canibalismo] dificilmente podia ser reprovado aos indígenas de Tepeaca quando os próprios aliados de Cortés, os tlaxcaltecas, banquetevam-se com seus prisioneiros de guerra diante dos olhos dele; (...) o terceiro motivo [castigo] parece mais plausível e talvez tenha contribuído para a sua decisão” – MADARIAGA, Salvador de. *Hernán Cortés*. São Paulo: IBRASA – Instituição brasileira de difusão cultural S. A., 1961, p. 307.

em escravizar os nativos nesse momento era devido ao fato de seu tesouro se encontrar no fundo do lago Texcoco, ou seja, Cortés precisava de recursos econômicos e de oferecer aos soldados uma esperança de ganho imediato.²⁹⁶

O motivo exposto por Madariaga de castigar os índios também enquadra-se no sentido aplicado por Cortés durante a conquista. O fator econômico parece nesse caso caminhar novamente lado-a-lado com o religioso. Mais tarde, com a introdução das *Nuevas Leyes* (1542), gradativamente a escravidão indígena desapareceu, mas apenas em termos formais, visto que as práticas que exploravam os índios como a *encomienda* se mantiveram.²⁹⁷

Em fevereiro de 1521, uma nova tropa hispânica que desembarcou em Vera Cruz trouxe mais soldados para somar à força de Cortés. Este reforço contava com a participação de duzentos homens, distribuídos em um navio (*la María*) e duas caravelas menores: “*pela necessidade que tínhamos, milagrosamente Deus nos enviou este socorro*”.²⁹⁸ A Ordem Religiosa Franciscana estava representada pelo frei Pedro Melgarejo de Urrea, que desempenhava, como nos conta Bernal Díaz, uma importante função:

*“E chegou um frade franciscano chamado frei Pedro Melgarejo de Urrea, natural de Sevilha, trazendo bulas do Senhor São Pedro [Leão X, 1513-1521], que nos absolvía da responsabilidade das guerras que realizávamos; de tal forma que em poucos meses o frade voltou rico a Castela”*²⁹⁹

Bernal Díaz, no fragmento supracitado, descreve a condição econômica em que o frei se encontrou após a Conquista, resultado, sobretudo, da venda de indulgências realizada pelo clérigo entre os conquistadores. Como vimos, os “espanhóis” acreditavam na recompensa gloriosa recebida quando chegassem ao “Reino de Deus”.

²⁹⁶ Ibidem, p. 307.

²⁹⁷ A *encomienda* era uma instituição ibérica que tinha origem na Reconquista. Na América, o *encomendero* era “beneficiário do trabalho forçado dos índios. Recebia dos indígenas que lhes tinham sido entregues, um tributo, assim como um serviço pessoal, em troca da assistência material e religiosa que, em princípio, devia prestar-lhes. A instituição representa um meio termo entre a escravidão pura e simples e o princípio do trabalho livre desejado pela coroa” – BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 606.

²⁹⁸ “*según la necesidad que teníamos, milagrosamente nos envió Dios este socorro*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 121.

²⁹⁹ “*Y vino un fraile de San Francisco que se decía fray Pedro Melgarejo de Urrea, natural de Sevilla, que trajo unas bulas de Señor San Pedro, y con ellas nos componían si algo éramos en cargo en las guerras en que andábamos; por manera que en pocos meses el fraile fue rico y compuesto a Castilla*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 143, p. 310.

Essa prática realizada por Melgarejo de Urrea talvez fosse compartilhada pelo frei Bartolomé de Olmedo, pois o mercedário chegou a ser acusado por seus inimigos de se interessar mais pelo ouro do que pelas almas.³⁰⁰ No final da Idade Média, as indulgências passaram a ser vendidas por somas bastante acessíveis em muitos eventos promovidos pela Igreja.³⁰¹

Desde os séculos XIV-XV, sob crescente pressão financeira, vários poderes eclesiásticos como o Papado empregaram monges para vender indulgências.³⁰² Tal comportamento era muito diferente do ideal pregado no início do medievo, quando os clérigos direcionavam o monetário oriundo das doações e do uso das indulgências para obras públicas e assistência aos pobres e enfermos (caridade).

Segundo Cortés, o frei Melgarejo de Urrea era o “*comissário da Cruzada*”.³⁰³ Foi a primeira e única vez que a palavra “cruzada” apareceu nas fontes analisadas.³⁰⁴ O motivo pelo qual Cortés usou o termo nesse momento específico talvez seja resultado da importância que representava a chegada de uma bula papal. A guerra santa mais importante era a Cruzada, combate que provocava maior entusiasmo religioso, pois era feito com o apoio do Papado e em nome da Cristandade.³⁰⁵

A função de um membro de uma ordem mendicante como “comissário da Cruzada” não chega a ser uma surpresa, pois desde o século XIII, franciscanos e dominicanos sobretudo, incentivados pelo Papado, contribuíam na pregação e divulgação das Cruzadas. Como vimos, foi através de pregadores – franciscanos, especialmente – que o Papa Pio II (1458-1464) tentou comover os reis e as multidões a tomarem a cruz. A Ordem Franciscana foi a primeira a desembarcar no Novo Mundo. Em Granada também, os franciscanos

³⁰⁰ THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*, p. 185.

³⁰¹ JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 279.

³⁰² LOYN, H. R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 205.

³⁰³ “*comisario de la Cruzada*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 167.

³⁰⁴ Foi somente no final do século XII que o termo “cruzada” começou a ser utilizado pelos cronistas medievais: *bellum sacrum*, *expeditio crucis*, e *passagium* eram as denominações mais empregadas. Por exemplo, no *Livro dos Feitos* (c. 1252-1274) do rei de Aragão Jaime I (1208-1276), a palavra designada é “passagem”: “*Em seguida, a corte se dispersou, cada um pensou em se armar, e foi tomado o sacramento de todos os nobres que, ao primeiro dia de maio, estivessem em Salou, todos com suas armas, para passar a Maiorca, e que não faltassem. Naquele dia, fomos para lá, e estivemos até o início de setembro para orientar a passagem*” – LIVRO DOS FEITOS. Jaume I de Aragão. Tradução de Luciano José Vianna e Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, Cap. 55, p. 101-102.

³⁰⁵ ROUSSET, Paul. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980, p. 25.

tinham sido os primeiros clérigos a implantar o cristianismo na terra mourisca recuperada. As lições aprendidas após 1492 foram aproveitadas na Nova Espanha.³⁰⁶

Tradição medieval, o uso da força para a propagação da fé cristã também era defendido por alguns pensadores medievais como Ramon Llull (1232-1316). Durante quase toda sua vida, Llull defendeu a evangelização dos infiéis através do amor e do diálogo, no entanto, a partir do século XIV, no fim de sua vida, o fracasso do esforço missionário pacífico levou-o a defender o uso da força.³⁰⁷

Enquanto isso, Texcoco, cidade que compunha a “Tríplice Aliança” juntamente com Tlacopan e Tenochtitlán, colocou à disposição dos “espanhóis” parte de seu efetivo militar, sob a liderança do pretendente ao trono texcocano, Ixtlilxochitl (c. 1500-1550). Nesse ínterim, Cortés “*mandou cortar muita madeira do topo dos montes de Tlaxcala para levar até Texcoco e construir ali bergantins para entrar na laguna no México*”,³⁰⁸ pois os mexicas bloqueavam as calçadas.

Em março de 1521, os bergantins ficaram prontos em Tlaxcala. Logo depois, os “espanhóis” iniciaram a marcha transportando-os para a laguna. A construção do número exato de treze bergantins parece remontar à tradição bíblica: os doze apóstolos e seu líder, Jesus Cristo. Outra hipótese indica que imitou Constantino, o Grande (306-337 d.C.), Imperador que ordenou construir sua tumba cercada de outras doze destinadas aos apóstolos para assim assinalar sua condição de *Isapostolus*, ou seja, o décimo terceiro apóstolo.³⁰⁹

O ataque por terra através das três calçadas foi confiado a três divisões que eram capitaneadas por Pedro de Alvarado, Cristóbal de Olid e Gonzalo de Sandoval. Cortés, por sua vez, comandou os bergantins, que já conseguiam perseguir implacavelmente as canoas nativas no lago.³¹⁰

³⁰⁶ BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*, p. 388.

³⁰⁷ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 136.

³⁰⁸ “*mandó cortar mucha madera de encima en los montes de Tlaxcala, para llevar la madera a Tezcuco y hacer allí bergantines, para entrar por la laguna en México*” – VÁZQUEZ DE TAPIA, Bernardino. *Relación de méritos y servicios...*, p. 149. O bergantim é “uma antiga embarcação à vela e remo, esguia e veloz, com um ou dois mastros de galé e oito a 10 bancos para remadores” – FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, p. 205.

³⁰⁹ WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*, p. 111.

³¹⁰ BUENO, Isabel. “La guerra naval en el Valle de México”. *Estudios de Cultura Náhuatl*, nº. 36, 2005, p. 199-223.

Nesse meio tempo, ocorreram várias batalhas com resultados indecisos nas margens do lago, o que fazia com que sempre à noite os “espanhóis” se retirassem para o *real* (acampamento). Entretanto, para a infelicidade destes, alguns não retornavam, pois tinham sido capturados e levados para Tlatelolco (norte da ilha), onde rapidamente os mexicas “*os sacrificaram e abriram seus peitos, retirando seus corações para oferecer aos ídolos*”.³¹¹

Em abril, a tropa hispânica conquistou Xochimilco, começou isolar Tenochtitlán, e os comandados por Alvarado cortaram o suprimento de água potável dos mexicas que chegava por aquedutos. Mais tarde, com a recusa dos índios de se entregarem, um soldado chamado Sotelo teve a ideia de construir um *trabuco* (catapulta) para forçar a rendição indígena. Soldado veterano das campanhas na Península Itálica sob o comando de Gonzalo Fernández de Córdoba (1453-1515), o *Gran Capitán*, Sotelo decidiu testar a arma contra os mexicas:

*“E no acampamento de Cortés estava um soldado que dizia ter combatido na Itália em companhia do Grande Capitão, na batalha de Garellano e em outras grandes batalhas. Dizia também que sabia muitas coisas sobre tecnologia bélica e que construiria um trabuco [catapulta] em Tlatelolco e com ele destruiria em dois dias as casas onde Guatemuz [Cuauhtémoc] estava refugiado, obrigando-o logo a solicitar a paz (...)”*³¹²

Cortés permitiu que a catapulta fosse construída no intuito de levar a prática militar ao extremo em busca da vitória final; contudo, a nova arma falhou – os disparos não foram certos e imediatamente o capitão mandou desmontar a máquina.³¹³ Foi uma das últimas vezes que esse tipo de arma foi utilizada na história dos cercos.

Sempre que os mexicas recusavam qualquer tipo de negociação, os “espanhóis” tentavam avançar. Progredindo lentamente pelas calçadas – os índios sempre atiravam pedras, fechas e lanças –, os “espanhóis” conseguiram, após difícil combate, ocupar a praça central da cidade e massacrar, além dos guerreiros, muitos civis. Os mexicas e tlatelolcas

³¹¹ “*los sacrificaron y abrieron por los pechos, y les sacaron los corazones para ofrecer a los ídolos*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 148.

³¹² “*Y en real de Cortés estaba un soldado que decía él mismo que había estado en Italia en compañía del Gran Capitán y se halló en la chirinola de Garellano y en otras grandes batallas, y decía muchas cosas de ingenios de la guerra, y que haría un trabuco em Tatelulco con que en dos días que con él tirasen a las casas y parte de la ciudad adonde Guatemuz se había retraído, que les haría que luego se diesen de paz (...)*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 154, p. 366.

³¹³ Cortés relata o episódio do *trabuco* em CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 157.

retiraram-se para o norte da ilha em direção a Tlatelolco, onde ocorreu uma grande matança. Segundo Cortés, os índios não tinham,

*“flechas, lanças, nem pedras para nos atacar. (...) era tanta a mortandade que se fez por água e por terra, que naquele dia se matou e prendeu mais de quarenta mil almas”*³¹⁴

Finalmente, em treze de agosto, os “espanhóis” capturaram o *tlatoani* Cuauhtémoc, que tentava escapar em uma canoa, e assim ocorreu a capitulação final dos mexicas. Bernal Díaz comenta o último episódio da conquista de México-Tenochtitlán:

*“Prendeu-se Guatemuz [Cuauhtémoc] e seus capitães em treze de agosto, na hora das vésperas [seis da tarde], dia do Senhor São Hipólito, no ano de mil quinhentos e vinte e um. Graças a Nosso Senhor Jesus Cristo e a Nossa Senhora Santa Maria, Sua Bendita Mãe. Amém”*³¹⁵

No segundo dia após a queda da cidade realizou-se uma missa, na qual uma grande procissão de conquistadores seguiu a imagem da Virgem Maria e uma cruz até a colina de onde se viam as ruínas de Tenochtitlán, ao som do *Te Deum laudamus*.³¹⁶

5.1 OS ACONTECIMENTOS IMEDIATOS APÓS A CONQUISTA

Após os conquistadores tomarem Tenochtitlán, pouco tempo depois o Papa Clemente VII (1523-1534) concedeu plenas indulgências aos vitoriosos:

“Sua Santidade ficou muito satisfeita, e disse que dava graças a Deus que em seu tempo grandes terras tivessem sido descobertas e que tantas pessoas tivessem sido convertidas a nossa santa fé. Mandou realizar procissões para que todos louvassem e agradecessem a Deus, e disse que Cortés e todos seus

³¹⁴ “flechas ni varas ni piedras con que nos ofender; (...) era tanta la mortandad que en ellos se hizo por la mar y por la tierra, que aquel día se mataron y prendieron más de cuarenta mil ánimas” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 160.

³¹⁵ “Prendióse [a] Guatemuz y sus capitanes en trece de agosto, a hora de vísperas, en día de Señor San Hipólito, año de mil quinientos veintiún años. Gracias a Nuestro Señor Jesucristo y a Nuestra Señora la Virgen Santa María, su bendita madre. Amén” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 156, p. 369.

³¹⁶ THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*, p. 584.

*soldados haviam feito grandes serviços a Deus primeiramente, ao Imperador Dom Carlos nosso senhor, e a toda a Cristandade, e que éramos dignos de grandes mercês. E então nos enviou bula para salvarmos-nos da culpa e da pena de nossos pecados, e outras indulgências para os hospitais e igrejas, com grandes perdões, e felicitou tudo que Cortés havia feito na Nova Espanha*³¹⁷ (grifo nosso)

Em 1523, chegaram ao território recém conquistado três franciscanos de origem flamenga enviados por Carlos V: Juan de Aroa, Juan de Tecto e Pedro de Gante. Os dois primeiros morreram rapidamente ao seguirem Cortés em uma de suas expedições pela Mesoamérica.³¹⁸

A Ordem Mendicante dos Franciscanos³¹⁹ chegou formalmente à Nova Espanha em 1524, trazendo para os subjugados nativos, a “Boa Nova”. Para os missionários, era a vitória do *Salvador* e do Evangelho sobre o demônio e a idolatria. Como tinham feito em Granada na queima sistemática de vários Alcorões, na Nova Espanha, sob o comando do Bispo Juan de Zumárraga (1468-1548), os franciscanos destruiriam entre 1530 e 1534 grande parte dos códices mexicas, considerados de origem demoníaca e feiticeira, mas que eram guardiões de séculos de tradição e conhecimento. Os religiosos passaram a realizar também batizados em massa pelos rios mexicanos, um sucesso total da mentalidade de cruzada esperado desde os primeiros conquistadores.³²⁰

Diferentemente da conquista do *Tawantinsuyu (Mundo Inca)*, na qual Francisco Pizarro não esboçou qualquer iniciativa de evangelização, Cortés demonstrava uma humildade manifestada no momento em que recebeu, ajoelhado, os “doze apóstolos” que

³¹⁷ “*Su Santidad lo tuvo en mucho y dijo que daba gracias a Dios que en su tiempo tan grandes tierras se hubiesen descubierto y tantos números de gentes se hubiesen vuelto a nuestra santa fe, y mandó hacer procesiones y que todos diesen loores y gracias por ello a Dios, y dijo que Cortés y todos sus soldados habíamos hecho grandes servicios a Dios primeramente y al emperador don Carlos nuestro señor y a toda la cristiandad, y que éramos dignos de grandes mercedes, y entonces nos envió bula para salvarnos a culpa y a pena de todos nuestros pecados, y otras indulgencias para los hospitales e iglesias, con grandes perdones, y dió por muy bueno todo lo que Cortés había hecho en la Nueva España*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, p. 527-528.

³¹⁸ RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México*, p. 82.

³¹⁹ A Ordem dos Franciscanos, também chamada de Ordem dos Frades Menores (*Ordo Fratrum Minorum*, O. F. M), é uma ordem religiosa fundada por Francisco de Assis, em 1215. A ordem foi a primeira a entrar em Granada após a captura do reino muçulmano, e a desembarcar no Novo Mundo.

³²⁰ Como nos informa Hugh Thomas, o “Fray Motolinía, uno de los doce franciscanos, afirmo que él mismo bautizó a más de trescientos mil. Pedro de Gante bautizaba a menudo a cuatro mil en día, a veces diez mil. (...) Ésta [prática] **tenía un precedente entre los moros después de la conquista de Granada**” (grifo nosso) – THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*, p. 645.

vinham pregar em México-Tenochtitlán; fato que comprova o seu objetivo de conversão.³²¹ Paul Johnson faz uma pergunta retórica pertinente a esse respeito: “seria um caso de hipocrisia por parte de Cortés e honestidade por parte de Pizarro?” Juntamente com o historiador, acreditamos que assim como os cruzados medievais, os conquistadores eram misturas curiosas e voláteis; diversas vezes, os mais cruéis deles eram os mais generosos em caridade cristã.³²²

No entanto, ao final de 1524, Cortés ainda não estava satisfeito com a quantidade de religiosos que atuavam na região – uma evangelização metódica e mais organizada era imprescindível. Em sua *Cuarta Carta*, o capitão fez um pedido ao Imperador Carlos V: “enviei uma súplica a Vossa Majestade, para que mandasse pessoas religiosas de boa vida e exemplo. Até agora chegaram muito poucos ou quase nenhum, e é certo que fariam uma enorme obra”.³²³ Três anos após os franciscanos, chegaram os dominicanos e, em 1533, os agostinianos. Responsáveis pela conversão dos “infieis”, essas ordens religiosas cuidavam da “salvação das almas”, e o Papa utilizava seus membros como ativos propagandistas das Cruzadas.³²⁴

De fato, foi somente com o desembarque dos missionários franciscanos (1524) que se iniciou a evangelização sistemática da Nova Espanha.³²⁵ Em 1559, os franciscanos tinham um total de 80 casas e 380 religiosos; os dominicanos, 40 casas e 210 religiosos; os agostinianos, 40 casas e 212 religiosos.³²⁶ A *conquista espiritual* do território estava praticamente encerrada.

Paralelamente, na Europa do século XVI o próprio Cortés e o Imperador Carlos V participaram juntos de uma fracassada expedição de caráter cruzadístico contra Argel, defendida pelos turcos. Nessa campanha, o capitão conheceu Francisco López de Gómara, seu capelão a partir desse momento:

³²¹ BOXER, Charles R. *A Igreja militante e a expansão ibérica: 1440-1770*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989, p. 139.

³²² JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*, p. 488.

³²³ “Y he enviado a suplicar a vuestra majestade, para ello, mandase proveer de personas religiosas de buena vida y ejemplo. Y porque hasta agora han venido muy pocos, o casi ningunos, y es cierto que harían grandísimo fruto” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Cuarta Carta*, p. 203.

³²⁴ DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “La idea de cruzada en el Liber de passagio de Ramón Llul”, p. 57-58.

³²⁵ RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México*, p. 75.

³²⁶ BOXER, Charles R. *A Igreja militante e a expansão ibérica: 1440-1770*, p. 138-139.

“(...) no ano de 41, o Imperador avançou sobre Argel com uma grande armada e cavalaria. Cortés integrou a tropa com seus filhos Dom Martín e Dom Luis, com muitos criados e cavalos para a guerra. Surpreendentemente surgiu uma tempestade que destruiu a frota no mar (...)”³²⁷

Com a morte de Cortés (1547), suas expectativas estavam consolidadas, pois o capitão sempre pensou e viveu como um cavaleiro cristão destinado a servir Deus e ao Rei. Morrer como um “bom cristão” sintetizou a esperança de salvação de sua vida.³²⁸

Na Nova Espanha colonial, rapidamente os evangelizadores inculcaram nos nativos a animosidade aos muçulmanos e a ideia de cruzada. Para buscarem êxito, difundiram a festa ou *danza de moros y cristianos*.³²⁹ Nesse novo contexto, a festa apresentava um ator diferente (os índios), mas a mensagem e os personagens representados (cristãos e muçulmanos) se mantinham. Era sempre preciso salientar a vitória cristã sobre os mouros, o velho ideal de cruzada.³³⁰

³²⁷ “(...) el año 41, el Emperador sobre Argel, con grande armada e caballería. Pasó allá Cortés con sus hijos don Martín y don Luis, y con muchos criados y caballos para la guerra. Le cogió la tormenta, con lo que se perdió la flota, en el mar (...) – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Indias. La Conquista de Méjico (Segunda Parte)*. Barcelona: Editorial Ibéria, Obras Maestras, 1954, p. 437.

³²⁸ GARCÍA, Sara Rodicio. “Aportaciones al estudio del pensamiento de Hernán Cortés”, p. 271.

³²⁹ GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 126.

³³⁰ VICENT, Bernand. *1492: Descoberta ou invasão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p. 147.

6. A SIMBOLOGIA CRISTÃ NA CAMPANHA

*“E como trazíamos a bandeira da cruz, lutávamos por nossa fé e pelo serviço de Vossa Sacra Majestade em sua real ventura, Deus nos concedeu tamanha vitória que matamos muita gente sem receber perdas”*³³¹

Hernán Cortés, *Segunda Carta-Relación*

A frase de Cortés não deve ser entendida em total sentido figurado. Os conquistadores levavam, literalmente, além da flâmula da coroa da Espanha, estandartes e bandeiras com cruzeiros e imagens religiosas estampadas: símbolos³³² da fé cristã.³³³

Estes símbolos já eram usados durante o período medieval como parte das insígnias que representavam o cristianismo, o que conferia um toque celestial àquelas empresas terrenas, uma necessidade dos “espanhóis” naquele tempo.³³⁴ Na Idade Média, os cruzados ibéricos já tinham sentido o poder “místico” das bandeiras e estandartes carregados contra os mouros na grande batalha de Las Navas de Tolosa (1212).³³⁵

No fim da guerra de Reconquista, após a queda de Málaga (1487), um monge subiu na torre do Alcazaba e abriu a bandeira cristã, símbolo do triunfo da “verdadeira fé”. Em Granada, também ocorreu uma ação semelhante, no momento em que a cruz levada como símbolo que guiava a tropa, um presente do Papa Sisto IV (1471-1484), foi posta no alto do

³³¹ “Y como traíamos la bandera de la cruz, pugnábamos por nuestra fe y por servicio de vuestra sacra majestad en su muy real ventura, nos dió Dios tanta victoria que les matamos mucha gente, sin que los nuestros recibiesen dano” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 38.

³³² “Os símbolos constituem o núcleo dos sistemas culturais, pois é com eles que formamos pensamentos, ideias e outras maneiras de representar a realidade para os outros e para nós mesmos” – JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 206.

³³³ “O portador de uma bandeira ou de um estandarte ergue-o acima de sua cabeça. De certo modo, lança um apelo ao céu, cria um elo entre o alto e o baixo, o celeste e o terreno. (...) No plano cristão, a bandeira simboliza a vitória do Cristo ressuscitado e glorioso. (...) A bandeira é elevada, o homem a estende e assim faz com a contemplação voltada para os bens celestes. Estar suspenso acima da terra é ser iniciado nos segredos divinos” – CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995, p. 118-119.

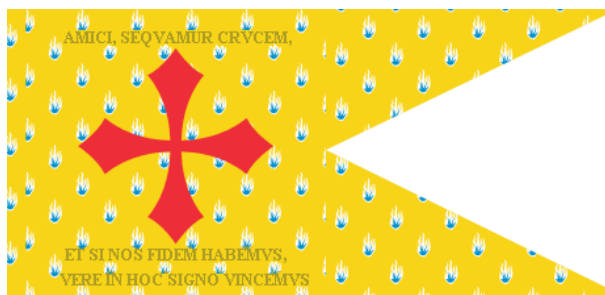
³³⁴ FRIEDERICI, Georg. *El carater del descubrimiento y de la conquista de América*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1973, p. 311.

³³⁵ CARDAILLAC, Louis. *Moriscos y Cristianos: Un Enfrentamiento Polémico (1492-1640)*. México, D. F.: FCE, 1979, p. 302. *Apud* BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*, p. 75.

Alhambra. A Ordem de Santiago igualmente foi representada na conquista de Granada, quando seu comendador, García de Castrillo, fincou a bandeira da ordem no Alhambra.³³⁶

Símbolo maior do cristianismo, a cruz, seja em suas diferentes formas (latina, grega, etc.), fazia parte das alternativas não-bélicas que traziam importantes “energias místicas e espirituais” ao início do triunfo cristão. Dentro das representações cristãs que os conquistadores carregavam, a cruz era considerada o referente mais forte do pertencimento à “verdadeira fé”, ou seja, do cristianismo.³³⁷

Após chegarem, os conquistadores fincavam cruzes de madeira nos locais que desembarcavam como parte do processo de *conquista espiritual*: “e deixamos uma grande cruz de madeira colocada no alto e os índios ficaram muito contentes e disseram que a venerariam e adorariam”.³³⁸ O erguimento da cruz significava a consagração da região, nos princípios cristãos uma espécie de “novo nascimento”:³³⁹ “se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma realidade nova”.³⁴⁰



A bandeira de Hernán Cortés. Desenho de Juan Manuel Gabino Villascán, julho 2005. Disponível em: http://www.crwflags.com/fotw/images/m/mx_1519a.gif

Durante o período medieval, várias campanhas militares eram guiadas pelo *vexillum sancti Petri* (a bandeira de São Pedro). Nos séculos X e XI, esse objeto era enviado pelos

³³⁶ DEMURGER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo: As ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 121.

³³⁷ HORMAECHE, Lisandro David. “Los símbolos del nosotros frente al otro en la Nueva España durante la dominación española (s. XVI y XVII).” Instituto de Historia Americana Universidad Nacional de La Pampa, 2006, p. 03.

³³⁸ “y quedóles una cruz de madera grande puesta en alto, y quedaron muy contentos, y dijeron que la tendrían en mucha veneración y la adorarian” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Primera Carta-Relación*, p. 17.

³³⁹ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 35.

³⁴⁰ A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1973, p. 2178.

papas aos normandos, guerreiros que muitas vezes se declaravam vassallos do pontífice e lutavam em nome dele, por exemplo, no sul da Península Itálica (ocupada também pelos árabes).³⁴¹ Os primeiros cavaleiros que partiram nas Cruzadas tinham em suas vestes cruces costuradas. O ato de “revestir-se da cruz” era entendido como garantia de proteção e do sucesso militar cristão. A cruz era considerada um emblema por excelência, como uma manifestação de Deus, cuja onipotência protegia a pequena tropa cortesiana.³⁴² Como nos informa Andrés de Tapia, Cortés trazia hasteada em sua nau,

“uma bandeira com alguns lumes brancos e azuis e uma cruz vermelha no centro; e a inscrição que dizia: Amici, sequamur crucem, et si nos fidem habemus, vere in hoc signo vincesus”.³⁴³

A bandeira tradicionalmente é entendida com um símbolo de proteção, concedida ou implorada.³⁴⁴ Bernal Díaz também registra o mesmo objeto. Segundo o cronista, Cortés,

“mandou confeccionar dois estandartes e bandeiras costuradas com ouro e dispostas as armas reais e a cruz em cada parte, com um letrado que dizia: Irmãos e companheiros: sigamos o sinal da Santa Cruz com fé verdadeira, que com ela venceremos”.³⁴⁵

Curiosamente, existe uma aproximação compilada pela historiografia entre Cortés e o Imperador Romano Constantino I (306-337 d.C.).³⁴⁶ Em 312, antes de travar e vencer a batalha da Ponte Milvius contra Maxêncio (c. 278-312), Constantino supostamente viu uma

³⁴¹ FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*. Madrid: Editorial Trota, 2003, p. 157-184.

³⁴² GRUNBERG, Bernard. “El universo de los conquistadores: resultado de una investigación prosopográfica”. *Signos Históricos*, julio-diciembre, nº 12, Universidad Autónoma Metropolitana, Iztapalapa, México, D. F.: 2004, p. 99.

³⁴³ *“una bandera de unos fuegos blancos y azules y una cruz colorada en medio; y la letra de ella era: Amici, sequamur crucem, et si nos fidem habemus, vere in hoc signo vincesus”* – TAPIA, Andrés de. *Relación de algunas cosas de las que acaecieron al muy ilustre señor don Hernando Cortés, marqués del Valle, desde que se determinó ir a descubrir tierra en la Tierra Firme del Mar Océano*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 67. Inscrição latina: “Amigos, sigamos a cruz, porque se tivermos fé, com este sinal venceremos”.

³⁴⁴ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números*, p. 118.

³⁴⁵ *“mandó hacer dos estandartes y banderas labradas de oro con las armas reales y una cruz de cada parte con un letrado que decía: ‘Hermanos y compañeros: sigamos la señal de la Santa Cruz con fe verdadera, que con ella venceremos’* – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 20, p. 33.

³⁴⁶ WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de México*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica – Segunda edición revisada (El Colegio de México), 1994, p. 118-119.

cruz no céu e escudou uma frase em grego (“Εν Τουτω Νικα”), na qual normalmente se faz referência em latim: *In hoc signo vinces* (“com este sinal vencerás”).³⁴⁷ Depois, mandou gravar nos escudos dos legionários um sinal similar à mensagem de Cristo em forma de cruz.³⁴⁸

Paralelamente às expedições castelhanas, as caravelas portuguesas de Pedro Álvares Cabral (c. 1467-1526) que ancoraram no Brasil (em 1500) tinham estampadas em suas velas a cruz da Ordem de Cristo (a velha cruz templária), tradicional emblema cruzadístico da luta contra o “outro”. Da mesma forma que na expansão castelhana, o papel desempenhado pela mentalidade de cruzada nos “descobrimientos” portugueses estava profundamente ligado ao seu precedente desenvolvimento nos combates com os mouros na Reconquista.³⁴⁹

Por sua vez, o estandarte de Cortés, que trazia estampada a imagem da Virgem Maria (*Inmaculada Concepción*) da qual o marquês era devoto,³⁵⁰ se tornou um importante componente para garantir a proteção dos “espanhóis”, já que “mais ainda que os santos, a Virgem torna-se a protetora suprema”.³⁵¹ A imagem da Virgem também atuou como representação na Reconquista ao inflamar o moral dos guerreiros – uma delas decorando a sela do cavalo do rei Fernando III (1217-1252) – que, agradecidos, dirigiram parte dos espólios em sua adoração.³⁵²

Ao analisarmos a *Historia verdadera*, de Bernal Díaz, descobrimos um indício do referido objeto: “a bandeira que Bolante trazia tinha estampada a imagem de Nossa Senhora, a Virgem Santa Maria”.³⁵³ O soldado de Cortés que carregava o estandarte era Juan Bolante, que em uma das batalhas contra os mexicas, mesmo ferido e preste a se

³⁴⁷ PRIEN, Hans-Jürgen. “La Justificación de Hernán Cortés de su conquista de México y de la conquista española de América”, p. 26.

³⁴⁸ H. KRAFT. Art. “Monogramm Christi”. RGG IV, 1960, p. 1104 ss (τούτοο νίκα). *Apud* PRIEN, Hans-Jürgen. “La Justificación de Hernán Cortés de su conquista de México y de la conquista española de América”, p. 26.

³⁴⁹ ERDMANN, Carl. *A Idea de Cruzada em Portugal*. Coimbra: Public. do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1940, p. 57-58 *Apud* COSTA, Ricardo da. “D. Dinis e a supressão da Ordem do Templo (1312): o processo de formação da identidade nacional em Portugal”. *In: Cultura e Imaginário no Ocidente Medieval*. Arrabalde - Cadernos de História. Série I. Niterói: Uff, 1996, p. 90-95.

³⁵⁰ Hernán Cortés era devoto da Virgem de Guadalupe de Extremadura.

³⁵¹ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 385.

³⁵² GARRIDO BONAÑO, M. *La Virgen María en la Reconquista española*. *Consigna*, 15, 1955, p. 47-52. *Apud* FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros*, p. 173.

³⁵³ “la bandera que traía el Bolante era figurada la imagen de Nuestra Señora la Virgen Santa María” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 141, p. 302.

afogar – “*caiu na laguna com a bandeira*” – manteve-se firme segurando o objeto com a imagem mariana.

No século XI, o culto à Virgem Maria assumiu toda sua amplitude e desde então não parou de crescer.³⁵⁴ Dois séculos mais tarde, a Virgem já era a protetora dominante e, no final da Idade Média, nas ordens militares, ela era mais invocada que o próprio Cristo.³⁵⁵ Os templários, as ordens ibéricas da esfera cisterciense (Calatrava, Avis e Alcântara) e os teutônicos se colocavam sob a invocação de Maria.³⁵⁶

No final do século XV, a adoração à Imaculada Conceição adquiriu crescente devoção, em parte por obra do Papa Sisto IV, que havia aprovado a festa da Conceição de Maria (1476). Foi também nesse período que se fixou a iconografia da Virgem, a *Imaculada Conceição*. Na Península Ibérica, a região de Extremadura, onde se encontra uma igreja dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, passou a ocupar, no século XV, a importância que Compostela outrora tinha em relação ao culto ao apóstolo Santiago. Em 1493, antes de zarpar para a sua segunda viagem, Cristóvão Colombo visitou o santuário mariano em agradecimento.³⁵⁷ O próprio Cortés se dirigiu a Guadalupe (em 1528) para agradecer à Virgem de Extremadura, onde ofereceu um escorpião de ouro ao monastério.³⁵⁸

Foi a campanha cortesiana de conquista que introduziu em terras mesoamericanas o culto à Imaculada Conceição, empregada por Cortés na iconografia de seu estandarte, a primeira representação da Virgem que os nativos viram.³⁵⁹

³⁵⁴ LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005, p. 203-204.

³⁵⁵ DEMURGER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo: As ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI)*, p. 161.

³⁵⁶ *Ibidem*, p. 162.

³⁵⁷ HEERS, Jacques. *Cristóbal Colón*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 427.

³⁵⁸ THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*. México, D. F.: Editorial Pátria, 1994, p. 654.

³⁵⁹ VARGASLUGO, Elisa. “Imágenes de la Inmaculada Concepción en la Nueva España”. *Anuario de Historia de la Iglesia*, ano/vol. XIII. Universidade de Navarra. Pamplona, Espanha, 2004, p. 67.



O estandarte de Hernán Cortés com a imagem da Virgem Maria (*Inmaculada Concepción*) representada. Ao redor da imagem encontra-se a frase em espanhol: *Este Estandarte es el que trajo Dn. Fernando Cortés en la conquista de México*. Essa réplica acima foi exposta no Museo de El Carmen (México) e está disponível em: <<http://www.conaculta.gob.mx>>. O estandarte original se localiza no Museo Nacional de Historia “Castillo de Chapultepec”, México.

Este símbolo mariano foi utilizado durante todo o processo da Conquista como recurso de conversão dos nativos, no qual os conquistadores o mostravam aos povos encontrados. Ao recordar as façanhas de Cortés e o culto da *Inmaculada Concepción*, o estandarte representava o triunfo da monarquia católica (a Espanha),³⁶⁰ difundida em solo americano como a intensidade, solenidade e entusiasmo como a celebração de um dogma.³⁶¹ Vale lembrar também que, uma década após a Conquista, a Virgem Maria teria supostamente aparecido ao nativo Juan Diego Cuauhtlatotzin (c. 1474-1548); era o início do culto à Virgem de Guadalupe, amplamente difundido no México atual.

Outro possível estandarte ou bandeira carregada pela tropa de Cortés teria uma imagem da pomba com a representação do Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Nossas fontes não dizem nada a respeito de tal objeto, apenas o *Códice Azcatitlan*,³⁶² produzido no período colonial, possui a ilustração mencionada. Entretanto,

³⁶⁰ “En las primeras décadas del siglo XVI se generaliza la expresión ‘Monarquía católica’ o ‘Monarquía universal española’ que Tomás Campanella designará como la ‘Monarquía di Spagna’ universal que, procedente de oriente y pasando a los griegos y a los romanos, llega, por último, a los españoles” – TOMÁS Y VALIENTE, Francisco. “Las ideas políticas del conquistador Hernán Cortés”. In: Francisco Solano (coord.). *Proceso histórico al conquistador*. Madrid: Alianza Editorial, 1988, p. 175 *Apud* FERNÁNDEZ, Fernando Carmona. “Conquistadores, utopía y libros de caballería”. *Revista de Filología Románica*, nº 10, Universidade Complutense, Madrid, 1993, p. 14.

³⁶¹ VARGASLUGO, Elisa. “Imágenes de la Inmaculada Concepción en la Nueva España”, p. 70-71.

³⁶² *Codex Azcatitlan/Códice Azcatitlan*. Paris: Bibliothèque Nationale de France/Société des Américanistes. Para ver a ilustração mencionada, acessar: <<http://www.lib.uci.edu/libraries/exhibits/meso/colonial2.html>>

não seria surpresa se esse objeto tivesse sido carregado pela tropa de Cortés durante a expedição.

Logicamente não atribuímos nenhum caráter mágico fundamental no triunfo cristão ao estandarte e as bandeiras, mas certamente a iconografia representada era um fator que, na mentalidade dos conquistadores, somava-se aos componentes bélicos e supostamente revigorava as forças cristãs. De fato, a religiosidade desempenhava um papel crucial na motivação da tropa.

Os soldados também traziam diversos objetos para sua proteção, que incluíam pequenas representações de santos e crucifixos. Os objetos sagrados como a hóstia, a cruz e os amuletos mantêm o demônio a distância.³⁶³ Em um episódio, milagrosamente os dois principais símbolos da Conquista – a cruz e a imagem da Virgem Maria – teriam repellido uma tentativa mexica de destruí-los:

“(...) colocamos em sua casa a imagem de Nossa Senhora, a Virgem Santa Maria, e a Cruz, e digo que haviam chegado muitos índios para destruir a santa imagem do altar onde a colocamos, mas não conseguiram, e os índios acreditaram em um grande milagre, e logo contaram para Montezuma (...)”³⁶⁴

Guerrear pela religião era um predicado dos conquistadores, homens que se punham sob o amparo celestial e que levavam estandartes e bandeiras especiais com a representação da cruz, de um santo ou da Virgem Maria. Os conquistadores desejavam que através da simbologia cristã a campanha fosse identificada como uma verdadeira guerra em nome de Deus.

³⁶³BASCHE, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*, p. 385.

³⁶⁴“(...) porque pusimos en su casa la imagen de Nuestra Señora la Virgen Santa María y la Cruz; y más dijo que habían llegado muchos indios a quitar la santa imagen del altar donde la pusimos, y que no pudieron, y que los indios lo tuvieron a gran milagro y que se lo dijeron a Montezuma (...)” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 125, p. 246.

7. O DISCURSO CORTESIANO

*“(…) tínhamos Deus ao nosso lado e que com Ele nenhuma coisa é impossível, e que lembrassem as vitórias que havíamos conseguido, nas quais muitos inimigos morreram e entre nós nenhum (...)”*³⁶⁵

Hernán Cortés, *Segunda Carta-Relación*

*“E Cortés disse: ‘Senhores, sigamos nossa bandeira, que é o sinal da santa cruz, que com ela venceremos’. E todos respondemos que iriam em uma hora muito boa, pois Deus é força verdadeira”*³⁶⁶

Bernal Díaz del Castillo, *Historia verdadera...*

Assim Cortés se dirigiu aos soldados com o discurso que Deus acompanhava-os e que nada era impossível com Ele ao lado, bastava lembrar as vitórias obtidas e o número de inimigos mortos em comparação aos seus.

Bernal Díaz, por sua vez, relatou um dos pronunciamentos de Cortés aos conquistadores. Da mesma forma que a bandeira cortesiana descrita por Andrés de Tapia e analisada no *Capítulo VI*, a exortação religiosa de cunho cruzadístico encontra-se nos discursos do capitão aos soldados.

Repetidamente, os “soldados-cronistas” se autodenominavam “cristãos”: *“porque os mencionados tlaxcaltecas em todos os enfrentamentos e reencontros militares com os mexicanos estavam ao lado dos cristãos lhes favorecendo e ajudando (...)”*³⁶⁷ Ao mencionar a aliança hispano-tlaxcalteca, o conquistador Francisco de Aguilar deixa claro que os “espanhóis” eram os “cristãos”. De fato, o hábito de colocar a religião como

³⁶⁵ “(...) *teníamos a Dios de nuestra parte y que a el ninguna cosa le es imposible, y que lo viesen por las victorias que habíamos habido, donde tanta gente de los enemigos eran muertos y de los nuestros ningunos (...)*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 40.

³⁶⁶ “*Y Cortés dijo: ‘Señores, sigamos nuestra bandera, que es la señal de la santa cruz, que con ella venceremos’. Y todos a una le respondimos que vamos mucho en buena hora, que Dios es la fuerza verdadera*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 62, p. 107.

³⁶⁷ “*porque los dichos taxcaltecas en todos los rebates y reencuentros de guerra que los mexicanos hubieron con los cristianos les favorecieron y ayudaron (...)*” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 173.

principal identificador entre os “espanhóis” e os nativos (idólatras) é de suma importância, pois para muitos cronistas eles eram “os cristãos por excelência”.³⁶⁸

Ao longo da expedição cortesiana, o discurso que os conquistadores utilizaram condizia com aquilo que os “espanhóis” realizavam. Tais pronunciamentos registrados nas fontes apresentam uma forte religiosidade, característica da mentalidade cruzadística, que exaltava a vitória militar dentro de uma perspectiva religiosa cristã. Nos relatos analisados, observamos esse ideal presente, como, por exemplo, na invocação dos santos, já que para “respaldar a mentalidade de cruzada, os oradores recorrem aos personagens bíblicos”.³⁶⁹

Ao analisar justamente nosso mesmo *corpus* documental com uma abordagem quantitativa,³⁷⁰ Bernard Grunberg identificou que no vocabulário dessas crônicas existe uma frequência elevada de menções ao termo “Deus”. A alta presença numérica desse termo (2,63% do léxico total) e de suas conotações (fé, cruz, etc.) indica a profunda religiosidade dos conquistadores: Deus fortalece, protege, inspira, conforta, recompensa, comanda, etc.³⁷¹ Servir fielmente ao propósito do Todo-poderoso era uma obrigação essencial:

*“Cortés respondeu que primeiro faria o que manda Deus Nosso Senhor, que cremos e adoramos, e o que desejava o rei nosso senhor, que fossem destruídos os ídolos, que não sacrificassem e matassem mais homens, nem fizessem outras coisas más que costumam fazer e que crêem no que nós cremos, que é um só Deus verdadeiro”*³⁷²

No entanto, podemos notar uma ruptura nesse tipo de narrativa. Com efeito, desde o final da Idade Média, ela apresenta sinais de um crescente interesse pelo particularismo, característica do Renascimento (exaltação dos personagens reais). Assim, ocorre uma

³⁶⁸ LAFAYE, Jacques. *Los conquistadores*. México, D. F.: Siglo XXI Editores - oitava edição, 1991, p. 144-147.

³⁶⁹ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p. 180.

³⁷⁰ “A abordagem quantitativa funda-se na frequência de aparição de certos elementos na mensagem” – BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1994, p. 114.

³⁷¹ GRUNBERG, Bernard. “Le vocabulaire de la ‘Conquista’. Essai de linguistique historique appliquée à la conquête du Mexique d’après les chroniques des ‘conquistadores’”. *Histoire, économie et société*, 1985, Volume 4, Número 1, p. 17-19.

³⁷² “Cortés respondió porque quiero hacer primero lo que manda Dios Nuestro Señor, que es en el que creemos y adoramos, y a lo que le envió el rey nuestro señor, que se quiten sus ídolos y que no sacrifiquen ni maten más hombres, ni hagan otras torpedades malas que suelen hacer, y crean en lo que nosotros creemos, que es un solo Dios verdadero” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 77, p. 132.

descontinuidade entre as narrativas da conquista de México-Tenochtitlán e a maioria das narrativas cruzadísticas medievais, que evidenciavam, quantitativamente falando, uma maior frequência no registro de aparições de nomes bíblicos nas crônicas.³⁷³

Não obstante, essa diminuição gradativa, causada talvez pela influência do Renascimento, precisa ser matizada. Tal ressalva deve ser proposta porque até mesmo o cronista (considerado *humanista*) Francisco López de Gómara³⁷⁴ foi um autor que acreditou na importância da atuação direta dos personagens bíblicos como Santiago e a Virgem Maria na Conquista, diferentemente de Bernal Díaz. Por outro lado, López de Gómara também procurou destacar a ação de Cortés (particularismo renascentista):

*“(...) os espanhóis que vieram lutar neste dia com Hernán Cortés afirmaram que nunca um homem lutou como ele, nem comandou os seus companheiros assim, e que ele sozinho salvou todos”*³⁷⁵

O cristianismo, principalmente a ortodoxia católica, consistindo numa fé dogmática, fazia dos “espanhóis” homens tementes a Deus, dispostos a matar em nome Dele. Cortés não era exceção. Bernal Díaz descreve a religiosidade do principal protagonista da expedição:

*“(...) [Cortés] rezava pelas manhãs por algumas horas e ouvia missa com devoção. Tinha como protetora a Virgem Maria, Nossa Senhora, a qual todos os fiéis cristãos devem ter por intercessora e protetora. E também tinha como protetor o Senhor São Pedro, Santiago e o Senhor São João Batista (...)”*³⁷⁶

³⁷³ O Prof. Dr. Ricardo da Costa descreve algumas características dos textos cruzadísticos medievais, exemplificando-as após a análise de uma crônica cristã, a *Conquista de Lisboa aos mouros em 1147*: “o maior número de citações de personagens bíblicos em comparação com os personagens cruzados (...) indica uma clara preocupação com o conteúdo clerical nas passagens exortatórias. (...) Além disso, os personagens cruzados não são o centro da narrativa, e sim motivos para o desenrolar da história – por exemplo, não existe nenhuma descrição física deles. (...) estão inseridos apenas para que o cronista-presbítero desenvolva a ideia de guerra santa e cruzada” – COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 179-180.

³⁷⁴ Francisco López de Gómara estudou *Humanidades* na Universidade de Alcalá de Henares. Rapidamente, integrou o corpo docente da mesma instituição, ocupando a cátedra de *Retórica*. Logo depois, ordenado sacerdote, viajou para Roma e, entre 1531 e 1541, conviveu com alguns dos principais integrantes do movimento humanista da Península Itálica – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Historia General de las Índias (Primeira Parte)*. Barcelona: Editorial Ibéria, Obras Maestras, 1954, p. X-XI.

³⁷⁵ “españoles vieron pelear este día a Hernán Cortés afirmar que nunca hombre peleó como él, ni acaudilló así a los suyos, y que él solo por su persona los libró a todos” – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Índias. La Conquista de Méjico (Segunda Parte)*. Barcelona: Editorial Ibéria, Obras Maestras, 1954, p. 204-205.

³⁷⁶ “rezaba por las mañanas en unas horas y oía misa con devoción. Tenía por su muy abogada a la Virgen María, Nuestra Señora, la cual todos los fieles cristianos la debemos tener por nuestra intercesora y

Cortés era um homem de intensa fé. Ele procurava, como líder da expedição, ou trazer para o “rebanho” os povos não convertidos ou combater os “infiéis” que recusavam o batismo, considerados inimigos de Cristo e do catolicismo.³⁷⁷ Em sua *Segunda Carta*, o próprio Cortés deixa claro seu papel de “bom cristão”:

*“Eu os animava dizendo que lembrassem que eram vassallos de Vossa Alteza e que jamais os espanhóis estiveram em falta seja em qualquer lugar. E que estávamos dispostos a ganhar para Vossa Majestade os maiores reinos e senhorios que havia no mundo e que, além de fazer o que como cristãos éramos obrigados, lutar contra os inimigos de nossa fé, por isso no outro mundo ganharíamos a glória e neste conseguiríamos a maior honra que nessa época nenhuma geração ganhou”*³⁷⁸

Durante a campanha contra México-Tenochtitlán, o auxílio divino era um componente importante para incentivar a tropa e inflamar o moral dos combatentes. Nessa guerra, os conquistadores confiavam a segurança de suas vidas ao *Salvador* e aos santos cristãos, criando um significativo aliado psicológico (onipresença e onipotência divinas):

*“Acreditem, Vossas Altezas Reais, que esta batalha foi vencida mais pela vontade de Deus que por nossas forças, porque contra quarenta mil guerreiros, pouco adiantava nossos quatrocentos homens”*³⁷⁹

No fragmento acima, os compiladores da *Primera Carta-Relación* assinalaram o desfecho de uma das primeiras batalhas dos conquistadores contra os nativos mesoamericanos. Nela, a vitória hispânica perante a imensa superioridade numérica dos inimigos era explicada pela vontade de Deus.

abogada, y también tenía a Señor San Pedro y Santiago y a Señor San Juan Bautista (...) – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 204, p. 557.

³⁷⁷ MADARIAGA, Salvador de. *Hernán Cortés*. São Paulo: IBRASA – Instituição brasileira de difusão cultural S. A., 1961, p. 95.

³⁷⁸ “Yo los animaba diciéndoles que mirasen que eran vasallos de vuestra alteza y que jamás en los españoles en ninguna parte hubo falta, y que estábamos en disposición de ganar para vuestra majestad los mayores reinos y señorios que había en el mundo, y que demás de hacer lo que como cristianos éramos obligados, en pugnar contra los enemigos de nuestra fé, y por ello en el otro mundo ganábamos la gloria y en éste conseguimos el mayor prez y honra que hasta nuestro tiempos ninguna generación ganó” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 39-40.

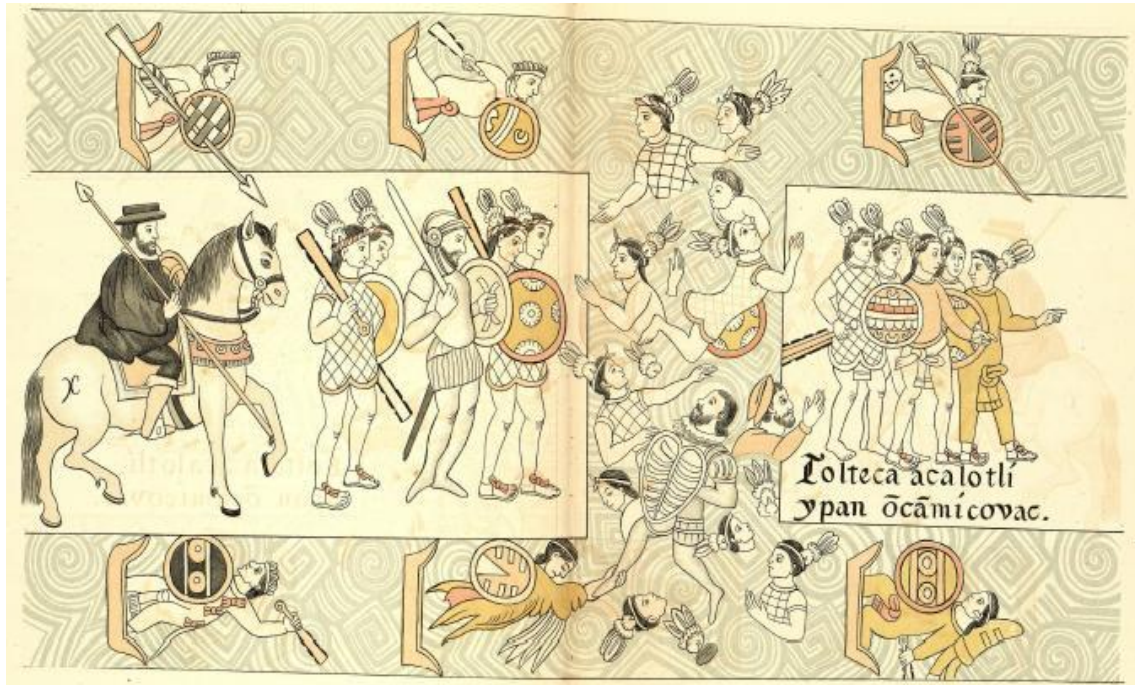
³⁷⁹ “Crean vuestras reales altezas por cierto que esta batalla fué vencida más por voluntad de Dios que por nuestras fuerzas, porque para cuarenta mil hombres de guerra poca defensa fuera cuatrocientos que éramos nosotros” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Primera Carta-Relación*, p. 17.

Cortés também tentou esclarecer sua “justa causa” para realizar a campanha, ainda mais quando esta se encontrava perigosamente ameaçada de malograr, após a desastrosa “*Noche Triste*”. Desse modo, a Conquista apresentava sinais da noção cruzadística medieval, e a “justa causa” – a Cruzada – deveria ser defendida com o coração puro pelos soldados dispostos a morrer em nome da “verdadeira fé”.³⁸⁰ Em sua *Tercera Carta* relata que:

*“(...) tínhamos ao nosso lado razões e causas justas: a primeira, por lutar para dilatar nossa fé contra os povos bárbaros; a outra, por servir a Vossa Majestade; outra, pela segurança de nossas vidas; outra, porque para ajudar-nos tínhamos muitos amigos nativos, que eram causas fortíssimas para animar nossos corações (...). E todos prometeram que voluntariamente queriam morrer por vossa fé e pelo serviço a Vossa Majestade”*³⁸¹

³⁸⁰ COSTA, Ricardo da. “Amor e Crime, Castigo e Redenção na Glória da Cruzada de Reconquista: Afonso VIII de Castela nas batalhas de Alarcos (1195) e Las Navas de Tolosa (1212)”. In: OLIVEIRA, Marco A. M. de (org.). *Guerras e Imigrações*. Campo Grande: Editoria da UFMS, 2004, p. 73-94. Disponível em: <www.ricardocosta.com/pub/amor_crime.html>

³⁸¹ “*teníamos de nuestra parte justas causas y razones: lo uno, por pelear en aumento de nuestra fe y contra gente bárbara, y lo otro, por servir a vuestra majestad, y lo otro, por seguridad de nuestras vidas, y lo otro, porque en nuestra ayuda teníamos muchos de los naturales nuestros amigos, que eran causas potísimas para animar nuestros corazones (...). Y todos prometieron de lo hacer y cumplir así, y que de muy buena gana querían morir por vuestra fe y por servicio de vuestra majestad*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 106.



Lienzo de Tlaxcala, Lâmina 18. Nela, está representada a famosa “Noche Triste”, ou seja, a retirada desastrosa dos “espanhóis” e seus aliados de Tenochtitlán, resultando na primeira grande derrota européia no Novo Mundo (30 de junho de 1520). A ilustração destaca a utilização dos mexicas de pequenas canoas para atacar a tropa hispano-tlaxcalteca no canal Tolteca, no lago Texcoco. Mais da metade dos conquistadores morreu nessa noite (muitos por afogamento devido ao peso das armaduras e do ouro que carregavam). Imagem disponível no site da Universidad Autónoma de Nueva León em: <http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080026177/1080026177.html>

Após a derrota na capital mexica, os “espanhóis” refugiaram-se na aliada Tlaxcala, onde Cortés preparou, em dezembro de 1520, um documento conhecido como “*Ordenanzas militares y civiles mandadas pregonar por don Hernando Cortés en Tlaxcala, al tiempo de partirse para poner cerco a México*”, antes de partir para o cerco final a Tenochtitlán. Nesse documento, Cortés demonstrava a Carlos V uma profunda motivação religiosa para concluir a Conquista:

*“seu principal motivo e intenção era dissipar e desenraizar as mencionadas idolatrias de todos os nativos dessas regiões, e reduzi-los, ou ao menos desejar sua salvação, e levá-los ao conhecimento de Deus e de Sua santa fé católica; porque se com outra intenção fizesse essa guerra, seria injusta, e tudo o que nela tivesse ocorrido seria obrigado a restituir: e Sua Majestade não teria razão para mandar gratificar aos que nelas servissem”*³⁸²

³⁸² “su principal motivo e intención sea apartar y desarraigar de las dichas idolatrías a todos los naturales destas partes, y reducirlos, o a lo menos desejar su salvación, y que sean reducidos al conocimiento de Dios y de su santa fe católica; porque si con otra intención se hiciese la dicha guerra, sería injusta, y todo lo que en ella se hubiese obnoxio e obligado a restitución: e S. M. no tendría razón de mandar gratificar a los que en

Em 1521, durante o cerco final contra Tenochtitlán, os conquistadores sempre acreditavam na superioridade do cristianismo sobre o paganismo, no senso providencial da natureza de sua campanha, demonstrada nas vitórias contra inimigos numericamente superiores, e no sentimento de que a recompensa alcançada no final compensava todas as dificuldades físicas.³⁸³

ellas sirviesen” – CORTÉS, Hernán. *Ordenanzas militares y civiles mandadas pregonar por don Hernando Cortés en Tlaxcala, al tiempo de partirse para poner cerco a México*. In: GARCÍA ICAZBALCETA, Joaquín (org.). *Colección de documentos para la historia de México*.

³⁸³ ELLIOTT, J. H. *A Conquista Espanhola e a Colonização da América*. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999, vol. I, p. 167.

7.1 A LEGITIMIDADE JURÍDICO-TEOLÓGICA DA CONQUISTA: A BULA *INTER CÆTERA* (1493) E O REQUERIMENTO (1513)

A eleição de Carlos I ao trono do Sacro Império Romano Germânico (28 de junho de 1519)³⁸⁴ tinha ocorrido exatamente no mesmo dia em que Cortés fundou a cidade de Vera Cruz. A *Segunda Carta*, escrita em 1520 e endereçada ao Imperador, já descrevia o monarca como “*Sacra Majestade (...) Imperador nosso senhor*” ou “*muito alto e poderoso e muito católico príncipe, invictíssimo Imperador*”.³⁸⁵ Por outro lado, de acordo com Silvio Zavala, em termos de legitimidade para domínio das ilhas “descobertas” por Cristóvão Colombo, a ostentação do título imperial por parte de Carlos V não superava o discurso que se baseava na doação pontifícia (através das bulas alexandrinas), considerado mais importante na época.³⁸⁶

Em 1493, a bula *Inter Cætera* do Papa Alexandre V havia concedido aos “Reis Católicos” os direitos de Conquista e evangelização das terras recém “descobertas”: “*em toda a parte se espalhe e se dilate a fé católica e a religião cristã, se cuide da salvação das almas, (e) se abatam as nações bárbaras e sejam reduzidas à mesma fé*”.³⁸⁷ Na Idade Média, o termo “bárbaro” assumiu uma conotação religiosa, ao contrário da perspectiva greco-romana da Antiguidade, que os classificava em níveis culturais e civilizacionais.³⁸⁸

Desde a Baixa Idade Média, os governantes cristãos recorriam ao Papa para a pregação da Cruzada. Em primeiro lugar, porque apenas o pontífice poderia declará-la, e, segundo lugar, porque a partir de sua intercessão todos os direitos que haviam assinalado

³⁸⁴ Em outubro de 1520, Carlos foi coroado Imperador em Aix-la-Chapelle. No entanto, somente com o recebimento em Bolonha da coroa imperial das mãos do Papa Clemente VII (1523-1534), em 1530, é que Carlos pôde usar o título de Imperador. Até então, o monarca era considerado o “rei dos romanos”.

³⁸⁵ “*sacra majestad (...) emperador nuestro señor*” (...) “*muy alto y poderoso y muy católico príncipe, invictíssimo emperador*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 31.

³⁸⁶ ZAVALA, Sílvio. *La filosofía de la conquista*. México, D. F.: Colección Tierra Firme – Fondo de Cultura Económica, 1972, p. 31. Devido uma simples questão cronológica, não entramos no debate travado entre o dominicano Bartolomeu de Las Casas (c. 1484-1566) e seu antagonista, Ginés de Sepúlveda (1490-1573), em relação à legitimidade da guerra contra o nativo americano – *La Controversia de Valladolid* (1550-1551). Las Casas defendia a conversão pacífica dos nativos ao contrário de Sepúlveda, que legitimava a conquista militar. O famoso teólogo dominicano Francisco de Vitória (c. 1480-1546) estava ao lado de Las Casas. Durante a conquista de México-Tenochtitlán (1519-1521), essas discussões ainda não influenciavam os conquistadores. Para mais sobre o debate suscitado entre Las Casas e Sepúlveda, ver TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 143-164.

³⁸⁷ ALEXANDRE VI. *Bula Inter Cætera*, 4 de maio de 1493. In: SUESS, Paulo. (org.). *A Conquista Espiritual da América Espanhol: 200 documentos, século XVI*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 248.

³⁸⁸ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, UNAM, FFyL, 2004, p. 219.

anteriormente eram validados: escravizar, incorporar territórios e bens, receber as indulgências, etc.³⁸⁹

Diante do nativo americano, os “espanhóis” recorreram ao jurista Juan López de Palácios Rubios para legitimar a Conquista. Coube ao erudito fazer então uso da teoria do cardeal Henrique de Susa (†1271), Bispo de Ostia, na qual sustentava que Cristo havia recebido de Deus toda *potestas* – poder espiritual e temporal – repassando esta única supremacia ao Bispo de Roma (Papa); assim esta jurisdição se estendia não somente à comunidade de fiéis (*Congregatio Fidelium*), mas também aos gentios alheios à “verdadeira fé”.³⁹⁰

Mais tarde, o mencionado jurista elaborou o famoso “*Requerimiento*” (1513). Tratava-se de um documento jurídico-teológico no qual os “espanhóis” deveriam comunicar aos nativos que Jesus Cristo havia instituído o Papa como Seu representante terreno (*vicarius Christi*), e que o pontífice tinha concedido a posse das Índias aos reis de Castela. O Requerimento esperava acalmar a consciência de todos que participavam diretamente (soldados e capitães) ou indiretamente (monarcas e clérigos) da Conquista da América.³⁹¹

No Requerimento, os “espanhóis” também informavam aos nativos que deveriam se submeter pacificamente, abraçando a fé cristã e, caso houvesse resistência, teriam um pretexto para realizar uma “guerra justa”, na qual usariam todos os métodos bélicos para sujeitá-los. Os conquistadores imaginavam ser inconcebível que o cristianismo – a “única e verdadeira fé” –, pudesse ser em qualquer circunstância rejeitado. No entanto, o documento era comumente lido em castelhano (e sem tradução!) aos índios, que eram obrigados a aceitar a imposição hispânica. A leitura do Requerimento justificava a guerra:

“Se não fizerdes isso, ou maliciosamente vos demorardes, certifico-vos que com a ajuda de Deus eu entrarei com poder contra vós e vos farei guerra por todas as partes e maneiras que eu puder, e vos sujeitarei ao jugo e obediência da Igreja e Suas Altezas, e tomarei vossas pessoas e as de vossas

³⁸⁹ DONAT, Luis Rojas. “La ideología de cruzada en la España del siglo XV”. Porto Alegre: Atas do II Encontro Internacional de Estudos Medievais (Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), vol. 21, nº 1, 1998, p. 161.

³⁹⁰ZAVALA, Silvio. “Hernán Cortés ante la justificación de su conquista”. Quinto Centenário, nº 9, Universidad Complutense de Madrid, 1985, p. 16.

³⁹¹TANZI, Héctor José. “El régimen de la guerra en la conquista de América”. Militaria: Revista de Cultura Militar, nº 06, Edit. Complutense, Madrid, 1994, p. 155.

mulheres e filhos e os farei escravos³⁹², e como tais os venderei e disporei deles como Sua Alteza mandar, e tomarei vossos bens e vos farei todos os males e danos que puder, como a vassalos que não obedecem nem querem receber a seu senhor e a ele resistem e contradizem; e protesto que as mortes e danos que resultarem disso sejam por culpa vossa e não de Sua Alteza, nem minha, nem destes cavaleiros que comigo vieram³⁹³ (grifo nosso)

O grifo acima deixa evidente a já citada importante característica bélica que compartilhavam a Cruzada medieval e a Conquista do Novo Mundo: uma forma extremamente belicista de encarar a guerra relacionada ao componente religioso. O Requerimento também fazia referência à doação pontifícia, clara demonstração da perspectiva papal de universalismo, tão expressa pela Cruzada medieval:

“Um dos Pontífices passados [Alexandre VI, 1492-1503] que sucedeu no lugar daquela sé e dignidade de que falei, como senhor do mundo, fez doação destas Ilhas e Terra Firme do mar Oceano aos ditos Rei e Rainha [Fernando e Isabel] e a seus sucessores nestes reinos³⁹⁴”

Embora o *Decreto de Graciano* (século XII) defendesse o princípio de que nenhuma guerra é justa se não for antecipadamente proclamada, curiosamente o Requerimento é proveniente (ao menos indiretamente) do direito muçulmano, transmitido aos cristãos ibéricos pelos invasores berberes e árabes a partir do século VIII.³⁹⁵ De acordo com Patricia Seed, o cerne desse documento, por exemplo, era uma intimação ao reconhecimento de uma religião superior, significado praticamente idêntico ao que os muçulmanos entendiam por “render-se a Alá”.³⁹⁶

A obrigação do reconhecimento de uma religião superior e, caso ocorresse uma recusa, implicar em um ataque, era totalmente desconhecida tanto pelas guerras clássicas ocidentais quanto pelas práticas bélicas medievais consideradas “justas”.³⁹⁷ Alguns elementos indicam a influência islâmica no Requerimento, como a ocultação da *Trindade*,

³⁹² Como vimos, a prática da escravidão foi utilizada pela tropa de Cortés na campanha final.

³⁹³ PALACIOS RUBIOS, Juan López de. *O Requerimento: Catequese relâmpago e ultimato aos índios antes de sua conquista*, p. 674.

³⁹⁴ *Ibidem*, p. 673.

³⁹⁵ WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica – Segunda edición revisada (El Colégio de México), 1994, p. 327.

³⁹⁶ SEED, Patricia. *Cerimônia de posse na conquista europeia do Novo Mundo (1492-1640)*. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 109.

³⁹⁷ *Ibidem*, p. 110.

característica estranha num documento cristão, bem como o curioso destaque sobre o papel de São Pedro, ao contrário de Jesus.³⁹⁸ De fato, o islamismo tem um único Deus unitário e se opõe às doutrinas trinitárias.

No entanto, o Requerimento não era uma típica declaração de guerra ocidental ou cristã, tampouco a intimação muçulmana para a rendição a Alá, mas uma nova perspectiva, “híbrida”. Ademais, ao compilar o Requerimento, Palácios Rubios não invocou conscientemente um precedente islâmico, apenas usou um entendimento conhecido.³⁹⁹

Encontramos em alguns episódios da conquista de México-Tenochtitlán referências ao Requerimento: na *Primera Carta de Relación*, os “espanhóis” informaram aos nativos que eles não receberiam agressões, caso aceitassem a fé cristã:

*“O capitão lhe falou por meio do intérprete, e disse aos nativos que ele não queria lhes fazer mal algum, apenas informar que viessem ao conhecimento de nossa santa fé, e que soubessem que tínhamos por senhores os maiores príncipes do mundo, e que estes obedeciam a um príncipe maior que ele. E o mencionado capitão Hernán Cortés lhes disse que o que desejava deles não era outra coisa senão que os caciques e índios daquela ilha também obedecessem a Vossas Altezas e que, fazendo isso, seriam muito favorecidos, e ninguém os incomodaria”*⁴⁰⁰

Ao chegarem em Tlaxcala, *altepetl* independente e rival de México-Tenochtitlán, os conquistadores propuseram uma aliança aos nativos. Em sua *Segunda Carta*, Cortés nos diz como começou fazer,

*“os formais requerimentos por meio dos intérpretes que comigo levava e diante do escrivão. E quando parava para admoestar e requerer a paz, rapidamente nos atacavam, ofendendo-nos completamente; e vendo que não aproveitávamos os requerimentos e os protestos, começamos a nos defender como podíamos”*⁴⁰¹

³⁹⁸ Ibidem, p. 124.

³⁹⁹ Ibidem, p. 125.

⁴⁰⁰ “El capitán le habló con el intérprete, y le dijo que él no quería ni venia a les hacer mal alguno, sino a les decir que viniesen al conocimiento de nuestra santa fe, y que supieran que teníamos por señores a los mayores príncipes del mundo, y que éstos obedecían a un mayor príncipe de él, y que lo que el dicho capitán Fernando Cortés les dijo que quería de ellos, no era otra cosa sino que los caciques e índios de aquella isla obedecieran también a vuestras altezas, y que haciéndole así, serían muy favorecidos, y que haciendo esto no habría quién los enojase” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Primera Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 12.

⁴⁰¹ “requerimientos en forma, con las lenguas que conmigo llevaba, por ante escribano. Y cuando más me paraba a los amonestar y requerir con la paz, tanto más prisa nos daban, ofendiéndonos cuanto ellos podían;

Em resposta à atitude agressiva dos tlaxcaltecas e seus aliados otomies, que responderam com uma chuva de flechas, os “espanhóis” contra-atacaram e conseguiram a submissão dos nativos. Cortés justificou sua reação violenta aos tlaxcaltecas ao responder que *“eles haviam errado, mas que eu [Cortés] estava contente por ser seu amigo e perdoá-los pelo que haviam feito”*.⁴⁰²

O Requerimento, documento instituído de um aparato jurídico-teológico complexo, era um meio de impor aos nativos uma dominação considerada “justa” e legítima pelos conquistadores. Realizar uma aproximação direta entre o ideal de cruzada e o Requerimento seria equivocada devido à origem do documento. No entanto, o documento integrou a bagagem dos “espanhóis” que conquistaram o Novo Mundo.

y viendo que no aprovechaban requerimientos ni protestaciones, comenzamos a nos defender como podíamos” – Ibidem, p. 37.

⁴⁰² *“ellos habían hecho mal, pero que yo era contento de ser su amigo y perdonarles lo que habían hecho”* – Ibidem, p. 38.

7.2 O DISCURSO CAVALEIRESCO

Para analisarmos o espírito de cruzada dos conquistadores, uma categoria para o estudo da história das mentalidades é constituída pelos documentos literários.⁴⁰³ Assim, ao observarmos a literatura que os conquistadores liam,⁴⁰⁴ percebemos que os romances de cavalaria eram os prediletos.⁴⁰⁵ Na Hispânia medieval, esses romances formavam um gênero popular oral e literário, apreciados por figuras de destaque como a rainha Isabel, *a Católica*, o Imperador Carlos V, Inácio de Loyola (1491-1556), Santa Teresa de Ávila (1515-1582), etc.⁴⁰⁶

Desde a Idade Média, as epopéias como a *Chanson de Roland* (*Canção de Rolando*) exaltavam e popularizaram a Cruzada, principalmente na Reconquista Hispânia. Nesse combate secular, os privilégios espirituais e a busca pela glória caminhavam lado-a-lado com o butim e as riquezas fáceis,⁴⁰⁷ como ocorreu na Conquista do Novo Mundo.

Logo no início da expedição cortesiana, ao lembrar os primeiros aventureiros que haviam explorado a costa continental americana, o soldado Alonso Hernández Puerto Carrero se dirigiu a Cortés citando um romance: “*Olhe para a França, Montesinos;*⁴⁰⁸ *Olhe para Paris, a cidade: Olhe para as águas do Duero que desembocam no mar*”.⁴⁰⁹ Cortés compreendeu a mensagem poética do soldado e respondeu: “*Que Deus nos auxilie na batalha, como o paladino Rolando, que, aliás, tendo vós mercê e a outros cavaleiros por senhor, saberá me entender*”.⁴¹⁰ Os romances cavaleirescos fizeram carreira. Foram

⁴⁰³ LE GOFF, Jacques. *As mentalidades: Uma história ambígua*. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs.). *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 76.

⁴⁰⁴ Sobre a bagagem literária dos conquistadores, a obra clássica e fundamental ainda é *Los libros del conquistador*, de Irving Leonard.

⁴⁰⁵ Segundo Peter Burke, “o entusiasmo pela Antigüidade clássica não despertou do amor por romances de cavalaria. Tanto no sentido literal quanto no metafórico, esses romances formavam uma importante parte da bagagem dos conquistadores” – BURKE, Peter. *A Cavalaria no Novo Mundo*. In: *Variiedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 197.

⁴⁰⁶ LEONARD, Irving. *Los libros del conquistador*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2006, p. 80-82.

⁴⁰⁷ FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 160.

⁴⁰⁸ Alonso Hernández Puerto Carrero descreve os versos de um romancero muito popular na época: o Romance de Montesinos.

⁴⁰⁹ “*Cata Francia, Montesinos; cata Paris, la ciudad: cata las aguas del Duero do van a dar en la mar*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 36, p. 61.

⁴¹⁰ “*Denos Dios ventura en armas, como al paladín Roldán, que en lo demás, teniendo a vuestra merced, y a otros caballeros por señores, bien me sabré entender*” – Ibidem, Cap. 37, p. 61.

colocados em prática. Forneceram programas de comportamento e de ação. Moldaram os pensamentos.⁴¹¹

Embora os livros de cavalaria tivessem sido escritos no Velho Mundo, as aventuras narradas nessas epopéias foram “vividas” no Novo Mundo.⁴¹² Em um ponto da *Historia verdadera*, Bernal Díaz admite que muitos conquistadores conheciam esse tipo de literatura.

*“E outro dia de manhã chegamos à ampla calçada e caminhamos até Estapalapa. E desde que vimos tantas cidades e vilas povoadas na água e em terra firme outras grandes povoações, e aquela calçada tão reta e nivelada que conduzia ao México, ficamos admirados, e dizíamos que pareciam as coisas encantadas que contam o livro de Amadis (...)”*⁴¹³
(grifo nosso)

Como destaca Leonard Irving, ao empregar o plural “nós” no fragmento acima para se referir a quem comparava a capital mexicana, Tenochtitlán, às maravilhas do livro de *Amadis de Gaule*, Bernal Díaz expôs que outros conquistadores também liam os romances de cavalaria.⁴¹⁴

O padrão ético da cavalaria medieval ainda estava impregnado nessas obras. A exaltação da coragem e a preservação da honra também foram manifestadas quando os soldados reclamaram das dificuldades que enfrentariam numa eventual guerra contra os mexicas e “*Cortés lhes respondeu meio indignado que valia mais morrer corajosamente, como dizem os cantares, que viver desonrado*”.⁴¹⁵ Neste ponto, devemos salientar a semelhança entre o pensamento de Cortés e a tradição das canções de gesta, particularmente a *Canção de Rolando*: o “sacrifício do herói” ou a exaltação mística da

⁴¹¹ FEBVRE, Lucien. *Michelet e a Renascença*. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1995, p. 420.

⁴¹² GIUCCI, Guillermo. “Velhos e Novos Mundos: da conquista da América ao domínio do espaço cósmico”. *Revista Estudos Históricos - Rio de Janeiro*, vol. 4, n. 7, 1991, p. 01.

⁴¹³ “*Y otro día por la mañana llegamos a la calzada ancha y vamos camino de Estapalapa. Y desde que vimos tantas ciudades y villas pobladas en el agua, y en tierra firme otras grandes poblaciones, y aquella calzada tan derecha y por nivel cómo iba a México, nos quedamos admirados, y decíamos que parecía a las cosas de encantamiento que cuentan en el libro de Amadis (...)*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 87, p. 139.

⁴¹⁴ LEONARD, Irving. *Los libros del conquistador*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2006, p. 106.

⁴¹⁵ “*Cortés les respondió medio enojado que valía más morir por buenos, como dicen los cantares, que vivir deshonorados*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 69, p. 121.

morte do cruzado.⁴¹⁶ Perante as dificuldades e o temor da morte de seus companheiros quando se dirigiam a Tenochtitlán, Cortés apelou a esta mística de cruzada.⁴¹⁷

O discurso expresso por Cortés em sua *Tercera Carta* pode ser caracterizado como uma verdadeira “novela de cavalaria”. A estratégia utilizada pelo capitão na campanha – o sítio, a construção de bergantins, a alianças com algumas tribos, o ataque heróico – apresenta-se em uma fórmula estrutural característica desse modelo literário.⁴¹⁸

Por sua vez, o discurso de Bernal Díaz sintetizou uma forma narrativa da retórica cavaleiresca medieval. Além de prolongar o discurso heróico, o autor da *Historia verdadera* articulou uma perspectiva que glorifica todo o espírito de cavalaria medieval, no qual os cavaleiros se sacrificam pelos mais altos ideais cavaleirescos.⁴¹⁹

Ademais, a ligação entre os conquistadores e as ordens militares de cavalaria era estreita. Por exemplo, o pai de Hernán Cortés, Martín Cortés de Monroy (c. 1449-1525), havia sido *escudero* de Alfonso de Monroy, mestre da Ordem de Alcântara (1471-1473). A família de Cortés também tinha um grau de parentesco com o mestre. Após a conquista de México-Tenochtitlán, o capitão Pedro de Alvarado, por suas proezas na Mesoamérica, foi feito cavaleiro da Ordem de Santiago. Assim sendo, com essa almejadíssima condecoração, tornou-se um *miles Christi* (“cavaleiro de Cristo”), antes de morrer, em 1541. Cortés também se candidatou para ser membro da dita ordem; em 1528, o Imperador Carlos V “*le conferiu o hábito de Santiago, mas sem ‘encomienda’, ele negou*”.⁴²⁰

⁴¹⁶ FERNÁNDEZ, Fernando Carmona. *Conquistadores, utopía y libros de caballería*, p. 15.

⁴¹⁷ *Ibidem*, p. 15.

⁴¹⁸ SÁNCHEZ-BARBA, Mário Hernández (ed.). *Hernán Cortés: Cartas de Relación*. Madrid: Historia 16, 1985, p. 15.

⁴¹⁹ DOMINGUEZ, Javier García. *Santiago mataíndios: la continuación de un discurso medieval en la Nueva España*. Nueva Revista de Filología Hispánica, enero-junio, vol. 54, 2006, nº 001, El Colegio de México, Distrito Federal, México, p. 41.

⁴²⁰ “*le daba el hábito de Santiago, y no lo quiso sin encomienda*” – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Indias. La Conquista de Méjico (Segunda Parte)*. Barcelona: Editorial Ibérica, Obras Maestras, 1954, p. 355.

7.3 O DISCURSO HIEROFÂNICO CRISTÃO MEDIEVAL E A DEMONIZAÇÃO DOS INIMIGOS

*“E aconteceu entre nós aquele imprevisto climático [tempestade], como é verdade, por grande mistério e milagre de Deus, pelo qual se crê que nenhuma coisa começa em serviço de Vossas Majestades se não for ocorrer bem”*⁴²¹

Compiladores da *Carta de la Justicia y Regimiento de la Rica Villa de la Vera Cruz*

Foi assim que os compiladores da *Carta de la Justicia y Regimiento* registraram um episódio que refletiu a perspectiva *hierofânica* na expedição. Quando os “espanhóis” pensaram em deixar a ilha de Cozumel, interpretaram o mau tempo como um sinal divino de que não era o momento adequado para o embarque. Para os conquistadores, o providencialismo estava ao lado deles e da monarquia católica que representavam.

As manifestações divinas eram entendidas pelos conquistadores como *hierofanias*, termo sugerido por Mircea Eliade para caracterizar as manifestações de realidades sagradas entre os homens, realidades que não pertencem ao nosso mundo.⁴²² Fundamentalmente na Idade Média, a percepção da realidade estava baseada no universo sacramental cristão, isto é, existia um pensamento eminentemente sacramental, para o qual toda a realidade se mostra como um grande sacramento, “símbolo e sinal”.⁴²³

De acordo com Leonardo Boff, a realidade de Deus se manifesta sobretudo *transparente*, ou seja, ela perpassa todas as coisas através do mundo, e não somente está acima (*transcendente*) e em todas as coisas (*imanente*). Situada justamente no meio, entre a

⁴²¹ “Y túvose entre nosotros aquella contrariedad de tiempo que sucedió de improviso, como es verdad, por muy gran misterio y milagre de Dios, por donde se cree que ninguna cosa se comienza que en servicio de vuestras majestades sea que pueda suceder sino en bien” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Primera Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 13-14.

⁴²² “Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprimi apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que *algo de sagrado se nos revela*. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo” – ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 17.

⁴²³ BOFF, Leonardo. “O Pensar Sacramental: sua estrutura e articulação”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 35, fasc. 139, Setembro de 1975, p. 515.

transcendência e a imanência, a transparência aparece “formando todo o universo dos símbolos, dos sinais e dos sacramentos”. A *transparência* é caracterizada como uma nova relação entre distância e proximidade dentro da realidade, um novo aspecto entre imanência e transcendência.⁴²⁴

Para os medievais, o mundo foi arquitetado por Deus e Ele deixou sinais (vestígios) de Sua obra criadora por toda a realidade, ou seja, toda a natureza é uma grande *hierofania sagrada*.⁴²⁵ Trata-se de algo sagrado que se revela, uma adaptação do imaginário do homem medieval que enxergava intervenções de Deus, por exemplo, em fenômenos da natureza como epidemias, tempestades e ventanias.⁴²⁶

A proliferação dessa perspectiva por todos os âmbitos do cotidiano – nas aldeias ou nos povoados – era ainda um atributo da *hierofania* cristã da Idade Média.⁴²⁷ Essa tradição também era expressa no campo de batalha, principal local onde Deus manifestava Seus desígnios.⁴²⁸ Nesse momento, a perspectiva *hierofânica* ligava-se diretamente à “ideia de cruzada”: curas milagrosas; doenças lançadas contra os inimigos; o clima como aliado dos cristãos; ação da Providência em conduzir o resultado das guerras; a atuação do *juízo de Deus*; etc.

De fato, o imaginário do conquistador hispânico também herdou parte da mentalidade medieval, perspectiva fundamentalmente *hierofânica*, pois interpretava todos os fenômenos naturais e sociais do cotidiano como manifestações do sagrado.⁴²⁹ Ademais, os homens do século XVI ainda acreditavam em presságios:

“a noite era escura, e cerca de uma légua do acampamento, subitamente alguns cavalos tropeçaram e caíram no solo sem poder se mover. Após o tropeço do primeiro cavalo, o marquês disse: ‘pois, que seu dono volte com ele ao acampamento’. E ao segundo disse o mesmo, e alguns espanhóis começaram a dizer: ‘Senhor, repare que é um mau presságio, e o melhor será que esperemos amanhecer; logo veremos por onde marchamos’. Ele

⁴²⁴ Ibidem, p. 517-519.

⁴²⁵ Ibidem, p. 520 e 523.

⁴²⁶ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média. Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001, p. 139-140.

⁴²⁷ ALVIM, Davis M & COSTA, Ricardo da. “Anchieta e as metamorfoses do imaginário medieval na América portuguesa”. *Revista Ágora*, Vitória, n. 1, 2005, p. 14.

⁴²⁸ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p. 261.

⁴²⁹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros. Feudo-Clericalismo e Religiosidade em Castela Medieval*. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 40.

[Cortés] dizia: 'Por que estão preocupados com os presságios? Não abandonarei essa marcha, porque tenho a impressão que será proveitosa nessa noite, e que o diabo para nos impedir é quem põe esses inconvenientes'. E logo [Cortés] caiu com seu cavalo como os outros (...)"⁴³⁰

Tal acontecimento, ocorrido durante a campanha contra os tlaxcaltecas, mostrou para os conquistadores os inconvenientes que o diabo colocava pelo caminho. A demonização dos inimigos, particularmente dos muçulmanos, era uma característica da Cruzada medieval, como na Reconquista da Hispânia, onde os cristãos ibéricos atribuíam aspecto demoníaco aos mouros.⁴³¹

O diabo, por sua vez, supostamente procurava colocar obstáculos e se disfarçar, com o intuito de impedir o avanço cristão. A assimilação dos deuses indígenas aos demônios cristãos foi algo automático e conveniente para os conquistadores do século XVI.⁴³² O “soldado-cronista” Francisco de Aguilar destacou em sua *Relación*:

*“E acredito que nunca houve reino no mundo onde Deus Nosso Senhor fosse tão desonrado e mais ofendido que nesta terra, onde o demônio é reverenciado e honrado”*⁴³³

No século XVI, existia uma crença de que o demônio, após ser praticamente vencido no Velho Mundo, havia se refugiado na América, o Novo Mundo, onde

⁴³⁰“la noche era oscura, y yendo como una legua del real, súpitamente dio en los caballos una manera de torozón, que se caían en el suelo sin poderlos menear. Y con el primero que se cayó y se lo dijeron al marqués, dijo: ‘Pues vuélvase su dueño con él al real’. Y al segundo dijo lo mismo, y comenzámosle a decir algunos de los españoles: ‘Señor, mira[d] que es mal pronóstico, y mejor será que dejemos amanecer; luego veremos por do[nde] vamos’. Él decía: ‘¿Por qué mirais en agüeros? No dejaré la jornada, porque se me figura que de ella se ha de seguir mucho bien esta noche, y el diablo por lo estorbar pone estos inconvenientes’. Y luego se le cayó a él su caballo como a los otros (...)” – TAPIA, Andrés de. *Relación de algunas cosas de las que acaecieron al muy ilustre señor don Hernando Cortés, marqués del Valle, desde que se determinó ir a descubrir tierra en la Tierra Fierme del Mar Océano*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán* / J. Díaz... [et al.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 89.

⁴³¹ FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*. Madrid: Editorial Trota, 2003.p. 221-253; FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros*, p. 53.

⁴³² WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica – Segunda edición revisada (El Colegio de México), 1994, p. 181.

⁴³³“y para mi tengo que no hubo reino en el mundo donde Dios nuestro Señor fuese tan deservido, y adonde más se ofendiese que en esta tierra, y adonde el demonio fuese más reverenciado y honrado” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán* / J. Díaz... [et al.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 205.

estabeleceu um “império das trevas”.⁴³⁴ Por exemplo, na época colonial o jesuíta José de Acosta (1539-1600) em sua *Historia Natural y moral de la Índias* (1590) acreditava que, sob o aspecto de *Huitzilopochtli*, o principal deus mexica, o demônio liderou seu “povo escolhido” em sua migração até o Vale do México, onde se fixaram no início do século XIV:

“Adoram estes [os mexicas] o ídolo chamado *Vitzilipuztli* [*Huitzilopochtli*], de quem se fez longa menção acima. E o demônio, que estava naquele ídolo, falava e regia muito facilmente essa ‘nação’. Este, pois, lhes mandou sair de sua terra, prometendo-lhes que os faria príncipes e senhores de todas as províncias que haviam povoado as outras seis ‘nações’ (...)”⁴³⁵

Durante a Conquista, os diálogos entre Cortés e Montezuma explicitaram as visões teológicas dos dois líderes, cada um em defesa de sua crença. Em um encontro no topo do “Templo Maior” em Tenochtilán, Cortés disse a Montezuma:

“Senhor Montezuma: não sei como um senhor tão grande e sábio varão como vossa mercê é, não tenha em seu pensamento associado que **estes seus ídolos não são deuses, mas coisas más, que se chamam diabos**. E para que vossa mercê o perceba e todos seus papas [sacerdotes] vejam claramente, me deixe fazer um favor: acho necessário que no alto dessa torre se coloque uma cruz e, em uma parte desses adoratórios, onde estão vossos *Uichilobos* [*Huitzilopochtli*] e *Tezcatepuca* [*Tezcatlipoca*]⁴³⁶, se construa um aparato onde **colocaremos a imagem de Nossa Senhora** (imagem na qual Montezuma já viu) para verem o temor desses seus ídolos que os enganam”⁴³⁷ (grifos nossos)

⁴³⁴ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 260; SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 30.

⁴³⁵ “Adorabam éstos el ídolo llamado *Vitzilipuztli*, de quien se ha hecho larga mención arriba, y el demonio, que estaba en aquel ídolo, hablava y regia muy fácilmente esta nación. Éste pues, les mandó salir de su tierra, prometiéndoles que los haría príncipes y señores de todas las provincias que habían poblado las otras seis naciones (...)” – ACOSTA, José de. *Historia natural e moral de las Indias*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, Edición de Edmundo O’Gorman, 2006, Cap. 04, p. 363.

⁴³⁶ “Tezcatlipoca era um dos quatro deuses primeiros, deuses cujas ações resultaram nas criações dos diversos sóis e nas epopéias dos povos mesoamericanos” – SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México Indígena: um estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 184.

⁴³⁷ “Señor Montezuma: no sé yo cómo un tan gran señor y sabio varón como vuestra merced es, no haya colegido en su pensamiento cómo no son estos vuestros ídolos dioses, sino cosas malas, que se llaman diablos, y para que vuestra merced lo conozca y todos sus papas lo vean claro, hacedme una merced: que hayáis por bien que en lo alto de esta torre pongamos una cruz,, y en una parte de estos adoratorios, donde están vuestros *Uichilobos* y *Tezcatepuca*, haremos un aparato donde pongamos una imagen de Nuestra Señora (la cual imagen ya Montezuma la había visto), y veréis el temor que de ello tienen esos ídolos que os

Nesse trecho, notamos que o discurso religioso (cristão) contra a idolatria formava um conjunto lógico, pois desde o início se aceitava que as religiões indígenas e todos os seus ritos e representações de divindades eram de origem diabólica.⁴³⁸

Os “espanhóis” estavam conscientes de terem sido instrumento da Providência, ou seja, a suprema sabedoria com que Deus conduz todas as coisas, logicamente, para eles, em favor do cristianismo. O providencialismo era a ideologia dominante na Península Ibérica e os “espanhóis” acreditavam cegamente nele.⁴³⁹ Em uma das batalhas contra os nativos, Cortés assinalou:

*“(...) Deus quis que naquele momento chegasse três cavaleiros, que entraram pela praça; e como os inimigos os viram e acreditaram que eram mais, começaram a fugir, e [os cavaleiros] mataram alguns deles e ganharam o pátio”*⁴⁴⁰

Durante a campanha contra os mexicas, os conquistadores remetiam aos céus para que manifestasse sua vontade e indicasse de que lado estava a “verdadeira fé”, uma confirmação do desejo de Deus. Segundo o pensamento medieval, somente o lado que tivesse justiça verdadeira sairia vitorioso do campo de batalha (*juízo de Deus*). Deus sempre demonstrava escolher um lado, o lado dos justos.⁴⁴¹ Como nos diz o capitão Andrés de Tapia, “o marquês agradeceu e disse que apesar daquilo tudo queria seguir em frente porque sabia que Deus, criador do céu e da terra, Lhes ajudaria e que assim ele acreditava”.⁴⁴² Cortés acrescentou:

“viam que Nosso Senhor nos conduzia para a vitória contra nossos inimigos, porque sabiam que quando havíamos entrado em Tesuico [Texcoco] não trazíamos mais de quarenta cavaleiros, e que Deus nos havia socorrido

tienen engañados” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 92, p. 174-175.

⁴³⁸ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800*, p. 262.

⁴³⁹ VÁZQUEZ CHAMORRO, Germán. *Introducción General*. In: *La Conquista de Tenochtitlan* / J. Díaz... [et al.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 09.

⁴⁴⁰ “(...) plugo a Dios que en aquel punto llegaron tres de caballo, y entran por la plaza adelante; y como los enemigos los vieron, creyeron que eran más, y comienzan a huir, y mataron algunos de ellos y ganáronles el pátio” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Primera Carta-Relación*, p. 137.

⁴⁴¹ DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 157.

⁴⁴² “el marqués se lo agradeció y le dijo que con todo aquello quería pasar adelante porque sabía que Dios, que hizo el cielo y la tierra, les ayudaría, y que así él lo creyese” – TAPIA, Andrés de. *Relación de algunas cosas...*, p. 92.

melhor do que havíamos pensado, pois chegaram navios, cavalos, soldados e armas”⁴⁴³

Ao longo da campanha, um aliado invisível foi introduzido inconscientemente pelos conquistadores: as doenças. A varíola, enfermidade trazida pela tropa de Nárvaez, penetrou em Tenochtitlán no fim de 1520, onde atingiu mortalmente naquele ano o sucessor do *tlatoani* Montezuma, Cuitláhuac. As doenças que castigavam os índios eram consideradas pelos “espanhóis” como punições por seus pecados. Tais castigos eram muito semelhantes à noção medieval de flagelo.⁴⁴⁴

Nesse novo contexto histórico e na maior parte das vezes, os “espanhóis” não fizeram nada para frear a propagação das epidemias. Ao verem como as doenças atingiam apenas os índios, os conquistadores acreditavam que essa era uma prova incontestável de que Deus estava ao lado deles.⁴⁴⁵ O “soldado-cronista” Vázquez de Tapia acreditou claramente na interferência divina:

*“Neste ponto surgiu uma grande pestilência de sarampo e varíola tão forte e cruel que acredito que morreu mais de um quarto dos índios que havia em toda essa terra, a qual nos ajudou muito para fazer a guerra e foi causa para que a terminasse mais rapidamente, porque, como disse, nessa pestilência morreu grande quantidade de homens, guerreiros, muitos senhores, capitães e valentes homens, com os quais éramos inimigos e tínhamos que lutar; e milagrosamente Nosso Senhor os matou e nos deixou seguir em frente”*⁴⁴⁶ (grifo nosso)

Os milagres, produtos de uma *hierofania*, supostamente acompanharam os “espanhóis”, como os prodígios recebidos durante a “Guerra de Granada” (1482-1492). Em

⁴⁴³ “venían que Nuestro Señor nos encaminaba para haber victoria de nuestros enemigos, porque bien sabían que cuando habíamos entrado en Tesuico no habíamos traído más de cuarenta de caballo, y que Dios nos había socorrido mejor que lo habíamos pensado, y habían venido navios con los caballos y gente y armas” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 130.

⁴⁴⁴ BERLIOZ, Jacques. *Flagelos*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. I, p. 457-471.

⁴⁴⁵ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 131.

⁴⁴⁶ “En esta sazón vino una pestilencia de sarampión, y víroles tan recia y tan cruel que creo murió mas de la cuarta parte de la gente de indios que había en toda la tierra, la cual muy mucho nos ayudo para hacer la guerra y fue causa que mucho más presto se acabase, porque, como he dicho, en esta pestilencia murió gran cantidad de hombres y gentes de guerra y muchos señores y capitanes y valientes hombres, con los cuales habíamos de pelear y tenerlos por enemigos; y milagrosamente Nuestro Señor los mató y nos los quitó delante” – VÁZQUEZ DE TAPIA, Bernardino. *Relación de méritos y servicios del conquistador Bernardino Vázquez de Tapia, vecino y regidor de esta gran ciudad de Tenuxtitlán México*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 148.

uma daquelas campanhas, a peste e o frio extremo tinham milagrosamente poupado os cristãos.⁴⁴⁷ Outro conquistador que registrou a mesma ideia na conquista de México-Tenochtitlán foi Francisco de Aguilar:

*“(...) Nosso Deus intercedeu, estando os cristãos cansados de guerrear, enviando contra os índios uma grande pestilência de varíola, devido ao grande número de pessoas que estavam dentro [do complexo], especialmente mulheres, e também porque já não tinham o que comer”*⁴⁴⁸

Esse pensamento não era somente compartilhado por certos conquistadores, já que alguns clérigos (como o próprio Aguilar, dominicano quando escreveu o trecho supracitado) tinham a mesma opinião. Pouco tempo após a Conquista, o frei Toribio de Benavente “*Motolinía*” (c. 1482-1569), que desembarcou na Nova Espanha (em 1524) juntamente com outros missionários, afirmou que as doenças que atingiram os nativos eram “pragas” lançadas por Deus contra todos que tinham negado a “verdadeira fé” ao longo da invasão hispânica:

*“Deus castigou esta terra com dez pragas muito cruéis por causa da dureza e obstinação de seus moradores, e por reterem prisioneiras as filhas de Sião, isto é, suas próprias almas sob jugo do Faraó (...). A primeira dessas pragas foi que, num de seus navios, veio um negro atacado de varíola, uma doença que nunca se tinha visto nesta terra”*⁴⁴⁹

Outro clérigo, o missionário franciscano Bernardino de Sahagún (1499-1590), assinalou em sua obra *Historia general de las cosas de Nueva Espana* (redigida pouco depois da Conquista): “(...) milagrosamente Nosso Senhor Deus enviou grande pestilência sobre os índios desta Nova Espanha, castigo pela guerra que haviam feito aos cristãos por

⁴⁴⁷ GIL, Juan. *Mitos y utopias del Descubrimiento*. Madrid: Alianza Editorial, 1989, p. 60.

⁴⁴⁸ “(...) fue nuestro Dios servido, estando los cristianos harto fatigados de la guerra, de enviarles viruelas, y entre os indios vino una grande pestilencia como era tanta la gente que dentro estaban, especialmente mujeres, porque ya no tenían qué comer” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*, p. 199.

⁴⁴⁹ “Hirió Dios esta tierra con diez plagas muy crueles por la dureza e obstinación de sus moradores, y por tener cautivas las hijas de Sión, esto es, sus propias ánimas so el yugo de Faraón (...) La primera de las cuales fue que (...) en uno de sus navios vino un negro herido de viruelas, la cual enfermedad nunca en esta tierra se había visto” – MOTOLINIA, Toribio de Benavente. *Memoriales o libro de las cosas de la Nueva España y de los naturales de ella*. E. O’Gorman (org.). México, D. F.: UNAM, 1971, p. 21. (Tradução do espanhol para o português realizada por Rosa Freire d’Aguilar).

Ele enviados para fazer esta jornada”.⁴⁵⁰ Esses clérigos estabeleceram uma analogia entre o *México Antigo* e o *Egito bíblico*, pois civilização mexica era culpada diante do “verdadeiro” Deus, e foi devidamente punida.⁴⁵¹

Francisco de Aguilar também descreveu curas miraculosas ao mesmo tempo em que classificou de providencial a atuação curativa de alguns conquistadores e seus exóticos medicamentos:

*“havia muitos feridos entre os espanhóis recolhidos em seus aposentos, e aqui milagrosamente Nosso Senhor se manifestou, porque dois italianos, com preces e um pouco de azeite e lã da Escócia, os curaram em três ou quatro dias, e quem escreve passou por isso, porque estando muito ferido com aquelas preces foi rapidamente curado”*⁴⁵²

As curas milagrosas de enfermidades, bem como a reabilitação de ferimentos em um curto intervalo de tempo eram vistas como manifestações divinas, sendo que a recuperação da saúde havia sido o pedido mais freqüente durante toda a época medieval.⁴⁵³ Para o homem medieval, Deus, apenas Ele, podia realizar milagres.⁴⁵⁴

Outro episódio curioso aconteceu após a colocação da imagem de São Cristóvão no “Templo Maior” de Tenochtitlán, quando uma forte chuva pedida por Cortés e pelos “espanhóis” foi recebida com espanto pelos incrédulos mexicas, que se maravilharam. Andrés de Tapia relata a astúcia de Cortés e a inicial dúvida dos nativos quanto à eficácia do poder do cristianismo:

“Os índios vieram (...) dizendo: ‘Que não retirem nossos deuses a quem rogávamos por água, e que peça ao vosso [Deus cristão] que a envie, pois assim não se perderia o que se semeou’. O marquês se certificou que rapidamente choveria e pediu a todos nós que rogássemos por água; e assim

⁴⁵⁰ “(...) milagrosamente nuestro Señor Dios envió gran pestilencia sobre los indios de esta Nueva España, en castigo de la guerra que habían hecho a sus cristianos por El enviados para hacer esta jornada” – SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva España*. México, D. F.: Pedro Robredo, 1938, 5 vols, p. 20.

⁴⁵¹ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*, p. 131.

⁴⁵² “Recogidos los españoles en sus aposentos, había muchos heridos, y aquí milagrosamente nuestro Señor obro, porque dos italianos, con ensalmos y un poco de aceite y lana [de] Escocia, sanaran en tres o cuatro días, y el que escribe pasó por ello, porque estando muy herido con aquellos ensalmos fue en breve curado” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*, p. 188.

⁴⁵³ VAUCHEZ, André. *Milagre*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. II, p. 204.

⁴⁵⁴ LE GOFF, Jacques. *Maravilhoso*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. II, p. 105.

*no outro dia fomos em uma procissão até a torre, e se celebrou a missa, onde fazia um bom Sol, e quando vínhamos chovia tanto que andávamos no pátio [com] os pés cobertos de água, e assim os índios se maravilharam muito*⁴⁵⁵

Em 1521, durante o cerco final contra Tenochtitlán, Deus demonstrou novamente para Cortés e os demais conquistadores de que lado estava. O líder da expedição nos mostra como a intervenção divina foi crucial para a vitória, quando um “vento divino” impulsionou os bergantins dentro do lago Texcoco:

*“desejou Nosso Senhor que, olhando os inimigos face-a-face, um vento muito favorável surgiu da terra para lançar-se contra eles, e logo ajudou os capitães que rompessem a frota de canoas e os seguissem até cercar a cidade de Temixtitlan [Tenochtitlán]*⁴⁵⁶

⁴⁵⁵ “Y los indios vinieron (...) diciendo: ‘Pues que nos quitastes nuestros dioses a quien[es] rogábamos por agua, hace[d] al vuestro que nos la dé, porque se pierde lo sembrado’. El marqués les certificó que presto llovería, y a todos nos encomendó que rogásemos a Dios por agua; y así otro día fuimos en procesión hasta la torre, y allá se dijo misa, y hacía buen sol, y cuando vinimos llovía tanto que andábamos en el patio [con] los pies cubiertos de agua, y así los indios se maravillaron mucho” – TAPIA, Andrés de. *Relación de algunas cosas...*, p. 112.

⁴⁵⁶ “(...) plugo a Nuestro Señor que, estándonos mirando los unos a los otros, vino un viento de la tierra muy favorable para embestir con ellos, y luego mande a los capitanes que rompiesen por la flota de las canoas y siguiesen tras ellos hasta los encerrar en la ciudad de Temixtitlan” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 133.



Lienzo de Tlaxcala, lâmina 45. Nessa imagem, um guerreiro de elite jaguar e dois soldados mexicas (à esquerda) defendem uma das calçadas que conduz até Tenochtitlán. Eles são acudados por um dos líderes da Tlaxcala (tradicionalmente representada pela garça) e um guerreiro tlaxcalteca, auxiliados pelos conquistadores “espanhóis” (à direita). Dentro do lago Texcoco, algumas canoas mexicas atacam a tropa hispano-tlaxcalteca (parte inferior), ao mesmo tempo em que um bergantim hispânico auxilia os conquistadores (parte superior da lâmina). Imagem disponível no *site* da Universidad Autónoma de Nueva León em: <http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080026177/1080026177.html>

As *hierofanias* supostamente acompanharam os conquistadores ao longo da conquista de México-Tenochtitlán. Após a vitória em treze de agosto de 1521, estava claro para os “espanhóis” que nos momentos de extrema importância o sagrado se revelava: Deus curava os feridos, abrandava as tempestades e punia com doenças os pecadores.

7.4 AS INVOCAÇÕES AO APÓSTOLO SANTIAGO

*“E como observamos os ‘espanhóis’ avançarem, e ouvimos um tiro de escopeta [arcabuz], que tínhamos como sinal, percebemos que era o momento de sair; e com o nome de Santiago arremetemos subitamente sobre eles (...)”*⁴⁵⁷

Hernán Cortés, *Tercera Carta-Relación...*

A partir do século XII, Tiago Maior, apóstolo que segundo a tradição cristã evangelizou a Hispânia, tornou-se um componente mítico importante da Reconquista: Santiago *Matamoros*. As crônicas medievais descrevem intervenções miraculosas do santo em favor do exército cristão nas batalhas frente aos mouros. Assim como na guerra de Reconquista, o padroeiro e protetor dos primeiros conquistadores “espanhóis” do Novo Mundo foi Santiago *Matamoros*.⁴⁵⁸

No final da Idade Média, ocorreu uma diminuição do culto à figura do apóstolo Santiago e a peregrinação ao santuário em Compostela. Internamente, esse fato foi causado devido ao fim do processo de Reconquista e, externamente, como apontou o cronista Gonzalo Fernández de Oviedo, às pregações “*de novos e heréticos erros*” feitas pelos membros da Reforma que, principalmente no Sacro Império, afastaram os peregrinos da Hispânia:

*“Quem viu aquele caminho de Santiago repleto de peregrinos alemães que, por sua grande devoção, pelo mar e pela terra vinham em todas as épocas praticar essa romaria! E agora nenhum deles faz tal caminho porque o herético Martinho Lutero e outros hereges alemães se levantaram contra Cristo (...)”*⁴⁵⁹

⁴⁵⁷ “Y como vimos a los españoles pasar adelante de nosotros, y oíamos soltar un tiro de escopeta, que teníamos por señal, conocimos que era tiempo de salir; y con el apellido de Santiago damos de súbito sobre ellos (...)” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 154.

⁴⁵⁸ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 27.

⁴⁵⁹ “Quién vido aquel camino de Sanctiago quajado de peregrinos alemanes que por su gran devoción por la mar e por la tierra en todos tiempos era dellos frequentada esta romería! E agora ninguno dellos haze tal camino por quel erético Martín Lutero e outros erejes alemanes se levantaron contra Christo (...)” – FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Las Memorias*. Editado por Juan Bautista Avalle Arce. Chapel Hill: North Carolina Studies in the romance languages and Literature, 1974, p. 505.

Com efeito, ao mesmo tempo em que Santiago perdeu espaço, gradualmente observamos o crescimento do culto à figura maternal de Maria. Desse modo, no início do século XVI, o culto ao apóstolo teve que ser compartilhado pela crescente exaltação da Virgem, mas em certas regiões como a Extremadura, o santo não chegou a perder consideravelmente sua influência, devido à presença da Ordem Militar de Santiago que, naquela região, ainda era poderosa no século XV.

Desde a Reconquista, frente aos clamores frenéticos dos muçulmanos, os cristãos opunham o grito de Santiago que estimulava as tropas mais exaustas.⁴⁶⁰ A invocação ao auxílio divino era uma tradição secular, pois, desde a Idade Média, os mouros eram os inimigos do Altíssimo, de Maria, de Cristo e de seus santos.⁴⁶¹ Os gritos de “*Santiago!*” também ecoariam na Conquista do Novo Mundo, onde a invocação projetou-se em um novo inimigo: os índios: “(...) *como os inimigos passaram pensando que nós todos íamos juntos na frente, combinamos que quando ouvíssem a invocação ao Senhor Santiago saíssem e os atacassem na retaguarda*”.⁴⁶²

Muitas vezes, os “espanhóis” lançavam-se à batalha com o grito de “*Santiago!*” não tanto na expectativa de uma intervenção direta do santo, mas para encorajarem a si mesmos e aterrorizarem os inimigos.⁴⁶³ Segundo Cortés, “*como alguns [inimigos] passaram, invoquei o nome do apóstolo Santiago, e os atacamos muito duramente*”.⁴⁶⁴

De fato, os gritos de “*Santiago!*” não foram exclusivamente pronunciados no sentido de um apelo celeste ao apóstolo ou com o objetivo de encorajar as tropas. Em alguns relatos, a presença do nome “Santiago” indica mais um grito de alerta, uma senha de guerra. Após a tomada de Tenochtitlán, um dos conquistadores, vendo que seus

⁴⁶⁰ BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 75. Na *Primera Crónica General* (séc. XIII), a primeira invocação ao apóstolo Santiago ocorreu no combate entre Carlos Magno e o mouro Bramant: “(...) *et fue ferir en los moros llamando Santiago! (...)*” – PRIMERA CRÓNICA GENERAL DE ESPAÑA. Ramón Menéndez Pidal (publ.). Madrid: Gregos, 1955, p. 340-342 *Apud* RUI, Adailson José. *O mito de São Tiago: Da Reconquista espanhola à conquista da América*. São Paulo: UNESP, Tese de doutorado, 2003, p. 231.

⁴⁶¹ SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Cláudio. *La Edad Media española y la empresa de America*. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica del Instituto de Cooperación Iberoamericana., 1983, p. 104-105.

⁴⁶² “(...) *y que como los enemigos pasasen, pensando que todos íbamos juntos adelante, en oyéndome el apellido del Señor Santiago saliesen y les diesen por las espaldas*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 119.

⁴⁶³ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 104.

⁴⁶⁴ “*como vimos pasar ya algunos, yo apellidé en nombre del apóstol Santiago, y dimos en ellos muy reciamente*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 128.

companheiros ainda dormiam, alertou o perigo que se aproximava com o grito de “Santiago!”:

“(…) *um [conquistador] de minha tropa, vendo tantos inimigos armados e tão poucos companheiros dormindo, procurou invocar algum auxílio e começou a gritar alto: ‘Santiago, Santiago’*”⁴⁶⁵

As principais fontes de nosso *corpus* que registram a menção ao apóstolo Santiago são as *Cartas de Relación* e a *História verdadeira*. O uso do nome “Santiago” é encontrado na *Tercera* e *Quinta Carta* de Cortés. Na *Tercera Carta*, algumas vezes o sentido de clamar por Santiago indica um pedido de proteção ou grito de guerra.⁴⁶⁶ Por outro lado, a *Quinta Carta*, como vimos no fragmento acima, registra o nome de “Santiago” expresso uma *única* vez como grito de alerta aos “espanhóis”, ou seja, uma senha de guerra anteriormente combinada.

Na *Historia verdadera*, de Bernal Díaz, a expressão “Santiago”, indicando senha e invocação ocorre *sete* vezes. *Quatro* delas aproximam-se mais do sentido de invocação; as demais apresentam o sentido de uma senha combinada para iniciar o ataque.⁴⁶⁷ Por exemplo, o sentido de invocação foi manifestado no combate em Tabasco diante dos nativos maias-chontal: “*tanto os capitães quanto os soldados invocaram o senhor Santiago e lhes fizemos recuar*”.⁴⁶⁸

Por sua vez, o sentido de senha apareceu, por exemplo, na guerra contra os tlaxcaltecas: “*Então Cortés disse: ‘A eles, com Santiago’. E de fato arremetemos de maneira que matamos e ferimos muitos guerreiros com os tiros [canhões]*”.⁴⁶⁹ Com efeito,

⁴⁶⁵ “(…) *uno de los mi compañía, que vido tanta gente y armas, parecióle que era bien, según nosotros éramos pocos, y a él le parecían los contrários muchos, aunque estaban durmiendo, que debía invocar algún auxílio; comenzó a grands vocês a decir: ‘Santiago, Santiago’*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Quinta Carta-Relación*, p. 253.

⁴⁶⁶ Em outra passagem da *Tercera Carta*, exposta na abertura desse capítulo, o sinal combinado para o ataque refere-se claramente ao disparo da *escopeta* (arcabuz), e não ao grito do nome do apóstolo.

⁴⁶⁷ RUI, Adailson José. *O mito de São Tiago: Da Reconquista espanhola à conquista da América*, p. 145-148.

⁴⁶⁸ “*así capitanes como soldados, fuimos sobre ellos nombrando a señor Santiago, y les hicimos retraer*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 31, p. 51.

⁴⁶⁹ “*Entonces dijo Cortés: ‘Santiago, y a ellos’. Y de hecho arremetimos de manera que les matamos y herimos muchas de sus gentes con los tiros*” – *Ibidem*, Cap. 58, p. 108.

apenas a menção de Santiago no grito de guerra dos “espanhóis” já caracteriza uma presença milagrosa, convocadora e invocativa.⁴⁷⁰

Após a tomada de Tenochtitlán (agosto de 1521), os conquistadores transformaram o antigo “Templo Maior” mexica em uma igreja dedicada a Santiago. Era uma homenagem e agradecimento à proteção que eles acreditavam ter recebido e um meio de imposição religiosa:⁴⁷¹

“(…) depois que ganhamos aquela forte e grande cidade (...) logo propusemos que naquele grande cu [o ‘Templo Maior’] fosse construída uma igreja ao nosso patrono e guia Senhor Santiago (...)”⁴⁷²

Rapidamente, devido ao novo contexto histórico, o mito de Santiago sofreu uma *atualização*, passando de *Matamoros* para *Mataíndios*. Na América, a representação de Santiago *Mataíndios* colaborou no fortalecimento dos próprios conquistadores e no medo dos índios e mestiços que passavam a ver nessas imagens a presença de uma intimidação inflexível, que seguiu a chegada dos “espanhóis”.⁴⁷³

Mais tarde, ocorreu outra modificação: o apóstolo, inicialmente destruidor dos nativos, em meados do século XVI se tornou o protetor deles. Os próprios índios, logicamente já cristianizados, passaram a pintar nas igrejas mexicanas a imagem de Santiago como o *Mataíndios* (destruidor de idólatras), no lugar do *Matamoros*. Com efeito, o inimigo era substituído e, às vezes, o santo recebia a aparência de Cortés.⁴⁷⁴

⁴⁷⁰ SALAS, Alberto M. *Las armas de la conquista de America*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1988, p. 88.

⁴⁷¹ RUI, Adailson José. *O mito de São Tiago: Da Reconquista espanhola à conquista da América*, p. 190.

⁴⁷² “(…) después que ganamos aquella fuerte y gran ciudad (...) luego propusimos que en aquel gran cu habíamos de hacer la iglesia de nuestro patrón y guidor Señor Santiago (...)” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 92, p. 175.

⁴⁷³ RUI, Adailson José. *O mito de São Tiago: Da Reconquista espanhola à conquista da América*, p. 197.

⁴⁷⁴ VARGASLUGO, Elisa. *Imágenes de la conquista en el arte novohispano*. In: L. ZEA (org.). *Sentido y proyección de la conquista*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 136-137.

8. O MARAVILHOSO CRISTÃO NA CONQUISTA

8.1 O NOVO MUNDO PROLONGA A NOÇÃO DE “FRONTEIRA” DA RECONQUISTA HISPÂNICA

*“Fundou-se uma vila com o nome de Segura da Fronteira, porque estava no caminho de Vila Rica e em uma boa comarca de povos sujeito ao México”*⁴⁷⁵

Bernal Díaz del Castillo, *Historia verdadera...*

Em agosto de 1520, durante a conquista de México-Tenochtitlán, os conquistadores fundaram uma vila cujo nome retomava a ideia de fronteira: *la villa de Segura de la Frontera*. A criação dessa vila tinha como objetivo principal apoiar as futuras operações militares e proporcionar segurança aos conquistadores, mas seu nome deriva de uma tradição hispânica medieval.

Até o século XV, os ibéricos – especialmente os portugueses e os bascos – concebiam o Oceano Atlântico (*Mar Tenebroso*) como um limite (o extremo do mundo), uma *fronteira* intransponível. Da mesma forma, os cristãos hispânicos entendiam os limites da Reconquista como uma *fronteira*, o *locus desertus*, lugar da insegurança e do medo,⁴⁷⁶ fértil para as alucinações e tentações.⁴⁷⁷ Com a expansão marítima e o avanço na Reconquista até o sul da Península Ibérica, gradativamente essas fronteiras foram transpostas e diluídas.

No entanto, o medo da *fronteira* continuou presente no imaginário hispânico, pois com o “descobrimento” do Novo Mundo, um novo espaço, um novo horizonte mágico e admirável da narrativa medieval foi oferecido para uma geração que se moldou nos valores cavaleirescos e cruzadísticos e lutou na “Guerra de Granada”, última etapa da

⁴⁷⁵ “*se fundo una villa que se nombró la villa de Segura de la Frontera, porque estaba en el camino de la Villa Rica y en una buena comarca de buenos pueblos sujetos a México*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 130, p. 269.

⁴⁷⁶ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p. 127; GIL, Juan. *De los mitos de las Indias*. In: BERNAND, Carmen (comp.). *Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 266.

⁴⁷⁷ LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, 1994, p. 96.

Reconquista.⁴⁷⁸ Ao longo dos séculos XV-XVI, o Novo Mundo apresentou-se para os conquistadores como um receptor exótico do *maravilhoso cristão* (“domínio da graça”), onde o discurso medieval encontrou um palco de atuação ainda inexplorado.

Ademais, semelhante à floresta medieval, mundo do mistério e do maravilhamento,⁴⁷⁹ a natureza exótica e selvagem do continente americano refletiu esse aspecto extraordinário no imaginário hispânico. O conquistador carregava atributos do guerreiro de fronteira e do cavaleiro dos relatos cavaleirescos. O *México Antigo*, caracterizado pela geografia contraditória (vales, campos secos, montanhas e pântanos), contribuiu como palco ideal para a aventura cavaleiresca.⁴⁸⁰

Assim, alguns santos “apareceram” na América, o novo extremo (fronteira) do Ocidente. O prolongamento dessa ideia fez com que o mito de Santiago se projetasse sobre o solo americano, uma concepção de “realidade absoluta”.⁴⁸¹ Assim como na guerra de Reconquista, onde Santiago tinha se convertido em um santo de fronteira,⁴⁸² a América conservou essa missão e reproduziu um sucesso essencial: a conversão do *Caos em Cosmos*.⁴⁸³ Acreditando serem guiados pelo apóstolo Santiago e pelos outros santos, os conquistadores penetraram em território desconhecido com uma confiança inabalável, componente essencial nesse novo *front* de batalha.

Contudo, a permanência e reprodução do imaginário medieval em terras americanas não apresentaram um simples deslocamento geográfico, sem quaisquer reformulações. O que ocorreu foi uma *apropriação*, ou seja, uma nova interpretação de um discurso.⁴⁸⁴ Sem dúvida, nesse novo contexto histórico, alterações significativas surgiram. Nada mais natural que Santiago *Matamoros* assumisse, posteriormente, a forma de *Mataíndios*.

⁴⁷⁸ FERNÁNDEZ, Fernando Carmona. “Conquistadores, utopía y libros de caballería”. *Revista de Filología Románica*, nº 10, Universidade Complutense, Madrid, 1993, p. 21.

⁴⁷⁹ BONNASSIE, Pierre. *Floresta*. In: *Dicionário de História Medieval*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985, p. 94.

⁴⁸⁰ RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique. “Guerra y Caballería, una historia singular”. In: RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique e COSTA, Ricardo da (coords.). *Mirabilia 8. La caballería y el arte de la guerra en el mundo antiguo y medieval*. Diciembre 2008, p. XVII.

⁴⁸¹ DOMÍNGUEZ GARCÍA, Javier. *Santiago de España: la edificación de un símbolo*. In: *Memorias del futuro. Ideología y ficción en el símbolo de Santiago Apóstol*. Madrid: Iberoamerica Editorial Vervuert, 2008.

⁴⁸² PANIAGUA PÉREZ, Jesús. “Los mirabilia medievales y los conquistadores y exploradores de América”. *Estudios Humanísticos. Historia*, nº 7, 2008, p. 159.

⁴⁸³ DOMÍNGUEZ GARCÍA, Javier. *Santiago de España: la edificación de un símbolo*.

⁴⁸⁴ ROMANO, Ruggiero (dir.). *Literatura/Texto. Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.

8.2 AS “APARIÇÕES” DE SANTOS NA CONQUISTA

“(…) aqui se viu um grande milagre, que, estando em grande perigo na batalha, viu-se andar lutando um cavaleiro em um cavalo branco que desbaratou os índios (...)”⁴⁸⁵

Bernardino Vázquez de Tapia, *Relación de Méritos e servicios...*



El apóstol Santiago favorece a los castellanos y persigue a los indios. In: Oronoz. Desenho do cronista “espanhol” Antonio de Herrera y Tordesillas (1559-1625), em sua obra *Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra Firme del Mar Océano* (1492-1531). No centro dessa gravura, o autor, que acreditava nas intervenções de Santiago em vários episódios da Conquista da América (WECKMANN, 1994: 164), representou o santo “sobrevoadando” o campo de batalha envolto em feixes de luzes. Santiago incentiva os conquistadores ao combate, porém o santo não ataca, a ação pertence aos “espanhóis” (RUI, 2003: 195-196).

⁴⁸⁵ “(...) aquí se vio un gran milagro, que, estando en gran peligro en la batalla, se vio andar peleando uno de un caballo blanco, a cuya causa se desbarataron los indios (...)” – VÁZQUEZ DE TAPIA, Bernardino. *Relación de méritos y servicio...*, Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán* / J. Díaz... [et al.]; Madrid: Historia 16, 1988, p. 136.

Durante a exploração e Conquista do Novo Mundo (sécs. XV-XVI), diversas narrativas fantásticas se desenrolaram em torno de um conjunto de mitos e lendas que reforçou nos mais corajosos europeus a dupla esperança de enriquecer e ampliar o domínio da Igreja de Cristo.⁴⁸⁶

Alguns dos primeiros aventureiros exploraram as terras americanas na expectativa de ver ali se concretizar a geografia imaginária medieval.⁴⁸⁷ Os viajantes procuravam, antes de tudo, confirmar as antigas fábulas acerca da existência de reinos e cidades maravilhosas, a maioria delas situadas no Oriente.

Cristóvão Colombo, por exemplo, acreditou ter localizado o Paraíso terrestre; Ponce de León tentou atingir a Fonte da Juventude ao explorar a Flórida; Hernán Cortés pareceu ser informado de uma “*ilha toda povoada por mulheres*”,⁴⁸⁸ em sua visão, possivelmente o reino das Amazonas; Francisco de Coronado percorreu longas distâncias em busca das Sete Cidades de Cíbola; e muitos outros aventureiros seguiram as pegadas deles.

Da mesma forma, vários exploradores afirmaram “*certamente que havia gigantes nessa terra*”,⁴⁸⁹ sereias, cinocéfalos (homens de cabeça semelhante à do cão), dentre muitos outros seres que compunham uma tradição que era alimentada em grande parte pela Antigüidade.⁴⁹⁰

Tais mitos apresentam descrições de animais monstruosos e homens fabulosos, muito explorados pelos cronistas medievais nos bestiários: as maravilhas (*mirabilia*).⁴⁹¹ As Instruções (*Instrucciones*) de Diego Velázquez, em 1518, por exemplo, aconselhavam Cortés, a

⁴⁸⁶ DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1984, Vol I, p. 50.

⁴⁸⁷ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 28.

⁴⁸⁸ “*isla toda poblada de mujeres*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Quarta Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 184.

⁴⁸⁹ “*por cierto haber habido gigantes en esta tierra*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, Cap. 78, p. 135.

⁴⁹⁰ LE GOFF, Jacques. *Maravilhoso*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval II*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2006, p. 108-113.

⁴⁹¹ Segundo Michel Mollat, etimologicamente a palavra “designa lo que asombra, y su significado se extiende desde lo que es insólito hasta lo que parece extraño, e incluso lo que es contrario a la naturaleza. La noción de lo maravilloso se aplica, pues, a los aspectos contrarios de la belleza y del horror. Reúne también los conceptos de exotismo y de fantástico, e incluye los fenómenos de inversión moral y social, comprendiendo la perversión. Las maravillas pueden ser, entonces, admirables o chocantes y, de manera excepcional, alcanzar lo sublime o ser rechazadas a la exclusión: ángel o demonio” – MOLLAT, Michel. *Los exploradores del siglo XIII al XVI*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 101.

“informar-se sobre a natureza das pessoas, pois dizem que há pessoas com grandes orelhas, outras com cabeça de cães, e descobrir também onde vivem as Amazonas que, se acreditarmos nos índios que vão convosco, não é longe daqui”⁴⁹²

O ponto que analisamos, contudo, foi o aparecimento do maravilhoso⁴⁹³ no âmbito militar, onde encontramos na conquista de México-Tenochtitlán a presença do “maravilhoso cristão” (*miraculosus*, o milagre cristão).⁴⁹⁴

Durante a Idade Média, um cenário bastante propício para se desenrolar o maravilhoso cristão era o campo de batalha, “palco maior das decisões divinas”.⁴⁹⁵ Em pleno calor do combate, especialmente na guerra cruzadística, poderia ocorrer, por exemplo, uma intervenção escatológica de santos, evidentemente em favor do exército cristão, “e no maravilhoso cristão e no milagre há um autor, e um só, que é Deus”.⁴⁹⁶

Entre as várias crônicas sobre a conquista de México-Tenochtitlán, são aquelas redigidas *a posteriori*, ao contrário do relativo silêncio dos participantes, que apresentam mais indicações da presença do maravilhoso cristão no cenário militar.⁴⁹⁷ Essas obras apontam, geralmente, prováveis intervenções miraculosas de personagens bíblicos, particularmente a Virgem Maria e os apóstolos Santiago e Pedro, que auxiliavam os

⁴⁹² Apud MADARIAGA, Salvador de. *Hernán Cortés*. São Paulo: IBRASA – Instituição brasileira de difusão cultural S. A., 1961, p. 80.

⁴⁹³ Definimos o maravilhoso juntamente com Stephen Greenblatt: “um traço central no complexo sistema de representação como um todo, seja ele verbal ou visual, filosófico ou estético, intelectual ou emocional, através do qual as pessoas da Idade Média tardia e da Renascença apreendiam, e portanto possuíam ou descartavam, o não-familiar, o estranho, o terrível, o desejável e o odioso” – GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 40.

⁴⁹⁴ LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, 1994, p. 49.

⁴⁹⁵ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p. 249.

⁴⁹⁶ LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1985, p. 25.

⁴⁹⁷ Além da *Historia General de las Índias*, de López de Gómara, outras crônicas produzidas posteriormente (escritas, em sua maioria, por clérigos), registraram a aparição de santos na conquista de México-Tenochtitlán: a *Crónica de la Nueva España*, de Francisco Cervantes de Salazar (c. 1514-1575); a *Historia de los Indios de la Nueva España*, do dominicano Diego Durán (c. 1537-1588); a *Historia Natural y Moral de la Índias*, do jesuíta José de Acosta (1539-1600); a *Historia de la vida y hechos del emperador Carlos V*, do beneditino Prudêncio de Sandoval (1553-1620); a *Monarquía Indiana*, do franciscano Juan de Torquemada (c. 1557-1624); a *Conquista de Mexico*, de Bartolomé Leonardo de Argensola (1562-1631); a *Historia Pontifical*, do teólogo Gonzalo de Illescas (1565-1633); o *Teatro Mexicano*, do franciscano Agustín de Vetancurt (1620-1700); a *Corona Mexicana o Historia de los Motezumas*, do padre Diego Luis de Motezuma (c. 1636-1699); dentre outras. Para mais sobre as crônicas posteriores que relataram o “maravilhoso cristão”, consultar WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, Segunda edición revisada (El Colegio de México), 1994, p. 164-169.

“espanhóis” em algumas batalhas. Desde a Idade Média, a relevância destes derivava da raridade das interferências diretas de Deus, que atuava então por intermediários.⁴⁹⁸

Juntamente com a observação de Hilário Franco Júnior,⁴⁹⁹ historiador que analisou algumas “aparições” durante a Reconquista, acreditamos que o importante é analisar o fato histórico relevante (repercussão, influência sobre o comportamento social, etc), ou seja, focalizar a crença coletiva nas “aparições”, e não a ocorrência delas.

Para analisar o maravilhoso cristão manifestado nas intervenções de santos, utilizamos um método fundamentado na análise comparativa de textos da época: confrontamos as fontes que apresentaram essa característica. Com efeito, escolhemos cotejar as principais fontes (relatos de primeira mão) com somente uma crônica posterior.

A utilização exclusiva de uma obra posterior não é precipitada nem simplifica os resultados, uma vez que procuramos focalizar a visão (contraditória) dos “soldados-cronistas” e, a partir dela, apenas citar alguns religiosos dos séculos XVI-XVII que acreditavam nas “aparições”.

Finalmente, quanto ao autor selecionado para a comparação, optamos por aquele que era cronologicamente e fisicamente mais próximo dos conquistadores e, em particular de Cortés: Francisco López de Gómara. Capelão de Cortés nos últimos anos da vida do conquistador, López de Gómara leu as *Cartas de Relación*, bem como ouviu a versão dele. Ele também conheceu, em Argel, outro conquistador, Andrés de Tapia, e pediu ao leonês um texto que reunisse os dados já descritos oralmente.⁵⁰⁰

Na obra de López de Gómara, *Historia General de las Índias* (1552), mais precisamente na segunda parte – *La Conquista de Méjico*, encontramos referências confirmadas de supostas intervenções miraculosas. Caso o acontecimento seja controverso, na metodologia deve-se ter a obrigação extra de averiguar os dois lados.⁵⁰¹

Ao longo da Conquista da América, ocorreram diversos relatos de capitães, conquistadores e religiosos que declaravam a mesma visão que seus antepassados haviam testemunhado nos combates contra os muçulmanos na Península Ibérica e no norte da

⁴⁹⁸ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros. Feudo-Clericalismo e Religiosidade em Castela Medieval*. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 51.

⁴⁹⁹ *Ibidem*, p. 171.

⁵⁰⁰ VÁZQUEZ CHAMORRO, Germán. *La Conquista de Tenochtitlan / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 65.

⁵⁰¹ TUCHMAN, Barbara W. *A Prática da História*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 11.

África, quando lhes apareciam pessoalmente, por exemplo, a Virgem Maria, o apóstolo Santiago, São Pedro, e São Brás para ajudá-los a vencer nos combates contra os índios.⁵⁰²

Especificamente na conquista de México-Tenochtitlán, a primeira passagem de um provável surgimento do maravilhoso cristão nas fontes analisadas não aconteceu no combate contra os mexicas. Em Tabasco, região limite entre os mundos mexica e maia, a intervenção miraculosa do apóstolo Santiago ou São Pedro teria sido decisiva para a vitória das forças hispânicas frente aos índios maias-chontal (batalha de Cintla, março de 1519).

Embora o confronto direto contra a civilização de México-Tenochtitlán só ocorresse posteriormente, esse episódio marcou significativamente o processo de Conquista, tanto por ser o primeiro combate que a expedição enfrentou após o desembarque no continente quanto pelas divergências entre os cronistas que o narraram.

Na crônica de López de Gómara, os conquistadores disseram para Cortés que *“havia visto um cavaleiro e perguntaram se era de sua companhia; e como disse que não, porque nenhum deles pôde chegar antes, acreditaram que era o apóstolo Santiago, patrono da Espanha”*.⁵⁰³ O cronista continua o relato do episódio, e informa a versão dos *“espanhóis”* que testemunharam por,

“três vezes o cavaleiro e seu cavalo pardo manchado lutar em seu favor contra os índios (...) e que era Santiago, nosso patrono. Hernán Cortés queria que fosse São Pedro, seu protetor; qualquer deles que fosse, ocorreu um milagre, como verdadeiramente pareceu; porque não somente os espanhóis viram, mas também os índios o notaram pelos danos que ele fazia cada vez que arremetia em seu esquadrão e porque os cegava e os entorpecia”.⁵⁰⁴ (grifos nossos)

⁵⁰² FRIEDERICI, Georg. *El carater del descubrimiento y de la conquista de América*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1973, p. 350. O autor ainda salienta que, durante a conquista do Novo Mundo, *“a juzgar por las creencias y los datos de los españoles, se les aparecieron personalmente, en sus batallas con los índios: Santiago, once veces; la Virgen María, seis veces; San Pedro, San Francisco y San Blas, una vez cada uno”* – Ibidem, p. 350 (nota).

⁵⁰³ *“habían visto hacer uno de a caballo, y preguntaron si era de su compañía; y como dijo que no, porque ninguno de ellos había podido venir antes, creyeron que era el apóstol Santiago, patrón de España”* – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Indias. La Conquista de Méjico (Segunda Parte)*. Barcelona: Editorial Ibéria, Obras Maestras, 1954, p. 39.

⁵⁰⁴ *“tres veces al de caballo rucio picado pelear en su favor contra los índios, (...) y que era Santiago, nuestro patrón. Hernán Cortés queria mejor que fuese San Pedro, su especial abogado; por cualquiera que de ellos fuese, se tuvo a milagro, como de verás pareció; porque, no solamente los vieron los españoles, sino también los índios lo notaron por el estrago que ellos hacía cada vez que arremetia a su escuadrón, y porque les parecia que los cegaba y entorpecía”* – Ibidem, p. 40.

No trecho supracitado, além de comentar o compartilhamento da visão pelos índios e conquistadores, López de Gómara conta que Cortés creditou a milagrosa “aparição” ao apóstolo São Pedro. Tal indicação provavelmente foi colhida durante a conversa que teve pessoalmente com o líder da expedição, pois Cortés, na *Primera Carta*, redigida juntamente com as autoridades da Justiça e Regimento de Vera Cruz,⁵⁰⁵ não mencionou o episódio maravilhoso na vitória alcançada em Cintla.



Santiago Mataíndios. Peça do altar-mor da igreja de Santiago de Tlatelolco, México, D. F. Imagem no site da [Universidad de Granada](#), ou foto do Dr. [Manuel Aguilar](#). Esse entalhe, construído pelos índios entre o fim do século XVI e o início do século XVII, sob orientação do frei Juan de Torquemada (c. 1557-1624) (RUI, 2003: 191), que acreditava nas “aparições” de Santiago, mostra uma dramática cena. Nela, os mouros foram substituídos pelos índios, numa representação da vitória do cristianismo contra a idolatria mexicana. Em posição privilegiada no entalhe (ao centro, no alto), o militante Santiago, exibindo uma pluma no elmo, causa uma temível impressão, pois com uma espada em punho, monta um cavalo de guerra branco que esmaga os inimigos sob suas patas. Tropas hispânicas (à esquerda), trajadas como soldados romanos, provocam mortandade aos índios. Os mexicanos estão representados (em baixo, à direita) por alguns guerreiros de elite águia e jaguar, indefesos perante os ataques furiosos do apóstolo Santiago *Mataíndios*.

⁵⁰⁵ Ginés de Sepúlveda assinalou que Cortés, em sua *Primera Carta* (perdida), também descreveu a batalha de Cintla e a confusão estabelecida – THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*, p. 757.

Bernal Díaz, por sua vez, discordou em muitos pontos de López de Gómara, inclusive no que tange às “aparições”, que ele nega ter compartilhado:

*“Aquí é onde Francisco López de Gómara disse que saiu Francisco de Morla em um cavalo pardo manchado, antes que chegasse Cortés com os cavaleiros, e que eram os santos apóstolos Senhor Santiago ou Senhor São Pedro. Digo que todas as nossas obras e vitórias são pela mão de Nosso Senhor Jesus Cristo, e que naquela batalha havia para cada um de nós tantos índios que a poeira lançada nos cegava, mas a grande misericórdia de Nosso Senhor nos ajudava em tudo; e talvez fosse os gloriosos apóstolos Senhor Santiago ou Senhor São Pedro, como disse Gómara, e eu, como pecador, não fui digno de vê-los. O que então vi e conheci foi Francisco de Morla em um cavalo castanho que vinha juntamente com Cortés”*⁵⁰⁶ (grifos nossos)

Desse modo, após analisar a passagem de Bernal Díaz, caracterizamos a dúvida do conquistador em relação à presença das intervenções escatológicas, não como uma demonstração puramente irônica ou sarcástica. Embora desconfiado, o “soldado-cronista” era ainda um cristão prudente em negar totalmente a “aparição”, pois respeitava os mistérios da fé – era um homem de profunda religiosidade.

Seja como for, em Tabasco o conquistador nunca descartou completamente uma interferência milagrosa dos personagens bíblicos, apenas comentou, humildemente, não ter compartilhado de tal graça, se ela realmente existiu. Mais tarde, Bernal Díaz, apesar de não acreditar em um auxílio divino direto, agradeceu a Deus pela vitória: *“oferecemos muitas graças a Deus por nos conceder aquela vitória tão completa”*.⁵⁰⁷

Outro conquistador que esteve presente no episódio da expedição foi Vázquez de Tapia. Assim como López de Gómara, o conquistador descreveu a “aparição” de um cavaleiro misterioso que, segundo ele, montava *“um cavalo branco”*:

⁵⁰⁶ *“Aquí es donde dice Francisco López de Gómara que salió Francisco de Morla en caballo rucio picado, antes que llegase Cortés con los de a caballo, y que eran los santos apóstoles señor Santiago o señor San Pedro. Digo que todas nuestras obras y victorias son por mano de Nuestro Señor Jesucristo, y que en aquella batalla había para cada uno de nosotros tantos índios que a puñados de tierra nos cegaran, salvo que la gran misericórdia de Nuestro Señor en todo nos ayudaba; y pudiera ser los que dice Gómara fueran los gloriosos apóstoles señor Santiago o señor San Pedro, e yo, como pecador, no fuese digno de verlo. Lo que yo entonces vi y conocí fue a Francisco de Morla en un caballo castaño, y venía juntamente con Cortés”* – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 34, p. 56.

⁵⁰⁷ *“dimos muchas gracias a Dios por habernos dado aquella victoria tan cumplida”* – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 34, p. 55.

“Depois que entramos no povoado, tivemos outras duas batalhas muito duras com eles e tiveram a ponto de nos matar. Corríamos grande perigo se não fosse pelos cavalos trazidos dos navios; e aqui se viu um grande milagre na batalha, quando se viu lutar um [cavaleiro] em um cavalo branco, cuja presença desbaratou os índios. Tal cavalo não existia entre os que trazíamos”⁵⁰⁸ (grifo nosso)

Concluído em torno de 1546, o relato de Vázquez de Tapia era, portanto, anterior tanto à crônica de Bernal Díaz quanto a obra de López de Gómara. A maioria dos historiadores concluiu que o cavaleiro se tratava de Santiago, apesar do conquistador não mencionar o nome preciso do apóstolo em sua *Relación*.

Nas versões de Vázquez de Tapia e López de Gómara, primeiras a serem escritas, existe um forte vínculo com as narrativas medievais, pois sempre apresentam Santiago como um guerreiro que monta, ora um cavalo branco, como na Reconquista, ora um castanho, o tipo mais comum entre os animais da tropa de Cortés.⁵⁰⁹

O capitão Andrés de Tapia, por sua vez, sem identificar a identidade do misterioso cavaleiro, tem uma versão interessante do episódio:

“e como os inimigos já tinham cercado os peões por todas as partes, apareceu pela retaguarda um homem em um cavalo pardo manchado, e os índios começaram a fugir e a nos deixar devido ao dano que aquele ginete os causava; e nós, acreditando que fosse o marquês [Cortés] arremetemos e matamos alguns dos inimigos e o cavaleiro não mais apareceu. Então os inimigos novamente nos atacaram, tornaram a nos maltratar como inicialmente, e novamente apareceu o cavaleiro, dessa vez mais perto de nós, causando danos neles, de maneira que todos o viram. E tornamos a arremeter e tornou-se a desaparecer como inicialmente. E assim ocorreu outra vez, de maneira que foram três vezes as que apareceu e que o vimos; e sempre acreditávamos que fosse algum membro da companhia do marquês. Com seus nove cavaleiros, o marquês chegou pela nossa retaguarda e nos fez saber como não tinham podido passar, e lhe dissemos que havíamos visto um cavaleiro, que dizia: ‘Adiante, companheiros, pois Deus está conosco’. E arremeteu sobre os inimigos e sobre os guerreiros a pé atrás

⁵⁰⁸ “Después de entrádoles el pueblo, tuvimos otras dos batallas muy recias con ellos y nos tuvieron en punto de nos matar, y corréramos gran perigo si no fuera por los caballos que sacaron de los navios; y aquí se vio un gran milagro, que, estando en gran peligro en la batalla, se vio andar peleando uno de un caballo blanco, a cuya causa se desbarataron los índios, el cual caballo no había entre los que traíamos” – VÁZQUEZ DE TAPIA, Bernardino. *Relación de méritos y servicio...*, p. 136.

⁵⁰⁹ RUI, Adailson José. *O mito de São Tiago: Da Reconquista espanhola à conquista da América*, p. 170.

*dele; e assim os desbaratamos, matando muitos deles e fugindo os demais (...)*⁵¹⁰ (grifos nossos)

Os grifos acima indicam o caos em que a batalha ocorreu, talvez responsável pelo conquistador não conseguir enxergar quem atacava os índios e subitamente desaparecia, para ele provavelmente o marquês, ou seja, Cortés.

O veterano Bernal Díaz escreveu a fim de adquirir vantagens econômicas, e aprovar o milagre de Cintla comprometeria seus méritos.⁵¹¹ Por outro lado, para Tapia e Vázquez de Tapia, a intervenção de Santiago em Tabasco manifestou a vontade divina de que aquele território, povoado por canibais idólatras, fosse anexado à coroa hispânica.

Por sua vez, o historiador Hugh Thomas, adotando uma perspectiva mais racional em relação à “aparição” de Santiago, faz uma interpretação das palavras dos “soldados-cronistas” e dos outros conquistadores⁵¹² que estiveram presentes durante o evento. Segundo o autor, um cavaleiro de destaque na batalha foi Francisco de Morla, que debaixo de seu elmo com viseira e coberto por sua armadura de aço, distorceu a visão de alguns soldados ingênuos, pois eles não o reconheceram.⁵¹³ O resultado foi a crença de que o próprio apóstolo Santiago chegava para ajudá-los, uma repetição das intervenções ocorridas desde a Reconquista.

⁵¹⁰ “y como los enemigos nos tuviesen ya cercados a los peones por todas partes, [a]pareció por la retaguardia de ellos un hombre en un caballo rucio, picado, y los indios comenzaron a huir y a nos dejar algún tanto por el daño que aquel jinete en ellos hacía; y nosotros, creyendo que fuese el marqués, arremetimos y matamos algunos de los enemigos, y el de caballo no pareció más por entonces. Volviendo los enemigos sobre nosotros, nos tornaban a maltratar como de primero, y tornó a parecer el de caballo más cerca de nosotros, haciendo daño en ellos, por manera que todos lo vimos y tornamos a arremeter y tornóse a desaparecer como de primero, y así que lo hizo otra vez, de manera que fueron tres veces las que apareció y le vimos; y siempre creíamos que fuese alguno de los de la compañía del marqués. El marqués con sus nueve de caballo volvieron a venir por nuestra retaguardia, y nos hizo saber cómo no había podido pasar, y le dijimos cómo habíamos visto uno de caballo, y dijo: ‘Adelante, compañeros, que Dios es con nosotros’. Y arremetió estando ya fuera de las acequias y dio en los enemigos, y la gente de pie tras él; y así los desbaratamos, matando muchos de ellos y huyendo los demás (...)” – TAPIA, Andrés de. *Relación de algunas cosas...*, p. 76-77.

⁵¹¹ VÁZQUEZ CHAMORRO, Germán. *Introducción General*, p. 12.

⁵¹² Na versão de outro “soldado-cronista”, Francisco de Aguilar, não houve qualquer tipo de intervenção escatológica. Segundo o conquistador, quando os nativos de Tabasco iniciaram o combate, “Cortés mandó sacar dos caballos armados y ciertos ballesteros y escopeteros y peones a resistir el ímpetu de los indios que venían de guerra, los cuales serían hasta cuarente mil hombres, poco más o menos, donde los tiros que se jugaron y las ballestas que tiraban y los caballos que corrían mataron muchos de los indios, por manera que como cosa nueva para ellos, atemorizados, huyeron y dejaron el campo” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 164.

⁵¹³ THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*, p. 205.

As “aparições” de santos nas batalhas já eram registradas desde a Alta Idade Média. A partir do século X, supostamente São Pedro, São Paulo e São Jorge empunhavam espadas (ao lado de papas e dos normandos) contra os árabes no sul da Península Itálica nas batalhas de Garigliano (915) e Cerami (1063).⁵¹⁴ Também, na Terra Santa durante a ofensiva da Primeira Cruzada contra Antioquia, os cruzados descreveram cavaleiros montados em cavalos brancos, acenando estandartes brancos, cujos líderes seriam São Jorge, São Mercúrio e São Demétrio.⁵¹⁵

Na Hispânia, a primeira vez que ocorreu a invocação ao apóstolo Santiago na forma de “*Dios ayuda et Sanctiago!*” e a suposta presença visual do mesmo aconteceu na batalha contra os mouros, em 844, na localidade de Clavijo. A partir dessa “aparicação”, o apóstolo foi caracterizado como um guerreiro que monta um cavalo branco, levando numa das mãos, uma bandeira e, na outra, uma espada reluzente.⁵¹⁶ Mais tarde, a Ordem Militar de Santiago fez uso da “aparicação” do apóstolo na batalha de Clavijo, e baseado nela construiu uma tradição na qual Santiago passou de evangelizador para cavaleiro que luta ao lado dos cristãos.⁵¹⁷ O apóstolo supostamente apareceu em 38 batalhas durante a Reconquista contra os mouros.⁵¹⁸

No século XVI, o cristão ibérico ainda vivia o mito de Santiago, construído anteriormente e mantido principalmente pela Ordem Militar de Santiago. Em Extremadura, terra natal de Cortés e de aproximadamente 15% de seu exército,⁵¹⁹ a ordem ainda era poderosa no final da Idade Média, motivo que contribuiu para que a crença no apóstolo fosse particularmente mais sentida pelos *extremeños*.

Certamente, a presença de Santiago nos momentos difíceis, apesar da desconfiança de Bernal Díaz, garantiu uma “mística de cruzada”.⁵²⁰ Tal ceticismo citado por Fernández pode ser explicado, em parte, uma vez que o autor da *Historia verdadera* discordou parcialmente do relato de López de Gómara. Ao adjetivar sua obra de “verdadera”, Bernal

⁵¹⁴ WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*, p. 163.

⁵¹⁵ RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, Vol. I, p. 224.

⁵¹⁶ RUI, Adailson José. *O mito de São Tiago: Da Reconquista espanhola à conquista da América*, p. 31-32.

⁵¹⁷ *Ibidem*, p. 33.

⁵¹⁸ WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*, p. 163.

⁵¹⁹ GRUNBERG, Bernard. “El universo de los conquistadores: resultado de una investigación prosopográfica”, p. 96.

⁵²⁰ FERNÁNDEZ, Fernando Carmona. “Conquistadores, utopía y libros de caballería”. *Revista de Filología Románica*, nº 10, Universidade Complutense, Madrid, 1993, p. 15.

Díaz propõe uma história fiel. A testemunha ocular simplesmente pode apresentar o que aconteceu; mas aquele que não presenciou o fato precisa convencer.⁵²¹

Assim como em Tabasco, o seguinte ponto na conquista de México-Tenochtitlán em que o maravilhoso cristão supostamente se manifestou ocorreu no litoral, onde a Virgem Maria teria aparecido para ajudar os conquistadores.

Enquanto circulavam pacificamente pela capital mexica durante o período em que foram “hóspedes” (novembro de 1519–maio de 1520), chegaram aos ouvidos dos “espanhóis” notícias de que, em Nauhtla, o soberano local, Qualpopoca, dirigiu um ataque aos conquistadores estabelecidos na localidade. O *tlatoani* Montezuma, segundo Bernal Díaz, ao comentar com os chefes indígenas em Tenochtitlán, os questionou porque não haviam dizimado totalmente os invasores,

*“Sendo eles [mexicas] muitos milhares de guerreiros, como não venceram tão poucos teules [‘espanhóis’]. E responderam que não aproveitaram nada suas varas e flechas, nem suas boas técnicas de luta. Também, não puderam afugentá-los, porque uma grande tequecihuata [grande senhora] de Castela vinha na frente deles, e que aquela senhora colocava muito temor nos mexicanos e dizia palavras de encorajamento aos seus teules. E Montezuma então acreditou que aquela grande senhora era Santa Maria, a qual havíamos dito que era nossa protetora, e que antes oferecemos [a imagem da Virgem] a Montezuma com seu filho nos braços. E porque isto eu não vi, porque estava no México, mas foi dito por certos conquistadores que estavam lá, quisera Deus que assim fosse, e certamente todos os soldados que acompanhavam Cortés acreditariam, e assim é verdade, e que a divina misericórdia e Nossa Senhora, a Virgem Maria, sempre estava conosco, pela qual concedo muitas graças”*⁵²² (grifos nossos)

Nenhum dos outros “soldados-cronistas” relatou o episódio (todos encontravam-se em Tenochtitlán), nem mesmo o cronista López de Gómara citou o acontecimento. Esse

⁵²¹ GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*, p. 150.

⁵²² “siendo ellos muchos millares de guerreros, que cómo nos vencieron a tan pocos teules. Y respondieron que no aprovechaban nada sus varas y flechas ni buen pelear, que no los pudieron hacer retraer, porque una gran tequecihuata de Castilla venía delante de ellos, y que aquella señora ponía a los mexicanos temor y decía palabras a sus teules que les esforzaban. Y el Montezuma entonces creyó que aquella gran señora era Santa Maria y la que le habíamos dicho que era nuestra abogada, que de antes dimos a Montezuma con su hijo en los brazos. Y porque esto yo no vi, porque estaba en México, sino lo que dijeron ciertos conquistadores que se hallaron en ello, y pugliese a Dios que así fuese, y ciertamente todos los soldados que pasamos con Cortés tenemos muy creído, y así es verdad, y que la misericordia divina y Nuestra Señora la Virgen María siempre era con nosotros, por cual le doy muchas gracias” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 94, p. 181.

ataque possivelmente foi planejado por Montezuma, que desejou cortar as comunicações hispânicas e, assim, isolar as duas partes da tropa. Poucos conquistadores conseguiram escapar e se refugiar em Vera Cruz.

Posteriormente (maio de 1520), dessa vez em Tenochtitlán, no massacre conhecido como a “Matança no Templo Maior”, novamente a Virgem Maria e o apóstolo Santiago teriam aparecido aos nativos. O capitão Pedro de Alvarado declarou a Bernal Díaz, e este último comenta:

*“Eu quero mencionar o que contou Pedro de Alvarado: quando os mexicanos lutavam como ele, muitos deles disseram que uma grande tecleciguata, que significa grande senhora (...) lançava terra contra seus olhos, cegando-os. E que um guey teule [‘espanhol’] que cavalgava em um cavalo branco lhes fazia grande estrago, e que se não fosse por eles já tinham matado todos nós, foi o que os principais disseram ao grande Montezuma. E se isso for verdade, grandes milagres ocorreram, e temos que dar graças a Deus e à Virgem Maria Nossa Senhora, Sua Bendita Mãe, que em tudo nos socorre, e ao bem aventurado Senhor Santiago”*⁵²³(grifos nossos)

O citado acontecimento não foi presenciado por Bernal Díaz, pois o cronista, juntamente com Cortés, havia partido (em maio) para combater no litoral Pânfilo de Narváez, o enviado por Velázquez para punir o líder da expedição, já que este havia zarpado antes das ordens oficiais. Pode-se perceber que Alvarado também não compartilhou a visão descrita pelos mexicas. Nesse fragmento, claramente Bernal Díaz parece admitir a possibilidade de intervenções escatológicas na Conquista. O milagre cristão sempre ocupava um lugar central no pensamento dos homens que se consideravam guerreiros de Cristo.⁵²⁴

Outro “soldado-cronista” que expôs a versão indígena do evento foi Vázquez de Tapia:

⁵²³ “Yo quiero decir que decía el Pedro de Alvarado que cuando peleaban los indios mejicanos con él, que dijeron muchos dellos que una gran tecleciguata, que es gran señora (...) les echaba tierra en los ojos, y les cegaba, y que un guey teule que andaba en un caballo blanco les hacían mucho mal, y que si por ellos no fuera que les mataran a todos e que aquello dizque se lo dijeron al gran Montezuma sus principales. Y si aquello fue así, grandísimos milagros son, e de continuo hemos de dar gracias a Dios e a la Virgen María Nuestra Señora, su bendita madre, que en todo nos socorre e al bien aventurado señor Santiago” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 125, p. 246.

⁵²⁴ LAFAYE, Jacques. *Los conquistadores*. México: Siglo XXI Editores, oitava edição, 1991, p. 142.

“[os mexicas] disseram que naquele momento, quando tinham grande dificuldade para nos vencer, viram **uma mulher de Castela muito linda que resplandecia como o Sol, e que lançava poeira contra seus olhos e, como viram coisa tão estranha, afastaram e fugiram, logo nos deixando**”⁵²⁵ (grifo nosso)

O cronista López de Gómara, por sua vez, também descreveu o relato indígena ao declarar que a Virgem Maria neutralizava os nativos deixando-os momentaneamente cegos com a poeira lançada, e o apóstolo Santiago que, invulnerável aos ataques, lutava bravamente com uma espada em punho que causava muitos danos:

“andavam lutando pelos espanhóis Santa Maria e Santiago em um cavalo branco, e os índios diziam que o cavalo feria e matava tantos com a boca e com as patas quanto o cavaleiro com a espada em punho. E que a mulher do altar lançava contra eles poeira no rosto cegando-os. E então, como não vinham lutar, iam para suas casas pensando estar cegos, e ali se recuperavam. E quando voltavam para combater, diziam: se não tivéssemos medo da mulher e do cavaleiro branco, vossa casa já estaria destruída e todos [os ‘espanhóis’] cozidos, mas não devorados, pois não são bons para comer”⁵²⁶

A seguir, o cronista, na tentativa de apresentar um milagre, concluiu esse episódio com uma interpretação dos relatos indígenas no qual associou os personagens descritos dentro dos santos cristãos correspondentes:

“Nosso Deus justo, verdadeiro criador de todas as coisas, e a mulher que lutava era a Mãe de Cristo, Deus dos cristãos, e o cavaleiro branco [Santiago] era apóstolo do mesmo Cristo, enviado do céu para defender aqueles poucos espanhóis e matar tantos índios”⁵²⁷

⁵²⁵ “dijeron que, en aquella sazón, que nos entraban y tenían en tanto trabajo, vieron una mujer de Castilla, muy linda y que resplandecía como el sol, y que les echaba puñados de tierra en los ojos y, como vieron cosa tan extraña, se apartaron y huyeron y se fueron y nos dejaron” – VÁZQUEZ DE TAPIA, Bernardino. *Relación de méritos y servicios...*, p. 144.

⁵²⁶ “andaban peleando pelos españoles santa María y Santiago en un caballo blanco, y decían los indios que el caballo hería y mataba tantos con la boca y con los pies y manos como el caballero con la espada, y que la mujer del altar les echaba polvo por las caras y los cegaba, y entonces, como no veían pelear, se iban a sus casas pensando estar ciegos, y allí se encontraron buenos; y cuando volvían a combatir la casa, decían: Si no tuviésemos miedo a una mujer y al del caballo blanco, ya estaría derribada vuestra casa, y vosotros cocidos, aunque no comidos, pues no sois buenos de comer” – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Índias. La Conquista de Méjico (Segunda Parte)*. Barcelona: Editorial Ibérica, Obras Maestras, 1954, p. 190.

⁵²⁷ “nuestro Dios justo, verdadero criador de todas las cosas, y la mujer que peleaba era madre de Cristo, dios de los cristianos, y el de caballo blanco era apóstol del mismo Cristo, llegado del cielo para defender a aquellos pocos españoles y matar a tantos indios” – *Ibidem*, p. 191.



El milagro de Santa María de Peña de Francia: Al lanzarse a la batalla, los soldados incaicos se asombran por la visión milagrosa y huyen. Desenho do mestiço andino Felipe Guaman Poma de Ayala (c. 1550 - c. 1616), em sua crônica *Primer Nueva coronica y buen gobierno* (c. 1615/1616). In: Biblioteca Real, Copenhague, Dinamarca - [Det Kongelige Bibliotek](#). Muito semelhante aos relatos que analisei, a crônica de Guaman Poma confirma as intervenções de Santiago e da Virgem Maria, dessa vez na conquista dos incas. Nessa ilustração, da mesma forma que na conquista de México-Tenochtitlán, a Virgem joga terra nos olhos dos índios, deixando-os momentaneamente cegos. Utilizei a ilustração de Guaman Poma como mero recurso didático de semelhança, devido a carência de imagens coloniais da Virgem no combate aos mexicas.

Para Hugh Thomas,⁵²⁸ trata-se novamente de uma confusão, pois a mulher deveria ser, provavelmente, María de Estrada, conquistadora de grande valentia, e o cavaleiro um dos ginetes de Alvarado, possivelmente o soldado Álvarez Chico. De fato, uma ou duas

⁵²⁸ THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*, p. 436.

dezenas de mulheres formavam parte do exército de Cortés, sendo elas todas hispânicas e, em sua maioria, procedentes da Andaluzia.

A exortação à Virgem Maria e a crença na presença visual da mesma também encontrava suas origens na Alta Idade Média. Na Hispânia, a partir do século VIII, ou seja, logo após a invasão muçulmana, supostamente a Virgem comandava pessoalmente os cavaleiros cristãos contra os mouros nas Astúrias e em Leão.⁵²⁹

Em terras americanas, a primeira “aparição” da Virgem teria ocorrido em 1495, na ilha de Hispaniola, onde a *Virgen de las Mercedes* surgiu em uma batalha contra os nativos, perto do Santo Cerro.⁵³⁰

A última manifestação mais próxima do maravilhoso cristão na conquista dos mexicas aconteceu em Otumba. Após a vitória sobre Narváez, Cortés retornou à capital mexicana, onde os comandados por Alvarado encontravam-se sitiados dentro do palácio de Axayácatl, antigo *tlatoani*. Logo depois, devido o árduo combate, os conquistadores tiveram que se retirar da cidade no desastroso episódio conhecido como a “*Noche Triste*”.

Essa foi a primeira grande derrota européia no Novo Mundo (30 de junho de 1520). Com os índios sob o encalço dos “espanhóis”, mais tarde, Bernal Díaz pareceu admitir, pelos menos indiretamente, a ajuda de Santiago na grande batalha de Otumba (14 de julho):

*“Deixemos isso e voltemos a Cortés, Cristóvão de Olid, Sandoval, Gonzalo Domínguez e outros cavaleiros que agora não me recordo (...). E todos os soldados colocavam grande ânimo para lutar com Cortés e depositamos no coração Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora, a Virgem Santa Maria, e o Senhor Santiago, que certamente nos ajudava”*⁵³¹ (grifo nosso)

Logicamente, a declaração do conquistador não caracteriza um apoio decisivo do apóstolo, ou seja, uma interpretação que sugira essa passagem como uma ajuda considerável de Santiago pode ser precipitada. Apesar disso, a legião de santos, inalteravelmente vencedora, demonstrava ser um dos auxílios mais efetivos para os homens

⁵²⁹ WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*, p. 168.

⁵³⁰ *Ibidem*, p. 168-169.

⁵³¹ “*Y dejemos esto y volvamos a Cortés y Cristóbal de Olíd, y Sandoval y Gonzalo Domínguez y otros de a caballo que aquí no nombro (...). Y todos los soldados poníamos grande ánimo a Cortés para pelear, y esto Nuestro Señor Jesucristo y Nuestra Señora la Virgen Santa María nos lo ponían en corazón, y Señor Santiago, que ciertamente nos ayudava*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 128, p. 259.

que se põem sob seu amparo.⁵³² De qualquer forma, essa foi a última menção mais próxima do maravilhoso cristão que encontramos nas fontes analisadas sobre a conquista de México-Tenochtitlán, campanha finalizada em agosto de 1521 com a vitória hispânica.

De fato, em várias passagens do aparecimento do maravilhoso cristão, foi o indígena que teve a visão maravilhosa, não o “espanhol”. Essa característica pode ser encontrada em algumas crônicas medievais da Reconquista, onde em certos combates foi o “outro”, ou seja, o mouro que descreveu a miraculosa ajuda recebida pelos cristãos, seja de santos ou do poder conferido pelas relíquias.

Na conquista de Maiorca (1229), por exemplo, os sarracenos contaram aos cristãos a presença de um cavaleiro todo vestido de branco que lutava bravamente contra eles – os cristãos concluíram que era São Jorge.⁵³³ Mais tarde, na batalha de Salado (1340), um mouro relatou a presença de um magnífico cavaleiro português, que penetrou nas hostes muçulmanas carregando uma cruz que “lançava raios de fogo”. Diferentemente do primeiro episódio, em Salado, foi o cronista cristão quem deu voz aos muçulmanos e projetou o que se passava na mente deles.⁵³⁴

Também nas fontes que examinamos, os cronistas eram cristãos que apontaram o compartilhamento da visão do maravilhoso pelos conquistadores e, principalmente, pelos indígenas. Desconhecemos como as descrições indígenas do maravilhoso cristão “apareceram” nas crônicas hispânicas. Três hipóteses podem ser lançadas: a primeira foi que os cronistas, intencionalmente, na tentativa de afirmar o milagre cristão, deram vozes aos nativos, ou seja, inventaram uma versão indígena (assim como sucedeu na batalha de Salado em relação aos muçulmanos); a segunda é que um conquistador vitorioso

⁵³² BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*, p. 385.

⁵³³ VIANNA, Luciano José. “O passado como exemplo para os homens e como confirmação celeste da legitimidade real: A conquista de Maiorca (1229) no Livro dos Feitos (c. 1252-1274) de Jaime I (1208-1276), o Conquistador”. In: XII Encontro Regional de História - Anpuh - Usos do passado. Gragoatá – Niterói, RJ, 2006, p. 03-04. O trecho do *Livro dos Feitos* (c. 1252-1274) sobre a “aparição” de São Jorge é: “Quando os cavaleiros armados começaram a entrar, cessou a voz. Após ser feita a passagem onde deviam entrar os cavalos armados, entraram cerca de quinhentos homens a pé. Em seguida, o rei de Maiorca veio à passagem com todas as gentes dos sarracenos da cidade. Eles cercaram de tal maneira os que estavam a pé e que entraram que, se não seguissem os cavalos armados, todos estariam mortos. E, **segundo o que os sarracenos nos contaram, diziam que viram entrar primeiro em um cavalo um cavaleiro branco com armas brancas. Isso deve ser nossa crença que fosse São Jorge, porque encontramos em histórias que em outras batalhas tanto cristãos quanto sarracenos o têm visto muitas vezes**” – LIVRO DOS FEITOS. Jaime I de Aragão. Tradução de Luciano José Vianna e Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010, Cap. 84, p. 142.

⁵³⁴ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 246-259.

proporcionou aos indígenas contarem aos “espanhóis” a presença desse magnífico inimigo (assim como aconteceu em Maiorca), que os cronistas logo associaram aos santos (Santiago, São Pedro, Virgem Maria, etc); a última, e bastante aceita, defende a ideia de que a versão indígena foi elaborada alguns anos após a Conquista.

Com a evangelização, os índios convertidos não se consideravam, evidentemente, herdeiros da tradição idólatra mexica, ao contrário, agora eles eram cristãos como os “espanhóis”. Nesse momento, os nativos (cristãos) que apresentavam a visão dos santos aos cronistas, indicaram que os mexicas apenas sofriam um castigo divino por negarem a “verdadeira fé” e insistirem na idolatria ao longo da ofensiva hispânica.

Como já assinalamos, a certeza da “aparição” escatológica, seja dos apóstolos Santiago e Pedro, ou ainda da Virgem Maria, nunca foi veementemente confirmada pelos “soldados-cronistas” (apenas Vázquez de Tapia parece admitir algo próximo). Foram as crônicas posteriores, principalmente aquelas produzidas por religiosos, alguns na esteira da *Historia General* de López de Gómara, que apresentaram maior número de referências às “aparições” de santos durante a conquista de México-Tenochtitlán.

Javier Domínguez García sugere uma hipótese como resposta no caso de Santiago, mas que pode ser generalizada. Segundo o historiador, a prolongada exposição do apóstolo nas batalhas parece ser unicamente um artifício retórico sistematizado por religiosos “espanhóis” com o propósito de consolidar um projeto eclesiástico que insistiu em demonstrar que a Conquista da América foi uma extensão lógica da Cruzada medieval.⁵³⁵

De fato, a visão de muitos religiosos dos séculos XVI-XVII estava vinculada ainda à perspectiva medieval, pois acreditavam que os santos intervinham pessoalmente nas batalhas em auxílio aos cristãos.⁵³⁶ Isso não quer dizer, logicamente, que os conquistadores não compartilhassem essa visão de mundo. Pelo contrário, devemos salientar que não

⁵³⁵ DOMÍNGUEZ GARCÍA, Javier. “Santiago mataindios: la continuación de un discurso medieval en la Nueva España”. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, enero-junio, vol. 54, 2006, nº 001, El Colegio de México, Distrito Federal, México, p. 43.

⁵³⁶ Jacques Lafaye aponta uma exceção: os primeiros missionários que chegaram ao México após a conquista, principalmente os franciscanos (1524). Para o autor, a “Doctrina cristiana de fray Juan de Zumárraga, primer obispo de México, inspirada en las concepciones erasmianas de una fe renovada, servía de modelo a la evangelización de México llevada a cabo por las órdenes mendicantes. (...) las intervenciones milagrosas del apóstol Santiago en los combates contra los indios eran recibidas con un escepticismo prudente o con una indignación teñida de ironía por los franciscanos de la escuela salmantina, venidos al Nuevo Mundo a plantar una fe liberada de sus supersticiones” – LAFAYE, Jacques. *Los conquistadores*, p. 144. Contudo, juntamente com as indicações de Weckmann, demonstramos que muitos religiosos não compactuavam com as opiniões dos franciscanos seguidores de Zumárraga (1468-1548).

defendemos uma polarização entre combatentes e clérigos em relação à crença nas “aparições”.

Os “espanhóis” do século XVI (incluindo os conquistadores), tinham uma mentalidade fundamentalmente medieval, diferentemente dos renascentistas itálicos,⁵³⁷ que tinham mais traços do particularismo e da valorização do homem,⁵³⁸ capazes de anularem a crença no miraculoso. O fato dos “soldados-cronistas” declararem que, na maioria das vezes, eles não viram o milagre, não altera a confiança na possibilidade da existência dele (por exemplo, em alguns casos eles indicavam que os nativos testemunharam).

⁵³⁷ WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*, 1994.

⁵³⁸ DOMINGUES, Beatriz Helena. “O Medieval e o Moderno no Mundo Ibérico e Ibero-Americano”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: n° 20, 1997, p. 01-26.

9. A ALTERIDADE: O “OUTRO” MEXICA

*“Outros diziam que eram dos judeus que Tito e Vespasiano expulsaram de Jerusalém”*⁵³⁹

Bernal Díaz del Castillo, *Historia verdadera...*

Os séculos iniciais da exploração do continente americano, considerado exótico e desconhecido pelos europeus, foram marcados por um contato extraordinário de civilizações distintas culturalmente. Tal contato possibilitou-nos a análise da alteridade,⁵⁴⁰ perspectiva na qual privilegiamos o ponto de vista hispânico perante o nativo mesoamericano, particularmente o mexica.

Durante a exploração e Conquista da América, a lembrança específica dos mouros e judeus era causada devido ao convívio com a cultura judaico-muçulmana por séculos na Península Ibérica medieval. Desde o primeiro encontro com os povos da Mesoamérica, efetuado na quarta viagem de Cristóvão Colombo (1502-1504), a comparação, principalmente com os mouros, já era realizada. Neste episódio, o almirante genovês e seu filho, o jovem Hernando Colombo (1488-1539), depararam-se com uma embarcação nativa (possivelmente maia) na qual *“as mulheres cobriam o rosto e o corpo como fazem as mouras em Granada”*.⁵⁴¹

As primeiras expedições que desembarcaram na costa mesoamericana seguiram a mesma tendência comparativa. Em 1517, os conquistadores comandados por Francisco Hernández de Córdoba, ainda a bordo dos navios, observaram uma *“grande povoação e*

⁵³⁹ *“Otros decían que eran de los judíos que destierro Tito y Vespasiano de Jerusalém”* – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 06, p. 13.

⁵⁴⁰ De acordo com Tzvetan Todorov, a alteridade se baseia na noção de que “somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão *lá* e eu estou só *aquí*, pode realmente separá-los e distinguí-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a *mim*. Ou então como um grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos. (...) Ou pode ser exterior a ela [sociedade], uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua” – TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 03.

⁵⁴¹ *“las mujeres se tapaban la cara y el cuerpo como hemos dicho que hacen las moras en Granada”* – COLÓN, Hernando. *Vida del Almirante*. Editado por Ramón Iglesia. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1984, p. 275. Sobre esse encontro, ver CHAUNU, Pierre. *Conquista e Exploração dos Novos Mundos (séc. XVI)*. São Paulo: Pioneira: EDUSP, 1984, p. 153-154.

não havíamos visto povoado tão grande na ilha de Cuba nem na Hispaniola, por isso lhe pusemos o nome de o Grande Cairo”.⁵⁴²

Na expedição do ano seguinte comandada por Juan de Grijalva, o capelão Juan Díaz, que mais tarde também acompanharia a empreitada de Hernán Cortés, sugeriu hipóteses sobre a origem de certas práticas nativas:

*“E é importante saber que todos os índios da mencionada ilha são circuncidados; por isso se suspeita **que ali perto se encontrem mouros e judeus**, porque os referidos índios afirmam que ali perto havia pessoas que usavam navios, e que estavam vestidos e armados como os espanhóis”*⁵⁴³
(grifo nosso)

A impressão sentida por Juan Díaz de que todos os índios se circuncidavam deriva da equivocada interpretação dos rituais nativos nos quais os sacerdotes totonacas da região retiravam sangue das áreas genitais em oferenda.⁵⁴⁴ Vemos, desse modo, que os “espanhóis” suspeitavam da existência, nas proximidades, de comunidades mouriscas e/ou judaicas que influenciavam os nativos, e não uma equivalência de identidade entre os grupos.

Entre o final do século XV e as primeiras décadas do século XVI, os europeus acreditavam explorar certas ilhas frente à costa da Índia e não um novo continente (a Península do *Yucatán* era chamada de *Isla de Santa María de los Remedios*).⁵⁴⁵ Colombo, por exemplo, acreditou em 1497 que a Península Arábica entrava no perímetro dos territórios da coroa hispânica e, em sua quarta viagem, levou dois intérpretes árabes para facilitar as comunicações.⁵⁴⁶

⁵⁴² “*gran poblazón y no habíamos visto en la Isla de Cuba ni en la Española pueblo tan grande, le pusemos por nombre el Gran Cairo*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 02, p. 05.

⁵⁴³ “*Y es de saber que todos los indios de la dicha isla están circuncisos; por donde se sospecha que cerca de allí se encuentren moros y judíos, [por] que afirman los susodichos indios que allí cerca había gente que usaban naves, vestidos y armas como los españoles*” – DÍAZ, Juan. *Itinerario de la armada del rey católico a la isla de Yucatán, en la India, el año 1518, en la que fue por comandante y capitán general Juan de Grijalva*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 57.

⁵⁴⁴ THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*. México, D. F.: Editorial Pátria, 1994, p. 143.

⁵⁴⁵ WECKMANN, Luis. *Constantino el Grand y Cristóbal Colón. Estudio de la supremacia papal sobre islas, 1091-1493*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 200.

⁵⁴⁶ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, UNAM, FFyL, 2004, p. 131-132.

A perspectiva de uma “contaminação” islâmica nos nativos ocupava espaço nas crônicas e mentes dos primeiros cronistas e exploradores. A razão disso se deve às primitivas crenças sobre o caráter asiático da América.⁵⁴⁷ Assim, o continente foi povoado por camelos, soberanos com haréns, homens circuncidados usando barba, etc.⁵⁴⁸

Nessa época, ainda não se tinha ideia que esses territórios formavam parte de um novo continente e que existia um enorme oceano – o Pacífico (*Mar do Sul*) – que o separava da Ásia. A primeira viagem ao redor do mundo (1519-1522), iniciada por Fernão de Magalhães (1480-1521) e finalizada por Juan Sebastián Elcano (c. 1486-1526), contribuiu para essa revelação. Também, a fulminante expansão turco-otomana fez com que os europeus temessem e imaginassem que o avanço islâmico já tinha atingido o extremo asiático.⁵⁴⁹ Vasco da Gama, em 1498, tinha mostrado a extensão do Islã no Índico.⁵⁵⁰

⁵⁴⁷ O’GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 100 e 104.

⁵⁴⁸ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*, p. 221.

⁵⁴⁹ Como relata o cronista Francisco López de Gómara, em meados do século XVI, “*Solimán* [Suleiman, o Magnífico, 1520-1566], turco, ha procurado también echar de Arabia y de la India a los portugueses para coger él este negocio de las especias, y no ha podido, aunque juntamente con ello pretendia danar a los persianos, y extender sus armas y nombre de allá” – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Índias (Primera Parte)*. Barcelona: Editorial Ibérica, Obras Maestras, 1954, p. 186-187.

⁵⁵⁰ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*, p. 131-132.



Mapa-múndi *Universalis Cosmographia* (1507) do cartógrafo alemão Martin Waldseemüller (c. 1475-1522). O mapa original se encontra na Biblioteca do Príncipe de Waldburg-Wolfegg-Waldsee, no castelo de Wolfegg, em Württemberg, Alemanha. Imagem disponível em: <http://www.henry-davis.com/MAPS/Ren/Ren1/310.html>

Pouco antes do início da expedição de Cortés, o “soldado-cronista” Bernal Díaz, surpreso com os objetos trazidos pelas expedições anteriores que ele tinha participado, comentou admirado:

*“E chegaram alguns ídolos de barro cheios de figuras, diziam que eram dos gentios. Outros diziam que eram dos judeus que Tito e Vespasiano expulsaram de Jerusalém e que foram lançados no mar em alguns navios que acabaram aportando naquela terra [Mesoamérica]”*⁵⁵¹

O trecho supracitado demonstra claramente que, tratando-se do período colonial (Bernal Díaz escreve sua *Historia verdadera* após 1550), não podemos descartar a

⁵⁵¹ “Y como vinieron los ídolos de barro y de tantas maneras de figuras, decían que eran de los gentiles. Otros decían que eran de los judíos que desterro Tito y Vespasiano de Jerusalém, y que los echó por la mar adelante en ciertos navios que habían aportado en aquella tierra” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976, Cap. 06, p. 13. Bernal Díaz refere-se à expulsão dos judeus de Jerusalém (70 d.C.). Em 66 d.C., os judeus haviam se rebelado contra o domínio romano e logo foram reprimidos pelo general Vespasiano (09-79), mais tarde Imperador romano (69-79). Ao se tornar Imperador, Vespasiano ordenou que seu filho mais velho, Tito (c. 39-81), continuasse a campanha contra os judeus. Em 70 d.C., os romanos tomaram Jerusalém e destruíram o templo de Herodes. Muitos judeus abandonaram a região. Para mais sobre o assunto, ver JOHNSON, Paul. *História dos Judeus*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

equivalência de identidade. Na Nova Espanha colonial, muitos clérigos como Diego Durán (c. 1537-1588) se declararam convencidos de que os mexicas descendiam das tribos perdidas de Israel. Tal argumento pretendia “restabelecer a unicidade da história do mundo e a descendência comum de Adão para todo o gênero humano”.⁵⁵² No primeiro capítulo de sua *Historia de las Indias de la Nueva España* (1579-1581), o dominicano Durán registrou sobre os mexicas:

*“(...) poderíamos afirmar que, por sua natureza, [os mexicas] são judeus e compõem o povo hebreu, e acredito não cometer um grande erro, considerando suas maneiras de viver, suas cerimônias, seus ritos e superstições, seus presságios e hipocrisias, tão próximas e próprias dos judeus, que não diferem em nada”*⁵⁵³ (grifo nosso)

Durante a conquista de México-Tenochtitlán, o conquistador Francisco de Aguilar tentou entender os mexicas com modelos disponíveis (conhecidos), e rapidamente lembrou das civilizações greco-romana e persa, que suas leituras desde tenra idade haviam conservado em sua memória:

*“digo, pois, que desde jovem e criança me ocupei em ler muitas histórias das Antiguidades persa, grega e romana; também li sobre os ritos que havia na Índia de Portugal, e digo certamente que em nenhuma destas histórias que tinha lido vi modos e maneiras de adoração ao demônio tão abomináveis como estes faziam”*⁵⁵⁴

No entanto, o padrão comparativo preferido era outro. Para os “espanhóis”, judeus e mouros representavam os dois únicos povos que podiam ser simultaneamente diferentes – ou seja, não cristãos e com civilidade –, ao contrário dos negros da Guiné, dos nativos das

⁵⁵² WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica – Segunda edición revisada (El Colégio de México), 1994, p. 297.

⁵⁵³ “podríamos ultimadamente afirmar ser naturalmente judíos y gente hebrea, y creo no incurriría en capital error el que lo afirmase, si considerado su modo de vivir, sus ceremonias, sus ritos y supersticiones, sus agüeros y hipocresías, tan emparentadas e propias de las de los judíos, que en ninguna cosa difieren” – DURÁN, Diego. *Historia de las Indias de Nueva España e islas de la tierra firme*. México, D. F.: Imprenta de J. M. Andrade y F. Escalante, Tomo I, 1867, Cap. 1, p. 17.

⁵⁵⁴ “digo, pues, que yo desde muchacho y niño me ocupe en leer y pasar muchas historias y antigüedades persas, griegas e romanas; también he leído los ritos que había en la India de Portugal, y digo cierto que en ninguna de éstas he leído tan abominable modo y manera de servicio y adoración como era la que éstos hacían al demonio” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 204-205.

Canárias (os guanchos) ou dos índios das Antilhas.⁵⁵⁵ Os mexicas rapidamente foram enquadrados nesse mesmo estágio civilizacional pelos conquistadores: Cortés, por exemplo, os descreveu como superiores no plano intelectual e comportamental, e os considerava com “*muito mais inteligência que (...) os das outras ilhas [Antilhas]*”.⁵⁵⁶

No início da expedição cortesiana, mesmo os tlaxcaltecas já tinham sido comparados no âmbito comportamental aos africanos: “*entre eles existe boas maneiras e boa organização, um povo com total racionalidade e entendimento, de tal forma que o melhor da África não consegue igualar*”.⁵⁵⁷ Os oriundos “da África” referidos por Cortés possivelmente não são os homens provenientes da África Negra (subsaariana), mas os naturais do norte do continente, região composta por populações em sua maioria islamizadas como os berberes.⁵⁵⁸ A comparação islâmica tinha um grande prestígio que os conquistadores deveriam igualar em terras americanas.⁵⁵⁹

Igualmente, a forte religiosidade dos nativos formou um acontecimento novo, pois os “espanhóis”, à exceção do contato com os mouros e judeus, não estavam habituados em confrontar uma civilização predominantemente urbana e cujos membros tinham a reputação de serem os índios mais religiosos do México central.⁵⁶⁰ A enorme quantidade de templos de pedra e imagens religiosas certamente impressionou os “espanhóis”. A capital mexicana, Tenochtitlán, apresentava um amplo centro de cerimônias disposto em torno de um grandioso santuário, o “Templo Maior”, composto de 78 templos e edifícios religiosos.⁵⁶¹ Cortés assinalou:

⁵⁵⁵ BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*, p. 313-314.

⁵⁵⁶ “*mucha más capacidad que (...) los de las otras islas*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Tercera Carta-Relación*, p. 171.

⁵⁵⁷ “*entre ellos hay toda manera de buena orden y policía, y es gente de toda razón y concierto, y tal que lo mejor de África no se le iguala*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 41.

⁵⁵⁸ Acreditamos que Cortés se refere ao norte do continente africano. A partir do século XIII, essa região aparece cada vez mais denominada de “África” (substituindo o antigo termo, Aethiopia). Em relação aos negros subsaarianos (não islamizados), de acordo com Anderson Ribeiro Oliva, “com as navegações europeias ao longo dos séculos XV e XVI encontramos, na literatura de língua portuguesa, o termo guinéus (‘homens de cor negra’) para referir-se aos africanos negros da costa da África Ocidental, e, Guiné, para denominar à área como um todo” – OLIVA, Anderson Ribeiro. “Da Etiópia à África: as idéias de África, do Medieval europeu à Idade Moderna”. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*. Vol. 5. ano 5, número 4. Outubro/novembro/dezembro de 2008.

⁵⁵⁹ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*, p. 208.

⁵⁶⁰ SOUSTELLE, Jacques. *A Civilização Asteca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 63.

⁵⁶¹ GRUZINSKI, Serge. *Passagem do Século: 1480-1520 – as Origens da Globalização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 81.

*“Há nessa grande cidade [Tenochtitlán] muitas mesquitas ou casas de seus ídolos em muito formosos edifícios, situados em todos os bairros (...). E entre essas mesquitas há uma principal que não existe língua humana que consiga explicar sua grandeza e particularidade (...).”*⁵⁶²

No decorrer dos relatos, diversas vezes os conquistadores se referiam aos locais com nomes de cidades muçulmanas ou portadoras de suas peculiaridades: *“colocamos no povoado que estava ali perto o nome de Povoado Mourisco”*.⁵⁶³ Além disso, observaram costumes como a poligamia dos mouros entre os mexicas: *“possuem muitas mulheres como os mouros”*.⁵⁶⁴

Aqui, gostaríamos de esclarecer uma curiosa afirmação do historiador Hernán Taboada. De fato, durante o período de Conquista e colonização do Novo Mundo, os conquistadores acabaram adotando ou repudiando certos costumes nativos. No entanto, para Taboada, por séculos uma das formas que os cristãos se distinguiam dos muçulmanos e/ou judeus era pela ausência de barba. Ao chegaram à América, os exploradores notaram a falta de pilosidade dos nativos. Como pretendiam manter também uma diferença com esse novo adversário, começaram a usar barba, quero dizer, para se distinguir não mais dos judeus e mouros, mas dos índios.⁵⁶⁵

Na realidade, embora a barba fosse um costume judaico-muçulmano secular, ela foi adotada por muitos cristãos europeus ainda na época das Cruzadas.⁵⁶⁶ Em Portugal, por exemplo, desde o século XIII, barbas longas, moda trazida pelos cruzados para o Ocidente

⁵⁶² *“Hay en esta gran ciudad muchas mezquitas o casas de sus ídolos de muy hermosos edificios, por las colaciones y barrios de ella (...) y entre estas mezquitas hay una que es la principal que no hay lengua humana que sepa explicar la grandeza y particularidades de ella (...)”* – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 64.

⁵⁶³ *“(...) un pueblo que allí cerca estaba (...) le pusimos por nombre el Pueblo Morisco”* – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 140, p. 296.

⁵⁶⁴ *“Tienen muchas mujeres como los Moros”* – CONQUISTADOR ANÔNIMO. *Relación de algunas cosas de la Nueva España, y de la gran ciudad de Temestitán México; escrita por un compañero de Hernán Cortés*. In: GARCÍA ICAZBALCETA, Joaquín (org.). *Colección de documentos para la historia de México*: México, D. F.: 1866.

⁵⁶⁵ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*, p. 232.

⁵⁶⁶ Por exemplo, após a chegada de cruzados itálicos em Acre (agosto, 1290), um massacre de mercadores e camponeses muçulmanos foi perpetrado e, “como convencionou-se que todos os homens de barba deviam ser muçulmanos, muitos cristãos locais tiveram a mesma sorte” – RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas III - O Reino de Acre e as Últimas Cruzadas*. São Paulo: Imago, 2003, Vol. III, p. 358.

cristão, era um costume típico da cavalaria-vilã, embora fosse motivo de escárnio da nobreza e reprovação da Igreja.⁵⁶⁷

Da mesma forma que lembraram o “Grande Cairo” (expedição de Córdoba), na campanha de Cortés outra cidade islâmica foi mencionada – Granada, referência próxima nas mentes hispânicas de uma sociedade não cristã, mas organizada:

*“A cidade [Tlaxcala] é tão grande e de tanta admiração (...) porque é muito maior que Granada e muito mais forte, com muitos edifícios e muito mais pessoas que Granada no tempo em que se conquistou [janeiro, 1492], e muito melhor abastecida dos produtos da terra (...)”*⁵⁶⁸

No entanto, nem todas as localidades referidas eram derivadas de comparações muçulmanas. Além de Granada, outras cidades da Hispânia foram mencionadas, apesar de encontrarem-se recuperadas pelos cristãos havia séculos no processo de Reconquista, como Córdoba (1236) e Sevilha (1248). Segundo Cortés, Tenochtitlán era “*uma cidade tão grande quanto Sevilha e Córdoba*”.⁵⁶⁹

Recentemente, a afirmação do historiador francês Jacques Lafaye de que “*la continuidad entre la guerra de moros y la guerra de indios era tan evidente que los Conquistadores llamaron mezquitas a los templos paganos del Nuevo Mundo*”,⁵⁷⁰ foi criticada por Hernán Taboada, que a classificou de inexata.⁵⁷¹ O historiador mexicano propõe uma relativização do tradicional conceito de que os primeiros conquistadores enxergaram os nativos como simples reflexo do tradicional inimigo islâmico: essa perspectiva, se existiu, foi estritamente inicial e limitada, pois as comparações também existiam com civilizações (reais ou imaginárias) da Antigüidade clássica,⁵⁷² do mesmo modo que defende outro pesquisador, Tzvetan Todorov.

⁵⁶⁷ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p. 111.

⁵⁶⁸ “*La cual ciudad es tan grand y de tanta admiración (...) porque es muy mayor que Granada y muy más fuerte y de tantos edificios y de muy mucha más gente que Granada al tiempo que se ganó, y muy mejor abastecida de las cosas de la tierra (...)*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 41.

⁵⁶⁹ “*tan grande la ciudad como Sevilla y Córdoba*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta-Relación*, p. 62.

⁵⁷⁰ LAFAYE, Jacques. *Los conquistadores*. México, D. F.: Siglo XXI Editores - oitava edição, 1991, p. 143.

⁵⁷¹ TABOADA, Hernán G. H. “Mentalidad de Reconquista y primeros conquistadores”. *Revista de Historia de América*, 2004, p. 04.

⁵⁷² *Ibidem*, p. 01.

O argumento de Todorov igualmente afasta-nos da vertente exclusivamente muçulmana da comparação. Segundo o lingüista búlgaro, não só ocorriam paralelismos com o “outro” mais próximo geograficamente e familiar, ou seja, o muçulmano; mas, também, para descrever os índios, os conquistadores buscam comparações que encontram prontamente na Antigüidade, isto é, em sua própria história pagã (greco-romana).⁵⁷³ Seguindo essa perspectiva, não acreditamos, evidentemente, que os “soldados-cronistas” (Cortés, Bernal Díaz, Aguilar e o “Conquistador Anônimo”) confiassem na equivalência de identidade entre os nativos e os muçulmanos.

De fato, os “soldados-cronistas” descreveram culturalmente os nativos com outras projeções: foram empregados termos mesoamericanos (ou de origem *nahuatl*),⁵⁷⁴ antilhanos,⁵⁷⁵ ou de sua própria cultura (cristã-ocidental): “*perto da mencionada cidade [Tenochtitlán] viram torres grandes e igrejas típicas, palácios e aposentos muito grandes*”.⁵⁷⁶ (grifo nosso).

No entanto, o uso de termos de origem árabe (*arabismos*) em determinadas situações são exemplos claros de qual projeção os conquistadores preferiam (devido ao prestígio) realizar para com a civilização de México-Tenochtitlán. Entre esses termos, encontramos, por exemplo, *albornoz* (vestimenta), *alquicel* (capa mourisca), *mezquita*, dentre muitos outros.⁵⁷⁷ Para os “espanhóis”, o vestuário e a arquitetura mourisca eram os principais símbolos de uma civilização exótica e sofisticada; o Alhambra (palácio muçulmano) não tinha sido preservado após a captura de Granada por acaso.

Apesar dos cristãos ibéricos terem eliminado Granada – última unidade política muçulmana independente da Hispânia – muitos maometanos permaneceram no território, onde o medo entre vencidos e vencedores se mantinha. Os *mouriscos*, ou seja, os mouros obrigados a ser converter após o Édito de Cisneros (1502), nutriam certas relações com os

⁵⁷³ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*, p. 105.

⁵⁷⁴ TABOADA, Hernán G. H. “Mentalidad de Reconquista y primeros conquistadores”, p. 02.

⁵⁷⁵ Curiosamente, ao analisar as *Cartas de Relación* de Cortés, Raymond Marcus percebeu que os “indo-americanismos” eram quantitativamente mais numerosos em comparação aos “arabismos” – MARCUS, Raymond. “Arabismos e Indo-Americanismos em Las Cartas de Relación de Hernán Cortes”. In: Revista TB, Rio de Janeiro, 110: 131/140, jul-set, 1992, p. 133.

⁵⁷⁶ “*más a vista de la dicha ciudad parecieron en ella grandes torres e iglesias a su modo, palacios e aposentos muy grandes*” – AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*, p. 178.

⁵⁷⁷ Para uma lista dos arabismos, ver MARCUS, Raymond. “Arabismos e Indo-Americanismos em Las Cartas de Relación de Hernán Cortés”. In: Revista TB, Rio de Janeiro, 110: 131/140, jul-set, 1992.

muçulmanos do norte da África e, à medida que o domínio marítimo dos turcos e berberes se consolidou no Mediterrâneo (ao longo do século XVI), o perigo otomano cresceu na Espanha. As rivalidades e rixas ocasionaram a revolta islâmica em Granada (1568) e, conseqüentemente, a decisão de Filipe III (1598-1621) em expulsar definitivamente os *mouriscos* (1609).⁵⁷⁸

Dessa forma, o sentimento anti-islâmico ainda predominava nas mentes dos conquistadores. Ademais, o modelo muçulmano era o mais invejado, uma vez que a civilização islâmica era detentora de riquezas exóticas e, desde a Alta Idade Média, era conhecida e encarada face-a-face pelos cristãos europeus. Também, foi ao longo do século XVI que, gradativamente, a literatura hispânica preferiu escrever sobre os turcos e os mouros – o “descobrimento” da América foi contemporâneo ao “descobrimento” literário do Islã.⁵⁷⁹

Se, em algum caso, a questão da alteridade foi assimilada negativamente no contato com o ameríndio, tal perspectiva tenderia a aumentar ainda mais o espírito cruzadístico dos conquistadores. Na Europa do século XVI, o cronista Francisco López de Gómara (1511-1566), mesmo sem nunca pisar em solo americano, declarou: “*a conquista dos índios começou após a guerra contra os mouros, de modo que os espanhóis sempre guerrearam contra infiéis*”.⁵⁸⁰ O autor também lembrou o caso de Pedrarias Dávila (c. 1440-1531), governador da *Castela de Ouro* que desejava “*guerrear com os índios, pois tinha vontade enfrentá-los, já que havia estado em Orán e outras terras da Berbería*”⁵⁸¹ em guerra com os muçulmanos. Neste sentido, Pedrarias foi um paradigma da transferência do ideal de

⁵⁷⁸ DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 273-274.

⁵⁷⁹ TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*, p. 226.

⁵⁸⁰ “*comenzaron las conquistas de indios acabada la de moros, porque siempre guerreasen españoles contra infieles*” – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Índias (Primera Parte)*. Barcelona: Editorial Ibérica, Obras Maestras, 1954, p. 06.

⁵⁸¹ “*guerrear con los indios, pues llevaba gana de toparse con ellos, ya que había estado en Orán y otras tierras de Berbería*” – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Hispania Victrix: Historia General de las Índias (Primera Parte)*. Barcelona: Editorial Ibérica, Obras Maestras, 1954, p. 115. Além de combater os mouros na fase final da Reconquista, Pedrarias se destacou nas guerras contra os muçulmanos no norte da África. Em 1509, participou da tomada da fortaleza de Bujía (atual Bejaia) e, no mesmo ano, auxiliou as tropas hispânicas sob o comando do cardeal Gonzalo Jiménez de Cisneros (1436-1517) e de Pedro Navarro (c. 1460-1528) a conquistarem Orán, cidade localizada no noroeste da Argélia. Após 1514, já em território americano, lutou contra índios da América Central. “Berbería”, por sua vez, era o termo utilizado no século XVI pelos europeus em referência às regiões costeiras do Marrocos, Argélia, Tunísia e Líbia.

cruzada, pois combateu os mouros e, posteriormente, os índios, manifestando em seu espírito guerreiro fundamentalmente o mesmo sentimento nesses enfrentamentos.

O cerne da questão reside no fato dos “espanhóis”, ao compararem as características dos mexicas às dos inimigos tradicionais da Cristandade (judeus e mouros)⁵⁸² especialmente durante a guerra, projetaram nesse novo adversário uma reformulação do ideal de cruzada formado durante o período medieval. Para os cristãos ibéricos da Alta Idade Média, na constituição da mentalidade cruzadística, o judeu foi um importante referencial de diferenciação. Não nos esqueçamos que, na esteira da consolidação da ideia de cruzada, os judeus também sofreram nas mãos dos cavaleiros e populares cristãos.⁵⁸³ O “outro” apropriado para uma distinção, sem dúvida, era o muçulmano.⁵⁸⁴ Em 1492, a sociedade castelhana finalmente tinha conseguido eliminar seus dois inimigos internos seculares: no mesmo ano que tomaram Granada, os “Reis Católicos” expulsaram os judeus.

Na conquista de México-Tenochtitlán, o problema foi que essa alteridade acabou por inflamar ainda mais o espírito de cruzada dos primeiros conquistadores, principalmente após a guerra ser declarada. Antes mesmo do início dos combates, os nativos já eram identificados como inimigos do cristianismo e súditos do demônio:

*“(...) podem ser punidos e castigados como inimigos de nossa santa fé católica, e será ocasião de castigo e espanto aos que forem rebeldes para virem ao conhecimento da verdade, e evitem males e danos tão grandes como são os que em serviço do demônio fazem”*⁵⁸⁵

Apesar dos conquistadores admirarem o grau civilizacional atingido pelos mexicas (arquitetura, vestuário, comportamento, etc.), em um aspecto os nativos ainda eram abomináveis: sua religião idólatra.⁵⁸⁶ Desse modo, os conquistadores viam o “outro” ora

⁵⁸² Em outra oportunidade, dessa vez na conquista do *Tawantinsuyu* (*Mundo Inca*), López de Gómara afirmou que “*los de allí* [os incas] *son idólatras muy crueles, viven como sodomitas, **hablan como los moros, y parecen judíos***” – LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Historia General de las Índias (Primeira Parte)*. Barcelona: Editorial Ibérica, Obras Maestras, 1954, p. 217. (grifo nosso)

⁵⁸³ RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 97.

⁵⁸⁴ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 63.

⁵⁸⁵ “*(...) puedan ser punidos y castigados como enemigos de nuestra santa fe católica, y será ocasión de castigo y espanto a los que fueren rebeldes en venir en conocimiento de la verdad, y evitarse han tan grandes males y daños como son los que en servicio del demonio hacen*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Primera Carta-Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. 22.

⁵⁸⁶ Inicialmente, Cortés e os outros “soldados-cronistas” admiraram a civilização mexica. No entanto, segundo Janice Theodoro (citando Manuel Alcalá), trata-se de uma exceção, pois o deslumbramento da cultura

como “infiel” (o “outro” conhecido e rejeitado) ora como gentio (o “outro” desconhecido, mas nem por isso menos hostilizado).⁵⁸⁷ Ao longo da Conquista do Novo Mundo, a demonização da cultura ameríndia muitas vezes foi realizada,⁵⁸⁸ ingrediente fundamental para a manifestação do espírito de cruzada.

Certamente, o nível civilizacional atingido pelos mexicas não foi tratado negativamente pelos “espanhóis”, mas somente se ele ameaçasse o propósito hispânico: a anexação política. O principal problema na identificação negativa dos mexicas aos mouros e/ou judeus não é civilizacional, mas outro, religioso. A religião cristã – intolerante e universalista⁵⁸⁹ – diante da idolatria mexica (considerada diabólica) fortaleceu posteriormente para desencadear os eventos bélicos, incentivando ainda mais o espírito cruzadístico dos “espanhóis”.

Desde a primeira entrada em Tenochtitlán, os conquistadores acreditavam que a Providência – a suprema sabedoria com que Deus conduz todas as coisas – os encaminhava para penetrar em uma cidade tão poderosa: “*Nosso Senhor Jesus Cristo foi servido nos dando graças e força para ousar entrar em tal cidade*”.⁵⁹⁰ O medo de serem vítimas do canibalismo, do sacrifício, ou traídos e mortos – eram poucos conquistadores contra milhares de nativos – fez com que os “espanhóis” reagissem brutalmente a qualquer ameaça. A conquista da civilização mexica confere aos conquistadores a posse do território e um propósito à ocupação.⁵⁹¹

Se antes da guerra começar, os mexicas já eram assimilados (em termos religiosos) negativamente (súditos do demônio, inimigos do cristianismo, etc.), a partir da “Matança no Templo Maior” os nativos foram equiparados inteiramente aos “infieis” – deveriam ser

encontrada “el tono de admiración y amor por la nueva tierra, que es la tónica de las dos primeras cartas, deja aquí el paso al odio y la violencia” – THEODORO, Janice. *América Barroca*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1992, p. 181; ALCALÁ, Manoel. *Nota preliminar*. In: CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971, p. XVIII. De fato, trata-se de um processo que demonizou (principalmente a partir do início da guerra) a cultura (especialmente a religião) mexica.

⁵⁸⁷ VAINFAS, Ronaldo. “Colonialismo e Idolatrias: Cultura e Resistência Indígenas no Mundo Colonial Ibérico”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Vol. 11, número 21, set. 90/fev. 91, p. 102-103.

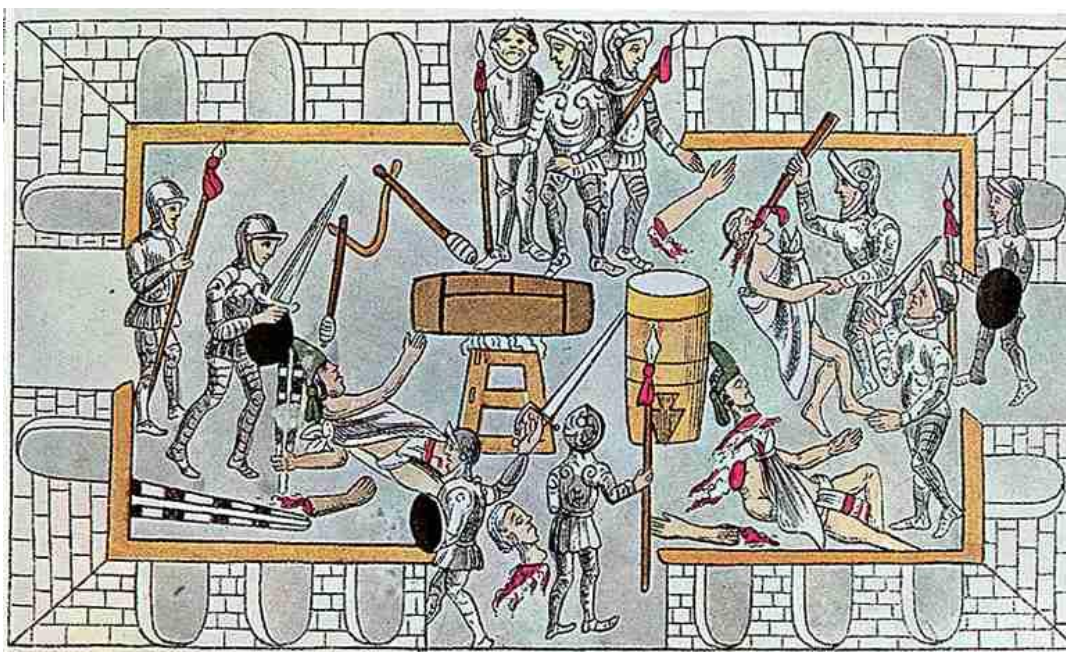
⁵⁸⁸ SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 21-34.

⁵⁸⁹ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 541; TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*, p. 102.

⁵⁹⁰ “*Nuestro Señor Jesucristo fue servido darnos gracia y esfuerzo para osar entrar en tal ciudad*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 88, p. 161.

⁵⁹¹ GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 175.

combatidos ferozmente. Assim, os mexicas foram hostilizados quando aproximados com os tradicionais adversários, pois carregavam os habituais defeitos dos “infiéis” mouros e judeus: eram pérfidos, lascivos e sodomitas.⁵⁹² Por exemplo, o medo do astrólogo que acompanhava a expedição cortesiana, Botello (†1520), consistia em “*morrer aqui nessa triste guerra em poder desses índios cães*”,⁵⁹³ um tratamento semelhante aos encontrados na lembrança rancorosa dos cronistas do século XVI, na qual os mouros ainda eram descritos como os “*pérfidos inimigos da religião cristã*” e “*cães raivosos*”.⁵⁹⁴



Nessa imagem da *Historia de las Indias de la Nueva España* ou *Códice Durán* (1579-1581), manuscrito produzido pelo dominicano Diego Durán (c. 1537-1588), é retratado o episódio conhecido como a “*Matança no Templo Maior*”, em Tenochtitlán (maio, 1520). Entre os conquistadores representados, seis empunham lanças e três carregam espadas. De fato, geralmente a lança era mais utilizada que as espadas e as outras armas. Além dessas armas ofensivas, três soldados possuem escudos leves ovais. Notamos também que todos os “espanhóis” trajam armaduras completas (um evidente exagero do artista). Além de grossa e pesada, a chapa de aço tinha o inconveniente de ser incandescente ao sol (SALAS, 1988: 170). Na conquista de México-Tenochtitlán, o *escaupil* (do náhuatl, *ichcahuipilli*, roupa de algodão), espécie de “armadura” pré-cortesiana feita com algodão alcochoado, o morrião (capacete leve sobre o qual se ergue uma crista em forma de lua crescente) e a couraça (peitoral de aço) eram as preferências dos conquistadores. Imagem extraída de DURÁN, Diego. *Códice Durán ou Historia de las Indias de Nueva España e islas de la tierra firme*. Imagem disponível em http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7d/Matanza_templo2.jpg

⁵⁹² TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América.*, p. 222-223.

⁵⁹³ “*morir aquí en esta triste guerra en poder de estos perros indios*” – DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, Cap. 128, p. 258

⁵⁹⁴ “*pérfidos enemigos de la religion cristiana*” (...) “*canes rabiosos*” – PALACIOS RUBIOS, Juan López de. *De las Islas del mar Océano*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1954, p. 61-62.

Essa profusão de adjetivos pejorativos contra os mexicas era empregada como forma de estereotipar e insultar o inimigo,⁵⁹⁵ não sendo uma tradição exclusivamente ocidental.⁵⁹⁶ Nessa perspectiva, os compiladores da *Primera Carta* acusaram (ainda no início da expedição) os índios de sodomia, insinuação tradicionalmente utilizada contra os mouros:

“(…) *fizemos relação a Vossas Majestades das crianças, homens e mulheres que matam e oferecem em seus sacrifícios; sabemos e fomos informados **que certamente todos são sodomitas e praticam aquele abominável pecado***”⁵⁹⁷
(grifo nosso)

Da mesma forma, as crônicas acusaram os nativos de blasfêmia, típica denúncia encontrada em algumas fontes medievais da Reconquista, que costumavam colocar o “outro” (o mouro), cercado pela ofensiva cristã, como um blasfemador da “verdadeira fé”,⁵⁹⁸ do nome de Cristo e da Virgem Maria:

“(…) *pelos renegas e blasfêmias, Deus Nosso Senhor é muito ofendido, e é maior ofensa que se pode fazer ao Seu Santíssimo Nome e por isso se permite nessas pessoas duros e vigorosos castigos (...)*”⁵⁹⁹

Por blasfemar, o inimigo merecia “*duros castigos*”. Essa característica é fundamental, uma vez que demonstrava a resposta violenta tomada pelos conquistadores quando percebiam a negativa do cristianismo, o que validava então a ação cruzadística. Após uma guerra atroz, em treze de agosto de 1521, os conquistadores tomaram

⁵⁹⁵ FRIEDERICI, Georg. *El carater del descubrimiento y de la conquista de América*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1973, p. 462.

⁵⁹⁶ Por exemplo, os cholultecas (aliados dos mexicas), também usavam adjetivos pejorativos para ofender seus adversários, como, por exemplo, o termo *popolocas* (“bárbaros”): “Olhai os tlaxcaltecas pervertidos, covardes, merecedores de castigo: como se acham vencidos pelos mexicanos [mexicas], andam procurando forasteiros para se defenderem. Como mudaram em tão pouco tempo, como se rebaixaram para uma gente [os “espanhóis”] tão bárbara e forasteira, estrangeira, de um mundo não conhecido?” – LEÓN-PORTILLA, Miguel. *A Visão dos Vencidos: a tragédia da conquista narrada pelos astecas*. São Paulo: L&PM Editores S/A, 1998, p. 58.

⁵⁹⁷ “(…) *hemos hecho relación a vuestras majestades de los niños y hombres y mujeres que matan y ofrescen en sus sacrificios, hemos sabido y sido informados de cierto que todos son sodomitas y usan aquel abominable pecado*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Primera Carta-Relación*, p. 22-23.

⁵⁹⁸ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 165.

⁵⁹⁹ “(…) *por quanto de los reniegos e blasfemias Dios Nuestro Señor es mucho deservido, y es la mayor ofensa que a su Santísimo Nombre se puede hacer, y por eso permite en las gentes recios y duros castigos (...)*” – CORTÉS, Hernán. *Ordenanzas militares y civiles mandadas pregonar por don Hernando Cortés (...)*. In: GARCÍA ICAZBALCETA, Joaquín (org.). *Colección de documentos para la historia de México*. México, D. F.: 1866.

Tenochtitlán e assim ocorreu a capitulação final dos mexicas. Cortés fez uma simples analogia sobre a queda da cidade: “*morreram mais índios que judeus na destruição ordenada por Vespasiano em Jerusalém*”.⁶⁰⁰

Através também do uso dos mencionados *arabismos*, a assimilação da cultura indígena ao Islã rotulou de certa forma e em certa medida os mexicas entre os “infiéis” que os “espanhóis” haviam sempre guerreado e que lhes parecia justo conquistar “por bem ou por mal”.⁶⁰¹

O referencial conhecido foi necessário para expressar a alteridade, já que uma realidade exótica se descortinava aos olhos dos europeus. De fato, a comparação islâmica foi uma das analogias realizadas, no entanto, tratava-se da mais prestigiosa, mas também a mais perigosa, pois, desde a Idade Média, os mouros eram os inimigos por excelência da Cristandade.⁶⁰² As primeiras décadas de contato com o nativo americano muitas vezes foram marcadas por relevar uma alteridade perigosa que desaguardaria em guerra.

Assim, em muitos confrontos a alteridade foi expressa em uma identificação negativa com o “outro” já conhecido e mais odiado, principalmente o inimigo islâmico.⁶⁰³ Pouco importava que efetivamente não se encontrasse nenhum mouro nessas terras; bastava enquadrar o nativo nos mesmos moldes,⁶⁰⁴ pois durante a conquista de México-Tenochtitlán, os conquistadores estavam entranhados por um forte “perfume de cruzada”.

⁶⁰⁰ “*murieron más indios que en Jerusalén judíos en la destrucción que hizo Vespasiano*” – CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación – Segunda Carta*, p. 96.

⁶⁰¹ MARCUS, Raymond. “Arabismos e Indo-Americanismos em Las Cartas de Relación de Hernán Cortés”, p. 138.

⁶⁰² SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Cláudio. *La Edad Media española y la empresa de America*. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica del Instituto de Cooperación Iberoamericana, 1983, p. 104-105.

⁶⁰³ MACEDO, José Rivair. “Mouros e Cristãos: a ritualização da conquista no velho e no novo mundo”. In: ALVES, Francisco das Neves. (org.). *Brasil 2000 - Quinhentos anos do processo colonizatório: continuidades e rupturas*. Rio Grande, FURG, 2000, p. 23.

⁶⁰⁴ BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006, p. 27.

10. CONCLUSÃO

As razões da vitória hispânica sobre México-Tenochtitlán foram extensamente debatidas pela historiografia.⁶⁰⁵ Alguns fatores foram descritos como os principais:

1) O emprego de armas tecnologicamente mais eficazes: arcabuz, artilharia (canhões e *falconetes*), bestas e, principalmente, as armas brancas de aço (espadas, lanças, etc.). Além disso, os animais (os cavalos, especialmente) desempenharam um papel crucial na locomoção da tropa cortesiana;

2) A aliança hispânica com povos nativos que eram inimigos tradicionais dos mexicas, como os otomies, totonacas e, principalmente, os tlaxcaltecas. Tais povos engrossaram as fileiras hispânicas com dezenas de milhares de guerreiros;

3) A tradicional tática mesoamericana de aguardar o anúncio dos combates (“guerras floridas”) favoreceu para que os conquistadores surpreendessem os nativos desarmados e/ou despreparados (episódios como as matanças em Cholula e dentro do “Templo Maior” em Tenochtitlán);

4) As doenças trazidas pelos “espanhóis” como a varíola que devastaram as populações nativas, já que os índios não tinham anticorpos (imunidade) necessários para combater essas novas enfermidades.

Outras teorias foram defendidas, como a falha na comunicação (tese de Tzvetan Todorov criticada por Matthew Restall): Cortés compreendeu melhor a civilização mexica e soube tirar proveito disso em comparação ao entendimento que o “hesitante” Montezuma conseguiu obter dos “espanhóis”.⁶⁰⁶

Além de explicar como a mentalidade cruzadística se mesclou em alguns dos fatores supracitados, nossa intenção principal foi demonstrar como a ideia de cruzada se manifestou no imaginário dos conquistadores (discursos e comportamentos).

⁶⁰⁵ Consultar, por exemplo, RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 235-243; SOUSTELLE, Jacques. *A Civilização Asteca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 98-100; TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 51-59.

⁶⁰⁶ RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*, p. 149-177; TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*, p. 61-120.

Após uma análise da mentalidade de alguns “soldados-cronistas” que participaram da expedição de Hernán Cortés contra o México-Tenochtitlán (1519-1521), concluímos que uma mentalidade de cruzada, derivada da perspectiva desenvolvida na Europa Ocidental a partir do século XI, atuou no imaginário dos conquistadores. Tal mentalidade representa uma reformulação da perspectiva medieval, ou seja, o discurso e as atitudes propriamente medievais se manifestaram em certa forma e em certa medida no discurso e nas atitudes dos conquistadores “espanhóis”.

Através do estudo inicial do *conceito de cruzada*, ressaltamos as diferenças existentes entre a Cruzada medieval e a Conquista do Novo Mundo, como, por exemplo, na elementar distinção de que a primeira estava atrelada inicialmente (séc. XI-XIII) à ideia de uma peregrinação e proteção dos locais sagrados e dos peregrinos. No entanto, a partir do IV Concílio de Latrão (1215), ocorreu uma ampliação no sentido da Cruzada, momento em que a peregrinação não era mais necessária. Igualmente, a Cruzada poderia ser declarada contra qualquer adversário dos cristãos, dentro ou fora da Cristandade.

A análise do *comportamento cortesiano* nos revelou que muitas práticas realizadas pelos guerreiros cristãos no período medieval foram empregadas no Novo Mundo. Encontramos a mentalidade de cruzada presente na conversão religiosa dos nativos, na forma extremamente belicista de encarar a guerra, na legitimação de todas as armas para o propósito de expansão da fé, no recebimento das indulgências, garantia de perdão pelos pecados, etc.

Na *simbologia cristã*, ressaltamos a importância da utilização dos símbolos religiosos cristãos durante as etapas da expedição, como a bandeira da cruz e o estandarte da Virgem Maria. Tais objetos faziam parte dos componentes que ajudavam a aumentar o moral da tropa, necessários ao triunfo cristão.

O *discurso cortesiano* nos mostrou que os “espanhóis” pretendiam expandir a “verdadeira fé”, ao mesmo tempo em que negavam qualquer tipo de culto nativo, definido como falso: idolatria. O apoio celeste indireto era entendido como um propulsor psicológico das forças cristãs, que clamavam pelos personagens bíblicos como Santiago em seus gritos de guerra. Também, os presságios eram entendidos como conselhos de Deus aos homens, ao mesmo tempo em que as *hierofanias* (formas de manifestação do sagrado no

mundo) apareciam a todo o momento na campanha: doenças atingiam apenas os índios, curas milagrosas incrivelmente auxiliavam os conquistadores, o clima supostamente ajudava os “espanhóis”, etc.

Da mesma forma, vimos que os conquistadores liam vários romances de cavalaria como, por exemplo, *Amadis de Gaule*, cuja característica era exaltar o combatente cristão e a morte heróica do guerreiro em batalha.

Observamos a mentalidade de cruzada expressa no *maravilhoso cristão*, particularmente na “aparição” de personagens bíblicos: Santiago, São Pedro e a Virgem Maria. Embora alguns “soldados-cronistas” como Bernal Díaz não tenham admitido completamente tais intervenções miraculosas em favor dos conquistadores, eles concordavam na possibilidade delas ocorrerem. Foram os clérigos dos séculos XVI-XVII, na tentativa de consolidar um programa eclesiástico, que apresentaram a Conquista como um prolongamento da Cruzada medieval.

Ressaltamos que a legitimidade do poder imperial de Carlos V era menos importante para a Conquista da América se comparada à doação pontifícia do Papa Alexandre VI. A Bula *Inter Cætera* (1493) conclamava uma expansão da fé e justificava a guerra contra os “bárbaros” que negassem o cristianismo.

A análise da *alteridade* nos possibilitou compreender de que modo ocorreu o contanto entre os conquistadores e os mexicas. Fundamentalmente a partir do início dos combates, aproximado com o tradicional inimigo, os mexicas foram tratados pelos “espanhóis” da mesma forma que o “outro” já conhecido e mais odiado, principalmente o secular adversário islâmico. Tal assimilação inflamou o espírito cruzadístico dos conquistadores.

11. FONTES

Corpus (crônicas dos “soldados-cronistas”):

AGUILAR, Francisco de. *Relación breve de la conquista de la Nueva España*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 161-206.

CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1976.

TAPIA, Andrés de. *Relación de algunas cosas de las que acaecieron al muy ilustre señor don Hernando Cortés, marqués del Valle, desde que se determinó ir a descubrir tierra en la Tierra Firme del Mar Océano*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 67-123.

VÁZQUEZ DE TAPIA, Bernardino. *Relación de méritos y servicios del conquistador Bernardino Vázquez de Tapia, vecino y regidor de esta gran ciudad de Tenuxtitlán México*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 131-154.

Fontes Primárias Suplementares (documentos medievais e quinhentistas):

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.

ACOSTA, José de. *Historia natural e moral de las Indias*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, Edición de Edmundo O’Gorman, 2006.

AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus*. São Paulo: Editora das Américas S. A. – Edameris, 1964,

ALEXANDRE VI. *Bula Inter Cætera*. 4 de maio de 1493. In: SUESS, Paulo. (org.). *A Conquista Espiritual da América Espanhola: 200 documentos, século XVI*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 248-252.

BERNARDO DE CLAIRVAUX. *Liber ad Milites Templi, de laude novae Militiae*. Disponível em: <<http://www.binetti.ru/bernardus/15.shtml>>

BERNARDO DEL REI. In: Miguel Garrido Atienza. *Las capitulaciones para la entrega de Granada*. Granada: 1910, p. 314-315. *Apud* VICENT, Bernand. *1492: Descubierta ou invasão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, p. 15-16.

COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*. Porto Alegre: L&PM Editores Ltda, 1991.

- COLOMBO, Cristóvão. *Carta ao Papa Alexandre VI* (fevereiro 1502) *Apud* TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 11.
- COLÓN, Hernando. *Vida del Almirante*. Editado por Ramón Iglesia. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1984.
- CONQUISTADOR ANÔNIMO. *Relación de algunas cosas de la Nueva España, y de la gran ciudad de Temestitán México; escrita por un compañero de Hernán Cortés*. In: GARCÍA ICAZBALCETA, Joaquín (org.). *Colección de documentos para la historia de México*: México, D. F.: 1866. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/06922752100647273089079/p000004.htm#7>>
- CONCÍLIO PROVINCIAL DE NARBONA (1054). *Mansi*, 19, col. 827-832, trad. em *Sources d’histoire médiévale*, p. 140 *Apud* FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*. Madrid: Editorial Trota, 2003.p. 95.
- CORTÉS, Hernán. *Ordenanzas militares y civiles mandadas pregonar por don Hernando Cortés en Tlaxcala, al tiempo de partirse para poner cerco a México*. In: GARCÍA ICAZBALCETA, Joaquín (org.). *Colección de documentos para la historia de México*: México, D. F.: 1866. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/06922752100647273089079/p000011.htm#51>>
- DÍAZ, Juan. *Itinerario de la armada del rey católico a la isla de Yucatán, en la India, el año 1518, en la que fue por comandante y capitán general Juan de Grijalva*. Edição de Germán Vázquez, *La Conquista de Tenochtitlán / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 37-57.
- DURÁN, Diego. *Historia de las Indias de Nueva España e islas de la tierra firme*. México, D. F.: Imprenta de J. M. Andrade y F. Escalante, Tomo I, 1867.
- FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Historia general y natural de las Índias, islas y Tierra firme del Mar Oceano*. Madrid: Biblioteca de Autores Españoles: 1959, *Apud* TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 148.
- FERNÁNDEZ DE OVIEDO, Gonzalo. *Las Memorias*. Editado por Juan Bautista Avalué Arce. Chapel Hill: North Carolina Studies in the romance languages and Literature, 1974.
- FOUCHER DE CHARTRES. *Chronique*. *Apud* PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média: textos e testemunhas*. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 83.

- LAS CASAS, Bartolomeu de. *O paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias*. Porto Alegre: Editores Ltda, 1991.
- LAS CASAS, Bartolomeu de. *Historia de las Índias Apud* TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 09-12.
- LEÓN IV. Ep. I, *ad exercitum Francorum*. PL, 115, col. 655-657 *Apud* FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*, p. 47
- LIVRO DOS FEITOS. Jaume I de Aragão. Tradução de Luciano José Vianna e Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2010.
- LÓPEZ DE GÓMARA, Francisco. *Historia General de las Índias (Primeira e Segunda Parte)*. Barcelona: Editorial Ibéria, Obras Maestras, 1954.
- LÚLIO, Raimundo. *Darrer Llibre sobre la conquesta de Terra Santa*. In: *Raimundo Lúlio e as Cruzadas*. Tradução dos textos latinos Waldomiro Altoé, tradução do texto catalão Elaine Ventorim e Ricardo da Costa. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009, p. 35-99.
- LÚLIO, Raimundo. *Félix, ou, o Livro das Maravilhas*, parte I. Tradução Ricardo da Costa. São Paulo: Editora Escala, 2009.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *Escritos Políticos – A Arte da Guerra*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- MOTOLINIA, Toribio de Benavente. *Memoriales o libro de las cosas de la Nueva España y de los naturales de ella*. E. O’Gorman (org.). México, D. F.: UNAM, 1971.
- PALACIOS RUBIOS, Juan López de. *De las Islas del mar Océano*; PAZ, Matias de. *Del dominio de los Reyes de España sobre los indios*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1954.
- PALACIOS RUBIOS, Juan López de. *O Requerimento: Catequese relâmpago e ultimato aos índios antes de sua conquista*. In: SUESS, Paulo. (org.). *A Conquista Espiritual da América Espanhola: 200 documentos, século XVI*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 673-674.
- PRIMERA CRÓNICA GENERAL DE ESPAÑA. Ramón Menéndez Pidal (publ.). Madrid: Gregos, 1955 *Apud* RUI, Adailson José. *O mito de São Tiago: Da Reconquista espanhola à conquista da América*. São Paulo: UNESP, Tese de doutorado, 2003.
- SAHAGÚN, Bernardino de. *Historia general de las cosas de Nueva España*. México, D. F.: Pedro Robredo, 1938, 5 vols.

SIXTO IV. *Bula Orthodoxe Fidei*. 10 de agosto de 1483. In: SUESS, Paulo. (org.). *A Conquista Espiritual da América Espanhola: 200 documentos, século XVI*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 232-246.

SUGER DE SAINT DENIS. *De rebus in administratione sua gestis*, XXXIII, 198-199 *Apud* COSTA, Ricardo da. “Ramon Llull (1232-1316) e a Beleza, boa forma natural da ordenação divina”. In: *Revista Sofia* 2006, 1. Vitória: Edufes, 2006. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/beleza.htm>>

11.1. BIBLIOGRAFIA

(Fontes secundárias impressas e virtuais):

Livros:

ALCALÁ, Manoel. *Nota preliminar*. In: CORTÉS, Hernán. *Cartas de Relación*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971.

ALESSIO, Franco. *Escolástica*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. I, p. 367-382.

AMADO, Janaína & FIGUEIREDO, Luiz Carlos. *No tempo das caravelas*. São Paulo: Contexto, 1992.

ARIÈS, Philippe. *História das Mentalidades*. In: LE GOFF, Jacques (dir.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 205-236.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1994.

BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.

BENÍTEZ, Fernando. *La Ruta de Hernán Cortés*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1950.

BERLIOZ, Jacques. *Flagelos*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. I, p. 457-471.

BERNAND, Carmen (comp.). *Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1994.

BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*. São Paulo: EDUSP, 2001.

- BONNASSIE, Pierre. *Dicionário de História Medieval*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985.
- BOXER, Charles R. *A Igreja militante e a expansão ibérica: 1440-1770*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.
- BRADING, D. A. *La Historia Natural y la civilización ameríndia*. In: BERNAND, Carmen (comp.). *Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 17-42.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material, economia e capitalismo nos séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 3 vols.
- BURKE, Peter. *A Cavalaria no Novo Mundo*. In: *Variiedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 196-211.
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002.
- CARDAILLAC, Louis. *Moriscos y Cristianos: Un Enfrentamiento Polémico (1492-1640)*. México, D. F.: FCE, 1979, p. 302. *Apud* BERNAND, Carmen & GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*, p. 75.
- CARDINI, Franco. *Guerra e Cruzada*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. I, p. 473-487.
- CARDINI, Franco. *O guerreiro e o cavaleiro*. In: LE GOFF, Jacques (dir.). *O homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 57-78.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- CASTRO SEONAE, José. *El frei Bartolomé de Olmedo. Capellán del ejército de Cortés*. México, D. F.: Jus, 1958, p. 05 *Apud* LEÓN CÁZARES, María del Carmen. *Reforma o extinción: Un siglo de adaptaciones de la Orden de Nuestra Señora de la Merced en Nueva España*. México, D. F.: UNAM, 2004. p. 26.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHAUNU, Pierre. *Conquista e Exploração dos Novos Mundos (séc. XVI)*. São Paulo: Pioneira: EDUSP, 1984.
- CHAUNU, Pierre. *História da América Latina*. São Paulo: Bertrand Brasil, 6ª Edição, s/d.

- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1990.
- COMBY, Jean. *Para ler a história da Igreja: das origens ao século XV*. São Paulo: Loyola, 1993.
- CORVISIER, André. *História Moderna*. São Paulo: DIFEL, 1983.
- COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média. Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998.
- DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Lisboa: Estampa, 1984, 2 Vols.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DEMURGER, Alain. *Os cavaleiros de Cristo: As ordens militares na Idade Média (sécs. XI-XVI)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- DESCOLA, Jean. *Los conquistadores del Imperio español*. Barcelona: Editorial Juventud, S. A., 1972.
- DOMÍNGUEZ GARCÍA, Javier. *Santiago de España: la edificación de un símbolo*. In: Memorias del futuro. *Ideología y ficción en el símbolo de Santiago Apóstol*. Madrid: Iberoamerica Editorial Vervuert, 2008. Disponível em: <<http://www.ojosdepapel.com/Index.aspx?article=2884>>
- DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. *Introdução*. In: *Raimundo Lúlio e as Cruzadas*. Tradução dos textos latinos Waldomiro Altoé, tradução do texto catalão Elaine Ventorim e Ricardo da Costa. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009, p. XVII-XXIX.
- DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DUBY, Georges. *O domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELLIOTT, J. H. *A Conquista Espanhola e a Colonização da América*. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999, vol. I, p. 135-194.
- ELLIOTT, J. H. *A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII*. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999, vol. I, p. 283-337.

- ERDMANN, Carl. *A Idea de Cruzada em Portugal*. Coimbra: Public. do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1940, p. 57-58 *Apud* COSTA, Ricardo da. “D. Dinis e a supressão da Ordem do Templo (1312): o processo de formação da identidade nacional em Portugal”. In: *Cultura e Imaginário no Ocidente Medieval*. Arrabalde - Cadernos de História. Série I. Niterói: Uff, 1996, p. 90-95. Disponível em: <www.ricardocosta.com/pub/ddinis.htm>
- FEBVRE, Lucien. *Michelet e a Renascença*. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1995.
- FERNANDES, Fátima Regina. *Cruzadas na Idade Média*. In: MAGNOLI, Demétrio (org.). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- FERRO, Marc. *História das colonizações: das conquistas às independências – séculos XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005.
- FLORI, Jean. *Jerusalém e as Cruzadas*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. II, p. 7-24.
- FLORI, Jean. *La guerra santa – La formación de la idea de cruzada en el Occidente cristiano*. Madrid: Editorial Trota, 2003.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As Cruzadas: Guerra Santa entre Ocidente e Oriente*. São Paulo: Moderna, 1999.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A Idade Média. Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros. Feudo-Clericalismo e Religiosidade em Castela Medieval*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- FRIEDERICI, Georg. *El carater del descubrimiento y de la conquista de América*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1973.
- GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História: Como os historiadores mapeiam o passado*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- GARRIDO BONAÑO, M. *La Virgen María en la Reconquista española*. Consigna, 15, 1955, p. 47-52. *Apud* FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros*.

- Feudo-Clericalismo e Religiosidade em Castela Medieval*. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 173.
- GIL, Juan. *De los mitos de las Indias*. In: BERNAND, Carmen (comp.). *Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 266-288.
- GIL, Juan. *Mitos y utopias del descubrimiento*. Madrid: Alianza Editorial, 1989, p. 60.
- GINZBURG, Carlo. *Prefácio à edição italiana*. In: *O queijo e os vermes – O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 15-34.
- GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GREENBLATT, Stephen. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: Edusp, 1996.
- GROUSSET, René. *As Cruzadas*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.
- GRUZINSKI, Serge. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GRUZINSKI, Serge. *Passagem do Século: 1480-1520 – as Origens da Globalização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HEERS, Jacques. *Cristóbal Colón*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- HEERS, Jacques. *História Medieval*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1991.
- HEERS, Jacques. *A Idade Média, uma impostura*. Lisboa: Edições Asa, 1994.
- HOUSLEY, Norman. *The Later Crusades – from Lyons to Alcazar (1274-1580)*. New York: Oxford University Press, 1995, p. 234-235 Apud COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*, p. 74.
- HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. Lousa: Editora Ulisseia, s/d.
- JOHNSON, Allan G. *Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

- KANTOROWICZ, Ernst. *Introducción*. In: WECKMANN, Luis. *Constantino el Grand y Cristóbal Colón. Estudio de la supremacía papal sobre islas, 1091-1493*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 07-10.
- KEEGAN, John. *Uma História da Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KIRKPATRICK, F. A. *Los conquistadores españoles*. Buenos Aires: Editora Espasa, 1940.
- LAFAYE, Jacques. *Los conquistadores*. México, D. F.: Siglo XXI Editores - oitava edição, 1991.
- LAFAYE, Jacques. *Mesías, cruzadas, utopías: El judeo-cristianismo en las sociedades iberoamericanas*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- LE GOFF, Jacques (dir.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *As mentalidades: Uma história ambígua*. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (orgs.). *História: Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p. 68-83.
- LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, 2 Vols.
- LE GOFF, Jacques. *Em busca da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *Maravilhoso*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. II, p. 105-120.
- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editora Estampa, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- LE GOFF, Jacques. *Prefácio*. In: BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano mil à colonização da América*, p. 17-21.
- LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- LEONARD, Irving. *Los libros del conquistador*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- LEÓN CÁZARES, María del Carmen. *Reforma o extinción: Un siglo de adaptaciones de la Orden de Nuestra Señora de la Merced en Nueva España*. México, D. F.: UNAM, 2004.

- LEÓN-PORTILLA, Miguel. *A Mesoamérica antes de 1519*. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999, Vol I, p. 25-61.
- LEÓN-PORTILLA, Miguel. *A Visão dos Vencidos: a tragédia da conquista narrada pelos astecas*. São Paulo: L&PM Editores S/A, 1998.
- LOCKHART, James. *The nahuas after the conquest*. Stanford, California: Stanford University Press, 1992. Apud SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Conquista do México ou queda de México-Tenochtitlan?* In: XXIII Simpósio Nacional de História: Londrina, 2005. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/ConqMex.pdf>>
- LOYN, H. R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- MADARIAGA, Salvador de. *Hernán Cortés*. São Paulo: IBRASA, Instituição brasileira de difusão cultural S. A., 1961.
- MAHN-LOT, Marianne. *A Conquista da América Espanhola*. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- MAHN-LOT, Marianne. *Retrato histórico de Cristóvão Colombo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- MOLLAT, Michel. *Los exploradores del siglo XIII al XVI*. México, D. F.: Fondo de Cultura Econômica, 1990.
- MORALES PADRÓN, Francisco. *Historia del Descubrimiento y Conquista de America*. Madrid: Editora Nacional, 1963.
- O’GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- PERNOUD, Régine. *Idade Média: o que não nos ensinaram*. Rio de Janeiro: Agir, 1979.
- PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- RESTALL, Matthew. *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- RILEY-SMITH, Jonathan. *Cruzadas*. In: LOYN, H. R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- RICARD, Robert. *La conquista espiritual de México*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

- ROMANO, Ruggiero (dir.). *Literatura/Texto. Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989.
- ROMANO, Ruggiero. *Os Mecanismos da Conquista Colonial: Os Conquistadores*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- ROUSSET, Paul. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- RUI, Adailson José. *O mito de São Tiago: Da Reconquista espanhola à conquista da América*. São Paulo: UNESP, Tese de doutorado, 2003.
- RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas*. Rio de Janeiro: Imago, 2002, Vol. I.
- RUNCIMAN, Steven. *História das Cruzadas*. São Paulo: Imago, 2003, Vol. III.
- SALAS, Alberto M. *Las armas de la conquista de America*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1988.
- SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Cláudio. *La Edad Media española y la empresa de America*. Madrid: Ediciones Cultura Hispanica del Instituto de Cooperación Iberoamericana., 1983.
- SÁNCHEZ-BARBA, Mário Hernández (ed.). *Hernán Cortés: Cartas de Relación*. Madrid: Historia 16, 1985.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. *Deuses do México Indígena: um estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas*. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- SCHWARTZ, Stuart B. & LOCKHART, James. *Os modos ibéricos*. In: *A América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 21-49.
- SEED, Patricia. *Cerimônia de posse na conquista européia do Novo Mundo (1492-1640)*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- SOUSTELLE, Jacques. *A Civilização Asteca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- SOUSTELLE, Jacques. *Os astecas na véspera da conquista espanhola – A vida cotidiana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

- TABOADA, Hernán G. H. *La sombra del Islam en la conquista de América*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, UNAM, FFyL, 2004.
- THEODORO, Janice. *América Barroca*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1992.
- THOMAS, Hugh. *La Conquista de México*. México, D. F.: Editorial Pátria, 1994.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do “outro”*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- TUCHMAN, Barbara W. *A prática da história*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- VAILLANT, George Clapp. *La civilización azteca: origen, grandeza y decadencia*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1973.
- VARGASLUGO, Elisa. *Imágenes de la conquista en el arte novohispano*. In: L. ZEA (org.). *Sentido y proyección de la conquista*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- VAUCHEZ, André. *Milagre*. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006, Vol. II, p. 197-212.
- VÁZQUEZ CHAMORRO, Germán. *Introducción General*. In: *La Conquista de Tenochtitlan / J. Díaz... [et al.]*; Madrid: Historia 16, 1988, p. 7-24.
- VICENT, Bernand. *1492: Descoberta ou invasão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- VOVELLE, Michel. *A História e a longa duração*. In: LE GOFF, Jacques (dir.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 85-127.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- WACHTEL, Nathan. *Os Índios e a Conquista Espanhola*, In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999, vol. I, p. 195-239.
- WECKMANN, Luis. *Constantino el Grand y Cristóbal Colón. Estudio de la supremacía papal sobre islas, 1091-1493*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- WECKMANN, Luis. *La herencia medieval de Mexico*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica – Segunda edición revisada (El Colegio de México), 1994.

ZAVALA, Silvio. *Introducción*. In: PALACIOS RUBIOS, Juan López de. *De las Islas del mar Océano*; PAZ, Matias de. *Del dominio de los Reyes de España sobre los indios*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1954, p. IX-CXXX.

ZAVALA, Sílvio. *La filosofía de la conquista*. México, D. F.: Colección Tierra Firme – Fondo de Cultura Económica, 1972.

ZAVALA, Silvio. *Las instituciones jurídicas en la conquista de América*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1971.

Artigos:

ALVIM, Davis M & COSTA, Ricardo da. “Anchieta e as metamorfoses do imaginário medieval na América portuguesa”. *Revista Ágora*, Vitória, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/pub/Davis%20Alvim%20Ricardo%20Costa%20Agora_1.pdf>

AURELL, Jaume. “El nuevo medievalismo y la interpretación de los textos históricos”. *Hispania. Revista Española de Historia*, 2006, vol. LXVI, num. 224, septiembre-diciembre, p. 809-832. Disponível em: <<http://hispania.revistas.csic.es/index.php/hispania/article/viewFile/21/21>>

BERRIO, Raúl Martín. “Hernán Cortés: La fe, aspecto fundamental en la empresa de Conquista y pacificación”. *Quinto Centenario*, nº 9, Universidade Complutense de Madrid, 1985, p. 127-143. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/ghi/02116111/articulos/QUCE8585220127A.PDF>>

BOFF, Leonardo. “O Pensar Sacramental: sua estrutura e articulação”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, vol. 35, fasc. 139, Setembro de 1975, p. 515-541.

BUENO, Isabel. “La guerra mesoamericana en época mexicana”. *Estudios de Cultura Náhuatl*. Universidad Nacional Autónoma de México, nº 37, 2006, p. 253-274. Disponível em: <<http://www.isabelbueno.es/textos/GUERRA%20ECN37.pdf>>

BUENO, Isabel. “La guerra naval en el Valle de México”. *Estudios de Cultura Náhuatl*, nº. 36, 2005, p. 199-223. Disponível em: <<http://www.isabelbueno.es/textos/GUERRA%20NAVAL.pdf>>

COSTA, Ricardo da. “Amor e Crime, Castigo e Redenção na Glória da Cruzada de Reconquista: Afonso VIII de Castela nas batalhas de Alarcos (1195) e Las Navas de Tolosa (1212)”. In: OLIVEIRA, Marco A. M. de (org.). *Guerras e Imigrações*. Campo Grande: Editoria da UFMS, 2004, p. 73-94. Disponível em: <www.ricardocosta.com/pub/amor_crime.html>

- COSTA, Ricardo da. “A ciência no pensamento especulativo medieval”. *In*: Sinais 5, vol. 1, setembro/2009. Vitória: UFES, p. 43-70. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/A%20ciencia%20no%20pensamento%20especulativo%20medieval.pdf>>
- COSTA, Ricardo da. “Ramon Llull (1232-1316) e a Beleza, boa forma natural da ordenação divina”. *In*: Revista Sofia 2006, 1. Vitória: Edufes, 2006. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/pub/beleza.htm>>
- COSTA, Ricardo da. “D. Dinis e a supressão da Ordem do Templo (1312): o processo de formação da identidade nacional em Portugal”. *In*: Cultura e Imaginário no Ocidente Medieval. Arrabalde - Cadernos de História. Série I. Niterói: Uff, 1996, p. 90-95. Disponível em: <www.ricardocosta.com/pub/ddinis.htm>
- DOMINGUES, Beatriz Helena. “O Medieval e o Moderno no Mundo Ibérico e Ibero-Americano”. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, nº 20, 1997, p. 01-26. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/222.pdf>>
- DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “A Espanha Medieval: Fronteira da Cristandade”. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand10/reboiras.htm>>
- DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. “La idea de cruzada en el Liber de passagio de Ramón Llull”. *In*: Patristica et Mediaevalia 25 (2004), p. 45-75.
- DOMINGUEZ, Javier García. “Santiago mataindios: la continuación de un discurso medieval en la Nueva España”. Nueva Revista de Filología Hispánica, enero-junio, vol. 54, 2006, nº 001, El Colegio de México, Distrito Federal, México, p. 33-56. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/602/60254102.pdf>>
- DONAT, Luis Rojas. “La ideologia de la cruzada en la España del siglo XV”. Porto Alegre: Atas do II Encontro Internacional de Estudos Medievais (Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), vol. 21, nº 1, 1998, p. 149-164.
- FERNÁNDEZ, Fernando Carmona. “Conquistadores, utopía y libros de caballería”. Revista de Filología Románica, nº 10, Universidade Complutense, Madrid, 1993, p. 11-30. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/fil/0212999x/articulos/RFRM9393110011A.PDF>>
- FLORES FARFÁN, José Antonio. “La Malinche, portavoz de dos mundos”. Estudios de Cultura Náhuatl, Vol. 37, 2006, p. 119-139. Disponível em: <www.ciesas.edu.mx/jaff/2%20La%20Malinche%20portavoz.pdf>
- GARCÍA, Sara Rodicio. “Aportaciones al estudio del pensamiento de Hernán Cortés”. Quinto centenario, nº 15, Edit. Universidade Complutense, Madrid, 1989, p. 249-272. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/ghi/02116111/articulos/QUCE8989110249A.PDF>>

- GIUCCI, Guillermo. “Velhos e Novos Mundos: da conquista da América ao domínio do espaço cósmico”. Revista Estudos Históricos - Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/144.pdf>>
- GOMES, Francisco José Silva. “A Cristandade medieval entre o mito e a utopia”. In: Topoi. Rio de Janeiro: 2002. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a9.pdf>
- GRUNBERG, Bernard. “El universo de los conquistadores: resultado de una investigación prosopográfica”. Signos Históricos, julio-diciembre, nº 12, Universidad Autónoma Metropolitana, Iztapalapa, México, D. F.: 2004, p. 94-118. Disponível em: <<http://148.206.53.230/revistasuam/signoshistoricos/include/getdoc.php?id=291&article=138&mode=pdf>>
- GRUNBERG, Bernard. “Le vocabulaire de la ‘Conquista’. Essai de linguistique historique appliquée à la conquête du Mexique d’après les chroniques des ‘conquistadores’”. Histoire, économie et société, 1985, Volume 4, Numéro 1, p. 03-27. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/hes_0752-5702_1985_num_4_1_1385>
- GUERRA, Francisco. “La logística sanitaria en la conquista de México”. Madrid: Quinto Centenario 10, Editorial Universidad Complutense, 1986, p. 63-83. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=80368&orden=1&info=link>>
- H. KRAFT. Art. “Monogramm Christi”. RGG IV, 1960, p. 1104 ss (toútoo níka). *Apud* PRIEN, Hans-Jürgen. “La Justificación de Hernán Cortés de su conquista de México y de la conquista española de América”, p. 26.
- HASSIG, Ross. “El sacrificio y las guerras floridas”. México, D. F.: Arqueología Mexicana, 2003, p. 46-51.
- HORMAECHE, Lisandro David. “Los símbolos del nosotros frente al otro en la Nueva España durante la dominación española (s. XVI y XVII)”. Instituto de Historia Americana: Universidad Nacional de La Pampa, 2006. Disponível em: <<http://www.bibnal.edu.ar/revistavirtual/paginas/documentos/2006/art-Lisandro-Hormaeche.pdf>>
- KUEHNE HEYDER, Nicola. “La Religión en la Nueva España del siglo XVI”. Quinto centenario, nº 15, Edit. Universidade Complutense, Madrid, 1989, p. 149-164. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/ghi/02116111/articulos/QUCE8989110149A.PDF>>
- LEÓN-PORTILLA, Miguel. “Los Aztecas. Disquisiciones sobre un gentilicio”. Estudios de Cultura Náhuatl. México, D.F.: UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, vol. 31, nº 31, p. 307- 313. Disponível em: <<http://www.ejournal.unam.mx>>

- MACEDO, José Rivair. “Mouros e Cristãos: a ritualização da conquista no velho e no novo mundo”. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). Brasil 2000 - Quinhentos anos do processo colonizatório: continuidades e rupturas. Rio Grande: FURG, 2000, p. 09-28. Disponível em: <<http://www.abrem.org.br/mourosecristaos.pdf>>
- MARCUS, Raymond. “Arabismos e Indo-Americanismos em Las Cartas de Relación de Hernán Cortés”. In: Revista TB, Rio de Janeiro, 110: 131/140, jul-set., 1992, Traduzido do original em francês por Carlos Sepúlveda.
- MARÍN GUZMÁN, Roberto. “Jihad vs. Cruzada en al-Andalus: la reconquista española como ideología a partir del siglo XI y sus proyecciones en la colonización de América”. Revista de Historia de América, nº 131, 2002, p. 09-65.
- MCCA, Robert. “¿Fue el siglo XVI una catástrofe demográfica para México? Una respuesta basada en la demografía histórica no cuantitativa”. Papeles de Población, julho-setembro, Universidade Autónoma del Estado de México, Toluca: 1999, p. 223-239. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=11202108>>
- OLIVA, Anderson Ribeiro. “Da Etiópia à África: as idéias de África, do Medievo europeu à Idade Moderna”. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 5. ano 5, número 4. Outubro/novembro/dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF17/ARTIGO_02_ANDERSON_RIBEIRO_OLIVA_FENIX_OUT_NOV_DEZ_2008.pdf>
- PANIAGUA PÉREZ, Jesús. “Los mirabilia medievales y los conquistadores y exploradores de América”. Estudios Humanísticos. Historia, nº 7, 2008, p. 139-159. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=2880982&orden=0>
- PRIEN, Hans-Jürgen. “La Justificación de Hernán Cortés de su conquista de México y de la conquista española de América”. Revista Complutense de Historia de América, nº 22. Servicio de Publicaciones, UCM, Madrid, 1996, p. 11-31. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/ghi/11328312/articulos/RCHA9696110011A.PDF>>
- RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique. “Guerra y Caballería, una historia singular”. In: RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique e COSTA, Ricardo da (coords.). Mirabilia 8. La caballería y el arte de la guerra en el mundo antiguo y medieval. Diciembre 2008, p. X-XVII. Disponível em: <<http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num8/artigos/Guerra%20y%20Caballer%EDa.swf>>
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. “Conquista do México ou queda de México-Tenochtitlan? Guerras e alianças entre castelhanos e altepeme mesoamericanos na primeira metade do século XVI”. In: XXIII Simpósio Nacional de História - História: Guerra e Paz, 2005, Londrina. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/estudos/ConqMex.pdf>>

- TABOADA, Hernán G. H. “Mentalidad de Reconquista y primeros conquistadores”. Revista de Historia de América, 2004. Disponível em: <www.accessmylibrary.com/coms2/browse_JJ_R157>
- TANZI, Héctor José. “El régimen de la guerra en la conquista de América”. Militar: Revista de Cultura Militar, nº 06, Edit. Complutense, Madrid, 1994, p. 153-166. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/amm/02148765/articulos/MILT9494110153A.PDF>>
- TOMÁS Y VALIENTE, Francisco. “Las ideas políticas del conquistador Hernán Cortés”. In: Francisco Solano (coord.). Proceso histórico al conquistador. Madrid: Alianza Editorial, 1988, p. 175 *Apud* FERNÁNDEZ, Fernando Carmona. “Conquistadores, utopía y libros de caballería”, p. 14.
- VAINFAS, Ronaldo. “Colonialismo e Idolatrias: Cultura e Resistência Indígenas no Mundo Colonial Ibérico”. Revista Brasileira de História. São Paulo: Vol. 11, número 21, set. 90/fev. 91.
- VARGASLUGO, Elisa. “Imágenes de la Inmaculada Concepción en la Nueva España”. Anuario de Historia de la Iglesia, ano/vol. XIII. Universidade de Navarra. Pamplona, Espanha, 2004, p. 67-78. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=35501304>>
- VIANNA, Luciano José. “A reconquista no Livro dos Feitos (c. 1252-1274) de Jaime I (1208-1276)”. In: VI Semana de Estudos Medievais - Programa de Estudos Medievais (PEM), 2007, v. 1, p. 447-454. Disponível em: <<http://www.pem.ifcs.ufrj.br/AtasVISem.pdf>>
- VIANNA, Luciano José. “O passado como exemplo para os homens e como confirmação celeste da legitimidade real: A conquista de Maiorca (1229) no Livro dos Feitos (c. 1252-1274) de Jaime I (1208-1276), o Conquistador”. In: XII Encontro Regional de História - Anpuh - Usos do passado. Gragoatá – Niterói, RJ, 2006. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/Anais/2006/conferencias/Luciano Jose Vianna.pdf>>
- ZAVALA, Silvio. “Hernán Cortés ante la justificación de su conquista”. Quinto Centenario, nº 9, Universidad Complutense de Madrid, 1985, p. 15-35. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/ghi/02116111/articulos/QUCE8585220015A.PDF>>